

MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE

MUTHA

2024 |
2029

⌕ PRIMEIRO

PLANO MUSEOLÓGICO

BRASIL
MUSEU VIRTUAL

Website
MUTHA.COM.BR





Purpurina
Filmes



CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

Apoio financeiro

MUTHA



Criado em 2024. Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem autorização prévia por escrito do Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA (Ian Guimarães Habib), sejam quais forem os meios e mídias empregados: eletrônicos, impressos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

FICHA CATALOGRÁFICA

1ª Edição - Copyright © 2024 - Ian Guimarães Habib

MUTHA Museu Transgênero de História e Arte

Brasil

www.mutha.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação [CIP] [Câmara Brasileira do
Livro, SP, Brasil]

Habib, Ian Guimarães

Primeiro plano museológico do Museu Transgênero de
História e Arte [livro eletrônico] · 2024 - 2029 /

Guimarães Habib, Juno Nedel Mendes de Aguiar,
Mayara Lacial Cunha Ladeia ; organização Ian Guimarães
Habib. -- São Paulo : (elle/elu) edições y traduções,
2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-980466-7-5

1. Museologia 2. Museologia - Brasil - História
3. Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA)
4. Pessoas transgênero Brasil I. Aguiar, Juno Nedel
Mendes de. II. Ladeia, Mayara Lacial Cunha.
III. Título.

24-236928

CDD-069

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]
[Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil]

COMITÊ EDITORIAL

Adelaide Estorvo
Alexander Brasil
Amara Moira
Carolina Rocha
Cello Latini Pfeil
Diana Salu
Esteban Rodrigues
Fabian
Floresta
Ian Habib
Inaê Iabel Barbosa
Jomaka
Julia Raiz
Lili Baillargé
Luiz Morando
Mario René Rodríguez Torres
Nina Rizzi
Pi eta poeta
Raiz Policarpo
Rafaella Fernandez
Tatiana Nascimento
Yala Silva



FICHA TÉCNICA

Primeiro Plano Museológico do Museu Transgênero de História e Arte

Concepção, direção geral, direção de arte, comunicação: Ian Guimarães Habib

Elaboração do Plano Museológico: Ian Guimarães Habib, Juno Nedel Mendes de Aguiar, Mayara Lacal Cunha Ladeia

Museóloga responsável: Mayara Lacal Cunha Ladeia

Consultoria em Museologia: Tony Willian Boita

Consultoria em Pesquisa: Lino Gabriel Nascimento dos Santos

Assistente em Museologia: Lucas Inocencio Almeida

Estágio em Museologia: Luan Apollo Ribeiro Santos

Consultoria em Acessibilidade: Cíntia Santos e Dê um Sinal

Pesquisa: Ian Guimarães Habib, Juno Nedel Mendes de Aguiar, Luan Apollo Ribeiro Santos, Mayara Lacal Cunha Ladeia

Realização: Museu Transgênero de História e Arte

Produção executiva: Purpurina Filmes e Produções

Direção de produção: Be Zilberman

T.I. e webdesign: Juno Nedel Mendes de Aguiar

Instituições da sociedade civil parceiras: Brava, Rede de Estudos Trans-Travestis, Tranzborde, Coletivo de Artistas Transmasculines [CATS]

Cursos: Ian Guimarães Habib, Leandro Colling, ORU

Apoio voluntário de difusão: Coletivo do Vale, Igs

Projeto editorial do Primeiro Plano Museológico do Museu Transgênero de História e Arte

Projeto: Ian Guimarães Habib

Revisão: Ravel Machado e Flecha Lemes

Projeto gráfico: Denu

Produção gráfica: Denu

Artes digitais e diagramação: Denu

Edição: [elle/elu] edições y traduções

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

METODOLOGIA

PRIMEIRA TRANSIÇÃO: PERFIL INSTITUCIONAL DO MUTHA

- 1.1 O Museu
- 1.2 Modelo de Gestão
- 1.3 Histórico, Atuação, Fomento e Ações em Rede
- 1.4 Formação e Pesquisa
- 1.5 Acervos
- 1.6 Exposição e Tecnologias de Produção e Preservação de Arquivos
- 1.7 Visitação e Públicos
- 1.8 Arquitetura Digital

SEGUNDA TRANSIÇÃO: PLANEJAMENTO CONCEITUAL

- 2.1 Museu-Obra de arte
- 2.2 Museu-Ferramenta de produção de arquivos
- 2.3 Missão
- 2.4 Visão
- 2.5 Valores
- 2.6 Propósitos
- 2.7 Objetivos

TERCEIRA TRANSIÇÃO: DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL

- 3.1 Dados e percepções sobre o museu e seu momento atual
- 3.2 Matriz FOFA
- 3.3 Matriz GUT
- 3.4 Equipe e Organograma
 - 3.4.1 Equipe Atual

QUARTA TRANSIÇÃO: PROGRAMAS E PROJETOS

- 4.1 Programa e Projetos Institucionais
- 4.2 Programa e Projetos para Gestão de Pessoas
 - 4.2.1 Quadro desejável de pessoal do MUTHA
- 4.3 Programa e Projetos para Acervos
- 4.4 Programa e Projetos Educativos e Socioculturais
- 4.5 Programa e Projetos para Pesquisa
- 4.6 Programa e Projetos para Exposições
- 4.7 Programa e Projetos para Comunicação
- 4.8 Programa e Projetos para Acessibilidade
- 4.9 Programa e Projetos para Arquitetura e Segurança Digital
- 4.10 Programa e Projetos para Sustentabilidade, Financiamento e Fomento
- 4.11 Programa e Projetos para Articulação Comunitária

QUINTA TRANSIÇÃO: REFERÊNCIAS

SEXTA TRANSIÇÃO: RELATÓRIO E ANEXOS

ANEXO I: LISTA DE DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA PARA ELABORAÇÃO DO PLANO MUSEOLÓGICO

ANEXO II: RESULTADO GERAL PESQUISA/CONSULTA ON-LINE "QUAL MUTHA DOS SEUS SONHOS?"

ANEXO III: RELATÓRIO DA CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE: FUNCIONALIDADE E USABILIDADE DO SITE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E PESSOAS NEURODIVERGENTES

ANEXO IV: DOCUMENTOS DO MUTHA

DIRETRIZES PARA O ARQUIVO HISTÓRICO [AHMUTHA] DO MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE [MUTHA]



APRESENTAÇÃO

MUTHA: Vanguarda na Museologia e na Preservação da História e da Arte das pessoas gênero variantes no Brasil e além

O Plano Museológico do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), é uma obrigatoriedade instituída pelo Estatuto de Museus, através da Lei nº 11.904¹¹, que transcende sua função documental para atuar como reflexo das projeções, aspirações e compromissos institucionais do museu no passado, presente e futuro. Este plano não é somente um direcionador para a prática museológica; ele é uma manifestação tangível do compromisso do museu com a democratização de acesso e com o direito à cultura por meio da identidade, da ação e da memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, princípios também ecoados nos artigos 215 e 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988¹². Esta estratégia abrangente, mais do que uma obrigação legal, representa um comprometimento ético com a preservação, a pesquisa e a comunicação do patrimônio cultural das pessoas gênero variantes do Brasil e além.

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) tem como foco a população corpo e gênero variante, compreendida pelo espaço como todas as pessoas trans, travestis, não-binárias, intersexo, indígenas LGBTQ+, bem como todas as pessoas corpo e gênero variantes ao longo da história, nomeadas mediante inúmeras categorias e identidades no passado, presente e futuro. A nomenclatura “corpo e gênero variante” abarca todas as vivências, em mais amplo escopo, da diferenciação dos binômios sexo/gênero da matriz cisendoheteronormativa¹³ e branca.

Os programas museológicos do MUTHA emergem como elementos fundamentais na operacionalização de sua missão, consideradas todas as esferas de atividades, desde a gestão do acervo até as iniciativas educativas. Esses programas, delineados de acordo com as sugestões estabelecidas pelas diretrizes da Lei 11.904 (Estatuto de Museus), são estruturados para promover uma visão holística e integrada da instituição, garantindo que cada ação esteja alinhada com a visão mais ampla da acessibilidade cultural, da descentralização do conhecimento, da construção de outras historicidades e da valorização da produção artística e intelectual.

11 Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111904.htm>. Acesso em 1 maio 2024.

12 Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 1 maio 2024.

13 Matriz não transgênera e não intersexo.

A inter/transdisciplinaridade destes programas reflete um entendimento profundo de que o museu é um espaço de encontro, trocas, aprendizado e diálogo, onde as histórias de vida das populações corpo e gênero variantes são não apenas preservadas, mas reconhecidas, valorizadas e compartilhadas.

A ascensão dos museus nato-digitais e híbridos, exemplificada pela existência do MUTHA, sinaliza um momento de transição crucial no campo museológico. Esta transformação, impulsionada pela necessidade de superar limitações físicas e temporais, coloca novos desafios que vão desde a adaptação de políticas públicas até o desenvolvimento de novas metodologias com foco no virtual.

Retomando o contexto de surgimento desses museus no Brasil, temos que, em 2009, a Lei 11.904, que instituiu o Estatuto de Museus, estabeleceu as diretrizes para a política nacional de museus, incluindo o incentivo à utilização de tecnologias digitais na preservação e divulgação do patrimônio cultural. Neste mesmo ano foi iniciado pelo setor museal brasileiro o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM)¹⁴, que teve a sua revisão em 2014, com indicadores e objetivos futuros, consolidando a importância da digitalização e da criação de museus híbridos, que combinam recursos físicos e digitais para ampliar o acesso ao acervo e promover a interação com o público, porém sem criar estratégias eficazes para o fomento contínuo das organizações. Em 02 de dezembro de 2010 foi criado o Plano Nacional de Cultura, estabelecido pela Lei 12.343¹⁵, gerando diretrizes que ampliam a atenção ao setor cultural, abrangendo as possibilidades de discussões coletivas.

O panorama de políticas para museus digitais e híbridos no Brasil tem passado por diversas fases desde as primeiras iniciativas na área, entretanto ainda há muito a ser discutido, pesquisado e implementado, principalmente considerando o avanço das discussões durante o período pandêmico (2020-2023), momento em que os museus precisaram utilizar mais atividades remotas para manter suas atividades.

14 Plano Nacional Setorial de Museus. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>>. Acesso em 1 de maio de 2024.

15 Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm>. Acesso em 1 de maio de 2024

Durante a pandemia de COVID-19 (2020/2023), a virtualização dos museus tornou-se mais relevante, impulsionando a criação de políticas específicas para a preservação e divulgação do patrimônio cultural de forma virtual. Nesse contexto, ocorreu a implementação da Lei nº 14.399¹⁶, conhecida como Lei Aldir Blanc, de 08 de julho de 2022, estabelecendo medidas emergenciais para o setor cultural, incluindo ações de digitalização de acervos e a promoção de exposições virtuais, contudo as necessidades de museus virtualizados e nato digitais ainda é pouco explorada pela legislação vigente de museus e pelas políticas públicas para o setor no âmbito nacional

Foi justamente nesse período que o Museu Transgênero de História e Arte foi criado no ambiente virtual. O reconhecimento, a valorização e a inserção das populações corpo e gênero variantes no espectro cultural e museológico são de importância social e política primordial na luta por Direitos Humanos. A Lei Aldir Blanc representou um passo significativo ao promover a inclusão dessas comunidades em editais culturais, demonstrando a necessidade de políticas públicas mais abrangentes e específicas que não apenas reconheçam, mas financiem ações de enfrentamento ao apagamento sistemático da cultura dessas populações. O MUTHA, ao mapear e dar visibilidade às manifestações culturais e históricas de tais populações, emerge não apenas como um espaço de preservação, mas como um agente ativo na luta pelo reconhecimento e pela garantia de direitos, sublinhando a urgência de se expandir o acesso e garantir o direito à democratização das memórias e produções culturais de forma equitativa.

Contudo, mesmo após a pandemia, os museus nato-digitais têm enfrentado desafios para sua existência, principalmente espaços que atendem todo o território nacional, como o MUTHA, visto que muitas das políticas públicas são territoriais e setorializadas por estado. Na Pesquisa Nacional de Práticas Educativas¹⁷ dos Museus Brasileiros (PEM Brasil), por exemplo, lançada em 2023, pouco se fala sobre políticas para museus

16 Institui a Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2022/lei/l14399.htm>. Acesso em 1 maio 2024.

17 Pesquisa Educação Museal Brasil Relatório-Final <<https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios-e-documentos/pesquisa-educacao-museal-brasil-relatorio-final>>. Acesso em 1 de maio de 2024.

digitais e híbridos. Participaram da pesquisa 669 museus, sendo 73,7% (492) classificados como Tradicionais/Clássicos, 7,5% (50) classificados como Museus de Território/Ecomuseus e apenas 2,5% (17) foram categorizadas como museus virtuais, digitais e cibermuseus, porém não houve identificação desses espaços, tampouco diretrizes ou leis complementares às existentes foram implementadas.

Por esse motivo, é uma necessidade urgente do cenário nacional de museologia e patrimônio que as políticas para museus digitais e híbridos continuem a ser desenvolvidas, implementadas e multiplicadas, com a inclusão de novas diretrizes e incentivos para a integração de tecnologias inovadoras, a ampliação do acesso ao patrimônio cultural por meio de plataformas digitais, a segurança digital e a promoção de experiências imersivas e interativas para o público, garantindo o fomento contínuo para a manutenção adequada de conservação e ampliação destes espaços. Nesse cenário, o MUTHA apresenta inegável inovação para a área, abrindo caminhos ainda pouco desbravados e se apresentando como parte da matriz de inspiração à criação de novos incentivos aos museus nato-digitais no país, principalmente tecnológicos.

É importante ressaltar que a digitalização e a criação de museus digitais não visam substituir os museus não-digitais, mas encontrar uma forma de produzir multiplicidades na experiência das pessoas visitantes, apresentando outras perspectivas de democratização de acesso ao patrimônio cultural, contribuindo para a propagação da memória, arte e vida de comunidades insurgentes. Mesmo com as referências das leis e decretos mencionados, é evidente que precisamos de iniciativas a níveis federais, estaduais e municipais que abarquem essa demanda e busquem estabelecer políticas contínuas e eficazes para ambientes virtuais, incluindo ações de incentivo que promovam a digitalização e a modernização dos museus digitais e nato-digitais.

Espera-se que as futuras políticas contemplem e consigam acompanhar as demandas e tendências dessa área, favorecendo a inovação e a acessibilidade do patrimônio cultural para toda a população. Neste sentido cabe acrescentar a revisão das leis que versam sobre a certificação, atuação e caracterização de Pontos de Memória nato-digitais e digitais, que aconteceu no Encontro Nacional de Educação Museal e Museol-

logia Social EMUSE, em Cachoeira, na Bahia, em Julho de 2023, onde foi possível observar alguns avanços importantes para as discussões sobre virtualidade e memória social. O Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA, que recentemente foi legitimado e certificado como tal, esteve presente, nas figuras de Mayara Lacal e Luan Apollo, nesse momento de reestruturação e colaborou de forma efetiva para que tais necessidades fossem supridas em termos de políticas públicas para a memória e o patrimônio cultural.

Nota-se também que museus digitais implicam um alargamento das definições mais tradicionais de arquivo. Se tomarmos como referência a concepção de que “arquivo” refere-se tanto a um prédio, um espaço, um símbolo de uma instituição pública, quanto a uma coleção de documentos que é produto de um processo de separação entre itens que serão descartados e itens avaliados como dignos de serem preservados (MBEMBE, 2002), podemos concluir erroneamente que o arquivo de um museu digital não é material.

Aqui, a natureza material do arquivo é conceitualmente confundida com a possibilidade de experimentação tátil dos documentos, isto é, a capacidade de tocar os objetos do arquivo. Neste sentido, um museu digital não deixa de ser material, com a diferença crucial de que os seus arquivos estão fisicamente inscritos e armazenados em discos magnéticos ou circuitos eletrônicos, espalhados pelo mundo.

Ainda de acordo com a acepção mais tradicional, o status e o poder do arquivo derivam precisamente do amálgama formado pelo edifício e seus documentos (MBEMBE, 2002) – o que equivale a dizer que a dimensão arquitetônica do museu tem um papel central no imaginário instituinte sobre o status material do arquivo. No caso de um museu digital, o deslocamento do arquivo para um espaço arquitetônico em ambiente digital implica também no refinamento das concepções sobre o status material do arquivo digital.

Para Foucault (2008, p.147), arquivo é aquilo que define o que merece ser memorizado e o que merece ser esquecido. Arquivo é o que determina o que deve ser conservado e o que deve ser abandonado. É o sistema de discursividade que separa o que merece ser arquivado como história e o que dela será excluído. Portanto, não é um sistema fechado e

acabado. É algo que foi produzido como arquivo, “e é por isso que o arquivo não se fecha jamais. Abre-se a partir do futuro.” (Derrida, 2001, p.88). O arquivo é, assim, aquilo que define o sistema de sua enunciabilidade (Foucault, 2008). Nesse sentido, a consolidação de um museu em ambiente digital traz à tona a transformação das próprias tecnologias de produção de arquivos em nosso presente histórico.

As memórias, em sua multiplicidade, ocupam um lugar central na museologia contemporânea. Reconhecer os usos políticos da memória não implica afirmar que a memória é, como um todo, passível de instrumentalização e enviesamento. A memória é um fenômeno plural, ancorado na experiência e nos testemunhos validados como fontes críveis. Cabe diferenciar entre uma memória histórica – e seus usos políticos – e uma memória viva, formada por recordações de um passado vivido ou transmitido, carregado pelos indivíduos (GENSBURGER; LAVABRE, 2005). Aqui, a reflexão sobre “abuso” e “dever” de memória nos permite identificar a dimensão política e polêmica do trabalho de produção de conhecimentos sobre o passado, sobretudo quando vinculado à luta pela garantia de direitos civis de grupos sociais historicamente marginalizados.

No MUTHA, a abordagem da preservação da memória das populações corpo e gênero variantes é intrinsecamente ligada à noção de justiça social, questionando narrativas hegemônicas e buscando estabelecer um diálogo mais democrático, pedagógico e científico sobre o nosso passado coletivo. Este esforço vai além da mera conservação de objetos; é uma tentativa de redefinir o papel dos museus na sociedade, transformando-os em espaços onde se é possível vivenciar o desenvolvimento de uma sociedade mais justa.

O MUTHA, por meio de suas práticas inovadoras e comprometimento com a vida, estabelece um novo paradigma na museologia, destacando a importância crítica dos museus não apenas como guardiões do patrimônio cultural, mas como plataformas ativas para a educação, engajamento comunitário e sustentabilidade social. Este museu exemplifica como a adaptação aos formatos digitais e a defesa dos direitos das populações corpo e gênero variantes podem redefinir o papel dos museus na sociedade contemporânea, promovendo um espaço colaborativo capaz de produzir ferramentas, arquivos e acervos que contribuam para a construção

de outras historicidades nacionais.

Ao desfiar as metodologias e tipologias contemporâneas no campo museológico nacional, adotando uma abordagem proativa para a inserção e valorização cultural, o MUTHA não apenas responde às necessidades emergentes da nossa sociedade, mas também prepara o terreno para um futuro no qual os museus atuam como catalisadores de mudança social. O compromisso do museu com a inovação digital e os direitos de populações subalternizadas aumenta o alcance de suas narrativas e coleções, garantindo que as histórias das populações corpo e gênero variantes sejam preservadas e compartilhadas amplamente, contribuindo para uma compreensão mais rica e diversificada da experiência humana.

É essencial considerar a história do Museu Transgênero de História e Arte dentro desse contexto transformador. O caminho percorrido pelo museu, desde sua concepção até a sua certificação como um ponto de memória pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) nato-digital, reflete não apenas as mudanças na museologia e nas políticas culturais, mas também as transformações provocadas pelas lutas sociais e pelos movimentos de direitos das populações corpo e gênero variantes. Ao explorar o histórico do MUTHA, revelamos as raízes dessa instituição pioneira e compreendemos melhor como ela se posiciona como uma força de transformação na museologia contemporânea, moldando ativamente o futuro do campo museal em direção a uma maior inserção e reconhecimento social, político e cultural das diversas vivências e memórias que compõem o tecido da nossa sociedade.

Já o panorama cultural das populações corpo e gênero variantes no Brasil e além é hoje extremamente expansível e multifacetado. O museu tem mapeado alguns movimentos culturais coletivos, que tem como objetivo formar: associações jurídicas para luta por direitos, coletivos arte-ativistas, coletivos artísticos em todas as linguagens - como artes cênicas, audiovisual, dança, teatro, transformismo, artes visuais, gastronomia, quadrinhos, literatura, artesanato, dentre outros -, comunidades ballroom, ações feministas e transfeministas, movimentos de produção de arte urbana, ocupações e intervenções artísticas em espaços públicos, formações de comunidades de terreiro, presenças em comunidades indígenas e quilombolas, criações de casas de convívio e acolhimento com ativida-

des culturais - como educação, agroecologia, dentre outros -, manifestações culturais afro-brasileiras, espaços culturais - voltados para as artes cênicas, gastronomia, dentre outros -, movimentos artísticos realizados em áreas em vulnerabilidade socioeconômica, dentre muitos outros. Além das iniciativas coletivas, há inúmeras pessoas atuando de maneira solo em todas as áreas culturais supracitadas.

A respeito das políticas públicas culturais para as populações corpo e gênero variantes no Brasil e além, deve-se considerar que a maior parte do fomento cultural para esse grupo vem de editais culturais governamentais. Contudo, o número de pessoas e coletivos aprovados cresceu apenas após a criação da Lei Aldir Blanc, uma política pública de emergência cultural criada na pandemia e já citada anteriormente. Essa lei foi responsável por uma grande democratização de recursos, devido à implementação de cotas, vagas supranumerárias ou políticas afirmativas para essas populações, que antes não tinham acesso a editais culturais, ou tinham em quantidade reduzida.

Devido à organização coletiva, muitos editais culturais também já aceitam nome social. Contudo, é crescente o número de editais que apresentam erros no processo de implementação da política de nome social, difundindo em listas públicas os nomes civis das pessoas participantes. De igual forma, o nome civil de inúmeras pessoas é correntemente exposto, sem autorização, em exposições artísticas e outras iniciativas culturais e museais. Outro problema corrente em relação a populações corpo e gênero variantes em museus e outras atividades artísticas diz respeito aos direitos autorais, visto que crescem a cada dia os relatos de não menção de autoria em obras expostas e de plágio.

Outra ação necessária é a ampliação da quantidade de pessoas desses coletivos trabalhando como pareceristas de projetos em editais governamentais, já que a existência das cotas não é suficiente para cumprir as políticas afirmativas. Por meio das cotas e ações afirmativas, projetos dessas populações ganham alguns pontos, mas tal ação não é suficiente para garantir suas aprovações, visto que essas ficam a critério de pareceristas cisgêneros, que geralmente atuam de maneira cisnormativa:

Alguns dos editais governamentais contam com pontuação adicional para identidades subalternizadas, mas no caso do MUTHA a contabilização adicional sequer fez diferença nas aprovações, visto que o museu continuou na lista de suplentes de 99% dos processos – e nenhum outro projeto transgênero foi aprovado nas categorias concorridas. (HABIB, no prelo)¹⁸

Além disso, o fato de os textos dos editais serem extremamente difíceis e longos dificulta a participação de algumas pessoas trans. Em função disso, aumentar iniciativas em educação na produção cultural e em facilitação da representação por meio de cooperativas tornam-se necessidades a serem consideradas em termos de políticas públicas. Ademais, foram criados poucos editais culturais governamentais especificamente para a população trans, o que se mostra igualmente uma necessidade. Essa população apenas é considerada dentro do escopo LGBTQIAPN+ e, ainda assim, ainda não há nenhuma ou há poucas pessoas aprovadas e selecionadas.

A respeito das políticas públicas para memória no Brasil, no que concerne populações corpo e gênero variantes, temos a recente Portaria n 366, de 22 de Junho de 2023, em que o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania nomeou 17 representantes para compor o Grupo de Trabalho para explicitar as violações de Direitos Humanos¹⁹ contra as pessoas LGBTQIA+ na história brasileira, objetivando garantir e efetivar os direitos à memória, à verdade histórica, e à dignidade dessa população. Foram nomeadas mulheres transgêneras e travestis para o grupo, mas nenhum homem trans, pessoa transmasculina ou não-binária compunha o coletivo em sua primeira nomeação. O MUTHA, mesmo sendo o único museu transgênero do país, tendo o único arquivo histórico transgênero museal do país, sendo também dirigido e composto por homens trans, pessoas transmasculinas e não-binárias, até então não tinha tido nenhuma de suas pessoas integrantes nomeada. O museu veio a integrar a comissão apenas em Dezembro de 2024, com nomeação tardia.

São inexistentes políticas públicas para museologia no Brasil, no

18 HABIB, Ian. In: 1 SEMINÁRIO CENTROS CULTURAIS E TERRITÓRIOS, 2023. Texto a ser publicado no livro do evento. s.l.: s.n., no prelo.

19 Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-366-de-22-de-junho-de-2023-492007452>>. Acesso: 22 fev. 2024.

que concerne populações corpo e gênero variantes. Tivemos a tentativa do Conselho Federal de Museologia (COFEM), ocorrida em 2023, de implementar a política do nome social na instituição - para mudança nos formulários e cédula profissional -, guiada pelo Decreto Presidencial nº 8.727/2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal²⁰. O órgão solicitou ajuda à Rede LGBT de Memória e Museologia Social, que convidou o MUTHA para integrar uma reunião de implementação da política. O órgão estava operando fora do que o decreto determina, quando o MUTHA foi procurado, e o museu não foi informado sobre a continuidade das discussões da implementação das modificações legais. A discussão das transgeneridades nunca passou pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), nunca passou pela Primavera dos Museus e nunca passou por legislações museais federais, senão por via do grande escopo LGBTQIAPN+ - e, ainda assim, nenhuma especificidade dessa população foi trabalhada.

Em relação às pessoas trans no campo museal, temos que o primeiro museólogo trans formado e atuante no Brasil completou sua Graduação apenas neste ano, em 2024, e foi Apollo Luan, homem trans preto que trabalhou neste plano museológico como estagiário. O MUTHA tem indagado muito sobre a dificuldade de formação de pessoas trans na Museologia, o que indica que a área é extremamente cisheteronormativa e que muito precisa ser feito em termos de políticas públicas para viabilizar essas formações profissionais, principalmente acadêmicas. Apollo Luan compõe o Conselho Consultivo do Patrimônio Museológico IBRAM, mas representando a Rede LGBT. O MUTHA, portanto, segue sem representação oficial, o que é importante para revisar políticas públicas do setor museal.

Ainda, temos a Rede Transmuse, criada por Apollo Luan, Brune Ribeiro da Silva e Aires durante o Encontro Nacional de Educação Museal (EMUSE) de 2023, uma organização que reúne pessoas trans atuantes no campo museal brasileiro para reformulação do mesmo. Brune Ribeiro da Silva ocupa também o cargo de coordenadora da rede Nacional de Edu-

20 Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm>. Acesso: 22 fev. 2024.

cadores Museais. Já Aires atua no projeto “Trair o Sistema”, feito para criar acesso e permanência trans em espaços culturais.

Portanto, pode-se apontar a necessidade de criação e implementação de políticas públicas para essas populações na museologia brasileira, sendo algumas delas: fomento específico para iniciativas de memória e museologia, implementação do nome social em espaços de memória e museologia, direito de utilização de banheiros conforme identidade de gênero e criação de banheiros não binários optativos em todos espaços de memória e museologia, incentivo a produção de programações com atividades culturais, educacionais e de memória realizadas por pessoas corpo e gênero variantes em todos espaços de memória e museologia, realização de formações sobre essas populações destinadas a todas as pessoas funcionárias de espaços de memória e museologia, dentre outros.

Em termos de iniciativas museológicas das populações corpo e gênero variantes no Brasil e além, temos que o Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) é o primeiro e único museu do país dedicado exclusivamente a essa população. Temos, contudo, outros museus LGBTQIAPN+, como o Museu da Memória e Diversidade Sexual do Cariri e do Ceará, o Museu da Diversidade Sexual (MDS) e o Museu Bajubá, em que a população corpo e gênero variante é abordada junto dos temas das dissidências sexuais. Outras iniciativas coletivas - redes, organizações pedagógicas, arquivos e acervos LGBTQIAPN+ - podem ser citadas, como o Acervo Pajubá; o Ponto de Memória Aquenda as Indacas; a Rede de Memória LGBT e Museologia Social; a Revista Memórias LGBTQIA+; a biblioteca/videoteca da Somos – Comunicação, Saúde e Sexualidade; e inúmeras outras. Nessas iniciativas, as populações corpo e gênero variantes não tiveram oportunidade de participar dos processos de gestão, direção, museologia e arquivamento de suas próprias memórias, permanecendo sem ocupar locais de poder e sem produzir suas próprias narrativas.

Essa coletividade é historicamente produzida como objeto de pesquisa antropológica, e os dados coletados sobre ela ao longo dos anos foram tratados de maneira extremamente colonial, reproduzindo preconceitos e distorções sobre sua experiência, o que permanece em grande medida na museologia e nos espaços de memória da atualidade. Até mea-

dos de 2000, a presença dessa população em escolas e universidades era extremamente baixa, e as pessoas corpo e gênero variantes sequer tinham a possibilidade de narrarem suas próprias memórias em ambientes institucionais. Desde 2000, aumentaram as requisições dessa população por sua presença e sua permanência nas universidades. Habib (2021a) posteriormente apontou a importância de se quebrar as fronteiras entre pessoa corpo e gênero variante arquivista e arquivada no Brasil e além, para que as epistemologias trans fossem também valorizadas nos campos da produção de memória. Para o pesquisador, é importante que as pessoas responsáveis pela musealização e arquivamento de bens dessa população sejam dessa própria população e que a presença dessas pessoas nesses processos seja definidora no âmbito das decisões e das posições de poder, em termos quantitativos e qualitativos. É nesse contexto que o MUTHA surge, propondo uma mudança no panorama da memória e museologia do Brasil e além.

O presente plano museal foi dividido em quatro partes que procedem um tópico explicativo sobre sua Metodologia de construção. A primeira das partes apresenta o perfil institucional do MUTHA, iniciando com uma explicação breve sobre o que é o museu em “O Museu”. Em “Histórico, Atuação, Fomento e Ações em Rede”, entrelaçamos a trajetória histórica do museu, de suas atuações e ações em rede ao seu fomento. Em “Modelo de Gestão”, explicamos como o MUTHA é gerido hoje. Em “Acervos”, apresentamos todos os acervos do museu. Em “Formação e Pesquisa”, apresentamos as ações de formação e pesquisa já feitas no museu. Em “Visitação e Públicos”, apresentamos o perfil das instituições parceiras e públicos visitantes do museu e informamos dados de visitação do espaço. Em “Arquitetura Digital”, apresentamos a organização digital do museu.

Na segunda parte, apresentamos o planejamento conceitual do MUTHA, que tem como início os tópicos “Museu-Obra de arte” e “Museu-Ferramenta de produção de arquivos”, ambos introduzindo os motes conceituais de criação do espaço. Em “Missão”, é explicado o papel social da organização na sociedade, definindo uma identidade. “Visão” é a imagem projetada para o futuro do museu. “Valores” são os princípios filosóficos éticos que a organização valoriza. “Propósitos” são as razões de ser do museu, orientadas por motes conceituais. “Objetivos” são os fins que o

museu deseja atingir com suas ações e existência.

Na terceira parte, Diagnóstico Institucional, apresentamos os dados e percepções referentes à situação atual do museu, onde consta o diagnóstico situacional da instituição a partir de análise da equipe interna, visita técnica e arquitetura digital, somadas às percepções, sonhos e críticas feitas pelos públicos e não públicos do museu. Em seguida, expomos as análises “Matriz FOFA” e “Matriz GUT”. Finalizamos apresentando a equipe e sua organização em um organograma, em “Equipe e Organograma”, e as funções atuais existentes no espaço, em “Equipe Atual”. Na quarta parte, elucidamos todos os programas referentes às ações estratégicas a serem desenvolvidas pelo MUTHA, conjuntos aos projetos de cada programa. Na quinta parte, estão as referências bibliográficas utilizadas neste trabalho e, na sexta, os anexos.

Por fim, este Plano Museológico é uma visão crítica do passado e do presente do MUTHA, além do planejamento de seus 5 anos futuros. O Plano aborda não só as operações museais feitas até então, mas abarca todo o campo de atuação política do museu, propondo transformações nos campos das artes, história e museologia. Desejamos excelentes transições pelos portais museais do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA).

Ian Guimarães Habib, Mayara Lacal, Juno Nedel e Luan Apollo



METODOLOGIA

Como primeiro procedimento metodológico, escolhemos nomear as partes deste plano museal como transições. As transições fazem parte do escopo conceitual do MUTHA, que se apresenta como um museu transformacional, afinal, este é um espaço em processo, em transição contínua e nunca estanque. Isso significa que suas partes serão potencialmente modificadas em termos de nome, estrutura, local no espaço, função, dentre outras. O museu tem como base conceitual o livro *Corpos Transformacionais* (HABIB, 2021a), em que podemos localizar procedimentos metodológicos sobre a transformação corporal. Alguns deles mencionam exatamente a mudança de estrutura, local, função, entre outras, de partes corporais, por exemplo. Assim, pensar um plano museológico para um museu em transformação é pensar que ele ocorre por transições. A ideia de múltiplas transições também aparece no livro para contestar a concepção de transição única, e tem como intuito apontar que processos de transformação são incessantes. Como o museu lida potencialmente com a transformação de corpos, ele precisa operar também transições de práticas museais. Por esse motivo, as partes desse plano visam também transicionar práticas da museologia.

Seguindo os mesmos procedimentos metodológicos do livro de Habib (idem), escolhemos pensar os “Programas e Projetos” do museu através dos portais:

Este trabalho apresenta vários Portais. Portais são passagens. Passagens são caminhos, e não destinos finais. Você entra em um Portal da Transformação e você não sabe ao certo o que acontecerá depois. Você entra no Portal. Você está nele, simplesmente. Portais podem ser janelas, portas, precipícios, buracos, sonhos, corredores, escadas, estradas, teias, fabulações, máquinas, fantasias, tentáculos, feitiços, labirintos. Este trabalho é um movimento panorâmico por Portais da transformação corporal. Alguns Portais são entre si imbricados mais explicitamente, outros não tão explicitamente assim – não obstante, a transformação corporal, em suas diversas formas, é um movimento de translação entre todos. Os Portais interceptam capítulos e indicam percursos de criação teórica, compreendendo criação teórica como criação de movimentos, criação corporal. Quem entra em um portal passa pelos movimentos de fazer com que um Portal transforme-se em outros. (HABIB, 2021a, p. 17)

Cada portal será nomeado através de uma imagem metamórfica, que guiará sua estrutura. As transições e portais para a transformação museal movimentam a pessoa leitora pelo plano. Elas são grafias da Transquimerografia (HABIB, 2021a), que é uma grafia da transformação de corpos e mundos realizada por meio de assemblage – um exemplo pode ser visto no vídeo em nossa galeria (<https://mutha.com.br/galeria/>). Quimeras são seres mitológicos compostos de partes de inúmeros seres entre si diferentes. Tal como um ser com cabeça de leão e cauda de dragão. A Transquimerografia é uma quimera em movimento cujas perspectivas são modificáveis conforme seu movimento espacial e cujas partes conterão construções conceituais, técnicas e artísticas:

1. o Primeiro Plano Museológico do MUTHA, com produções textuais, gráficos, tabelas;
2. o Relatório do MUTHA com Anexos;
3. relatos descrevendo as etapas, processos e ações de construção do plano e relatório, que contenham as experiências de criação de um espaço para salvaguarda, pesquisa, difusão e operação de memórias, pensamentos e desejos;
4. obras artísticas que operem os conceitos museais do MUTHA em 3D, desenvolvendo ambientes que apresentem a transformação de corpos e das matérias, em operações com cores, texturas, sons e elementos gráficos ou ideias, com formas, pontos, linhas e grafias;
5. encadeamento poético de palavras, frases, sentidos, signos linguísticos e figuras de linguagem, entre outros.

A comissão de elaboração do plano foi formada por Ms. Ian Habib, pessoa diretora do MUTHA, pesquisadora e docente da área de Artes da Cena e Gênero, junto de duas comissões, uma fixa e composta por Habib e mais 04 pessoas: 01 Museóloga, 01 Estagiário em museologia, 01 Mestre em História e Programador em T.I., 01 Artista Visual. A primeira comissão foi desmembrada em pequenas comissões, conforme divisões de conteúdos do Plano Museológico. A outra comissão foi de consultoria temporária, sendo composta por Habib e mais 03 pessoas: 01 Museólo-

go, 01 Assessora em Acessibilidade, 01 Pesquisador em Gênero e Raça. Serão feitas no mínimo 01 e no máximo 04 consultorias temporárias para cada pessoa integrante da comissão. No momento de formação das duas comissões, foram divididos os tópicos de responsabilidade de cada um dos grupos, traçando seus cronogramas, conteúdos, objetivos e metas de entrega de resultado.

A primeira etapa de realização do plano foi a da Pesquisa. Nela, foram executadas a revisão bibliográfica, com produção de investigações sobre museologia trans em outros países, bem como conteúdos sobre arte, história e arquivologia e com estudos para cumprimento da legislação vigente (Lei nº 11.904/2009, Decreto nº 8.124/2013, entre outros relativos a Direitos Autorais, Legislação Etária e Proteção de Dados). Depois da revisão, foi realizado o Diagnóstico Museal, com levantamento de dados e informações sobre o museu para a formulação e definição de programas e projetos do museu, objetivando: seu planejamento estratégico; a adequação e formulação de diretrizes para os protocolos técnico-administrativos e de gestão de acervos do museu; a identificação e controle dos acervos museais do MUTHA; a dinamização e o intercâmbio de informações com outras instituições parceiras e com organizações de pesquisa sobre populações corpo e gênero variantes.

A construção do plano foi colaborativa e deu-se do seguinte modo: a comissão fixa desmembrou-se em pequenas comissões que atuaram em 1 encontro semanal, com alguns encontros extra. Ao todo foram 20 encontros em 5 meses. Após cada encontro, foram divididas as partes escritas por cada pessoa em cada semana e os resultados foram conferidos semanalmente. A comissão temporária fez 12 encontros, totalizando 32 encontros.

Outra ferramenta metodológica para a construção do Primeiro Plano Museológico do MUTHA foi a realização de uma consulta pública para a sociedade civil, de nome “Qual o MUTHA dos seus sonhos?”¹¹, visando coletar dados e obter informações de seu público-alvo para receber projeções, fabulações, sonhos, desejos, sugestões, críticas, observações e

11 Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSfjYMJITmE6UHoYj1xl-T2ap5TIDisjE8w8zjvN5siY2WrFy7g/viewform>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

outras contribuições para o planejamento dos próximos 5 anos do museu. A consulta pública tem o intuito de dar suporte ao processo de tomada de decisão no museu, de maneira a atender aos anseios da população. A consulta também desejou compreender os perfis e percepções de seus públicos em relação às estruturas do museu e aos serviços disponibilizados, bem como obter subsídios para o Diagnóstico Museal, parte da pesquisa que levanta as demandas e prioridades para a elaboração de projetos do espaço.

A consulta pública é uma ferramenta de participação social colaborativa e virtual, com período determinado de abertura e fechamento, de maneira que o maior número possível de pessoas possa participar. A consulta ficou aberta de 29 de janeiro a 29 de fevereiro de 2024, para todas as pessoas que conhecem algum trabalho do museu ou que já o acessaram, via site ou mídias sociais, ao menos uma vez. Na compreensão do museu, é o público frequentador quem pode melhor avaliar o que o MUTHA fez até aqui, projetando o que deseja para o futuro.

O MUTHA contou com a colaboração de instituições parceiras. A parceria teve o intuito de incentivar qualitativamente e quantitativamente os preenchimentos do formulário, com a premissa de que tais organizações seriam diretamente interessadas nas atividades do MUTHA. A curadoria das instituições parceiras levou em conta a atuação nos campos de artes e pesquisa, bem como aspectos etários, étnico-raciais, regionais e de variabilidade de corpos e gêneros. Foram privilegiadas redes de atuação nacional e digital, assim como o museu, para abarcar mais localidades, e foi operado um dos focos no sudeste, em uma organização não-branca, por conta da variabilidade étnico-racial buscada, do fomento do atual plano e da localização percentual do público do museu, que é maior no sudeste – já que foi o local onde mais recebemos recursos até o momento. As organizações são lideradas por pessoas trans e quase todas compostas em sua totalidade por pessoas trans: Cats Coletivo de Artistas Transmasculinas (Nacional e Digital), Tranzborde Núcleo de Pesquisa (Sudeste), Brava (Nacional e Digital), Rede de Estudos Trans-Travestis (Nacional e Digital). O Cats é um coletivo de artistas transmasculinos que tem ação nacional, digital, ativista e independente, tendo como intuito visibilizar e valorizar o trabalho de homens trans e pessoas transmasculinas e não binárias em

sua mais ampla diversidade. O Tranzborde é um núcleo experimental e independente de pesquisa em artes híbridas, atuando presencialmente na cidade de São Paulo, sendo composto por uma ampla variabilidade de experiências trans, com foco em vivências não brancas. A Brava é uma empresa de educação em gênero, raça-etnia, sexualidade e outros temas pertinentes ao campo de atuação do MUTHA. A Rede de Estudos Trans-Travestis é um espaço de pesquisa científica no campo de Estudos Trans, sendo integrada por pessoas de vários gêneros, localizações e raça-etnias. O Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT) e o Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS) foram contactados, mas não puderam participar.

A pesquisa utilizou o suporte do Google Forms, ferramenta virtual, aberta e gratuita de produção de formulários, com desenvolvimento de questões abertas, fechadas e mistas. Este formulário viabilizou a contribuição das pessoas cidadãs e organizações parceiras, tendo sido divulgado nas redes sociais do museu, em grupos de WhatsApp e nos perfis das instituições. O tempo médio de preenchimento foi de aproximadamente 30 minutos, sendo 20 minutos o mínimo e 60 minutos o máximo. Tivemos 30 respostas no total.

Figura 1 — Transquimerologia

Fonte: Ian Guimarães Habib Denu (MUTHA).





PRIMEIRA

TRANSIÇÃO:

PERFIL INSTITUCIONAL DO MUTHA

1.1 O Museu

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) é o único museu trans do Brasil e um dos únicos do mundo. O museu foi desenhado como uma obra artística e como um conjunto de tecnologias transformacionais, ou seja, continuamente em transformação, para preservação, pesquisa, fruição e produção de acervos e arquivos para a história e memória social, produção de dados e empregabilidade cultural da população corpo e gênero variante brasileira, no país que mais a extermina¹². O MUTHA é iniciativa de âmbito virtual e nacional, sendo composto por instâncias de ação em cada um dos estados brasileiros, com finalidade pública, não comercial, comunitária e autônoma – ou seja, o espaço é administrado por e para a comunidade trans, não contando com nenhum tipo de incentivo governamental fixo. O MUTHA é o único museu do Brasil que visa escrever a História e difundir a Arte de pessoas corpo e gênero variantes, que foram apagadas¹³ pela colonialidade e não apresentam ainda outro local de reinscrição na sociedade. Pela primeira vez na história deste território, a população trans pode narrar e gerir, em uma instituição museal, sua própria história e cultura (HABIB, 2020).

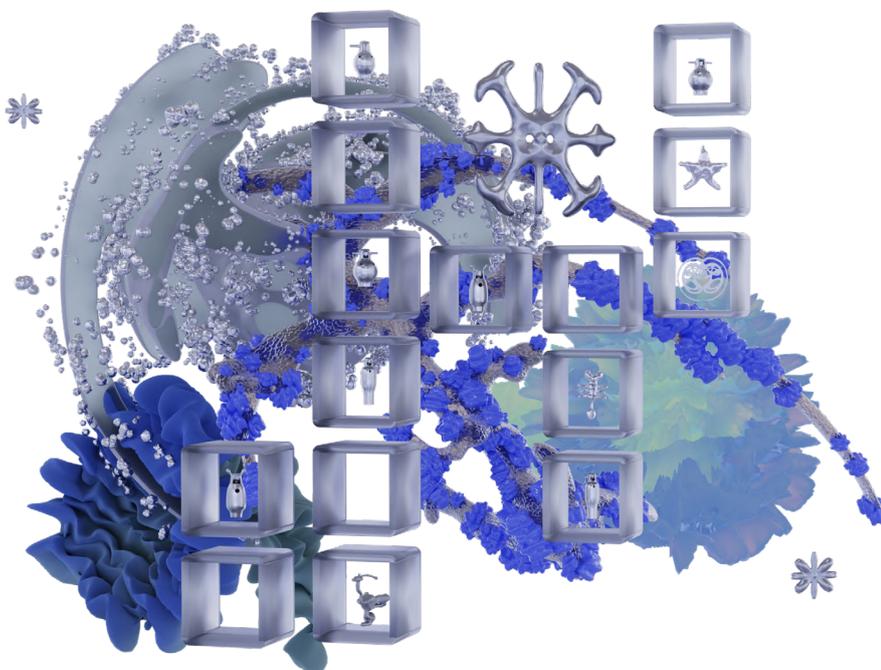


Figura 2 — Acervos

Fonte: Ian Guimarães Habib e

Denu (MUTHA).

12 Dados da população transgênera mundial: <<https://tgeu.org/>>. Acesso: 22 jul. 2024.

13 É importante salientar aqui que não foram totalmente apagadas no sentido literal, justamente pois as nossas iniciativas comunitárias de produção de memórias têm lutado contra essa tentativa.

1.2 Modelo de Gestão

O Museu Transgênero de História e Arte é hoje:

1.2.1 Um Museu-Obra de arte

Como Museu-Obra de arte, o MUTHA é de autoria e gestão de Ian Guimarães Habib.

1.2.2 Um conjunto de obras de arte

Como conjunto de obras de arte, o MUTHA apresenta esculturas e espaços em 3D, instalações, performances, plataformas criativas, zonas autônomas performativas temporárias, palestras-performances, entre outras, produzidas e geridas por Habib e por Habib com pessoas colaboradoras convidadas. Como obra de arte e conjuntos de obras de arte, o MUTHA é produção autoral intelectual e artística de Ian Guimarães Habib ou de Habib e pessoas convidadas.

1.2.3 Museu

O MUTHA também é um espaço museal em um sentido mais próximo do tradicional. Como tal, o museu ainda não possui personalidade jurídica e está em processo de se constituir como organização de direito privado. O MUTHA é uma ação continuada e possui autonomia conceitual e programática completa, assim como autonomia de gestão, funcionamento, estratégia, administração, patrimônio, captação de recursos e geração de receitas. Como espaço museal, a gestão é feita pela **Direção** do museu, que nomeia em cada projeto realizado **Coordenações** específicas por área. São as Coordenações de nosso último projeto: Direção Audiovisual, Direção em TI/Direção do Arquivo Histórico, Museologia. A Direção hoje faz a gestão e produção de projetos do museu, comunicação, pesquisa, direção de artes, curadoria e parcerias institucionais. A Direção Audiovisual efetua toda a criação gráfica, de vídeos e de áudios para o website e mídias sociais, além da identidade visual e das obras audiovisu-

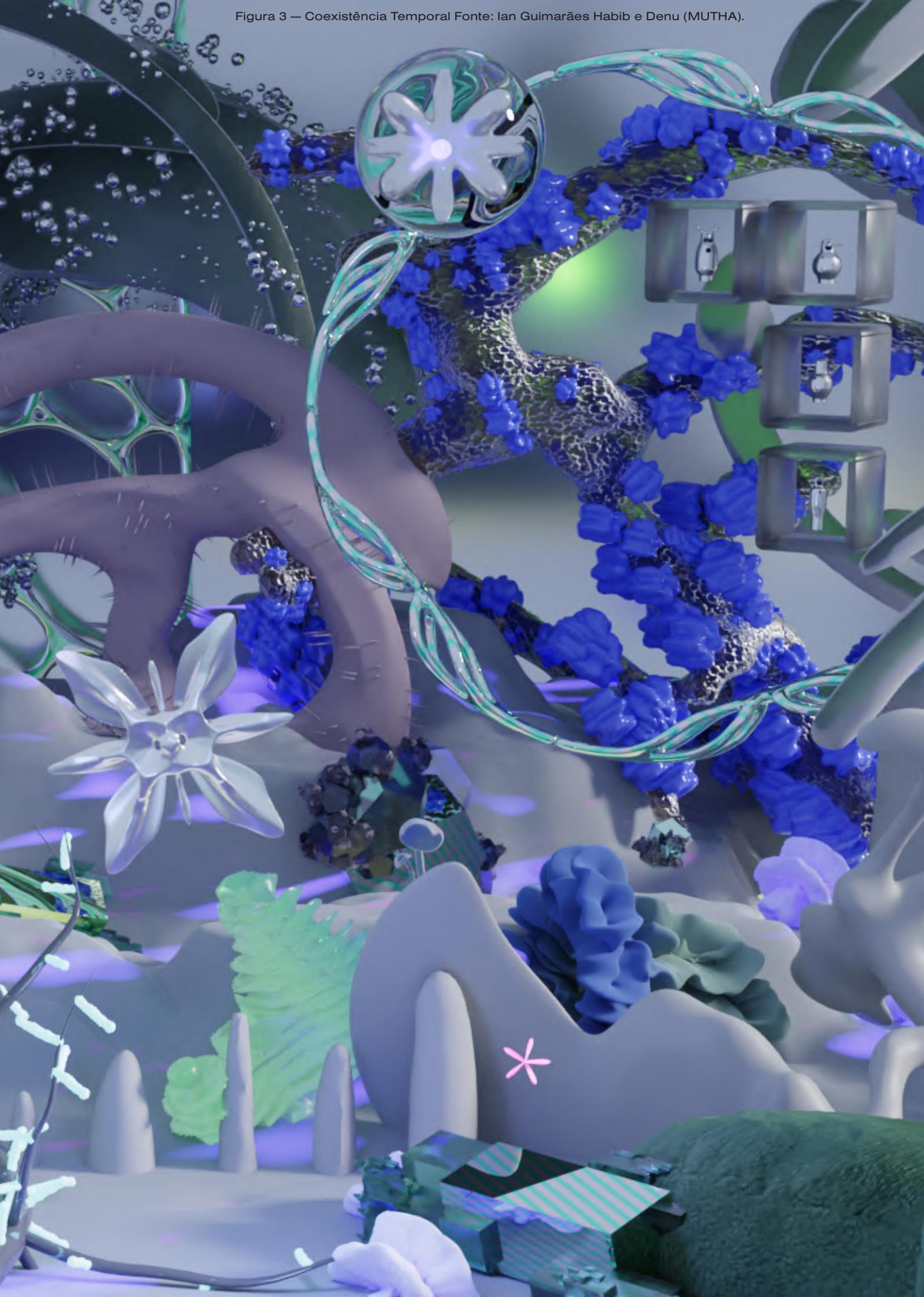
ais do museu. A Direção em TI efetua a programação de nosso website e ferramentas de arquivamento. A Direção do Arquivo Histórico efetua consultorias e pesquisas na área de História. A Museologia efetua toda a parte técnico-científica de museologia.

1.2.4 Conjunto de tecnologias de produção e preservação de arquivos e acervos

O MUTHA, como conjunto de tecnologias de preservação de arquivos e acervos, é também gerido da mesma maneira descrita acima, no tópico 1.2.3. Contudo, uma parte do MUTHA, o Arquivo Histórico do MUTHA (AHMUTHA) foi constituído como um Ponto de Memória (IBRAM). Como o primeiro museu transgênero a obter o certificado oficial governamental enquanto Ponto de Memória, o MUTHA pode ter comprovada institucionalmente a sua importância, a sua legitimidade científica e o seu reconhecimento no campo da valorização da memória social. O Ponto de Memória é resultado de um processo coletivo e comunitário que partiu da construção do AHMUTHA e visou apontar para a importância do protagonismo da memória e cultura trans pela própria comunidade corpo e gênero variante, algo até então inédito no território nacional. A população corpo e gênero variante é parte integrante da memória social deste território e só mais recentemente tem sido reconhecida como indispensável, graças ao trabalho dos movimentos sociais e dos feminismos históricos compostos por pessoas dessa população. Essa certificação atesta um trabalho já realizado pelo museu há 5 anos, já que o espaço tem contribuído em grande medida para o desenvolvimento de políticas públicas de direito à memória.

Além da certificação, o AHMUTHA se constituirá através do modelo de gestão de Associação Sem Fins Lucrativos de Direito Privado (OS) em 2024. Nesse modelo, compete à OS a gestão, a administração e a manutenção do AHMUTHA, a partir da data de sua constituição, podendo também gerenciar projetos do MUTHA sempre que necessário ou acordado. As Diretrizes para o AHMUTHA foram escritas em 2022 por um grupo então instituído para tal. Como OS, a gestão será feita pela **Presidência, Diretoria Executiva e Assembleia Geral**, cujas competências constarão no Estatuto da Organização.

Figura 3 — Coexistência Temporal Fonte: Ian Guimarães Habib e Denu (MUTHA).



1.3 Histórico, Atuação, Fomento e Ações em Rede

No Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), histórico, atuação, fomento e ações em rede coincidem e se entrelaçam de muitas maneiras, já que a atuação do museu depende, em muitas instâncias, dos processos periódicos e instáveis de financiamento institucional. Como o MUTHA é uma ação continuada sem patrocínio fixo, suas ações ocorrem por meio de projetos culturais e do apoio de editais públicos e privados. Dessa maneira, quando há fomento, o museu pode concluir projetos e sua atuação se amplia. Essa expansão, ao longo dos anos de atuação do MUTHA, construiu seu histórico museal, sempre permeado pelo campo de formulação de redes.

O MUTHA foi idealizado em 2018 por Ms. Ian Habib, pessoa professora, pesquisadora, artista e autora transgênera, em sua pesquisa *Corpos Transformacionais* (UFBA), publicada como livro em 2021 pela editora Hucitec. O espaço foi inaugurado através do Sarau MUTHA, em novembro de 2020, um dos marcos da pandemia de COVID-19. A proposta foi financiada pelo Memorial Minas Vale (2020) e fundou o MUTHA como espaço cultural virtual e nacional de criação e manutenção de arquivos e acervos históricos e artísticos corpo e gênero variantes, por meio da apresentação de ensaios literários e acadêmicos, palestras-performances, poesia, contos e trechos selecionados de obras históricas que buscaram resgatar a memória de pessoas corpo e gênero diversas. Foram convidadas 9 pessoas trans, dentre elas pessoas negras, amazônidas, indígenas, com deficiência, de diversas faixas etárias, para contribuírem com a primeira edição do projeto, na forma de um vídeo, que contou com acessibilidade completa para pessoas com deficiências visuais e auditivas. As pessoas participantes foram: Presidenta Keila Simpson, Dr. Lino Arruda, Matheus Cairú, Luz Bárbara, Léo Moreira Sá, Profa. Ma. Mariah Rafaela, Prof. Caio Tedesco, Xan Marçall e Jackie Jean.

A segunda, terceira e quarta ação do MUTHA foram ações educacionais, e podem ser vistas no tópico “1.4 Formação e Pesquisa”. A quinta ação do MUTHA foi financiada pelo Trajetórias Shirley Griô RS, e contemplou as produções de mídias sociais e design gráfico do MUTHA até agosto de 2021.

A sexta ação do museu foi o prêmio Jorge Portugal financiado pela SECULT - BA, via FUNCEB (Fundação Cultural da Bahia), que inaugurou – em 1º de Junho de 2021, mês do orgulho LGBTQ+ – seu website (www.mutha.com.br), por via da abertura do Arquivo Artístico de Dados (AAD), e de uma estrutura inicial para o Arquivo Histórico e da Loja Virtual. A loja visa gerar renda para toda a comunidade trans que do MUTHA participa, fomentando contratos de venda de produtos culturais para toda a população. O Arquivo Artístico de Dados (AAD) é uma tecnologia de formação de arquivos que visa produzir dados para empregabilidade cultural, efetuando o mais amplo e contínuo mapeamento de pessoas artistas corpo e gênero diversas brasileiras e/ou produções artísticas corpo e gênero diversas executadas em território nacional e/ou por pessoas brasileiras, em diversas linguagens criativas, sendo algumas delas: artes plásticas, audiovisual, dança, performance, fotografia, artes cênicas, artes circenses, artesanato, literatura, moda, música, beleza e áreas tecnológicas como iluminação, cenografia, sonografia. O banco de dados do AAD funciona por meio de um mecanismo de busca por região, campo do conhecimento e outras variáveis, e difundindo anúncios de oportunidades na indústria cultural. Como incentivo à inscrição de artistas no AAD, o MUTHA criou a Galeria Virtual, espaço para exposições virtuais, provisórias e permanentes de artistas corpo e gênero variantes de todo o país, e selecionou artistas do banco AAD para nela exporem, na composição de nossa Primeira Exposição: Transespécie/Transjardinagem.

A exposição tem dois temas: Transespécie, que elabora fissuras em conceitos de espécie e de gênero, propondo criação de novos seres e mundos; e Transjardinagem, que utiliza a imagem da produção de jardins sobre paisagens em ruína como método na exploração de arquivos vivos para memória de existências que sempre viveram segundo catástrofes pandêmicas. A exposição apresenta trabalhos artísticos de mais de 69 pessoas trans. São 48 pessoas corpo e gênero diversas convidadas de todo o país. Em adição, o projeto curatorial contemplou 15 artistas no processo de seleção do AAD. Finalizando, mais 6 artistas compuseram uma seção denominada Conexões Globais, destinada a pessoas de outros países vivendo no Brasil e pessoas do Brasil vivendo em outros países.

Essa é a maior exposição de artes trans feita no Brasil até hoje: ela

engloba todas as 5 regiões brasileiras e também conexões com mais 7 países em 4 continentes (França, Portugal, Espanha, Estados Unidos, São Tomé e Príncipe, Venezuela, Argentina); abarca zonas litorâneas, urbanas e rurais; valoriza a produção de vivências negras, amazônicas, indígenas, imigrantes, emigrantes, com deficiência, em diversas faixas etárias e classes sociais; leva em consideração todos os aspectos de precarização que permeiam os modos de criação dessas existências; abrange todas as identidades de gênero não-cisgêneras; alcança todas as linguagens artísticas: artes cênicas, dança, audiovisual, artes visuais, beleza, moda, literatura, artesanato, body art, entre outras. Já o AAD teve aproximadamente 300 inscrições e ainda está sendo construído. A exposição objetiva fortalecer redes de empregabilidade cultural, visibilidade e mútua colaboração; alargar o mercado de trabalho para a população trans com a formação de ferramentas difusoras de criações, composição de publicações, venda de obras artísticas e organização de redes para produção e escrita histórica; formar arquivos trans para memória, que ainda não existem no Brasil. Por fim, o trabalho foi registrado em um e-book de 188 páginas, que foi publicado pela editora O Sexo da Palavra e se encontra no website, com acesso livre e gratuito para download.

A sétima ação do museu foi o projeto Arquivo Vivo para o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte, financiado pelo Prêmio Cultura na Palma da Mão 2021 SECULT – BA, via Fundação Cultural da Bahia (FUNCEB). Foram coletadas memórias de 8 mulheres trans e travestis da/na Bahia e produzidos materiais multimídia – entrevistas audiovisuais, transcrição de entrevistas e fotografias – para comporem a exposição Arquivo Vivo e posteriormente integrarem o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA). Esse projeto proporcionou ao museu o recebimento de 200 itens de doações colaborativas das entrevistadas.

A oitava ação do museu foi o projeto Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte, financiado pelo PROAC MUSEUS 2021. O projeto criou o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte, o primeiro arquivo histórico transgênero do país, integrado pelo Programa de Produção, Preservação e Difusão Histórica (PPPDH), pelo Programa em Educação (PED) e pelo Acervo Digital (AD). O PPPDH tem como ob-

jetivo coletar os Acervos do AHMUTHA, incorporados por meio de tecnologias de produção de dados sobre a população focal, pelas doações de itens, entre outras maneiras. O PPPDH tem a função de coleta de itens diversos, como: fotografias, documentos, objetos digitalizados, panfletos, clippings, newsletters, correspondências, periódicos, impressos, história oral, jornais, folhetos, objetos físicos, material sobre patrimônio imaterial, programas, anúncio, artigos, pôsteres, discursos, entre outros. O PED tem como foco o desenvolvimento de programas educacionais em História e Arte e foi criado para promover às pessoas trans capacitação profissional no mercado das Artes e Humanidades e incentivar o empreendedorismo na indústria cultural, além de tornar as produções corpo e gênero variantes mais acessíveis para todas as pessoas que desejam aprender mais sobre elas, fortalecendo seu reconhecimento social. Além disso, o PED organiza as atividades de Divulgação Científica do AHMUTHA – como visitas guiadas ao museu (MUTHA), onde se encontra o AHMUTHA – e programas de ensino sobre Artes e História, com foco em diversidades de corpos e gêneros. O PED oferece suporte para pessoas pesquisadoras, instituições públicas e privadas, estudantes e para o público em geral. No site há espaço para veicular o conteúdo programático dos cursos e disponibilizar ficha de inscrição. O AD é o Acervo Digital que engloba todo o material musealizado e tratado pelo PPPDH. É composto por 4 acervos – Acervos de Pesquisa, Acervos Transcestrais, Arquivo Vivo e Acervos MUTHANTES. Os Acervos de Pesquisa apresentam materiais de pessoas pesquisadoras convidadas pelo MUTHA ou AHMUTHA, constando em ordem alfabética – cada pessoa pesquisadora terá uma coleção e/ou fundo com seu nome, compostos por sua produção. Acervos Transcestrais¹⁴ são dedicados a importantes personalidades, pessoas trans falecidas ou assassinadas, com suas biografias de vida, também em ordem alfabética. Arquivo Vivo é uma tecnologia de manipulação de dados com curadoria compartilhada, criada para que pessoas trans vivas possam se autoarquivar e automusealizar, enviando seus próprios materiais. A própria pessoa doadora torna-se, assim, uma curadora, musealizando e enviando o seu objeto através de uma tecnologia online disponibilizada no site do Museu.

14 Esse nome foi inspirado no trabalho de Sereno Sofia Gonçalves Repolês.

Os Acervos MUTHANTES constam com outras produções experimentais do próprio museu, que incluem produções como performances, manifestações populares e obras de arte. O projeto musealizou mais de 100 bens, um processo que envolveu a criação de documento de diretrizes de acervo – que guia as práticas do museu, pois a instituição ainda não construiu suas políticas de acervo nem seu plano museológico –, documentação, digitalização, restauro, tombamento, criação de ficha de catalogação, catalogação, cadastramento no Tainacan. Além desse processo, o museu guiou uma pesquisa sobre todos os bens, baseada na metodologia da História Oral, para construir suas fichas catalográficas. O MUTHA busca valorizar as autonarrativas trans e os processos comunitários e colaborativos de produção de acervos e arquivos, visto que é importante para a população transgênera que a própria pessoa doadora possa falar sobre seus itens, processos de subjetivação e memórias. Essa é a base da perspectiva pedagógica do museu, pois a instituição deseja promover o conhecimento da população em geral sobre os itens exibidos, entendendo que esses processos compõem também ações de educação museal a partir de uma perspectiva de educação integrada. O projeto organizou também 4 cursos gratuitos, presentes na seção PED do site.

A nona ação do museu foi o prêmio Mulheres em Movimento 2021 do Fundo Elas, que financiou a abertura da Associação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AAHMUTHA), organização sem fins lucrativos ainda em processo de registro. A AAHMUTHA será, a partir do momento de sua constituição, a instituição responsável pelo Arquivo Histórico do MUTHA. Transformar o Arquivo Histórico numa associação foi a melhor alternativa encontrada pelo museu para tornar os processos da ação de museologia social ainda mais comunitários e colaborativos.

A décima ação do MUTHA ocorreu em abril de 2022 com o projeto NearFTrans, que contou com patrocínio internacional da Mintbase, uma das maiores plataformas WEB3 de comércio NFTs no mundo, e visou reafirmar o MUTHA como produtor de tecnologias digitais artísticas e históricas, unindo a construção de ambientes em Virtual Reality e 3D com a formação de comunidades no mercado artístico. NearFTrans é um projeto que aposta no ativo tecnológico do momento: os NFTs, tokens não fungíveis e criptográficos que representam algo insubstituível, único e singular,

como objetos raros do patrimônio cultural, obras de arte e coleções. Os NFTs são negociados em plataformas mundiais de comércio de crypto-artes e as moedas são convertidas em dólares. NearFTTrans reconhece que algumas das principais pessoas produtoras de artes digitais no Brasil são trans e sem meios de subsistência, por isso o museu financiou e emplacou inúmeras pessoas profissionais na plataforma, montou uma exposição coletiva e ensinou todas as pessoas a usarem a plataforma para vender e expor itens.

A 11ª ação do MUTHA foi em julho de 2022 em sua primeira exposição internacional na *Archives and Riots: Latin American Trans Archival Exhibition* no evento “Latin American Trans Histories”, co-patrocinado pelo Institute of Advanced Studies/UCL em Londres, uma das dez melhores universidades do mundo, junto do Institute of the Americas, do QUCL, do Marie Slodowka Curie e da Wake Forest University USA. A exposição reúne uma seleção de fontes históricas sobre vidas trans de vários arquivos de base latino-americana.

A 12ª, 13ª e 14ª ações do MUTHA são educacionais e de pesquisa, e podem ser vistas abaixo, no tópico “1.4 Formação e Pesquisa”.

A 15ª ação do MUTHA foi na 17ª Primavera dos Museus, em que tivemos nossa primeira ação presencial no Museu Gustavo Teixeira, espaço Clarice Zezza Matarazzo, em São Pedro (SP). Além dessa ação, em Fortaleza (CE), o museu participou do webinar e de roda de conversa, que serão comentadas também no tópico “1.4 Formação e Pesquisa”. Por fim, o museu abrigou um evento aliado, o lançamento do livro “Museologia Comunitária LGBTQIA+ e outros ensaios queer interseccionais” com Tony Boita e Jean Baptista.

A 16ª ação do MUTHA foi em 2023, uma exposição coletiva presencial no Museu Nacional da República, chamada Atualização do Sistema, com curadoria da Academia de Curadoria. A 17ª ação do MUTHA foi no mesmo ano, sua participação na exposição coletiva “Kamba - Dissidência coletiva”, no Museu da Diversidade Sexual (MDS).

A 18ª ação MUTHA foi o recebimento, em 2023, da certificação como Ponto de Memória pelo IBRAM. A 19ª ação foi o recebimento do Prêmio Helena Quadros, um prêmio destinado a pontos de memória do Brasil. A 20ª ação está ainda em fase de execução e será no PROAC SP 2023 –

MUSEUS – PLANO MUSEOLÓGICO, e visa construir este plano museal do espaço. A 21^a, 22^a, 23^a, 24^a e 25^a são respectivamente os projetos FUNARTE Retomada - Manutenção do MUTHA 2024, LPG BH NAS TELAS - Para apagar o fogo, LPG BH NAS TELAS - Arquivo Vivo MG, LPG SECULT MG - Arquivo Vivo de MG (Interiores), LMIC Multilinguagens - BALEIA (Musealização da censura em Sebastian).

Como ações ativistas, o museu participou no Festiva 2021, uma feira beneficente virtual com doação para auxiliar nos impactos pandêmicos, na figura de Caio Tedesco, que ministrou um curso. Assinou, no mesmo ano, a petição para visibilidade e empregabilidade cultural transmasculina, após verificar ausência desse grupo na parada LGBTQIAPN+ SP, lutando em reuniões pela presença dessa comunidade nos próximos eventos. Apoiou institucionalmente o 1º Encontro Bafo Moda e Dissidências Sexuais e de Gênero (UFSC). Apoiou o grupo de dança de pessoas trans, não-binárias e bixas Danças em Transições. O AHMUTHA também aprovou um projeto da Lei de Incentivo Fiscal LMIC BH 2022, mas este não foi realizado, pois não conseguiu captar recursos com possíveis empresas parceiras.

Em 2023, como ação ativista e de formação de comunidades e acervos, criou o financiamento coletivo “Campanha de cremação e memória museal de Demétrio Campos”, homem trans preto periférico suicidado no início da pandemia. Campos virou um ícone de luta e memória do movimento trans, valorizado por parcela da população trans ainda não reconhecida nos principais veículos de informação e na história: os homens trans e pessoas transmasculinas e não-binárias. A campanha feita pelo AHMUTHA possibilitou a cremação dos restos mortais de Campos e um ajuste nominal em sua lápide, que foi revirada por desconhecidos e estava com a placa de seu nome destruída. Parte da história de Campos será abordada nos itens inéditos coletados pelo AHMUTHA na COLEÇÃO DEMÉTRIO CAMPOS. Essa ação teve a participação de toda a comunidade – recebendo dela doações –, da família de Campos e de inúmeros movimentos ativistas pretos e quilombolas, que auxiliaram no processo de verificação da lápide e busca pelo corpo, pois Demétrio foi enterrado em um cemitério quilombola.

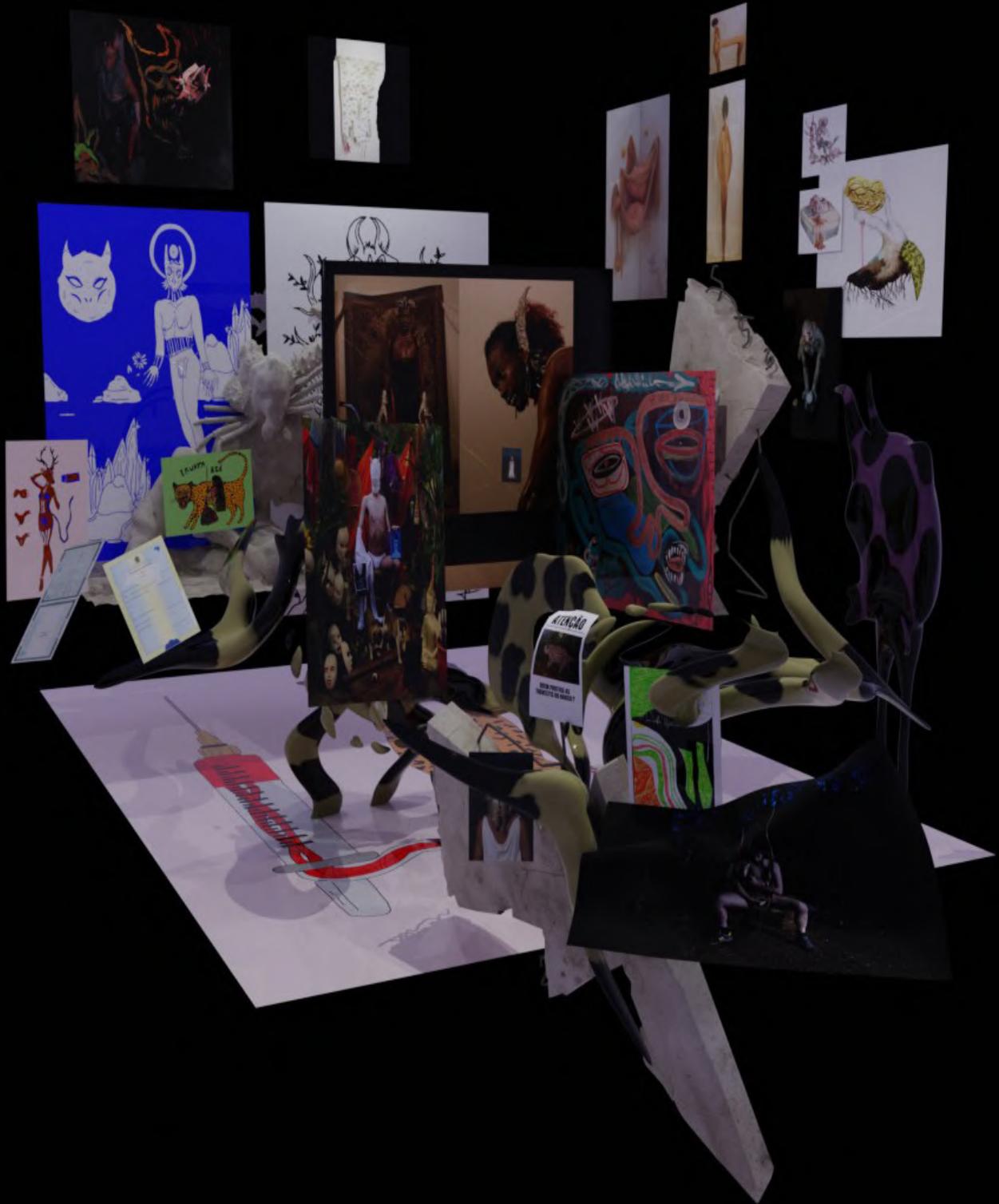


Figura 4 — Transepécies

Fonte: Ian Guimarães Habib e Denu (MUTHA).

1.4 Formação e Pesquisa

A primeira ação de formação e pesquisa do MUTHA foi também a segunda ação de inauguração do espaço e aconteceu em fevereiro de 2021 na composição de uma mesa no evento Seminário DESMONTE III UFBA/UFSB (@desmonteseminario), com a seguinte composição: Prof. Ian Habib, Dr. Lino Arruda (BR/EUA), Uarê (morizines/SP), Dre. Elton Panamby (RJ), Luan Okun (Portugal), Dr. Daniel Coleman (EUA). A ação abordou a transformação corporal e processos de cura nas artes.

A segunda ação formativa foi contratada pelo SESC SP ETA (Tecnologias e Artes), em maio de 2021, uma conferência sobre o MUTHA. A terceira ação do MUTHA foi contratada pelo SESC BAHIA e apresentada em agosto de 2021, igualmente uma conferência sobre o MUTHA.

A quarta ação de formação do MUTHA se deu no escopo da oitava ação do museu, em 2021. Nela foi criado um rascunho para o Programa em Educação (PED) do Arquivo Histórico (AHMUTHA), atualmente em estágio inicial de elaboração. O programa foi criado dentro do AHMUTHA por ocasião do recebimento do fomento da oitava ação do histórico do museu para criação do AHMUTHA. O PED é voltado para a valorização pedagógica do patrimônio cultural e para o fortalecimento das pesquisas das populações corpo e gênero variantes do Brasil e além: formação (cursos e workshops de variadas durações), palestras, conferências, ações de divulgação científica (em escolas públicas, por meio de mídias sociais, dentre outras), mediação cultural, pesquisa (em parceria com universidades e órgãos públicos e privados). Antes da criação do PED, as ações ocorriam de maneira fortuita, mediante contratação. A partir da sua criação, o museu elegeu um espaço para difusão e organização das atividades.

A quinta ação de formação e pesquisa do MUTHA se deu no projeto supracitado e foi a criação dos Acervos de Pesquisa, um arquivo destinado à divulgação científica de produções de pessoas trans e sobre trans-generidades. Foram produzidas até hoje 2 coleções.

A sexta ação de formação do MUTHA também se deu no escopo da oitava ação do museu, em 2021, mas em 2022, quando o AHMUTHA produziu 4 cursos (com até 100 pessoas cada, por ordem de chegada, com acesso fácil, gratuito e por tempo indeterminado), sobre Museologia, Ar-

tes e História Trans. Foram eles: “TRANSJARDINAGEM: PERFORMANCE COMO PAISAGEM RADICAL PARA ARQUIVO VIVO TRANS” do Ministrante Ian Habib; “O CORPO COMO ARQUIVO: ENTRELAÇANDO HISTÓRIA, MEMÓRIA E MUSEOLOGIA TRANS” do Ministrante Juno Nedel; “TRANSENCRUZILHADAS DA MEMÓRIA: PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS TRANSMASCULINAS NEGRAS BRASILEIRAS” do Ministrante Bruno Santana; “PRÁTICAS PERFORMATIVAS FEMINISTAS” da Ministrante Nina Caetano.

A sexta ação de formação do MUTHA foi realizada na décima ação do museu em 2022, no projeto NearFTrans. Essa foi também uma ação educacional, pois a equipe do projeto ensinou todos os passos do processo de exposição e comercialização de NFTs e inúmeras operações na WEB3 com criptomoedas. Foi uma espécie de alfabetização para todas as pessoas participantes, que ingressaram através de uma chamada aberta, usando uma mídia social no estilo de um fórum, chamada Discord. No Discord, a comunidade participante pôde postar e responder perguntas, ler tutoriais, conversar, difundir ideias e fomentar um processo educacional comunitário e colaborativo com bases na colaboração mútua, anarquismo (livre circulação de informações) e na autonomia (DIY/faça você mesmo/a/e). Com esse projeto, mais de 50 pessoas foram educadas sobre a WEB3 e a venda de arte por meio de tokens não fungíveis e criptográficos.

A sétima ação de formação foi na 11ª ação do MUTHA, a primeira conferência internacional do MUTHA, ofertada em inglês no evento “Latin American Trans Histories”, já mencionado.

A oitava, nona e décima ações formativas do museu foram respectivamente as 12ª, 13ª e 14ª; ações do MUTHA. A oitava e a nona foram palestras educacionais, uma no 1º Seminário Centros Culturais e Territórios, no Instituto Mirante (CE), em novembro de 2022, e outra no Seminário Museus e Museologias no Tempo Presente, no MIS - CE, em março de 2023. A décima ação do MUTHA foi no projeto Arquivo Independente (Funcultura Espírito Santo), uma oficina ofertada por Ian Habib e Mayara Lacal, de nome “Memória, futuro e transgressão”, em agosto de 2022.

A 11ª ação educativa do MUTHA foi em 2022, uma atividade formativa de divulgação científica e mediação cultural com discentes de escola pública que executamos a convite do docente de teatro Me. Saulo Almeida, professor da instituição Escola Estadual Augusto de Lima em Nova

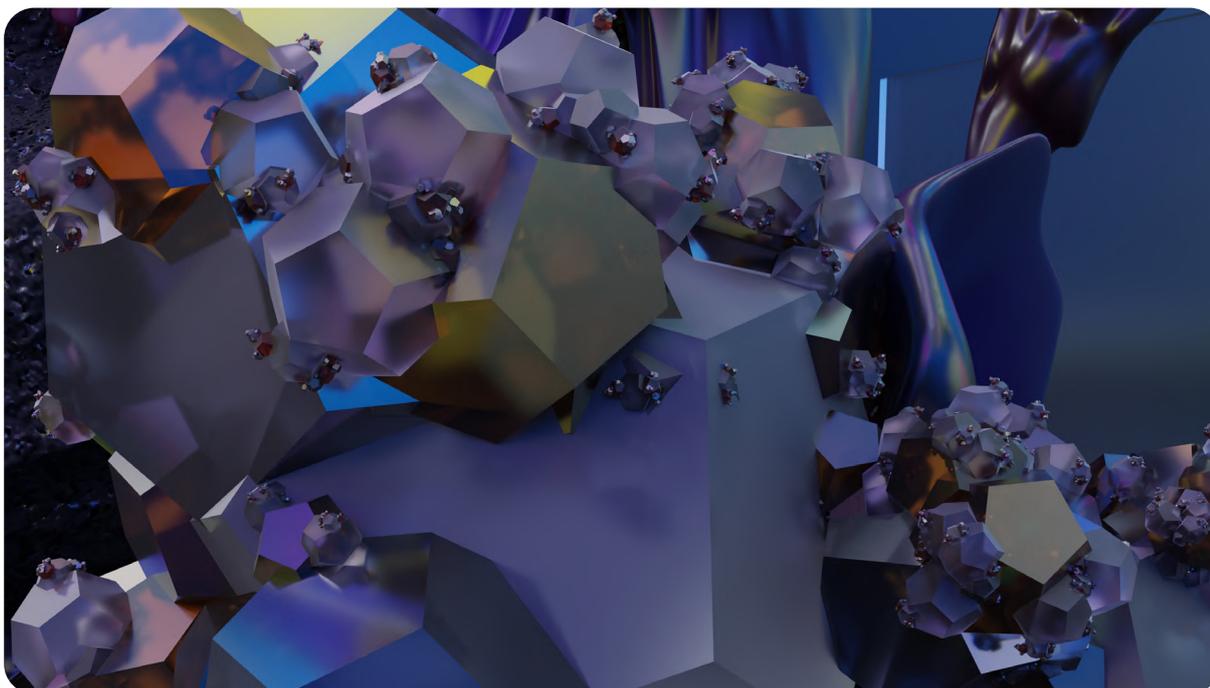
Lima (MG), no componente de Teatro, com 30 discentes de escola pública de 14-16 anos, em um encontro presencial de 3 horas de duração. Para tal, foi realizada com discentes uma visita guiada ao Museu Transgênero de História e Arte (www.mutha.com.br) e uma atividade de criação oriunda dos modos de conhecimento da História, Arte e Museologia Trans.

A 12ª ação formativa do museu foi uma parceria que o espaço efetuou, a partir da produção de Be Zilberman, integrante do museu, com o Brazil Chevening Mentors, oferecendo mentoria para pessoas trans se candidatarem à Bolsa de Mestrado Chevening na Inglaterra.

A 13ª ação educativa do MUTHA foi a 15ª ação do MUTHA, na 17ª Primavera dos Museus, em que tivemos nossa primeira ação de mediação cultural presencial, tendo sido essa nossa primeira atividade presencial, uma exposição do AHMUTHA no Museu Gustavo Teixeira, espaço Clarice Zezza Matarazzo, em São Pedro (SP). Além dessa ação, em Fortaleza (CE), o museu participou do webinar “Construindo memórias LGBTQIAPN+, Indígenas e Quilombolas nos Museus: desafios e possibilidades”, com Mayara Lacal, Luan Apollo e Tony Boita no MIS - CE e da roda de conversa “Onde estão as memórias de pessoas LGBTQIA+ nos lugares de memória?” no Arquivo Público do Estado do Ceará (SECULT CE).

Figura 5 — Cristais

Fonte: Ian Guimarães Habib e Denu (MUTHA).



1.5 Acervos

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) é um espaço nato digital, portanto, todos os seus acervos são digitais (nato digitais e digitalizados). Eles são armazenados em uma reserva técnica fragmentada, ou seja, que está localizada em várias nuvens e em várias unidades de disco rígido, salvaguardados com as ferramentas possíveis e disponíveis no momento atual, em processo de musealização, organização e sistematização. A difusão do acervo se dá mediante 1) seu cadastramento digital no repositório Tainacan, ficando deste modo acessível aos públicos do museu; 2) pesquisas que o utilizam como fonte; 3) exposições e atividades em parceria com outros museus e espaços; 4) mídias e redes sociais diversas.

Como o MUTHA segue princípios da Museologia Social e a maior parte do seu fomento vem de editais públicos, a parte de seu acervo que foi musealizada até o presente momento é de acesso inteiramente gratuito, fácil e por tempo indeterminado, assim como o museu, disponibilizado na plataforma Tainacan. Ademais, aproximadamente a totalidade¹⁵ de seu conteúdo conta com acesso livre a toda a população.

O acervo do MUTHA é composto de coleções que recebem tratamento museológico, ou seja, até o momento todos os itens tombados pelo museu, passam pelo processo de musealização, como uma escolha técnica adotada coletivamente durante a construção do Arquivo Histórico (AHMUTHA), em 2021, independente das tipologias dos acervos, que são híbridas. Os acervos do museu são organizados por eixos temáticos e divididos entre Acervos Históricos (AHMUTHA), sendo eles: Acervos de Pesquisa, Acervos Transcestrais, Arquivo Vivo e Acervos MUTHANTES. Dentre as coleções, diversas temáticas são abordadas, como a memória e a transformação corporal, explorando campos como envelhecimento, trabalho sexual, censura, ditadura militar brasileira, operação tarântula, drogas, história dos movimentos LGBTQIA+, migração, hiv, assassinatos,

15 Não sabemos ainda precisar a porcentagem correta, pois não concluímos o processo de inventário para todos os nossos acervos. Ademais, alguns itens são disponibilizados ao público de acordo com a Lei 8.069/90 e outras regulamentações de acesso etárias e por classificação indicativa - esses itens de acesso não livre podem ser acessados mediante aprovação de solicitação de cadastro no museu.

história do transformismo, dentre outros. Os itens são de cunho artístico, científico, histórico e documental.

Esses acervos podem ser adquiridos mediante doação de pessoa física e jurídica, compra, *site-specific*, permuta, guarda, transferência, legado e comodato. Através deles são geridos parte do patrimônio simbólico, social, político e cultural tangível e intangível da população corpo e gênero variante do/no Brasil e além por essa própria comunidade. Como o museu ainda não possui Políticas de Acervo, redigimos um texto denominado Diretrizes do AHMUTHA¹⁶, onde constam orientações para aquisição e descarte. Esse documento é provisório e serve aos mesmos fins da Política de Acervos, enquanto esta não esteja formulada.

O Acervo do MUTHA é composto pelo Acervo MUTHA e pelo Acervo AHMUTHA. O Acervo MUTHA é um acervo em formação com ampliação e sistematização de novos eixos temáticos e coleções. Diferente do Acervo Histórico MUTHA, ele é de responsabilidade de guarda e tutela institucional do museu; é um acervo de tipologia híbrida entre museológica, arquivística e bibliográfica, de cunho artístico, científico, histórico e documental. O MUTHA considera a si mesmo, ou seja, considera o próprio museu como acervo performativo e metamuseológico e como conjunto de obras de arte performativas, visuais, instalativas, entre outras (HABIB, 2023). Ele é composto por: 1 museu MUTHA, 40 obras de arte digital em 3D - sendo vídeos e imagens estáticas -, 3 Galerias em VR¹⁷, 1 live performance, 1 instalação, 1 website, 1 procedimento técnico-museal (tecnologia de formação de arquivos museais), 2 livros, 1 estampa de camiseta, totalizando 50 itens em processo de pesquisa, documentação e musealização.

Já o Acervo AHMUTHA é um acervo de tipologia híbrida entre museológica, arquivística e bibliográfica, de cunho artístico, científico, histórico e documental, composto por 94 itens musealizados, 2 procedimentos técnico-museais (tecnologias de formação de arquivos museais) e cerca de 200 itens em processo de musealização. O AHMUTHA, bem como sua estrutura, já existe como concepção desde 2019, mas apenas veio a pú-

16 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aQtyUP7qwHwL34yA32_Ajq8ag0y-zHlgo/view>. Acesso em: 2 de maio 2024.

17 *Virtual Reality*, um ambiente virtual em 3D que formula tecnologias de presencialidade.

blico em 2021, com a inauguração pública do AHMUTHA.

O MUTHA atualmente gere e salvaguarda seus acervos por fomento recebido, ao mesmo passo em que constitui e amplia seus acervos institucionais, atualmente compostos pelo Acervo MUTHA e pelo Acervo Arquivo Histórico MUTHA. O Acervo Arquivo Histórico MUTHA será salvaguardado e gerido, em formato de tutela do MUTHA e gestão partilhada com o museu, pela Associação do Arquivo Histórico MUTHA (AAHMUTHA), a partir do momento de sua constituição. A AAHMUTHA poderá, quando existir comum acordo, salvaguardar e gerir também o Acervo MUTHA e todos os outros futuramente criados.

O Acervo do MUTHA encontra-se assim organizado:

1.5.1 Acervo Digital (AD)

O AD é o Acervo Digital, a ferramenta de sistematização e recuperação de informações onde se encontra o AHMUTHA. Ela engloba todo o material musealizado e tratado pelo Programa da Produção de Difusão Histórica (PPPDH) e é composto por 4 acervos e suas coleções, divididos de acordo com eixos temáticos. Esses 4 acervos podem ser acessados pelo repositório digital Tainacan, um plugin de código aberto para WordPress que fica dentro do website do MUTHA. A escolha do Tainacan é justificada pelo seu fácil e gratuito acesso por mecanismo de busca comum, em que diversos metadados sobre o objeto musealizado como data, região, idade, raça-etnia, campo do conhecimento, entre outros, podem ser encontrados. O Tainacan possibilita ao museu a criação de metadados personalizados, o que facilita em processos comunitários e colaborativos, pois com eles o museu pode se manter sempre em processo de transformação, assim como sua população focal.

1.5.1.1 Acervos de Pesquisa

Acervos de Pesquisa são acervos dedicados a cada pessoa pesquisadora convidada pelo AHMUTHA ou pelo MUTHA, em ordem alfabética – cada pessoa pesquisadora terá uma coleção e/ou fundo com seu nome composto pelos seus materiais ou materiais que coletar. Atualmente as coleções do Acervos de Pesquisa estão em processo de musealização,

mas há 2 coleções disponíveis aos públicos no museu (*website*) (Coleção Ian Habib e Coleção Juno Nedel) e 3 em processo de cadastramento para disponibilização aos públicos (Coleção Amiel Vieira, Coleção Luiz Morando e Coleção MUTHA, que é subdividida em Do MUTHA e Sobre o MUTHA).

1.5.1.2 Acervos Transcestrais

Acervos Transcestrais são dedicados a importantes personalidades históricas, pessoas trans falecidas ou assassinadas, com suas biografias de vida, também em ordem alfabética. O nome, que é amplamente utilizado na comunidade, foi inspirado na pesquisa sobre transmasculinidades de Repolês (REPOLÊS, 2017). Em 2024, os Acervos Transcestrais ganharão seus 100 primeiros itens e suas primeiras coleções.

1.5.1.3 Arquivo Vivo

Arquivo Vivo é uma tecnologia de manipulação de dados com curadoria e musealização compartilhada, criada para que pessoas trans vivas possam se autoarquivar e automusealizar, enviando seus próprios objetos, definindo suas narrativas e participando ativamente do processo de musealização e gerindo a documentação museológica dos itens selecionados, como o momento de preenchimento das fichas de catalogação, dos textos da sua coleção, entre outros. Esses processos são algumas das ferramentas metodológicas do MUTHA para construir metodologias comunitárias e colaborativas em conjunto com a sociedade civil. Assim, a própria pessoa doadora torna-se curadora, musealizando e enviando os seus objetos através de uma tecnologia online disponibilizada no site do Museu. O Arquivo Vivo tem 6 coleções musealizadas, sendo 4 coleções disponíveis para o acesso dos públicos no repositório digital Tainacan, a Coleção Fabiane Galvão, a Coleção Keila Simpson, a Coleção Kelly Passos e a Coleção Karla Zhand; e 2 coleções ainda não disponíveis para o acesso dos públicos, a Coleção Yunna Vitória/Theo Brandon e a Coleção Sissy Kelly, que estão ainda na reserva técnica, musealizadas e aguardando cadastramento na plataforma. Além delas, o acervo tem 5 coleções com processo de musealização iniciados, cujos objetos já estão em posse do

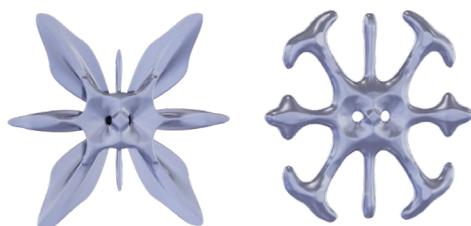
museu, mas precisam ser documentados e disponibilizados, sendo elas: Coleção Luciana Vasconcellos, Coleção Cláudia Schwabacher, Coleção Vanusa Alves, Coleção Dicca Rios e Coleção Alan Lady. Em 2024 o Arquivo Vivo ainda ganhará outras 6 novas coleções. Todos os itens que compõem as coleções do Arquivo Vivo foram adquiridos por meio de contrato de doação.

1.5.1.4 Acervos MUTHANTES

Acervos MUTHANTES é um acervo com outras produções experimentais do próprio museu, que incluem intangíveis (performances, manifestações populares, outras) e obras de arte.

Figura 6 – MUTHA 5

Fonte: Ian Guimarães Habib e Denu (MUTHA).



1.6 Exposição e Tecnologias de Produção e Preservação de Arquivos

O MUTHA tem uma exposição, algumas tecnologias de formação e preservação de arquivos e uma exposição que não são parte de seu acervo. O museu tem interesse em torná-las parte de seu acervo. São elas:

1.6.1 Arquivo Artístico de Dados

As obras que compõem o Arquivo Artístico de Dados (AAD) são um amplo espectro de itens arrolados via tecnologia de formação de arquivos para produção de dados, ou seja, não são parte do acervo do museu, mas sim de um banco de empregabilidade gerenciado mediante curadoria compartilhada entre museu e artistas. As pessoas enviam seus mate-

riais a partir de uma ficha Google Forms, disposta no site do museu, na página do AAD, em um botão de nome “Arquive-se”, e autorizam que seus materiais sejam arquivados. Caso o museu aprove o envio, as pessoas são cadastradas.

1.6.2 Exposição Transespécie/Transjardinagem

A exposição de longa duração Transespécie/Transjardinagem também não é parte do acervo do museu. O museu produziu um livro na forma de catálogo, para difusão dos itens da exposição (HABIB, 2021c). O livro tem acesso grátis e livre¹⁸.

Figura 7 — Transjardinagem



Fonte: Ian Guimarães Habib e Denu (MUTHA).

18 Disponível em: <<https://mutha.com.br/livro/>>. Acesso em: 27 maio 2024.

1.7 Visitação e Públicos

1.7.1 Públicos

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) tem como foco a população corpo e gênero variante, compreendida pelo espaço como todas as pessoas trans, travestis, não-binárias, intersexo, indígenas LGBTQ+, bem como todas as pessoas corpo e gênero variantes ao longo da história, nomeadas através de inúmeras categorias e identidades no passado, presente e futuro. A nomenclatura “corpo e gênero variante” abarca todas as vivências, em mais amplo escopo, da diferenciação dos binômios sexo/gênero da matriz cisendoheteronormativa e branca. O MUTHA abrange todos os perfis possíveis em relação a multiplicidade de classe, educação, deficiência, faixas etária, região, religião, sexualidade, gênero, raça-etnia, dentre outros.

O museu abrange produções de/para/com/sobre essa população, tendo atualmente a valorização das autonarrativas como base institucional. O MUTHA tem como foco a população brasileira, pessoas brasileiras vivendo em outros países e produções dessas populações neste território. Além disso, o MUTHA considera todas as produções de povos originários neste território, bem como todas as intersecções com vivências afro-diaspóricas, árabes, dentre outras. O MUTHA também engloba a toda a população LGBTQ+ e as pessoas dissidentes da matriz heteronormativa em geral, visto que há campos de relacionalidade, simultaneidade e coexistência dessas vivências na história. Por fim, o MUTHA tem como propósito trabalhar os temas de sexo/gênero, da desigualdade de gêneros e da diferenciação sexual em uma perspectiva antipatriarcal, considerando feminismos e transfeminismos.

Além disso, o MUTHA beneficiará todas as pessoas físicas, jurídicas e outras organizações governamentais e civis interessadas em atuar como parceiras na educação, produção de dados e promoção de atividades no campo da museologia, arte, história, ciências biológicas, médicas e jurídicas, assim como escolas, universidades, pessoas pesquisadoras, pessoas no geral que desejam aprender mais sobre essa população; organizações de ativismo e luta por direitos humanos e enfrentamento à transfobia/racismo/etnocídio/etc; prefeituras e demais órgãos públicos; galerias, produtoras culturais, emissoras de tv e rádio, jornais, revistas, editoras, museus, lojas, empresas em geral que busquem serviços artísticos (design, estamperia, artesanato, grafiteagem, murais e pintura de espaços, criação de conteúdo audiovisual, dentre outras); pessoas curadoras, pessoas que busquem serviços de beleza (maquiagem, cabelo, modelos) e outras que se enquadrem nos perfis de possíveis empregadoras, e que desejem contratar pessoas do nosso público para seus projetos e instituições.

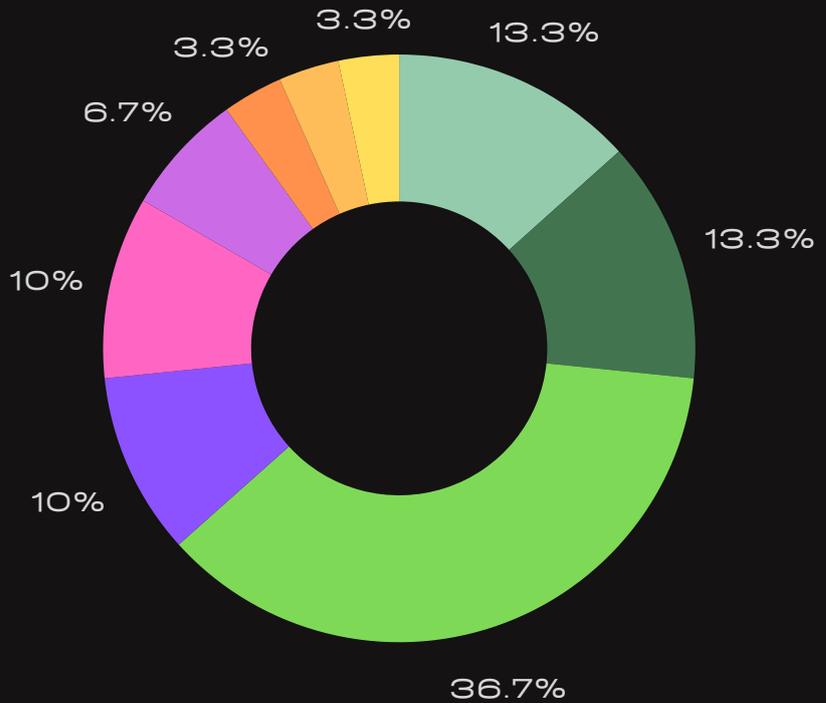
Pessoas trans artistas, artesãs e/ou que trabalham nas indústrias criativas – moda, beleza, artes cênicas, audiovisual, artes plásticas, música, literatura, artesanato, dentre outras –, são também o público focal do museu. Os seus projetos promovem a interação das diversas identidades, mas contam com ações específicas e afirmativas voltadas à democratização ao acesso das pessoas corpo gênero variantes, com deficiências, à população negra, às pessoas LGBTQIAPN+ e aos demais grupos apagados e/ou invisibilizados e sub-representados historicamente.

A Consulta Pública virtual, “Qual o MUTHA dos seus sonhos?” pesquisou os perfis dos públicos atuais do museu, não tendo, contudo, se limitado a isso. Os dados levantados e suas análises estão apresentadas abaixo:

- Diversidade de Gênero
- Diversidade Étnico-Racial
- Faixa Etária
- Regionalidade
- Pessoas com deficiências

GÊNERO

30 respostas



Pessoas Não-Binárias: 36,7%

Este grupo é o mais presente entre os respondentes, destacando no museu a participação de identidades que desafiam as noções tradicionais binárias de gênero, além de sinalizar o aumento da articulação político social de pessoas não binárias brasileiras no contexto atual, isso informa que o museu é um importante espaço de articulação.

Travestis e Pessoas

Transmasculinas: 13,3% cada

A presença destas identidades de gênero no museu sugere uma participação equitativa.

Mulheres Transgêneras: 10%

A participação significativa de Mulheres Transgêneras pode indicar que o grupo se envolva em atividades voltadas à comunidade e o envolvimento gera uma visibilização maior de suas demandas políticas e culturais.

Mulheres Cisgêneras: 10%

A presença balanceada destas identidades de gênero com Mulheres Transgêneras no museu sugere uma participação equitativa.

Homens Trans: 6,7%

A baixa participação desta identidade pode indicar a ausência de organizações que sejam realmente implicadas em construções comunitárias voluntárias e remuneradas voltadas a ela, o que torna as demandas políticas e culturais desse grupo menos evidentes. É uma das áreas de menor envolvimento no preenchimento dentro da comunidade trans.

Pessoas Agêneres e

Transfemininas: 3,3% cada

A presença destas identidades de gênero no museu sugere uma participação equitativa. Embora seja uma porcentagem relativamente pequena, a presença dessas pessoas indica participação de diferentes identidades de gênero fora do espectro binário São as identidades de menor envolvimento com o museu dentro da comunidade trans.

Homens Cisgêneros: 3,3%

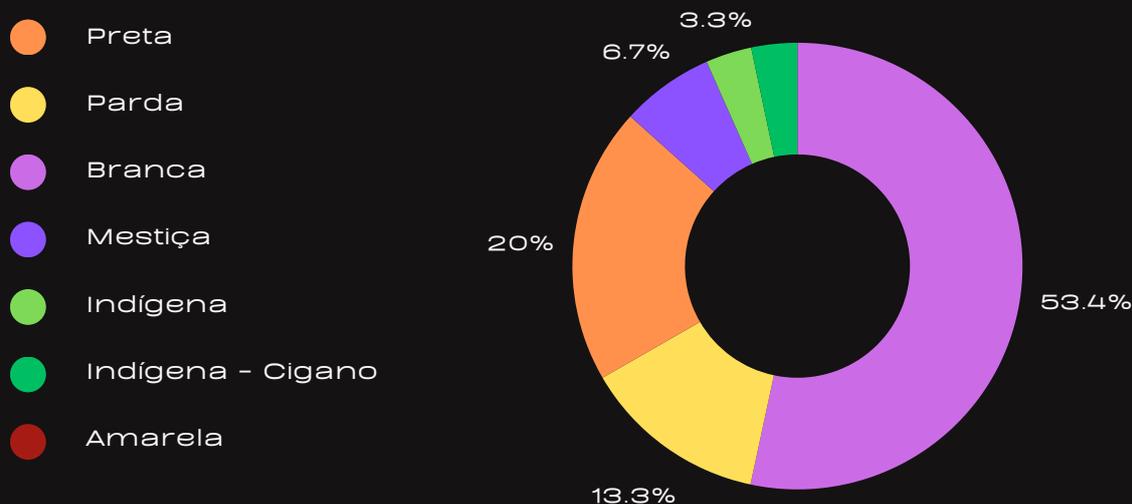
A menor representatividade entre as identidades de gênero, o que pode refletir a falta de compromisso social dessa identidade em transformar e ressignificar seu papel social como responsável direto pelas violências e manutenção do patriarcado, dificuldade e falta de interesse em assumir responsabilidades frente a violências de gênero estruturais perpetradas por essa identidade a comunidades marginalizadas pelo poder patriarcal.

Essas análises indicam uma grande variedade de identidades de gênero, que fogem do espectro binário, algo esperado pela temática trabalhada no museu, revelando nuances outras dessas relações, abrindo caminho para discussões acerca da memória e democratização do acesso a equipamentos culturais.

RAÇA-ETNIA [IBGE]

30 respostas

Importante: Apesar do parâmetro utilizado aqui ser o IBGE, incentivamos que pessoas não contempladas por ele possam preencher suas identificações étnico-raciais de maneira livre em Outros.



Ordem decrescente de presença seguida por ordem alfabética

Pessoas Brancas: 53,3%

Este é o grupo predominante na consulta pública, o que aponta que a maior parte das pessoas respondentes se identifica como branca. Este dado pode indicar que o museu pode ser mais acessado por pessoas brancas e/ou que uma significativa parte de pessoas brancas puderam e/ou desejaram preencher a Consulta Pública.

Pessoas Pretas: 20%

Uma presença considerável, indicando engajamento significativo da comunidade negra.

Pessoas Pardas: 13,3%

A presença de pessoas pardas é essencial para a diversidade do perfil demográfico.

Pessoas Mestiças: 6,7%

Porcentagem menor, mas ainda relevante. Ela indica a presença de pessoas de origens étnicas mistas e variadas na contribuição para a Consulta Pública, cujas perspectivas devem ser consideradas na formulação do plano museológico.

Pessoas Indígenas: 3,3%

O grupo indígena está presente, embora em menor número. No entanto, o baixo grau de participação destaca a importância de considerar as perspectivas e as necessidades das comunidades indígenas na concepção do plano museológico.

Pessoas Indígenas-Ciganas: 3,3%

A presença balanceada destas pessoas com Pessoas Indígenas no museu sugere uma participação equitativa, que indica interesses das comunidades tradicionais específicas no desenvolvimento do plano museológico.

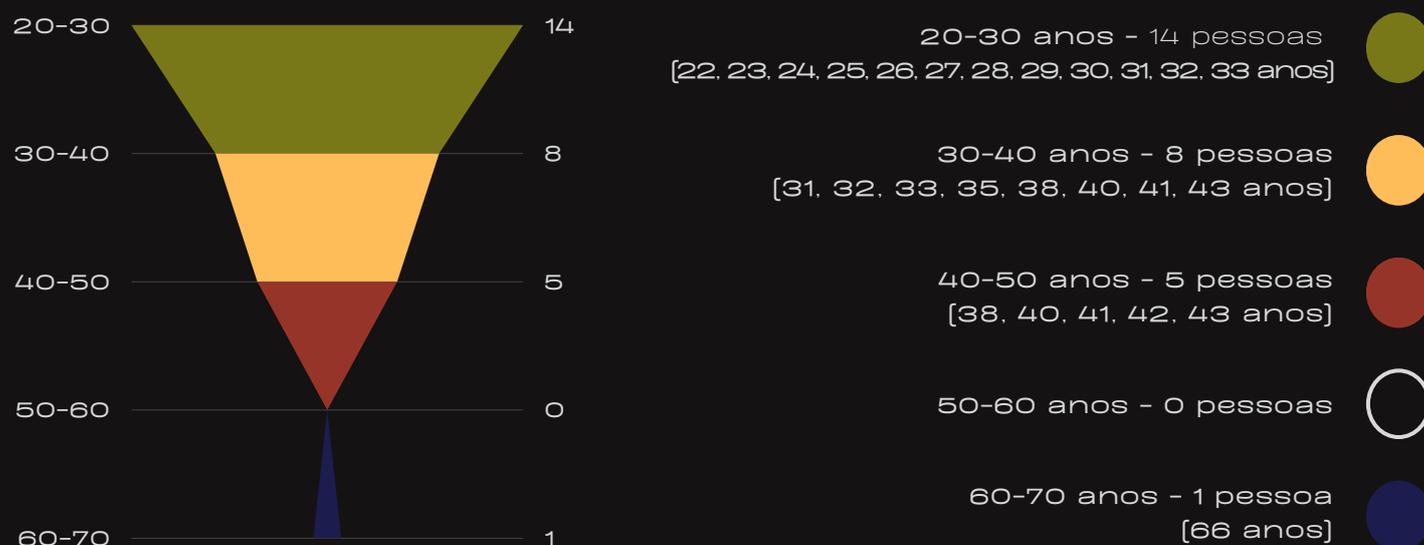
O perfil branco, sendo o mais presente, indica uma participação significativa desse grupo na consulta. É importante que suas perspectivas sejam integradas ao plano museológico, mas também é crucial garantir que outras vozes sejam igualmente consideradas, de forma a promover a diferença e as políticas antirracistas.

Os perfis pardo, preto, mestiço, indígena e indígena-cigano representam uma variedade de origens étnicas e culturais. Suas participações destacam a importância de garantir que o Plano Museológico reflita a diversidade étnica e cultural da população, incluindo a história, as tradições, as ancestralidades e as contribuições de cada grupo representado, de forma a criar um ambiente que seja acolhedor e representativo para todas as pessoas.

Ao considerar as perspectivas e necessidades de todos os grupos étnicos envolvidos nessa construção coletiva, o plano museológico pode se tornar mais democratizado e autêntico, promovendo a compreensão intercultural e o respeito mútuo para além do ambiente digital. Essa análise reforça a importância de uma abordagem interseccional e sensível a diversidades na construção do planejamento estratégico e gestão do museu, a fim de proporcionar uma experiência enriquecedora para todas as pessoas.

FAIXA ETÁRIA

Ordem crescente



Diversidade etária no planejamento de um museu virtual:

Os dados revelam uma ampla presença de faixas etárias nas respostas obtidas, com uma concentração significativa de pessoas mais jovens, com menos de 50 anos de idade. Isso sugere a necessidade de considerar a diversidade etária ao planejar exposições e programas educacionais para o ambiente do museu.

Atenção às necessidades dos mais jovens:

Com uma predominância de pessoas na faixa etária de 20 a 30 anos, é importante desenvolver estratégias para envolver ativamente esse grupo demográfico nas ações do MUTHA. Isso pode ser feito via criação de exposições interativas, uso de redes sociais e tecnologias digitais de alcance eficaz.

Inclusão de perspectivas mais maduras:

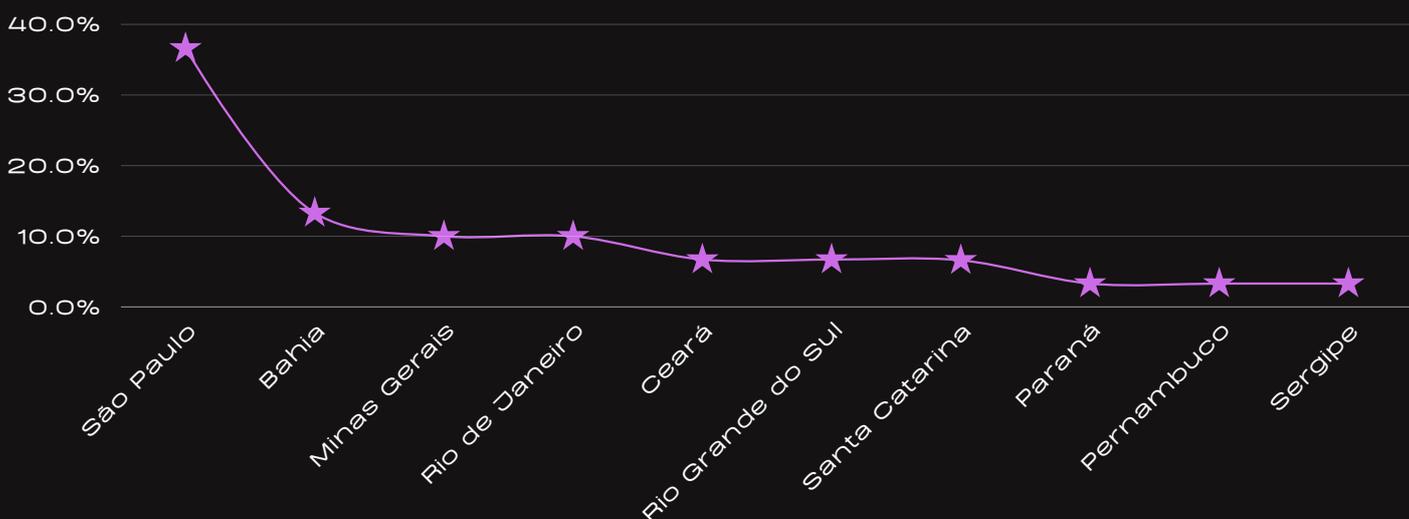
Ao observar uma falta de presença na faixa etária dos 50-60 anos e uma baixa presença de 60-70 anos, os planejamentos do museu devem considerar estratégias específicas para envolver esse grupo demográfico. Isso poderia incluir a criação de eventos e conteúdos educacionais que sejam especialmente atrativos para essas pessoas, usando ferramentas de difusão voltadas para essa população, inclusive presencialmente, se for necessário. Isso pode envolver também a criação de programas que reflitam suas experiências de vida, além de garantir a acessibilidade virtual para esse grupo demográfico.

Em resumo, ao analisar os dados fornecidos no contexto de um museu virtual, é essencial considerar a diversidade etária da amostra e desenvolver estratégias de engajamento que atendam às necessidades e interesses de diferentes grupos demográficos. Isso pode ajudar a garantir que a instituição seja acessível e relevante para uma ampla gama de visitantes online.

ESTADO

30 respostas

Ordem decrescente de presença seguida pela ordem alfabética

**São Paulo: 36,6%**

Tem a maior porcentagem de respostas. Isso sugere que há um alto nível de interesse ou envolvimento desse estado em particular do Sudeste com o MUTHA no desenvolvimento do plano museológico e/ou pode ser justificado pelo fato de que São Paulo seja o estado mais populoso do Brasil. O MUTHA desenvolve hoje a maior parte de seus projetos com fomento no estado de São Paulo.

Bahia: 13,3%

Bahia ficou em segundo lugar, com 13,3% das respostas. Embora seja menor do que São Paulo, ainda representa uma porção significativa das respostas, sendo o estado líder em presença no MUTHA da região Nordeste. O MUTHA já desenvolveu projetos na Bahia, sendo o segundo estado onde o MUTHA mais recebeu fomento para desenvolver projetos. A Bahia é o quarto estado mais populoso do Brasil.

Minas Gerais: 10%

Rio de Janeiro e Minas Gerais estão empatados em terceiro lugar, ambos com 10% das respostas, sendo o Rio de Janeiro o terceiro estado mais populoso do Brasil e Minas Gerais o quarto. Minas Gerais é o terceiro estado onde o MUTHA mais recebeu fomento para desenvolver projetos.

Rio de Janeiro: 10%

O MUTHA não desenvolveu projetos ainda com fomento no Rio de Janeiro, o que sugere um local urgente para o desenvolvimento de projetos, devido à sua populosa e presença no museu.

Ceará: 6,7%**Rio Grande do Sul: 6,7%****Santa Catarina: 6,6%**

Ceará, Rio Grande do Sul e Santa Catarina têm porcentagens semelhantes, variando entre 6,6% e 6,7%. Isso sugere um interesse ou envolvimento moderado nessas regiões. O MUTHA não desenvolveu nenhum projeto nessas regiões, apenas deu palestras no Ceará e Rio Grande do Sul. Aqui, é importante retomar que o MUTHA surge da pesquisa contida no livro *Corpos Transformacionais (2021)* - a pesquisa apresenta a censura do corpo de Habib no espetáculo solo *Sebastian*, que ocorreu em Blumenau (SC), ordenada pela Prefeitura de Gaspar (SC). O estado tem sido apontado por ativistas trans como extremamente transfóbico.

Paraná: 3,3%**Pernambuco: 3,3%****Sergipe: 3,3%**

Paraná, Pernambuco e Sergipe têm as menores porcentagens, cada um com 3,3% das respostas. Isso pode indicar um nível relativamente baixo de envolvimento desses estados na consulta pública.

Outros estados: 0%

No geral, parece haver uma distribuição variada de respostas por estado, com alguns estados mostrando mais interesse ou envolvimento do que outros no desenvolvimento do plano museológico para o museu virtual. Essa análise sugere uma forte representação dos estados mais populosos, como São Paulo e Rio de Janeiro, mas também uma participação significativa de estados como Bahia e Minas Gerais. No entanto, é importante considerar se essa distribuição reflete adequadamente a diversidade cultural e histórica do Brasil, garantindo que os interesses e perspectivas de todas as regiões sejam considerados no plano museológico.

No ato de analisar os dados de alcance de respondentes por região, considerando as porcentagens de resposta por estado, é possível identificar as potencialidades e fragilidades das regiões:

Região Norte

Fragilidades: Devido a falta de dados de alcance de respondentes para os estados da região Norte, Acre (AC), Amapá (AP), Amazonas (AM), Pará (PA), Rondônia (RO), Roraima (RR) e Tocantins (TO), não foi possível identificar potências. A ausência de resposta para os estados da região Norte indica uma lacuna na representatividade dos dados, tornando difícil a avaliação precisa do engajamento nesta região. É preciso criar estratégias de alcance em todo território.

Região Nordeste

Fragilidades: A falta de alcance de respostas para a maioria dos estados do Nordeste, Alagoas (AL), Maranhão (MA), Paraíba (PB), Piauí (PI) e Rio Grande do Norte (RN) dificulta a análise abrangente do engajamento nesta região.

Região Centro-Oeste

Fragilidades: Devido a falta de dados de alcance de respondentes para os estados da região Centro-Oeste não foi possível identificar potências. A ausência de resposta para os estados da região Centro-Oeste indica uma lacuna na representatividade dos dados, tornando difícil a avaliação precisa do engajamento nesta região. É preciso criar estratégias de alcance em todo território.

Região Sudeste

Fragilidades: O estado do Espírito Santo (ES) não possui dados de alcance de respondentes, o que dificulta a compreensão abrangente do alcance de participação nesta região.

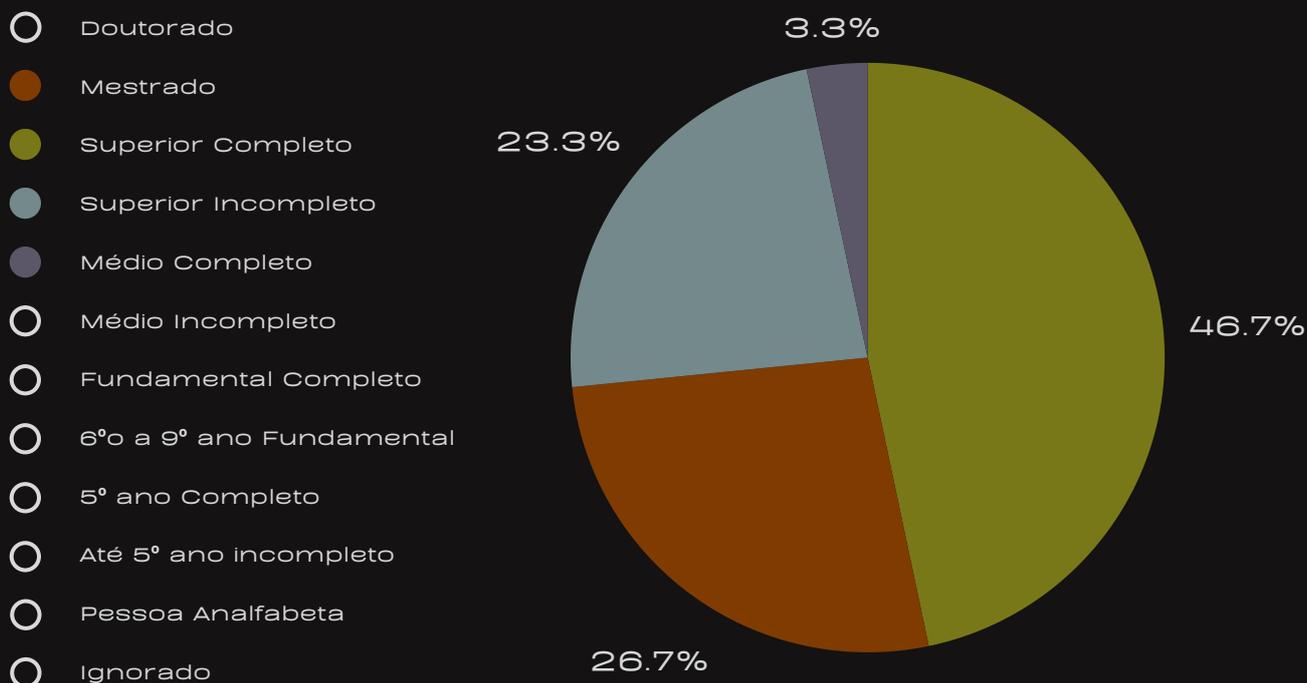
Região Sul

Potencialidades: Foi a única região com contribuições de todos os Estados, indicando um alcance moderado de participação nessa região. A análise nos permite perceber o engajamento nesta região.

Em resumo, a falta de dados de alcance de respondentes para a maioria dos estados das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste dificulta a análise dessas regiões, enquanto a Região Sul e a Região Sudeste, especialmente São Paulo, demonstram um maior engajamento dos respondentes. A análise nos permite identificar a falta de alcance de determinadas regiões, sendo possível na construção do Plano Museológico criar estratégias que objetivem ampliar o alcance para todo o território nacional.

ESCOLARIDADE [PARAMETRO IPEA GOV]

30 respostas



46.7% Superior Completo
Isso sugere um alto interesse e engajamento por parte de pessoas com formação universitária. Pessoas com esse nível de educação podem trazer uma variedade de perspectivas e conhecimentos especializados para a elaboração do plano museológico.

23.3% Superior Incompleto
Embora em menor proporção do que aqueles com ensino superior completo, ainda é significativo o envolvimento de pessoas que estão em processo de educação superior. Essas pessoas participantes podem oferecer indicações baseadas em suas experiências educacionais e perspectivas em desenvolvimento.

26.7% Mestrado
É interessante notar a participação de um grupo significativo de pessoas mestras na consulta pública. Isso pode indicar que pessoas dedicadas à educação e à pesquisa podem contribuir com conhecimentos técnicos especializados na elaboração do plano museológico.

3.3% Médio Completo
A presença mínima de pessoas com ensino médio completo pode indicar que há menos participação de indivíduos com esse nível educacional específico na elaboração do plano museológico, apontando uma área de melhoria para garantir uma representação mais ampla da população.

É importante considerar que essas análises são baseadas nos dados fornecidos e que outros fatores - como idade, gênero, origem étnica e socioeconômica - também podem influenciar a dinâmica da participação na consulta pública. Contudo, com base nos dados fornecidos e na natureza de um museu virtual, podemos inferir algumas relações entre a escolaridade das pessoas consultadas, que mostramos acima, e o uso dos meios digitais, como segue:

Ensino Superior Completo (46,7%) e Mestrado (26,7%)

Pessoas com ensino superior completo e Mestrado provavelmente estão mais familiarizadas e confortáveis com o uso de tecnologias digitais, devido a sua presença em universidades - que usualmente apresentam a exigência da utilização da internet no processo de aprendizagem. Essas pessoas podem ter experiência anterior com a navegação na web, interação em plataformas online e utilização de recursos digitais para aprendizado e pesquisa. Portanto, é razoável supor que esse grupo esteja mais propenso a utilizar os meios digitais para acessar e contribuir com o museu virtual.

Ensino Superior Incompleto (23,3%)

Assim como aquelas pessoas com ensino superior completo, pessoas com ensino superior incompleto também podem ter algum nível de familiaridade com o uso de meios digitais, embora estejam em processo e possam não estar tão confortáveis ou proficientes quanto aquelas com educação mais avançada. Elas podem precisar de suporte adicional para aproveitar totalmente os recursos digitais do museu virtual.

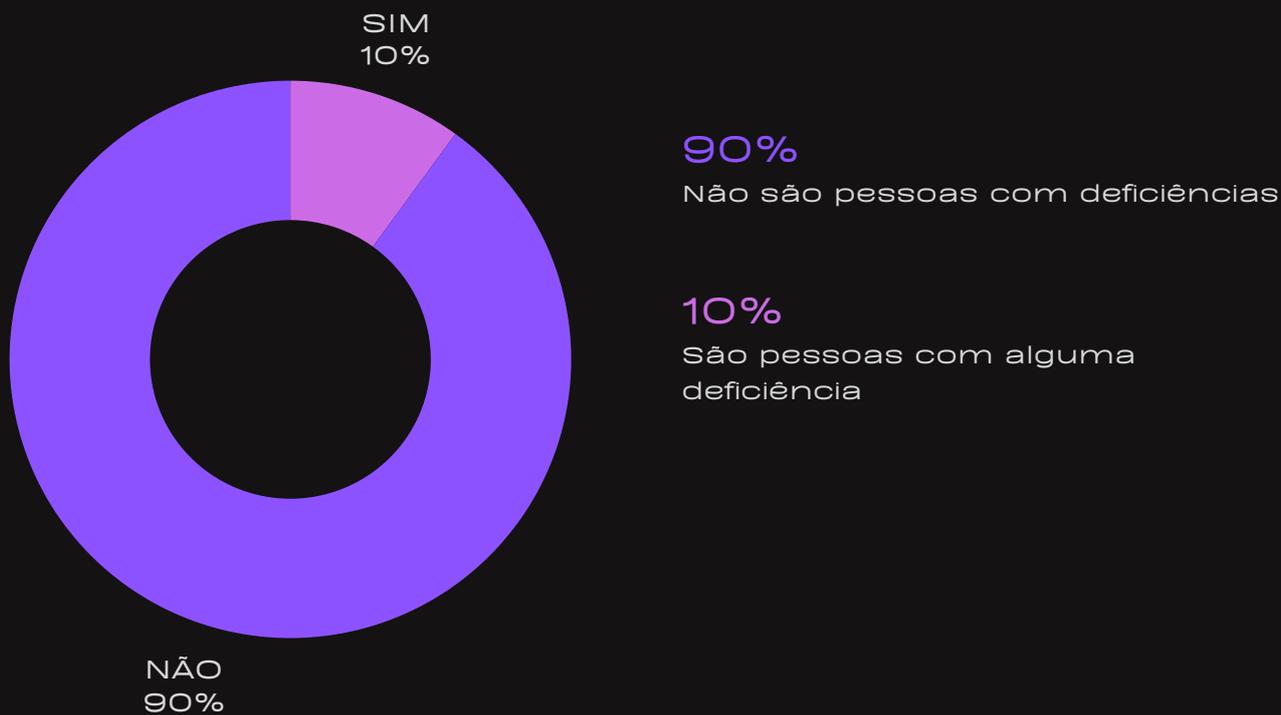
Ensino Médio Completo (3,3%)

O baixo número de pessoas com ensino médio completo na amostra pode indicar uma menor presença de indivíduos com menos exposição ou acesso aos meios digitais. Isso pode ser uma oportunidade para fornecer educação digital ou programas de inclusão digital para garantir que essas pessoas também possam se beneficiar do museu.

Contudo, tais relações são apenas indicações, visto que é possível encontrar pessoas de baixo grau de escolaridade com alta proficiência em utilização das tecnologias digitais. Em suma, a relação entre a escolaridade das pessoas consultadas e o uso dos meios digitais pode estar intrinsecamente ligada ao nível de familiaridade, experiência e acesso a tecnologias digitais, mas não determina suas experiências completamente. A compreensão dessas relações pode informar estratégias de design, comunicação e engajamento para garantir uma participação significativa no contexto de um museu virtual para variados níveis de experiência.

DEFICIÊNCIA

30 respostas



Se respondeu SIM em deficiência e quiser elaborar, qual?

1 - Tenho uma deficiência invisível, porém ainda não classificada oficialmente como deficiência.

2 - Autismo nível 1

3 - TEA/Apraxia motora

4 - Eu tenho transtorno do espectro autista [TEA], altas habilidades ou superdotação [AHSD] e uma degeneração precoce dos músculos e ossos da coluna.

Ao analisar os dados fornecidos dentro do contexto de um museu virtual, é essencial considerar como esses indicativos podem informar o design, a operação e a missão do museu, garantindo que ele seja acessível e relevante para todas as pessoas visitantes. As estratégias de acessibilidade podem ser direcionadas para o ambiente digital. Aqui estão algumas considerações adicionais levando em conta esse contexto:

Acessibilidade Digital: É crucial garantir que o museu virtual seja acessível a todas as pessoas. Isso pode incluir a implementação de recursos como legendas em vídeos, libras, descrições alternativas para imagens, navegação simplificada e compatibilidade com tecnologias assistivas. Para indivíduos com deficiências visuais, é crucial garantir que o museu virtual seja compatível com leitores de tela, tenha contraste adequado e seja navegável por meio de teclado. Para pessoas com deficiência auditiva, legendas em vídeos e transcrições de áudio são essenciais para garantir a compreensão do conteúdo. Ferramentas para aumentar o tamanho da fonte textual e opções de personalização de contraste podem beneficiar aqueles com baixa visão ou dificuldades de leitura.

Experiência do usuário centrada na acessibilidade: O design do museu virtual deve ser pensado de forma a garantir uma experiência de usuário fluida, considerando as necessidades específicas das pessoas com deficiência. Isso pode envolver a realização de testes de usabilidade com pessoas com diferentes habilidades e a realização de ajustes com base no *feedback* recebido.

Navegação Intuitiva: Uma interface simples e intuitiva é fundamental para garantir que todos os visitantes possam navegar facilmente pelo museu virtual. Isso inclui menus fáceis, links bem rotulados e uma estrutura de navegação lógica.

Valorização de diferentes perspectivas e experiências: É importante que o museu virtual reflita uma ampla gama de experiências e perspectivas. Isso pode ser feito por meio da implementação de narrativas e conteúdos que abordem as experiências de pessoas com deficiência, bem como por meio da contratação de pessoas colaboradoras com diferentes experiências para contribuir com o desenvolvimento do museu.

Flexibilidade de Interatividade: Considerando as diferentes necessidades das pessoas visitantes, oferecer opções de interatividade flexíveis pode ser benéfico. Por exemplo, permitir que as pessoas usuárias escolham entre texto, áudio ou vídeo para acessar informações sobre exposições e acervos.

Adaptações para Diferentes Dispositivos: O museu virtual deve ser otimizado para funcionar em uma variedade de dispositivos, incluindo computadores, *tablets* e *smartphones*. Isso garante que se possa acessar o conteúdo de onde as pessoas estiverem, utilizando os dispositivos que melhor atendam às suas necessidades.

Educação e sensibilização: O museu virtual pode desempenhar um papel importante na educação do público sobre questões relacionadas à deficiência, promovendo a sensibilização e o entendimento. Isso pode ser feito por meio da criação de exposições e programas educacionais que abordem temas como acessibilidade.

Testes de Usuário: Realizar testes de usabilidade com pessoas com deficiências, para identificar e corrigir quaisquer barreiras de acessibilidade no MUTHA.

Ao considerar esses aspectos específicos do ambiente digital, o museu virtual pode oferecer uma experiência equitativa, democrática e acessível para todas as pessoas visitantes.

Conclusão

A análise detalhada aqui disposta, do perfil dos públicos que participaram da consulta online para o desenvolvimento do primeiro plano museológico do MUTHA revela uma rica diversidade de gêneros, raça-etnias, faixas etárias e deficiências, o que demonstra o potencial do museu para servir como um espaço de expressão e aprendizado para uma ampla gama de comunidades. Verificando todas as potencialidades e fragilidades advindas do conhecimento sobre o público do museu, percebe-se a necessidade de implementação de estratégias de ampliação do alcance etário e regional, aumento de populações indígenas, melhoria na acessibilidade e acesso às tecnologias digitais, dentre outras que fortaleçam seu compromisso com a equidade cultural e social. Esta análise de dados dos perfis, servem como um guia importante para colaborar com a construção de um museu diverso, potente e acolhedor.

1.7.2 Visitação

Em relação à visitação, é importante reafirmar que o MUTHA está há quatro anos aberto ao público e é um museu nato digital. Portanto, sua visitação será analisada em termos de seus espaços arquitetônicos cujas fontes são: 1) o website e todos os seus subdomínios; 2) sua arquitetura expandida - redes sociais.

Em relação ao website, nesse período, o museu não contou com recurso de produção de dados de visitação, tal que a tarefa de instalar o plugin e configurar não foi o escopo de nenhum projeto anterior. Os projetos anteriores de Arquitetura Digital tinham foco na criação base para o site - com intuito de realização de duas exposições, criação do Arquivo Histórico em subdomínio e ajustes de layout. Como o museu trabalha por projetos, as tarefas de cada projeto são realizadas mediante seleção

em editais, o que torna a expansão fruto de certa fortuidade. A fortuidade dificulta a realização de procedimentos de manutenção mais cotidianos, como os de produção de dados sobre a instituição.

Em relação à arquitetura expandida, temos os seguintes dados quantitativos de público:

a) Instagram

No Instagram, nossa principal mídia social, temos o acompanhamento de “seguidores” do Instagram, na planilha a seguir:

Quadro 1 – Número de seguidores do Instagram do MUTHA

Ano	Número de pessoas seguidores
2020	4000 pessoas
2021	7000 pessoas
2022	8000 pessoas
2023	11000 pessoas
2024	14500 pessoas
Total	14500 pessoas

Fonte: Página do Instagram do MUTHA (<https://www.instagram.com/muthabrasil/>).

Ainda no Instagram, temos os seguintes dados de pessoas seguidoras disponíveis, referentes ao período dos últimos 90 dias que antecederam 17 de abril de 2024:

Distribuição por Cidades

Cidade	Percentual
São Paulo	23,3%
Rio de Janeiro	8,4%
Belo Horizonte	4,9%
Porto Alegre	3,5%
Salvador	3,3%

Distribuição por Países

País	Percentual
Brasil	91,1%
Estados Unidos	2%
Portugal	1,2%
Argentina	0,7%
Reino Unido	0,5%

Distribuição por Faixa Etária

Faixa Etária	Percentual
13 a 17	0,3%
18 a 24	15,7%
25 a 34	49,8%
35 a 44	22,4%
45 a 54	7,7%
55 a 64	2,6%
65+	1,2%

Distribuição por Gênero

Gênero	Percentual
Mulheres	57,4%
Homens	42,5%

Ainda no Instagram, temos os seguintes dados de alcance de publicações disponíveis, referentes ao período dos últimos 30 dias que antecedem 17 de abril de 2024:

Alcance e Seguidores

Métrica	Quantidade
Contas Alcançadas	20.963
Anúncios	22,3
Seguidores	6.376
Não Seguidores	14.500
Impressões	48.824

Tipo de Conteúdo por Não Seguidores

Tipo de Conteúdo	Quantidade
Publicações	11.000
Reels	1.026
Stories	71
Vídeos	7

Tipo de Conteúdo por Seguidores

Tipo de Conteúdo	Quantidade
Publicações	8.885
Reels	497
Stories	556
Vídeos	2

Principais Cidades

Cidade	Percentual
Belo Horizonte	20,1%
São Paulo	17,8%
Rio de Janeiro	7,9%
Salvador	3,9%

Principais Países

País	Percentual
Brasil	96%
Alemanha	0,9%
Portugal	0,8%
Estados Unidos	0,2%

Principais Faixas Etárias

Faixa Etária	Percentual
25 a 34	55,9%
18 a 24	20,9%
35 a 44	20,9%
45 a 54	3,3%

Gênero

Gênero	Percentual
Mulheres	57,9%
Homens	42%

Atividade do Perfil

Atividade	Quantidade
Atividade Total	2.253
Visitas ao Perfil	2.159
Toques em Links Externos	94

Ainda no Instagram, temos os seguintes dados de alcance disponíveis, referentes ao período dos últimos 90 dias que antecedem 17 de abril de 2024:

Alcance e Seguidores

Métrica	Quantidade
Contas Alcançadas	34.990
Anúncios	34,6%
Seguidores	8.415
Não Seguidores	26.500
Impressões	119.361

Tipo de Conteúdo por Não Seguidores

Tipo de Conteúdo	Quantidade
Publicações	11.700
Reels	1.247
Stories	145
Vídeos	48

Tipo de Conteúdo por Seguidores

Tipo de Conteúdo	Quantidade
Publicações	13.600
Reels	844
Stories	1.295
Vídeos	69

Atividade do Perfil

Atividade	Quantidade
Atividade Total	6.924
Visitas ao Perfil	6.521
Toques em Links Externos	403

b) Outras mídias

Nas outras mídias, que são menores e quase não monitoradas por falta de equipe, temos, em 17 de abril de 2024:

X (Twitter): 422 Seguidores

TikTok: 125 Seguidores e 146 Curtidas

LinkedIn (Página provisória): 3 Seguidores

Conclusão

O Museu Transgênero de História e Arte demonstrou crescimento no número de seguidores no Instagram de 2020 (ano de abertura da conta do Instagram) a 2024, com um aumento considerável de 0 para 14.500 seguidores. Esse crescimento notável demonstra um interesse crescente e uma maior visibilidade das questões de gênero e valorização da arte e das transgeneridades, e é possivelmente impulsionado por estratégias de marketing digital eficazes do MUTHA e também pela relevância crescente dos temas do museu na sociedade.

Os dados geográficos e demográficos dos últimos 90 dias indicam que a maioria das pessoas seguidoras está no Brasil, com o destaque das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que podem ser ditas como principais pontos de engajamento. Isso sugere que o museu virtual tem sido, particularmente nesta região, eficaz em alcançar e envolver o público nessas áreas, embora haja uma oportunidade nítida de expandir sua presença e influência em outros estados brasileiros e também nos mercados internacionais, onde a participação ainda é modesta.

A faixa etária predominante entre as pessoas seguidoras, de acordo com os dados dispostos, é de 25 a 34 anos, o que indica que o conteúdo do museu repercute fortemente em um público jovem e mais engajado nas redes sociais. Com uma maioria de pessoas seguidoras mulheres (57,4%), é possível que as exposições e as iniciativas do museu estejam especialmente alinhadas com os interesses e preocupações desse grupo demográfico, reforçando a importância de continuar a desenvolver conteúdos que dialoguem com essas pessoas e criando estratégias que englobam outras identidades de gênero a audiência. É importante salientar que os dados do Instagram só consideram os gêneros “Mulher” e “Homem”.

Ao analisar o alcance das publicações do museu nos últimos 30 dias, nota-se que a maior parte do engajamento vem de pessoas não seguidoras, o que destaca a capacidade do museu de atrair um público ainda mais amplo além de sua base atual. Ainda que essas pessoas não tenham seguido o perfil para efetuar um engajamento mais cotidiano, elas conhecem o museu, tendo acessado ele ao menos uma vez. Essa é uma oportunidade para elaborar estratégias focadas em converter essas pessoas visitantes casuais em pessoas seguidoras regulares, ampliando o apoio à missão educativa e de preservação do MUTHA.

Em contraste, as outras plataformas de mídia social como X (Twitter), TikTok e LinkedIn apresentam envolvimento significativamente menor, sugerindo que o foco no Instagram tem sido mais frutífero ou, ainda, mais utilizado para divulgação e comunicação. No entanto, uma abordagem mais balanceada e constante poderia ajudar a expandir ainda mais o alcance do museu, aproveitando cada particularidade das plataformas de acordo com suas características e o tipo de público que cada uma atrai. Sobre o Instagram, cabem indicações de direções estratégicas e valiosas para futuras iniciativas de marketing, engajamento, divulgação e comunicação com o público, reforçando a importância de adaptar o conteúdo às necessidades e interesses das pessoas de seu público e buscar novas formas e ferramentas de expandir sua influência cultural e social.

1.8 Arquitetura Digital

O MUTHA é um espaço nato digital, portanto sua descrição física, espaços e capacidades serão analisados em suas instâncias digitais.

Domínio principal - mutha.com.br

É a arquitetura principal do site, ponto de chegada dos visitantes do Museu.

- **Início**

É a homepage do MUTHA;

- **Sobre**

Página institucional, baseada em textos longos e imagens;

- **Galeria**

Apresenta as exposições pregressas do MUTHA, vinculadas a editais de fomento culturais;

- **Arquivos**

Organiza os arquivos histórico e artístico do MUTHA. Enquanto o arquivo histórico possui seu próprio subdomínio e endereço { ah.mutha.com.br }, o arquivo artístico foi desenvolvido no espaço arquitetônico do site principal { mutha.com.br/arquivo-artistico/ };

- **Contato**

Página com informações de contato;

- **Loja**

A página existe, mas está vazia. Sua estrutura não foi desenvolvida.

Subdomínio - ah.mutha.com.br

É a ramificação do domínio principal, voltada particularmente para o arquivo histórico.

- **Início**

Apresenta as coleções e ferramentas de navegação no site do AH MUTHA;

- **Sobre**

Página institucional sobre o Arquivo Histórico;

- **Diretrizes**

Trata-se de um arquivo em PDF, vinculado como página no menu principal, estabelecendo as diretrizes que orientaram a criação do Arquivo Histórico;

- **Acervo Digital**

Apresenta os tipos de acervo do MUTHA;

- **Educação**

Elenca as atividades pregressas do MUTHA no plano educacional;

- **Produção, Preservação e Difusão Histórica**

Descreve as atividades do programa;

- **Doe para o AHMUTHA**

Link do menu que redireciona para um formulário de doação;

- **Contato**

Redireciona para a página de contato do site principal;

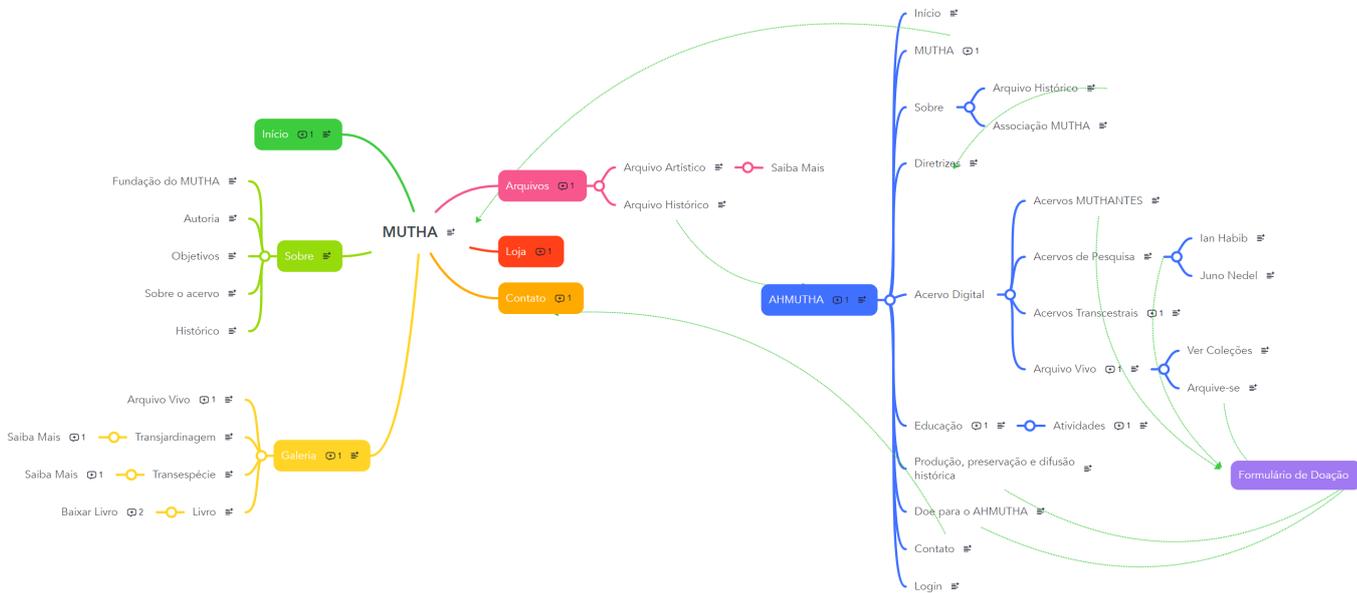
- **Login**

Página de acesso restrito do site. Criada para possibilitar acesso controlado aos itens sensíveis do Arquivo Histórico.

Já a arquitetura digital expandida do MUTHA é hoje sua principal rede social, o Instagram, disponível em { [instagram.com/muthabrasil](https://www.instagram.com/muthabrasil) }, onde algumas de suas atividades são difundidas ao público. Essa rede social é outro dos principais pontos de chegada de visitantes ao museu. Podemos pensar nela como um outro prédio individual dedicado a difundir conteúdos do museu como um todo. Porém, o Instagram do museu, por falta de recursos para atualização do website, acabou hospedando algumas das atividades do museu como locus principal de realização. Além do Instagram, o MUTHA tem hoje o LinkedIn, Tiktok, Facebook e X (Twitter), com menor utilização. Em relação à difusão de seu acervo, o MUTHA utiliza a plataforma de repositório digital Tainacan, aproximando públicos e não públicos com diferentes intencionalidades ao conteúdo de seus objetos musealizados.

Figura 8 – Mapa de navegação do site do MUTHA

Fonte: MUTHA (<https://mutha.com.br/>) e AHMUTHA (<https://ah.mutha.com.br>)





SEGUNDA

TRANSIÇÃO:

PLANEJAMENTO CONCEITUAL

2.1 Museu-Obra de Arte

O planejamento conceitual do MUTHA está contido no livro *Corpos Transformacionais*, de Habib (2021a), obra que reúne variadas poéticas e políticas das transformações corporais nas artes da cena. Todo o trabalho conceitual do livro é considerado como o planejamento conceitual do MUTHA. Além dessa produção:

O MUTHA começa nos perguntando: o que é um museu? O MUTHA, como obra de arte, objetiva fissurar os limites entre museu e obra de arte, partindo de uma perspectiva *transformacional, performativa e fabulativa* no que diz respeito aos seus campos conceituais, materiais e estéticos. A perspectiva *transformacional* apresenta como foco a transmutação, explorando as transformações corporais e as alterações em estados das matérias. A *performativa* nos apresenta um museu como performance, ou seja, explorado em sua dimensão de ação. A *fabulativa* é um convite para a produção de novos corpos e mundos. Mas o que significa um museu que é a própria obra de arte? Significa um museu que vai além do conceito de museu como espaço de apresentação, exposição, salvaguarda e testemunho de obras de arte e outros elementos patrimoniais culturais de uma sociedade. Mas se o espaço em que se apresenta a obra é a obra em si mesma, temos um processo autopoietico – uma criação de si ao se presenciar criando, isto é, um tornar-se o que se é ao se tornar seu próprio objeto estético – e um processo metamuseológico – em que há um questionamento da própria ontologia do museu ou das circunstâncias de sua performance, como, por exemplo, um museu dentro de um museu ou o questionamento dos limites entre humano e não-humano, homem e mulher, arquivo e acervo, obra de arte e museu, corpo e alma, real e ficcional, dentro e fora, num evento museal. (HABIB, 2023, grifos nossos)

Essa perspectiva se dá nas obras de arte que são o próprio museu e nas produções do museu - artes digitais, instalações, dentre outras. Ainda sobre os campos conceituais do MUTHA:

O MUTHA se baseia em dois conceitos principais que expressam sua trans-epistemologia e concepção de tempo-história: transespécie e transtemporalidade (HABIB, 2021a). O primeiro conceito deseja movimentar o limite da espécie e indicar o que está além-espécie como possibilidade de criação de novas corporeidades e cosmologias. Cruzar espécies é um procedimento de cura e de curadoria que indica que “a transformação corporal é uma prece para a sobrevivência” (HABIB, 2021a, p.17). O acrônimo MUTHA, nessa perspectiva, ganha o significado de mutação, signo que pode ser percebido nos seres transespécie que se encontram ao longo do Museu, tal qual o ser que compõe seu logotipo. São monstros, criaturas mitológicas, divindades, aliens, feras, quimeras, espíritos, fantasmas, entes invisíveis, figuras arqueológicas, dentre muitas outras. Essas figuras são esculturas denominadas esculturas transespécies, e compõem ambientes museológicos fabulativos e performativos, nos quais a criação de obras não é diferente

da fruição. Trans, aqui, como prefixo, quer dizer movimento, de um lado para outro, através de, ao longo de — quando se fala transespécie, procura-se, portanto, designar um conjunto de seres não apenas criados para compor uma identidade visual, mas também porque se entende o MUTHA como um museu que também é uma obra artística. O segundo conceito nos remete a um entendimento de tempo próprio de uma epistemologia da comunidade trans, nomeada por Habib como as transtemporalidades (HABIB, 2021a). Neste caso, exatamente como o prefixo trans ali indica, cria-se uma referência às viagens temporais: “Isso significa que o tempo não é uma coisa só, isto é, os tempos são diferenciais, e através deles há movimentos corpoespaciais.” (HABIB, 2021a:192). Nessa perspectiva, as transtemporalidades “são as infinitas temporalidades da transformação corporal, em que diferentes movimentos temporais agem diferencialmente sobre matérias.” (HABIB, 2021a: 193). Este entendimento temporal afeta a percepção da História e defende que as dissidências e diversidades de gênero sempre existiram e sempre existirão, ainda que diferencialmente. Transtemporalidades, como tempografias trans, são cruzadoras temporais. (BOITA et al., 2022, p. 22)

Alguns dos conceitos do MUTHA podem ser, então, citados: transespécie, transmonstruosidade, transtemporalidades, corpos transformacionais, transformação corporal, transoperatividade, dentre outros (HABIB, 2021a).

2.2 Museu-Ferramenta de Produção de Arquivos e Acervos

O Museu Transgênero de História e Arte, além de ser Museu-Obra de Arte, é um conjunto de ferramentas de produção híbrida entre arquivos e acervos, que são construídos em torno da memória, da produção de dados e da valorização e empregabilidade cultural da população corpo e gênero variante brasileira. Hoje temos três ferramentas de formação de arquivos, o Arquivo Artístico de Dados (AAD), que é um banco para empregabilidade cultural; o Acervo Digital, que fica no Arquivo Histórico, e utiliza o Tainacan para cadastramento de itens; e os Acervos de Pesquisa, que são bancos de difusão científica, também do Arquivo Histórico.

2.3 Missão

Segundo Habib (2020), o Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) tem a missão de ser uma obra artística e um conjunto de tecnologias transformacionais que visam à preservação, pesquisa,

fruição e produção de acervos e arquivos para a memória, produção de dados e valorização e empregabilidade cultural da população corpo e gênero variante brasileira, almejando contribuir para o desenvolvimento sociocultural e para a promoção da dignidade, da acessibilidade e do respeito à variabilidade de corpos e gêneros, bem como colaborar com elaborações educacionais nas áreas de museologia, arte, história, ciências biológicas, médicas e jurídicas.

2.4 Visão

Ser uma referência nacional para estudos e reflexões sobre a história e as artes corpo e gênero variantes do Brasil e além.

2.5 Valores

O Museu Transgênero de História e Arte deseja transformar ações acerca das desigualdades de gênero que atravessam passado, presente e futuro. Para tal, seu campo de ação tem como princípios os seguintes valores: Transformação, Experimentação, Empregabilidade, Ética Não-Binária, Transcentralidade, Coexistência, Criação De Redes, Sustentabilidade, Acessibilidade, Autonomia, Colaboração, Ação Continuada.

2.6 Propósitos

Segundo Habib (2021a), o propósito do MUTHA está fundado em seu próprio nome: potencializar a *transmuthação* de seres e mundos. As poéticas e políticas da transformação não se dão em linha reta, nem podem ser circunscritas em um espaço/tempo homogêneo, fixo, estável e precisamente delimitado. Pessoas corpo e gênero variantes existem em todos os tempos e espaços. A transformação é um movimento incessante, insistente e perpétuo que ocorre em rede. Nós, quando nos transformamos, simultaneamente transformamos você e o mundo - e vice-versa. Tudo que o MUTHA produz, ou seja, todas as suas atividades, condizem com esse propósito.

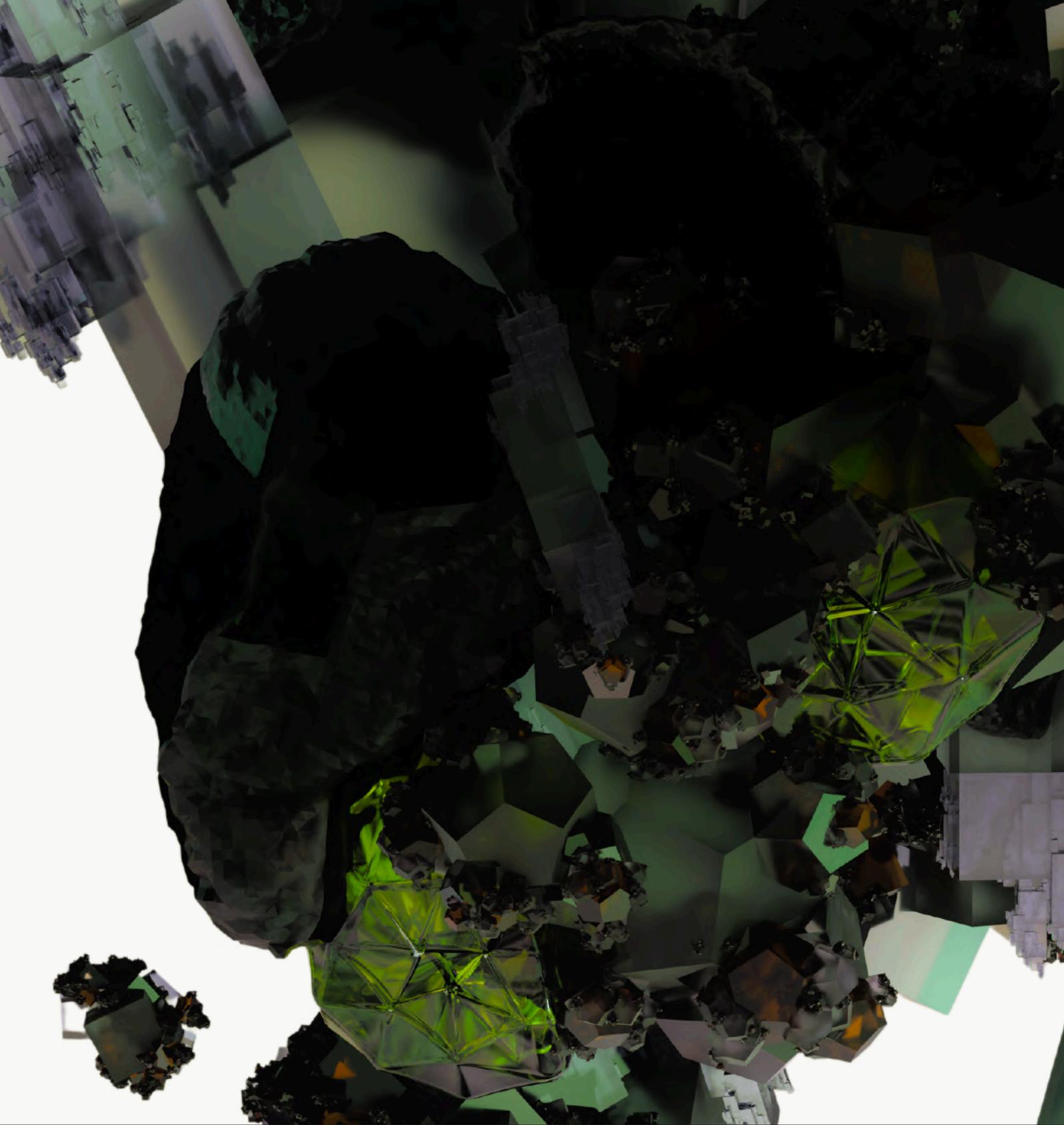
2.7 Objetivos

Segundo Habib (2020), o objetivo geral do MUTHA é produzir ações - para preservação, pesquisa, fruição - acervos e arquivos para a história e memória social, assim como produzir dados e empregabilidade cultural da população corpo e gênero variante brasileira.

Ainda segundo Habib (2023), em seus objetivos específicos, temos que, *como obra de arte*, em sua perspectiva *transformacional*, o MUTHA objetiva investigar e valorizar a potencialização da transformação corporal como poética e política de criação cultural. A perspectiva *performativa* visa investigar o museu como performance, em suas múltiplas dimensões. Em sua perspectiva *fabulativa*, o museu objetiva a produção de novos corpos e mundos.

Como *conjunto de tecnologias de formação de acervos e arquivos*, o MUTHA objetiva:

- Criar incentivos, ferramentas e alternativas à produção de dados sobre violências cotidianas às vivências corpo e gênero variantes no/do Brasil e além, pretendendo sugerir caminhos artísticos, educativos, políticos e sociais alternativos;
- Investir em escritas históricas de processos que foram apagados desde o período colonial, suprimidos pela ditadura brasileira em outras configurações e perduram como tentativas de extermínio até os tempos atuais;
- Produzir e presentificar memórias, coletando: experiências corpo e gênero variantes e/ou vivências de comunidades e grupos onde essas pessoas vivem/viveram ou estão/ estiveram, como memórias sobre artistas, ativistas e outras pessoas membras de seu grupo social, vivas, falecidas ou assassinadas; aspectos da história dos movimentos político-sociais, ações coletivas e modos de vida comunitários corpo e gênero variantes; debates em perspectivas anti-coloniais, étnico-raciais e transfeministas;
- Produzir eventos e suportes para debates sobre diversidade de gênero e suas interseccionalidades, como processos étnico-raciais, deficiência, classe, sexualidade e outros;
- Disputar omissões, invisibilidades e destruições de arquivo;
- Investir na criação de arquivos e acervos brasileiros sobre História e Arte corpo e gênero variante;
- Valorizar memórias e produções artísticas dessas existências, que não são ainda reconhecidas e visibilizados em espaços de produção cultural;
- Discutir transontocosmoepistemologias nas artes;
- Fomentar novos modos de vida em paisagens em ruína;
- Celebrar a imaginação;
- Destruir, por vezes, o que for preciso;
- Criar paisagens radicais para outros futuros. (HABIB, 2020)



TERCEIRA

TRANSIÇÃO:

DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL

3.1 Dados e Percepções sobre o Museu e Seu Momento Atual

O diagnóstico desta instituição foi construído de forma colaborativa, com ampla participação da sociedade civil e com a equipe institucional. Envolveu o exercício da escuta ativa e do diálogo, tendo como objetivo diagnosticar - através de identificação, mapeamento e compreensão das forças, oportunidades, fraquezas - as principais ameaças atuais que compõem o campo de atuação do Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA). Para isso, buscou-se sistematizar e organizar as demandas apresentadas nos processos de escuta, que foram priorizados visando o fortalecimento da instituição por meio de uma gestão museológica eficiente, transparente e eficaz do museu, bem como mapear e reconhecer expectativas e significados atribuídos à instituição museal.

As escutas ampliadas, objetivando a participação plural e diversificada, tanto de pessoas que atuam cotidianamente com o MUTHA quanto daquelas que frequentam/acessam ou não a instituição, possibilitaram conhecer uma série de visões, relações, vivências, desejos, problemas e anseios em relação à atuação do museu. Para isso, foram utilizadas ferramentas metodológicas de escuta ativa, pelas quais as pessoas puderam se manifestar no formato virtual via formulários online, rodas de conversa, visitas técnicas pela arquitetura digital da instituição museal e pesquisa documental.

Entender a visão que colaboradores institucionais, públicos e não públicos têm de um Plano Museológico como ferramenta de gestão estratégica dos museus, além de identificar suas expectativas, demandas e adaptações relacionadas a esse momento de revisão e construção, faz parte do diagnóstico situacional. O Plano foi diagnosticado como necessidade em 2022, momento de realização do primeiro diagnóstico institucional para a implementação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA), sendo tema central de diversos diálogos a partir de janeiro de 2024.

A sua concepção buscou conhecer as realidades, viabilidades, anseios, sonhos, possibilidades e readaptações relacionados ao conteúdo, formato, papel do planejamento estratégico museológico e das orientações

instruídas pelo Estatuto de Museus instituído pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) referentes a elaboração de planos museológicos. Além deste documento normativo, seguimos outras bibliografias como o documento *Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos*¹⁹, publicado em 2014.

Dentre as perspectivas manifestadas, destacam-se a necessidade de compreensão do desenvolvimento institucional, o desejo de estruturação e fortificação contínua da gestão museal do equipamento, a localização das prioridades para a manutenção da saúde institucional e o mapeamento das demandas da sociedade civil e suas organizações em relação ao museu.

Um dos temas de maior atenção no diagnóstico foi a estruturação e a expansão da arquitetura digital do MUTHA. Devido às visitas técnicas e a avaliação da equipe institucional, foi gerado um Diagnóstico Situacional de Arquitetura Digital. Este documento levantou aspectos que caracterizam o equipamento museal, como a sua natureza, a gestão dos acervos e a criação dos programas, projetos e atividades museológicas. A arquitetura digital do MUTHA, assim como o modo com que seus programas se expandiram ao longo do tempo, não podem ser analisados à parte das condições históricas, políticas e materiais que propiciaram a sua construção.

Até agora, a expansão da estrutura do MUTHA no ambiente virtual aconteceu de forma modular, com a construção realizada em pequenos blocos. Por exemplo, um projeto adicionou uma página, outro projeto adicionou outras páginas, e assim por diante. Isso muitas vezes resultou em um museu com muitas salas vazias ou, em alguns casos, salas redundantes. Isso porque a institucionalização e a expansão do museu dependem diretamente da existência de editais de fomento à cultura, sejam eles municipais, estaduais ou nacionais. A quantidade de verba disponível em cada um desses fomentos está atrelada às diretrizes políticas e orçamentárias de cada gestão competente. Os critérios para

19 INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Subsídios para a elaboração de Planos Museológicos. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/guias-e-manuais/subsidios-para-a-elaboracao-de-planos-museologicos/view>. Acesso em: 1 jun. 2024.

qualificação de projetos, assim como as contrapartidas exigidas, também variam conforme cada gestão.

Nesse sentido, a ausência de recursos financeiros de modo continuado, atrelada à dependência orçamentária dos editais de fomento à cultura, criou obstáculos para o desenvolvimento institucional e subseqüentemente prejudicou o cumprimento de integral de sua função social perante a sociedade civil. Cabe ressaltar que os editais de fomento à cultura possuem uma lógica temporal própria, geralmente atrelada a ciclos de 6 (seis) ou 12 (doze) meses. Tais ciclos de financiamento e prestação de contas não necessariamente correspondem aos ciclos de transformação e obsolescência digital, notadamente acelerados, que impactam estruturalmente a arquitetura do MUTHA. No entanto, mesmo com todas essas dificuldades e necessidades de aperfeiçoamento que requerem mais fomento, o MUTHA permanece desenvolvendo suas atividades com excelência.

Diante do exposto, ressalta-se que as tecnologias digitais utilizadas para o desenvolvimento da arquitetura do museu são dinâmicas e possuem uma transformação acelerada. Elas tornam-se obsoletas diariamente e para acompanhá-las é necessário financiamento constante para manutenção e execução das atividades que são realizadas majoritariamente no ambiente virtual.

O MUTHA foi desenvolvido em Wordpress, um gerenciador de conteúdo, usualmente chamado de CMS (*Content Management System*), livre e de código aberto, baseado em PHP, com banco de dados MySQL. A escolha pelo Wordpress foi fundamentada pela sua adesão (em julho de 2024, 43.2% de todos os sites da internet usam Wordpress²⁰) e flexibilidade, podendo ser adaptado a inúmeros projetos com finalidades distintas. Além disso, Wordpress promove um suporte multimídia, atualizando-se constantemente para abarcar novas formas de produção e compartilhamento de conteúdo, não menos importante é sua interlocução com as redes sociais. Nesse caso, a capacidade adaptativa do Wordpress, e também a sua usabilidade relativamente mais simples em relação a outros

20 Fonte: W3Techs. Disponível em <https://w3techs.com/technologies/details/cm-wordpress>. Acesso em: 30 jul. 2024.

gerenciadores de conteúdo foram diferenciais para o desenvolvimento do museu.

A operação interna do museu também evidenciou que se, por um lado, a escassez de fomentos culturais e a temporalidade descompassada dos editais frente ao ritmo de atualização digital impuseram limitações estruturais à arquitetura do site, por outro, o ambiente digital do MUTHA já foi desenvolvido, desde o princípio, levando em conta a escalabilidade – isto é, a capacidade de sustentar e melhorar o seu desempenho ao longo do tempo, ainda que a um ritmo módico, buscando enfrentar essa fragilidade.

Percebe-se, entretanto, que o horizonte de expectativa do museu quanto à sua expansão é que, eventualmente, a janela de oportunidades e os ciclos de execução de fomentos culturais contínuos se sincronizem com as demandas técnicas e tecnológicas dos museus digitais, como o MUTHA. Também espera-se que haja uma ampliação de fontes de financiamento, possibilitando que o museu não mais dependa de editais de fomento esporádicos.

O domínio principal, disponível em { <https://mutha.com.br/> }, é onde foi desenvolvida a arquitetura principal do MUTHA, a partir do CMS Wordpress. Atualmente, é neste domínio que estão contidas as páginas institucionais, o Arquivo Artístico de Dados (AAD), as galerias de exposições e a página de contato. Recordemos novamente que estas páginas se expandiram condicionadas à existência de editais de fomento culturais, devendo, portanto, permanecer inalteradas até a finalização do devido prazo de prestação de contas de cada edital. O subdomínio { ah.mutha.com.br } hospeda o Arquivo Histórico do MUTHA. Um subdomínio é uma ramificação do domínio principal, feita especialmente quando é necessário separar um conteúdo extenso do site principal ou quando esse conteúdo demanda um sistema de gerenciamento ou design específico. Este é o caso do AHMUTHA, que utiliza o Tainacan, um plugin de código aberto do WordPress, voltado para a difusão de acervos musealizados.

É por conta do financiamento que recebemos para construir o AHMUTHA que o PPPDH e o PED surgiram dentro do AHMUTHA e não do MUTHA. O Programa de Produção, Preservação e Difusão Histórica (PPPDH) foi inicialmente pensado para abranger os processos relacionados

ao que hoje entendemos como procedimento e tratamento museológico. Contudo à época existia a divisão de tratamento por temática de acervo, o que atribuía a responsabilidade pelo tratamento do Arquivo Histórico ao PPPDH. Com o desenvolvimento do Plano museológico, as funções desenvolvidas pelo PPPDH serão integradas ao Programa de Acervos de todo o MUTHA e ficarão sob responsabilidade da equipe de museologia, setor que deixará de existir nesse momento. Assim como o Programa de Educação PED, que antes pertencia apenas ao AHMUTHA, e agora tem seus projetos e ações centralizadas no Programa de Educação Sociocultural do museu.

A criação do AHMUTHA em um subdomínio, em vez de ocupar o domínio principal, é fruto de uma projeção sobre os riscos de um conflito futuro entre aplicações e o possível colapso do site, com a expectativa de sua ampliação. Se colocássemos a reserva técnica toda no domínio principal, os riscos de conflito entre aplicações seriam bem altos. Nesse sentido, o desenvolvimento do AHMUTHA em um subdomínio também nos trouxe liberdade para reorganizar a reserva técnica digital do zero, sem que isso gerasse impactos significativos na estrutura original do site.

A respeito da arquitetura principal do site, disponível no domínio principal { www.mutha.com.br }, as visitas técnicas e as rodas de conversa com a equipe interna para o levantamento de dados suscitaram uma série de reflexões com base em percepções técnicas do corpo funcional, tanto no que diz respeito às características e ao funcionamento da arquitetura digital, quanto em relação à *homepage* do MUTHA. A *homepage* foi avaliada como página obsoleta, ou seja, uma página que não promove a relação do visitante com ferramentas que facilitem o seu acesso e a sua navegação pela arquitetura do museu; a divisão da instituição em diversas subseções, compostas por textos longos e por imagens como recursos expográficos, foram apontadas como produtoras de afastamento do usuário, prejudicando a acessibilidade dos públicos e não públicos do MUTHA.

Identificou-se a necessidade de aprimoramentos nas subseções da arquitetura digital do MUTHA. As discussões internas acenderam interpretações acerca da subseção *Galeria*, local onde estão as exposições do MUTHA e que teve sua realização possibilitada a partir da captação de recursos em editais de fomento à cultura pela instituição museal.

Foram feitas visitas técnicas e rodas de conversa para a construção do diagnóstico situacional da arquitetura digital. De acordo com os indicadores levantados, pela equipe institucional, algumas páginas da subseção, apesar de obsoletas, permanecem com essa organização arquitetônica por exigência do processo de prestação de contas dos referidos editais, funcionando também como memorial das ações e servindo de comprovação de autoralidade.

Percebeu-se que a organização da Galeria está confusa e reúne, em um mesmo nível hierárquico, conteúdos de origens e formas distintas. A página está desarranjada e precisa ser repensada tanto em termos de propósito quanto de arquitetura. Entre os questionamentos internos, reverberam: “qual é a função desta sala no Museu?”, “buscamos exposições rotativas ou permanentes?”. A equipe interna pondera sobre a necessidade de pensar nas galerias como um espaço de projeção nacional de arte contemporânea, com um ritmo maior de atualização e rotatividade. Ademais, foram apontadas outras reflexões, como as que dizem respeito à Página com Informações de Contato. O Diagnóstico Situacional da Arquitetura Digital aponta como a estrutura se tornou obsoleta, bem como aponta a necessidade das informações de contato constarem no rodapé e estarem acessíveis, sempre que possível, em cada subseção do site.

Outra característica importante observada no diagnóstico é a página da Loja do Museu. Embora ela exista, não possui nenhum produto para comercialização, o que compromete a geração de recursos e a manutenção da receita orçamentária do MUTHA, afetando suas atividades. Portanto, destaca-se a necessidade de desenvolver a estrutura da Loja, utilizando o Woocommerce ou outras plataformas similares voltadas para o desenvolvimento de lojas virtuais em Wordpress. O Diagnóstico Situacional da Arquitetura Digital também trouxe apontamentos a respeito do subdomínio AHMUTHA { ah.mutha.com.br }. Podemos pensar nele como um prédio único dedicado ao arquivo histórico, anexo ao prédio do MUTHA. O AHMUTHA conta com a instalação Tainacan, específica para o desenvolvimento de repositórios digitais.

A respeito dos arquivos histórico e artístico do MUTHA, a equipe interna sinaliza algumas fragilidades operacionais: enquanto o arquivo histórico possui seu próprio subdomínio e endereço {ah.mutha.com.br }, o

arquivo artístico foi desenvolvido no espaço arquitetônico do site principal. É necessário repensar a organização arquitetônica dos arquivos: da forma como estão, ambos têm diluída a sua importância. Caso haja o desejo de que mais pessoas acessem o arquivo artístico, ele deve ser transferido para o menu principal, com espelhamento na página inicial. Se desejarmos simetrizá-lo com o arquivo histórico, então o arquivo artístico também deve ganhar um subdomínio. Além disso, foi sugerido uma mudança no nome do Arquivo Artístico, para que reflita melhor seu propósito como ferramenta de curadoria e banco de empregabilidade de artistas trans.

Ademais, atualmente há um conflito substancial nesta estrutura. O arquivo histórico integra a reserva técnica digital do MUTHA junto com o arquivo artístico e, possivelmente, com outros arquivos que porventura venham a se formar no museu. No entanto, o subdomínio e a referida instalação do Tainacan abarcam apenas o arquivo histórico, não executando links com eventuais objetos de outros arquivos. Caso o MUTHA deseje ampliar a reserva técnica digital para que dê conta de inúmeros arquivos simultaneamente, o subdomínio { ah.mutha.com.br } tornar-se-a obsoleto e deverá ser descartado, pois está limitado ao arquivo histórico.

A escuta ampliada realizada com os públicos e não-públicos do museu também ofereceu um panorama relevante para a compreensão da função da instituição perante a sociedade civil e suas organizações. Também foi relevante como forma de perceber sua potencialidade enquanto ferramenta de transformação social. A consulta pública foi executada via formulário online, intitulado “Qual o MUTHA dos seus sonhos?”, com perguntas qualitativas e quantitativas, buscando entender não somente quais são os sonhos das pessoas sobre esse equipamento, mas também quais são os marcadores sociais de quem sonha e atribui esses significados ao museu.



Primeiro Plano
Museológico do Mutha

Consulta pública:

Qual o MUTHA
dos seus sonhos?

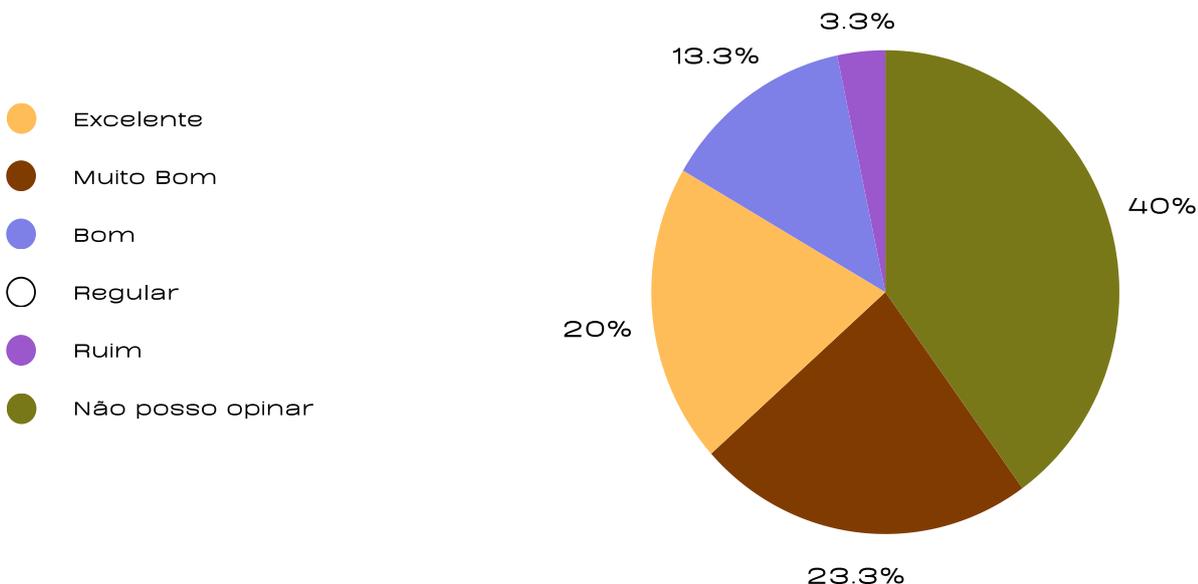
até 29
de fev

Analisando os dados do questionário online de consulta pública sobre o atendimento prestado aos públicos do museu atualmente, a maioria dos participantes avaliou positivamente o atendimento por e-mail e mídias sociais, tendo uma porcentagem de 43,3% classificando-o como “Muito Bom” ou “Excelente”. Tal fato indica a construção institucional de boa conexão com os públicos. Já a baixa taxa de avaliação negativa (3,3%) sugere que há espaço para melhorias pontuais. Entre as áreas a serem consideradas estão a construção da equipe de comunicação institucional, o desenvolvimento de ferramentas de acessibilidade que permitam que os espaços do museus sejam encontrados com mais facilidade, a divulgação nas redes sociais dos serviços prestados pelo museu e a maneira de acessá-los, utilizando vídeos, infográficos, postagens textuais e além. Contudo, a alta proporção de participantes que não opinaram (40%) destaca a necessidade de construir estratégias para incentivar uma relação mais direta entre as pessoas frequentadoras do museu e a instituição.

Gráfico 6 – Avaliação do atendimento online do MUTHA

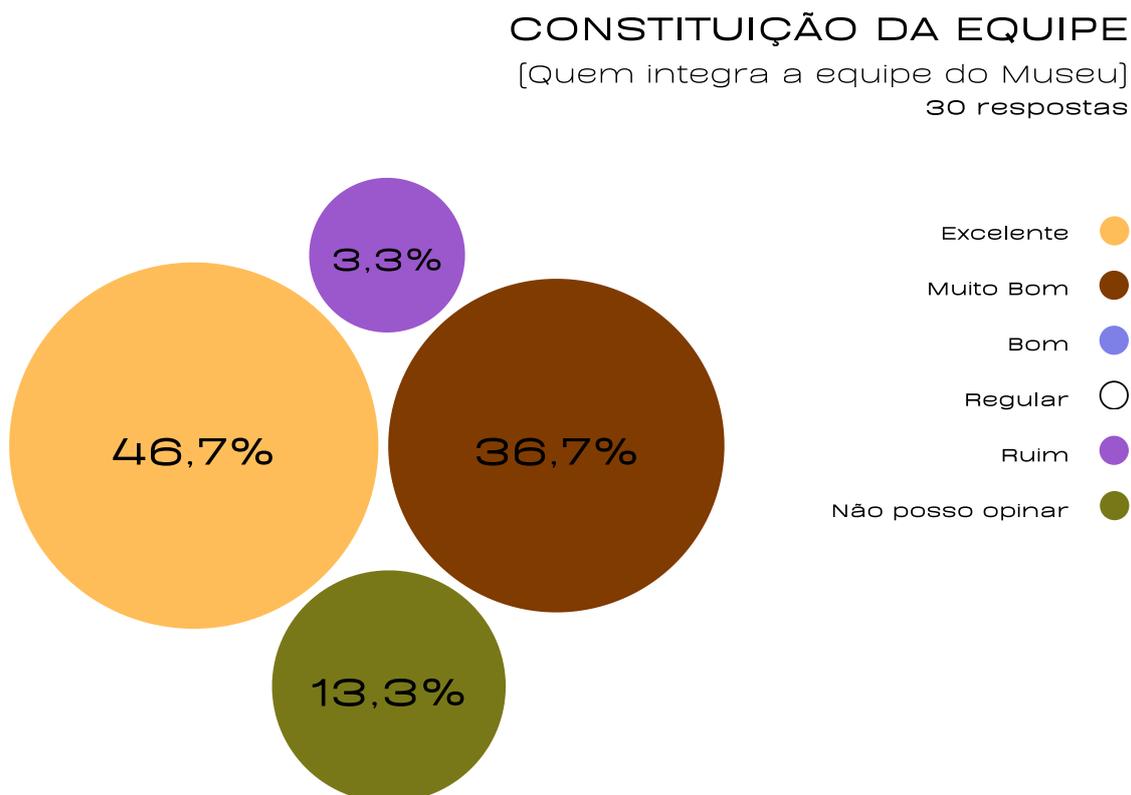
ATENDIMENTO [EMAIL E MÍDIAS SOCIAIS]

30 respostas



A percepção geral da opinião pública sobre a equipe do MUTHA é predominantemente positiva, com 83,4% das respostas classificando-a como “Excelente” ou “Muito Boa”. O reconhecimento das políticas de inclusão, especialmente em relação à representação de pessoas trans, LGBTQIAPN+ e feministas, refletem o compromisso institucional com sua missão, visão, valores e propósitos.

Gráfico 7 – Avaliação da equipe do MUTHA



No entanto, o questionamento das pessoas participantes da pesquisa por mais diversidade étnica na equipe regular do museu destaca a necessidade de desenvolver políticas de empregabilidade que considerem raça, gênero e classe. Isso demonstra a complexidade de atender às diversas necessidades e expectativas dos públicos. Além disso, é crucial implementar estratégias para aumentar a visibilidade das pessoas que atuam na equipe do museu para que os públicos as conheçam e se sintam representados por ela.

A estrutura organizacional da equipe do MUTHA foi bem recebida pela maioria das pessoas respondentes, com 66,7% avaliando-a como “Excelente” ou “Muito Boa”. A baixa taxa de incerteza ou indecisão sugere que a estrutura é relativamente entendida pela maioria dos públicos. Contudo, a necessidade de investir em comunicação eficiente sobre a equipe e suas responsabilidades destaca uma área de melhoria na transparência e compreensão comunitária sobre o funcionamento do museu. A avaliação de apenas 10% como “Bom” sugere que há espaço para melhorias na estrutura organizacional e na capacidade da equipe de atender às necessidades dos públicos de maneira mais eficaz. Deste modo, investir em aprimoramento da comunicação, avaliação da eficiência operacional e na formação da equipe garantirá uma experiência de qualidade para as pessoas frequentadoras do MUTHA e para o desenvolvimento de sua função social.

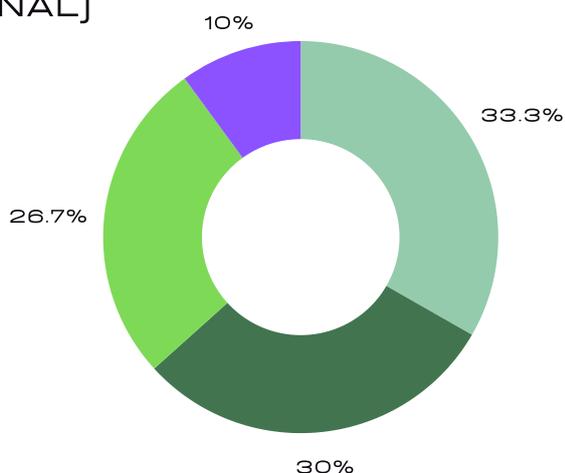
Gráfico 8 – Avaliação da estrutura organizacional da equipe do MUTHA

COMO ESTÁ ORGANIZADA A EQUIPE?

[ORGANOGRAMA INSTITUCIONAL]

30 respostas

- Excelente
- Muito Bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar



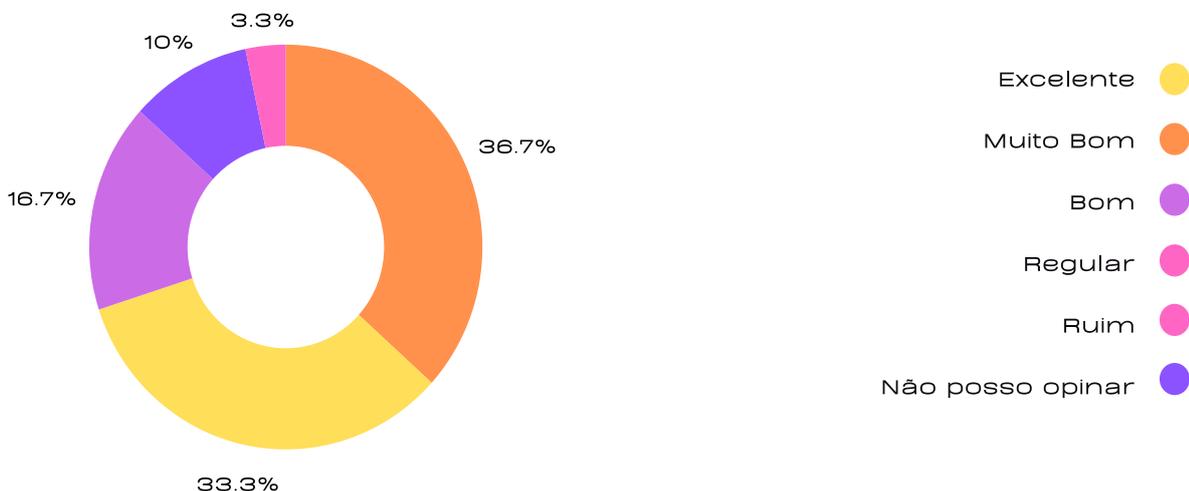
A comunicação e a divulgação do Museu Transgênero de História e Arte foram avaliadas positivamente pela maioria das pessoas participantes, que destacaram a qualidade das postagens como excelente ou muito boa. O interesse em conteúdos visuais e interativos aponta para uma oportunidade de investir em vídeos e outras formas de mídia.

Gráfico 9 – Avaliação da comunicação e divulgação do MUTHA

COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

[Cards, vídeos, mídias sociais, facilidade de compreensão das informações, frequência de postagem]

30 respostas



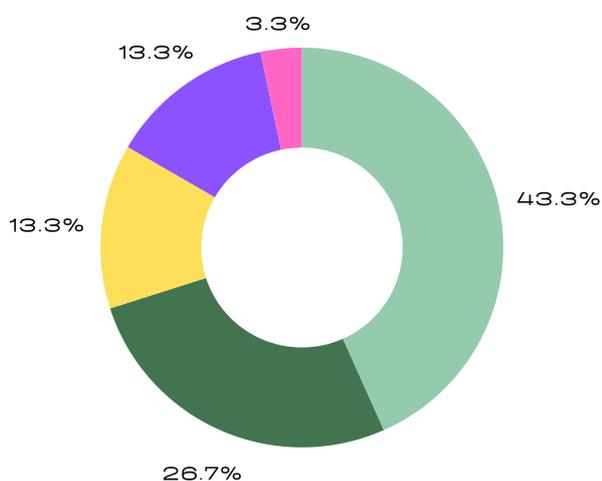
A diversificação das mídias sociais utilizadas pelo museu, com destaque para Instagram e TikTok, foi considerada importante. As pessoas respondentes sugeriram maiores colaborações e parcerias com coletivos e organizações LGBTQIAPN+ a serem feitas, para que se amplie consideravelmente o alcance e o impacto social do museu. A ênfase na democratização do acesso, na pluralidade cultural e na presença de pessoas corpo e gênero variantes nos conteúdos e postagens nas mídias sociais reflete, para os públicos e não públicos, um compromisso do museu com a acessibilidade e a valorização.

Gráfico 10 – Avaliação da presença digital nas mídias sociais do MUTHA

EM QUAL OUTRA MÍDIA SOCIAL VOCÊ ACHA QUE O MUTHA DEVERIA ATUAR OU MELHORAR SUA ATUAÇÃO?

30 respostas

- Tiktok
- X [Twitter]
- Whatsapp
- Instagram
- Telegram
- Kwai
- Linkedin



Ainda sobre a comunicação e divulgação, as pessoas respondentes identificam fragilidades em consonância com os apontamentos da equipe institucional do museu, como a falta de inclusão de ferramentas de acessibilidade digital e a necessidade de construção de uma estratégia de comunicação que utilize metodologias para museus em ambiente virtual. Além disso, foi sinalizada a falta de presença ou conteúdo em outras plataformas de mídias sociais para além do Instagram e do TikTok. Deste modo, visando melhorar a estratégia de comunicação, é urgente investir em acessibilidade digital, diversificação das plataformas de mídia social utilizadas e ampliação de parcerias com as organizações da sociedade civil como coletivos, ONGs, espaços de inovação digital, com iniciativas privadas e com o poder público para aprimorar o conteúdo e promover a missão do museu de forma mais abrangente, eficaz, democrática e acessível.

O tratamento das respostas sobre a acessibilidade do MUTHA destaca várias fragilidades e potencialidades para tornar o espaço mais democrático. Entre as fragilidades, a consulta pública destaca a falta de representatividade de pessoas com deficiência na equipe, que pode limitar a compreensão e a implementação eficaz de práticas de acessibilidades. No entanto, a equipe do museu possui porcentagem significativa de pessoas com deficiência. Este dado acaba por indicar a urgência, já apresentada anteriormente, de tornar de conhecimento público quem são as pessoas que trabalham no museu. A ausência de especialistas em acessibilidades na equipe acaba por resultar em práticas insuficientes para garantir a acessibilidade virtual. Outro ponto que merece destaque é a dificuldade de acessar o museu pelo celular, devido à ausência de equipamentos e/ou internet, e a falta de recursos de acessibilidade, como audiodescrição e descrição de imagens, que acabam por impedir o acesso mais amplo aos conteúdos do museu.

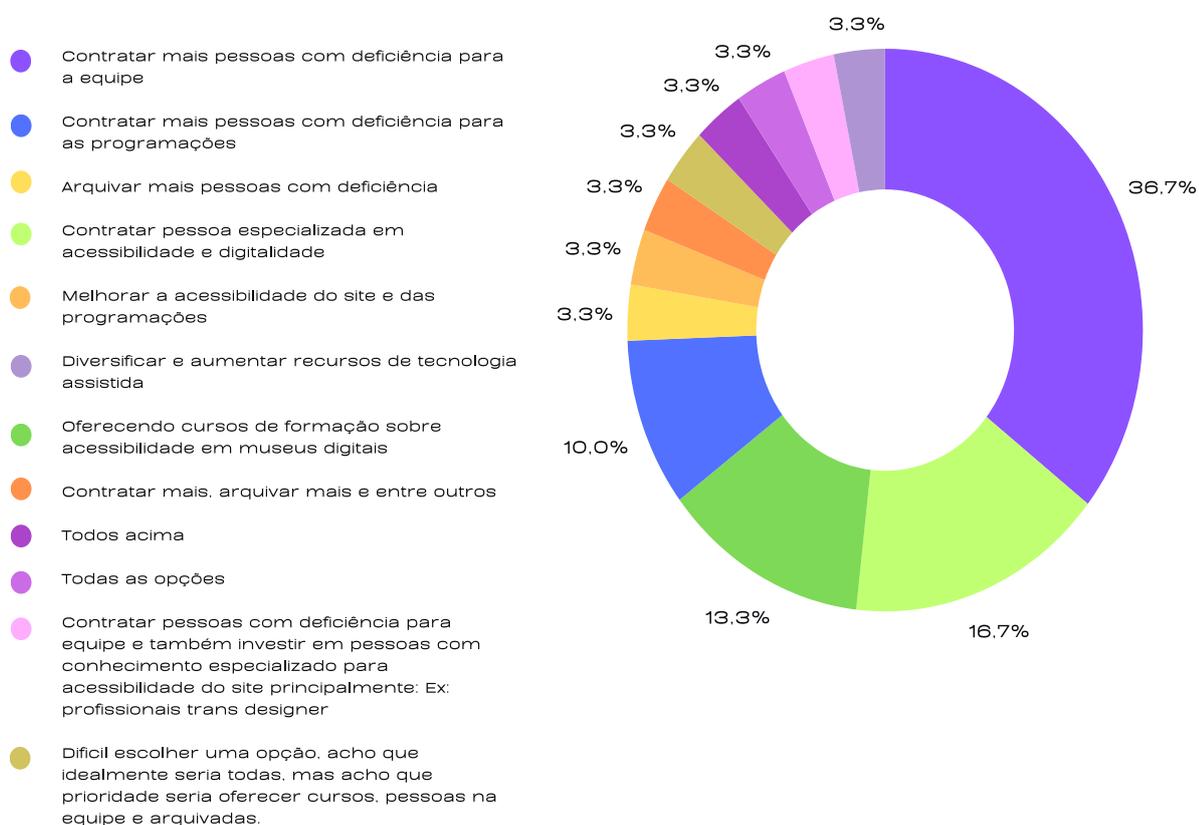
Por outro lado, há diversas potencialidades que podem ser exploradas para melhorar a acessibilidade. A consulta ativa e articulação junto a diferentes organizações da sociedade civil garante que suas necessidades e suas perspectivas sejam consideradas na elaboração de estratégias de acesso. Implementar recursos, buscar parcerias com entidades públicas, privadas e da sociedade civil organizada que trabalhem ou possuam

interesse em trabalhar acessibilidade cultural, museus, patrimônio cultural e virtualidade pode indicar caminhos mais democráticos para o acesso ao patrimônio cultural e aos espaços de memória, educação e cultura, como os museus, trazendo outras temáticas sobre o campo museológico, educacional e cultural para as discussões oportunizadas pela instituição.

Gráfico 11 – Avaliação das ações de acessibilidade do MUTHA

COMO O MUTHA PODE SER UM ESPAÇO MAIS ACESSÍVEL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA, CONSIDERANDO AS AÇÕES DE ACESSIBILIDADE EM SEUS PARÂMETROS ARQUITETÔNICOS [WEBSITE], ATITUDINAIS, COMUNICACIONAIS, METODOLÓGICOS, INSTRUMENTAIS, PROGRAMÁTICOS E EDUCACIONAIS?

30 respostas



Ademais, esse processo de escuta aos públicos e não públicos do museu sugere, para além do alargamento das contratações de pessoas com deficiência para a equipe institucional, a necessidade da oferta de cursos formativos sobre acessibilidade em museus digitais e a diversificação e aumento de recursos de tecnologia assistiva para todos os públicos do MUTHA. Também foi destacada a importância do protagonismo de grupos socialmente marginalizados na estrutura da sociedade brasileira,

que são as pessoas corpo e gênero variantes e as mulheres, as pessoas com deficiência e as pessoas negras, pardas, amarelas e indígenas, tanto na equipe interna, quanto na representação nos acervos e nas atividades promovidas pelo museu. Outras sugestões incluem a consulta ativa às pessoas com deficiência e suas organizações, para garantir participação nas decisões relacionadas à acessibilidade.

A análise das respostas sobre a Arquitetura, Organização e Navegação do MUTHA revela diversas potencialidades, oportunidades, ameaças e fragilidades. Entre as fragilidades, destacam-se a falta de recursos de acessibilidade aplicadas às imagens e páginas, a existência de uma interface poluída e pouco atraente, a navegabilidade limitada em dispositivos móveis (uma vez que o site não se adapta integralmente em aparelhos celulares), a ausência de ferramenta de busca de informações de acesso rápido em diferentes partes do site. Soma-se a esses apontamentos a nomenclatura confusa dos espaços, como “arquivo artístico de dados” e “arquivo digital”, nomes que geraram confusão entre os públicos do museu; a falta de plugins e texto alternativo em imagens, dificultando a navegação; a baixa visualidade da Loja, devido a ausência de interatividade com os públicos e ao fato de estar inativa no momento atual da escrita do Plano Museológico, fator já exposto anteriormente. A não perenidade dos métodos de fomento, cria incertezas financeiras e impossibilita a execução e manutenção de atividades de venda hoje, dentro do museu. O descompasso temporal entre financiamento e tecnologia dificulta a atualização e manutenção da arquitetura digital.

Por outro lado, existem variadas potencialidades a serem exploradas através do tratamento dos dados. O alto uso de dispositivos móveis indica uma base de públicos ativa, e os retornos positivos sobre a organização e navegação em geral sugerem uma boa percepção do museu. No meio das fragilidades moram as oportunidades, como a proposta de desenvolver um aplicativo móvel para melhorar a experiência das pessoas com a instituição e promover melhorias nos acessos e design do site. A inclusão de formulário de contato rápido, conjunta a oferta de ações colaborativas com os públicos, pode melhorar a comunicação e interatividade no museu.

QUAL DISPOSITIVO VOCÊ UTILIZOU PARA ACESSAR O MUSEU?

30 respostas

- Celular
- Desktop
- Notebook
- Ipad ou Similares
- Não possuo dispositivo, mas utilizei de outra pessoa ou organização
- Não acessei
- Celular e Notebook
- Deveria ser um campo de multipla escolha, ja usei mais de um meio....

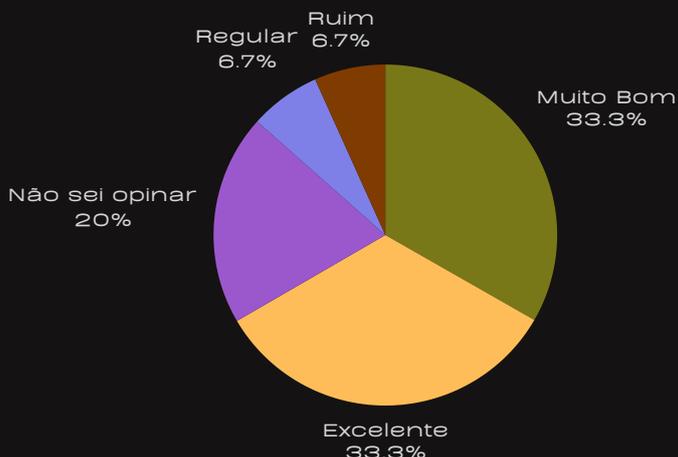
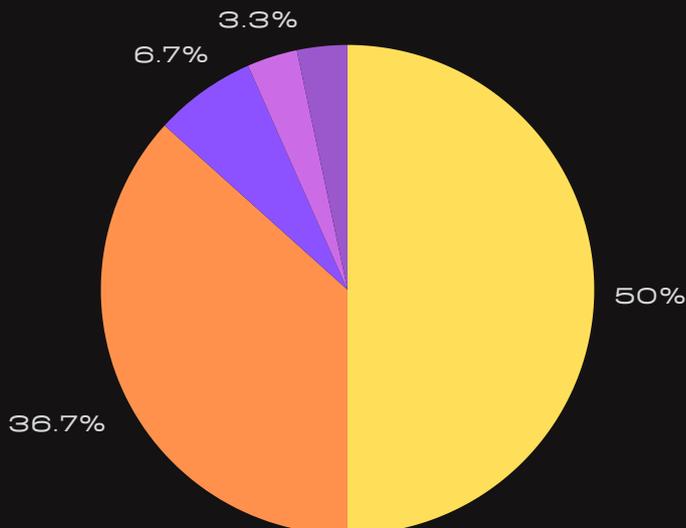


Gráfico 13 – Avaliação da arquitetura da informação do site do MUTHA

COMO VOCÊ CLASSIFICA A ORGANIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES E FACILIDADE DE NAVEGAÇÃO NO SITE?

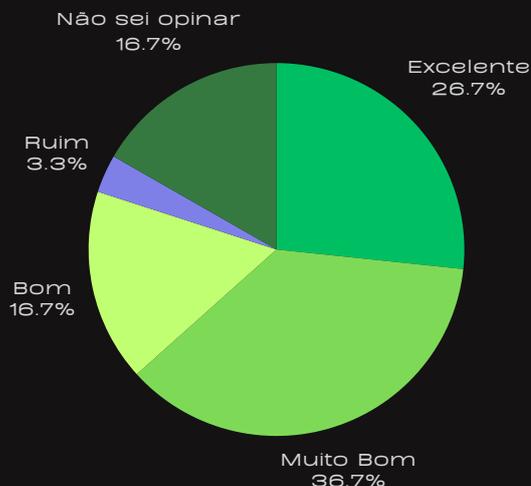
30 respostas

Gráfico 14 – Avaliação de orientações de navegação do site do MUTHA

O QUE VOCÊ ACHA SOBRE A QUANTIDADE E QUALIDADE DE EXPLICAÇÕES PRESENTES NO MUSEU [WEBSITE] SOBRE COMO NAVEGÁ-LO?

[Mapa do site, Interrogações com guias de acesso, Popups]

30 respostas

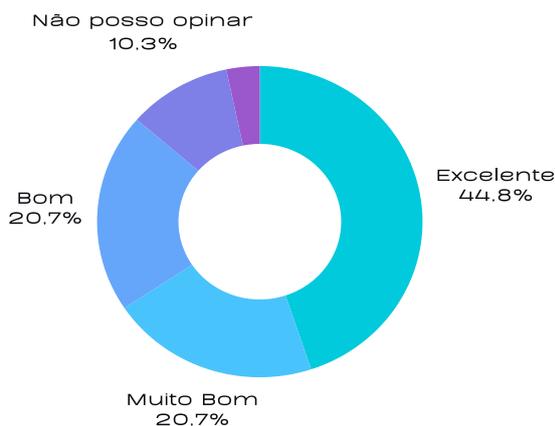


A respeito dos dados sobre os elementos gráficos distribuídos pelo museu, a percepção dos públicos e não-públicos foi de que entre as fragilidades destacou-se a falta de explicações sobre navegação no MUTHA e a avaliação de alguns elementos gráficos como “Regulares”, indicando áreas para melhorias. Entretanto, a maioria dos públicos avaliaram positivamente as instruções de acesso e os elementos gráficos, sugerindo que esses aspectos são bem recebidos e podem servir como base para manter a qualidade da experiência das pessoas com a instituição. A oportunidade de aprimorar as instruções de acesso é evidente, assim como os indicativos de necessidade de melhorias na interface do site do MUTHA, apontadas já na fase de diagnóstico interno.

Gráfico 15 – Avaliação da organização dos elementos gráficos do site do MUTHA

COMO VOCÊ CLASSIFICA OS ELEMENTOS GRÁFICOS DE ACESSO À INFORMAÇÃO, TAIS COMO CORES E TAMANHOS DA FONTE, ESPAÇAMENTO DAS PALAVRAS E LETRAS, BOTÕES E SEU FUNCIONAMENTO?

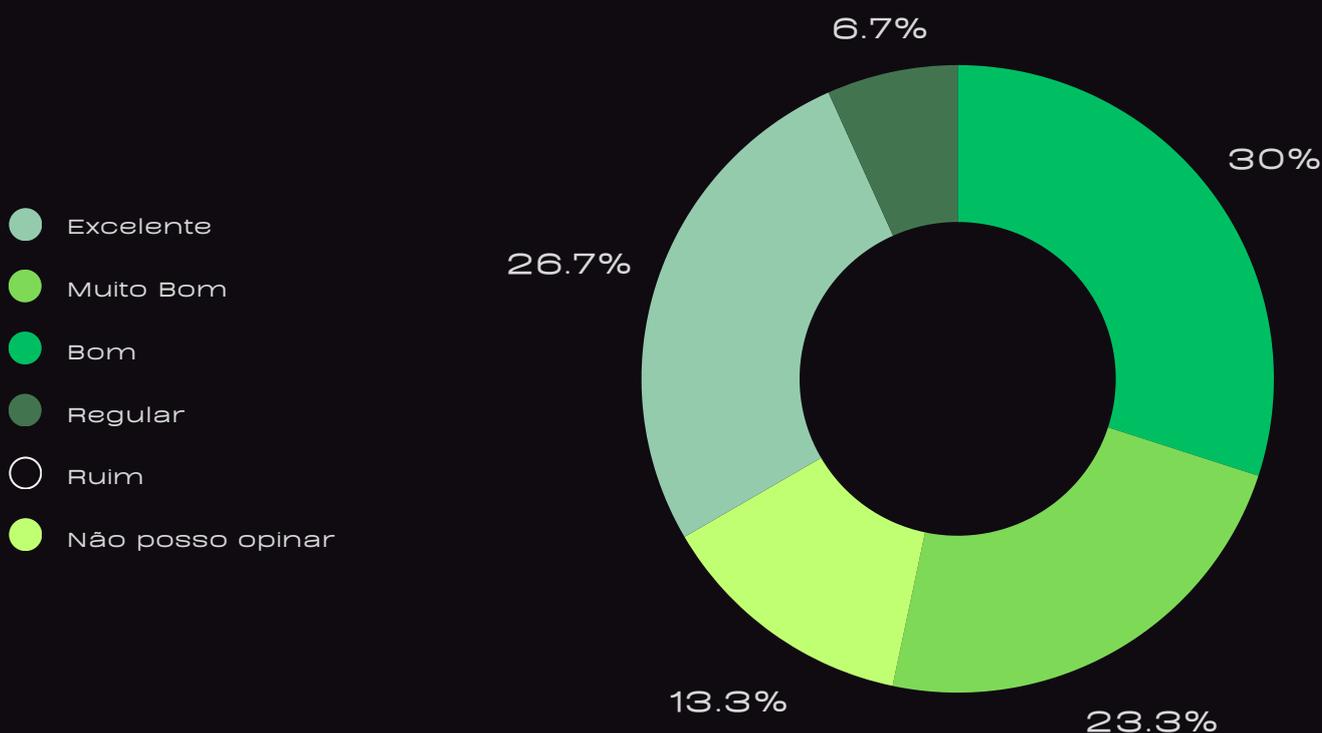
29 respostas



Já os dados relacionados ao Espaço para Contato e ao Rodapé do website do MUTHA revelaram uma percepção dos públicos com a maioria classificando esses elementos como “Muito Bom”, “Bom” e “Excelente”. No entanto, a análise também identificou áreas para adaptações, visando maior democratização do acesso. As classificações “Regulares” avaliadas pelos públicos para o Espaço Para contato, indicam a necessidade de aprimorar a interface do público e a eficácia das respostas às consultas. A porcentagem significativa de público que não pôde opinar sugere que o Espaço para Contato deve ser mais visível e acessível.

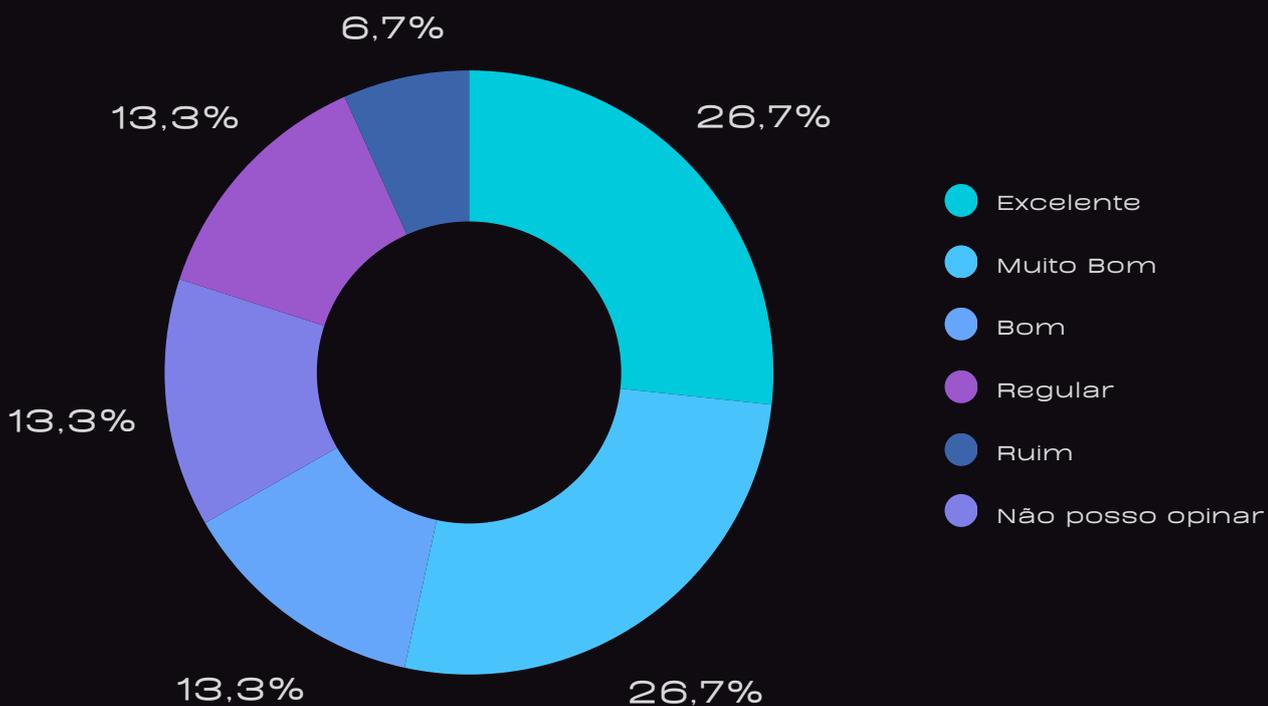
CLASSIFIQUE O ESPAÇO DE CONTATO

30 respostas



CLASSIFIQUE O RODAPÉ DO SITE

30 respostas



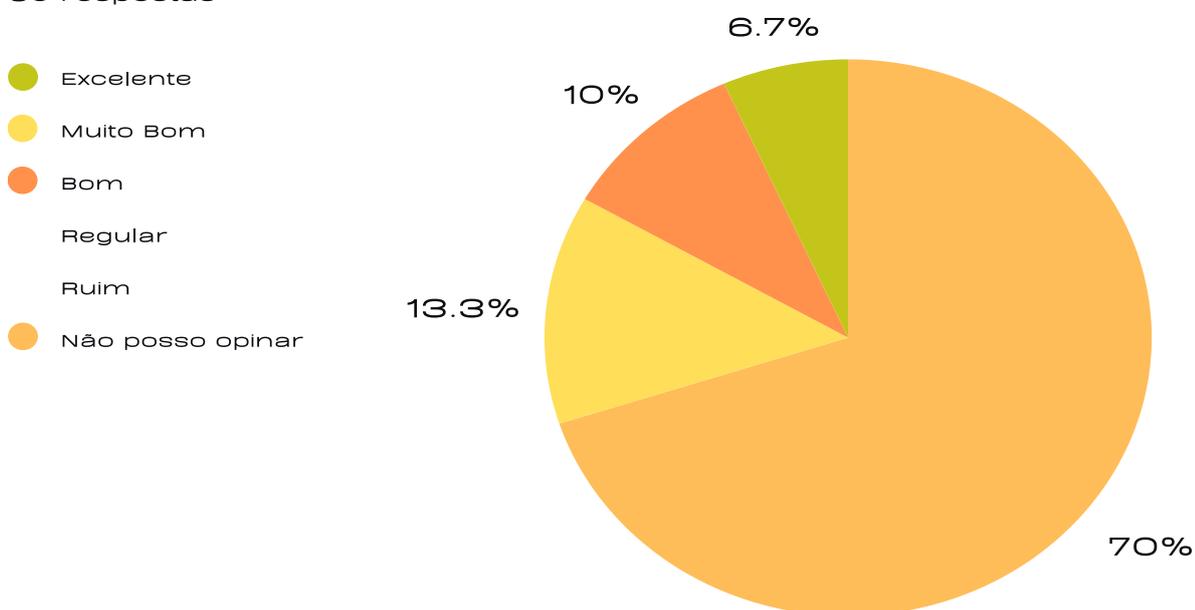
Quanto ao Rodapé do Site, as opiniões foram distintas. Classificações “Regulares” e “Ruins” apontam para a oportunidade de melhorias na usabilidade e no conteúdo do rodapé. Uma parcela considerável de usuários não pôde opinar, sugerindo uma possível falta de interação ou a visibilidade insuficiente do rodapé. É importante melhorar o Espaço para Contato, tornando-o mais acessível e eficaz, e trabalhar nas áreas de melhoria identificadas para o Rodapé do Site, garantindo que ele forneça informações úteis e seja visualmente atraente em todas as plataformas.

Sobre as respostas do questionário acerca da temática Segurança de Dados do museu, a maioria das pessoas não puderam opinar por não possuir conhecimento sobre as medidas de segurança de dados adotadas pela instituição, ou mesmo por falta de conhecimento sobre o assunto. Entre aqueles que opinaram, a percepção geral é positiva, com uma parcela considerável avaliando como “Muito Boa”, “Boa” ou “Excelente”.

Gráfico 18 – Avaliação da segurança de dados do site do MUTHA

COMO VOCÊ AVALIA A SEGURANÇA DE DADOS DO MUTHA?

30 respostas



A Consulta Pública também foi importante para levantar dados dos públicos e não-públicos do museu sobre a percepção de seu acervo, e também informou a necessidade de evidenciar as complexidades envolvidas na relação entre as pessoas, os acervos digitais e o patrimônio cultural. Em relação aos acervos digitais do museu e sua difusão, os dados advindos do questionário online sobre os acervos do MUTHA, revelaram uma série

de potencialidades, como por exemplo a presença múltipla de pessoas corpo e gênero variantes nas coleções, e de fragilidades, que impactaram na democratização do acesso à cultura.

Dentre as potencialidades citadas pelas pessoas consultadas podemos destacar: a representatividade e visibilidade, já que os acervos digitais do MUTHA promovem a diversidade e o reconhecimento de diferentes narrativas e experiências. A capacidade de acesso remoto permite que pessoas de diferentes regiões, incluindo áreas rurais e periféricas, explorem o patrimônio cultural transgênero, contribuindo para a universalização do acesso à cultura, quando essas possuem acesso a dispositivos móveis e à internet. De fato, a gratuidade e a facilidade de acesso aos acervos digitais eliminam parcialmente barreiras econômicas, efetivando os direitos fundamentais culturais, através do acesso à cultura e à memória da população corpo e gênero variante brasileira.

Algumas fragilidades estão evidentes para a instituição e foram apontadas nas respostas do questionário online: a dependência do acesso à internet limita a acessibilidade dos acervos a indivíduos que não possuem conexão estável ou dispositivos eletrônicos adequados, excluindo parte da população que mais necessita de representatividade. A noção de representatividade foi citada muitas vezes pelas pessoas participantes da consulta pública, o que indica que é uma noção extremamente popular. A falta de familiaridade com tecnologia ou habilidades digitais pode representar uma barreira para algumas pessoas, dificultando o acesso aos acervos digitais do MUTHA.

Sabemos que a preservação a médio e longo prazo dos acervos digitais enfrentam desafios relacionados à obsolescência tecnológica, como os formatos de arquivo em constante mudança e a necessidade de recursos contínuos para manutenção e atualização.

Em relação à preservação do patrimônio cultural por meio dos acervos digitais, é possível observar diversas potencialidades e fragilidades no MUTHA conforme respostas enviadas. Entre as potencialidades, destaca-se a ampla relevância e necessidade desses acervos, com um consenso sobre sua importância fundamental para a preservação do patrimônio cultural.

Com isso, os acervos digitais foram percebidos como ferramentas que democratizaram o acesso à cultura, permitindo que pessoas de diferentes origens geográficas e socioeconômicas pudessem interagir com o patrimônio cultural. Eles são essenciais para registrar e preservar a memória das pessoas corpo e gênero variantes e LGBTQIAPN+, documentando historicidades e narrativas estruturalmente apagadas e silenciadas ao longo da construção da memória nacional. A facilidade de acesso e difusão dos acervos digitais é outra vantagem significativa, permitindo que as obras de arte e registros culturais e históricos sejam compartilhados e explorados de forma rápida e eficiente, alcançando um público mais amplo.

Por outro lado, existem vulnerabilidades associadas aos acervos digitais. A adaptação tecnológica é uma preocupação, pela necessidade de acompanhar as mudanças tecnológicas e garantir a preservação adequada dos arquivos digitais ao longo do tempo, evitando a obsolescência tecnológica. A dependência tecnológica destaca a vulnerabilidade dos acervos digitais em função da rápida transformação da tecnologia e da possibilidade de perda de dados, caso não sejam tomadas medidas adequadas de preservação. Vale lembrar que os riscos de apagamento digital, promovidos por questões internas ou externas à instituição - como ataques cibernéticos, nos levam a criar estratégias contínuas de preservação do patrimônio cultural museológico digital. Paralelo a isso, percebemos que é necessário garantir a acessibilidade contínua e adaptar esta demanda às mais novas tecnologias da informação e comunicação.

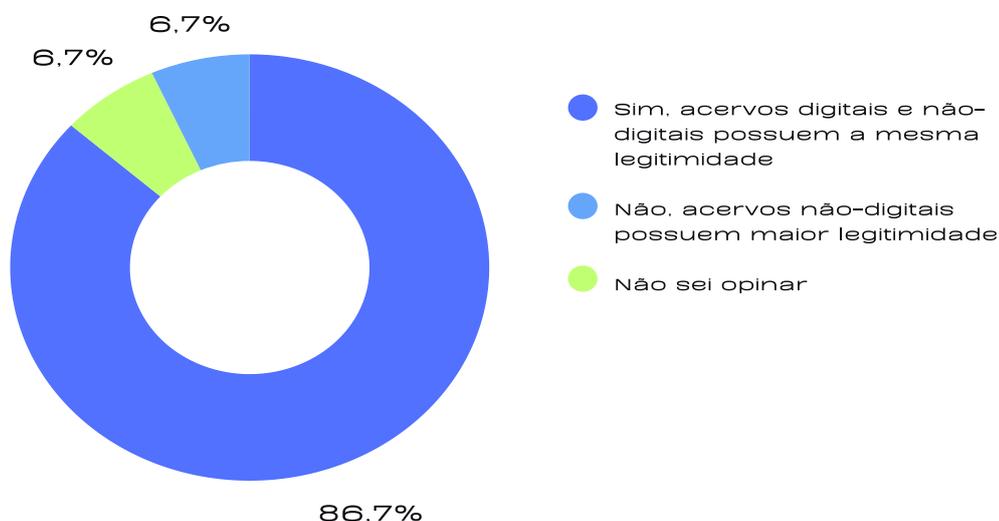
É incontestável que os acervos digitais demandam investimentos consideráveis em tecnologia de ponta, profissionais qualificados e uma infraestrutura sólida para assegurar sua preservação, disseminação, criação, manutenção e atualização. E isso representa um grande desafio, uma vez que esta instituição possui recursos limitados. Vale lembrar que os acervos digitais deste museu, de acordo com as pessoas respondentes, são ferramentas poderosas para a preservação das memórias e do patrimônio cultural brasileiro, oferecendo representatividade, democratização do acesso e valorização das pessoas corpo e gênero variantes e LGBTQIAPN+.

Os acervos digitais trazem consigo alguns desafios, como a noção de legitimidade frente a outros acervos “tradicionais” já consolidados diante da sociedade e seus sistemas de representação, por isso formulamos a pergunta em relação a legitimidade do reconhecimento de acervos digitais. No entanto, podemos aferir que 86,7% das pessoas que responderam à consulta pública, afirmaram que os acervos digitais possuem a mesma autenticidade que os acervos não-digitais. Essa percepção fortalece a emergência de construção de políticas públicas voltadas para esses acervos, especialmente aquelas que prezem pela preservação e disseminação do patrimônio cultural transgênero. Entre as principais potencialidades, destacam-se o acesso remoto que elimina as barreiras geográficas.

Gráfico 19 – Avaliação da legitimidade dos museus digitais

O MUTHA É HOJE UM MUSEU DIGITAL. OU, SEJA, VOCÊ O VISITA ATRAVÉS DE UM WEBSITE E MÍDIAS SOCIAIS. PARA VOCÊ, OS ACERVOS DIGITAIS PODEM ALCANÇAR O MESMO NÍVEL DE LEGITIMIDADE E AUTENTICIDADE QUE OS ACERVOS NÃO-DIGITAIS?

30 respostas

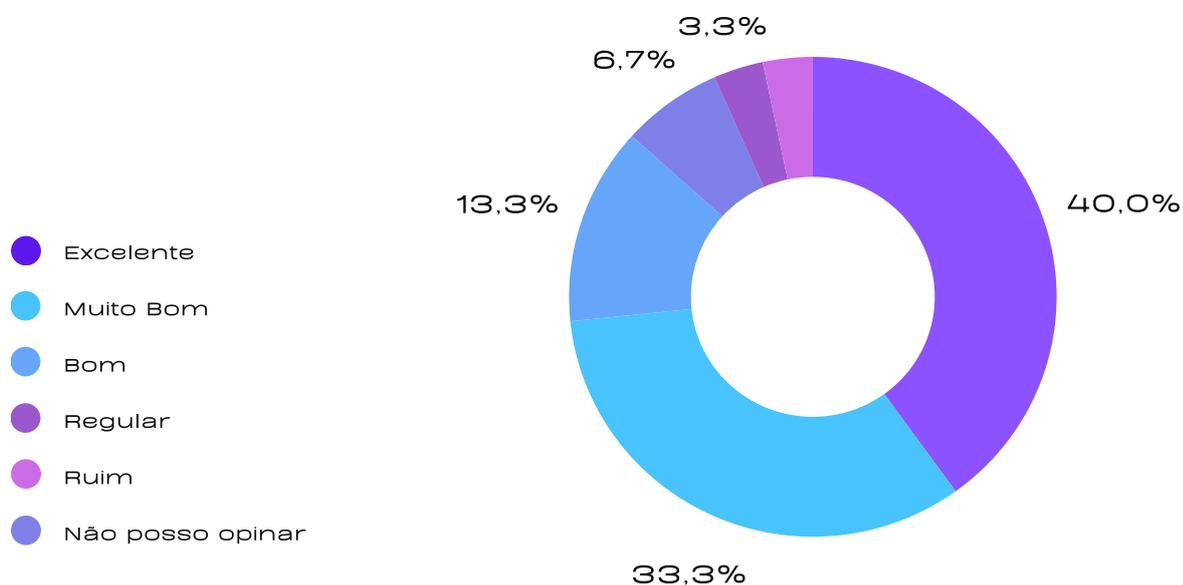


Entretanto, algumas fragilidades ficaram evidentes. Uma pequena parcela de 6,7% discorda da equivalência entre acervos digitais e não-digitais, possivelmente devido a preocupações com a autenticidade e credibilidade desses acervos. Também, 6,7% dos respondentes não têm uma opinião formada sobre a legitimidade dos acervos digitais, o que nos mostra a necessidade de ações educativas sobre seu papel na preservação cultural e histórica.

Os acervos do Museu Transgênero de História e Arte estão divididos atualmente entre o Arquivo Histórico AHMUTHA e o Arquivo Artístico de Dados (AAD). Sobre o AHMUTHA e seu acervo as considerações dos públicos foram as seguintes: a maioria dos públicos (73.3%) avaliou positivamente o Arquivo Histórico, com 40% classificando-o como “Excelente” e 33.3% como “Muito Bom”, indicando que é reconhecido como um espaço importante do museu.

Gráfico 20 – Avaliação do arquivo histórico do MUTHA

CLASSIFIQUE O ESPAÇO DO ARQUIVO HISTÓRICO
30 respostas



No entanto, uma parcela dos usuários (6,7%) avaliou o Arquivo Histórico como regular ou ruim. Isso indica que existem fragilidades a serem investigadas. Conforme mencionado anteriormente, algumas pessoas ficaram confusas com a organização do site e com a nomenclatura dos espaços. Além disso, o fato de o AHMUTHA estar em um subdomínio dificulta a relação e o acesso dos usuários com os conteúdos do arquivo. Isso pode explicar por que 6,7% dos respondentes não puderam opinar sobre o Arquivo Histórico, sugerindo uma possível falta de conhecimento sobre a existência desse espaço, bem como, uma dificuldade de encontrá-lo em nosso domínio.

Outra fragilidade dos acervos digitais, identificada a partir das respostas do formulário e interpretada pela equipe interna da instituição, inclui a exclusão digital, uma vez que nem todas as pessoas têm acesso

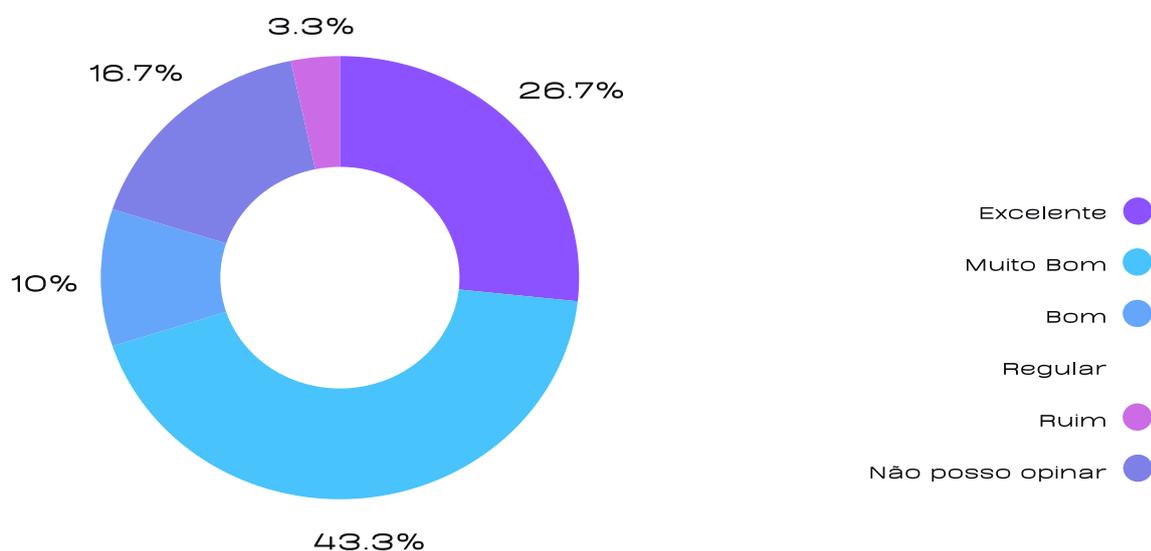
à internet ou a dispositivos adequados. A segurança digital é outra preocupação, pois os acervos digitais estão sujeitos a ataques cibernéticos e perda de dados.

Hoje, o que o museu chama de Arquivo Digital (AD), está localizado dentro do AHMUTHA, e sobre esta estrutura museal, a maioria dos públicos (70%) avaliou positivamente, com 43.3% classificando-o como “Muito Bom” e 26.7% como “Excelente”. No entanto, uma pequena parcela (3.3%) avaliou como ruim, 16.7% dos públicos não puderam opinar sobre o Arquivo Digital, sugerindo uma possível falta de conhecimento sobre esse espaço, o que vai de encontro com a relação estabelecida com a estrutura do AHMUTHA, a qual faz parte. A diferença de satisfação com este espaço do museu em relação ao AH MUTHA, pode ter se dado com a ampla divulgação do Arquivo Vivo, eixo temático de coleções que está localizado dentro do AD.

Gráfico 21 – Avaliação do arquivo digital do MUTHA

CLASSIFIQUE O ESPAÇO DO ARQUIVO DIGITAL

30 respostas



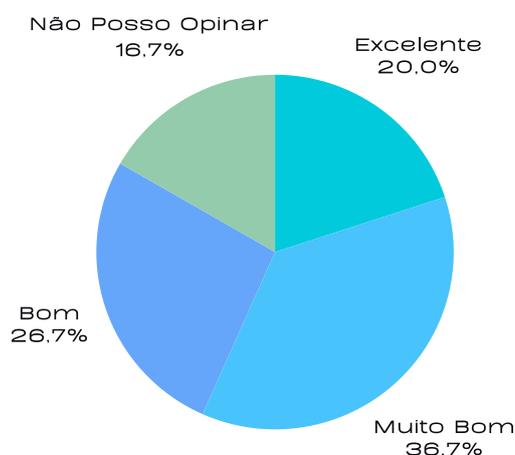
Os acervos históricos tiveram 83,4% das classificações como “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”. Isso demonstra uma percepção positiva em relação à qualidade, relevância e variedade das coleções apresentadas, refletindo o sucesso do museu em relação à pesquisa, construção, documentação e difusão de seus acervos históricos.

A quantidade de respostas positivas sugere que o MUTHA oferece uma abordagem múltipla sobre a produção de corpo e gênero variante em diversos aspectos, como diversidade étnico-racial, faixa etária, deficiência e variância corporal e classe social, atendendo às expectativas de representatividade e diversidade dos públicos.

Gráfico 22 – Avaliação da multiplicidade temática dos acervos históricos do MUTHA

OS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE DE TODO O BRASIL E ALÉM?

30 respostas



Entretanto, uma parcela significativa (16,7%) indicou que não pode opinar sobre a multiplicidade de temática dos acervos históricos, o que serve como indicador para falta de conhecimento sobre a existência dos acervos, afastamento da experiência com museus e patrimônios culturais virtuais ou falta de informações suficientes que conduzam os públicos para que estes possam estabelecer relações com estes acervos. Isso destaca a necessidade de repensar os processos de salvaguarda, pesquisa, comunicação e ação educativa dos acervos históricos.

A percepção sobre a abordagem do acervo histórico, por parte das pessoas respondentes do questionário online, foi geralmente positiva em diversos aspectos. A diversidade de gênero e os aspectos étnico-raciais receberam avaliações predominantemente de “Muito bom” a “Excelente”.

Gráfico 23 – Avaliação da diversidade de gênero nos acervos históricos do MUTHA

OS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE DE TODA A DIVERSIDADE DE GÊNEROS?

30 respostas

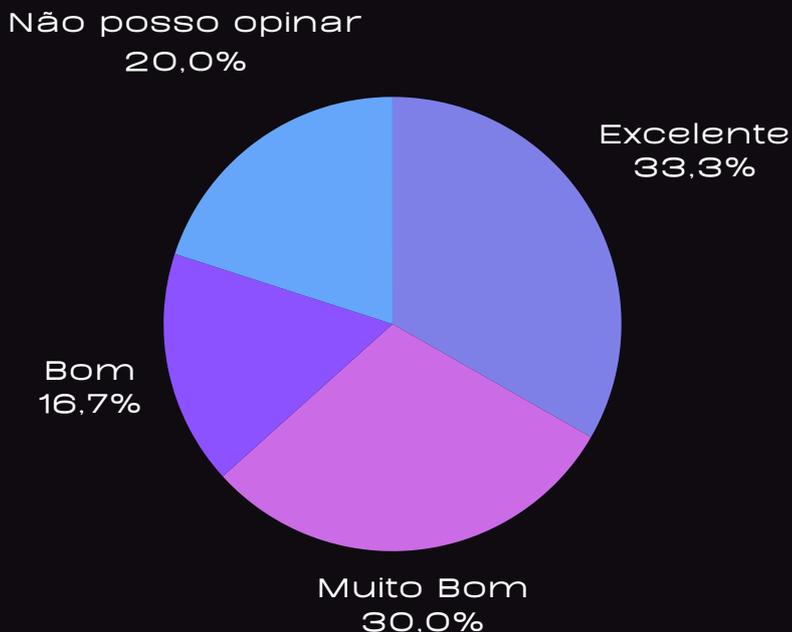
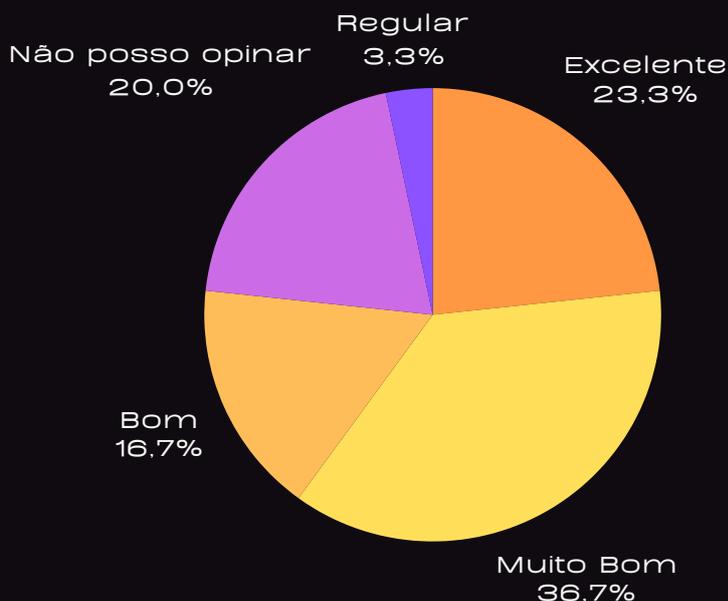


Gráfico 24 – Avaliação da diversidade étnico-racial nos acervos históricos do MUTHA

OS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS?

30 respostas

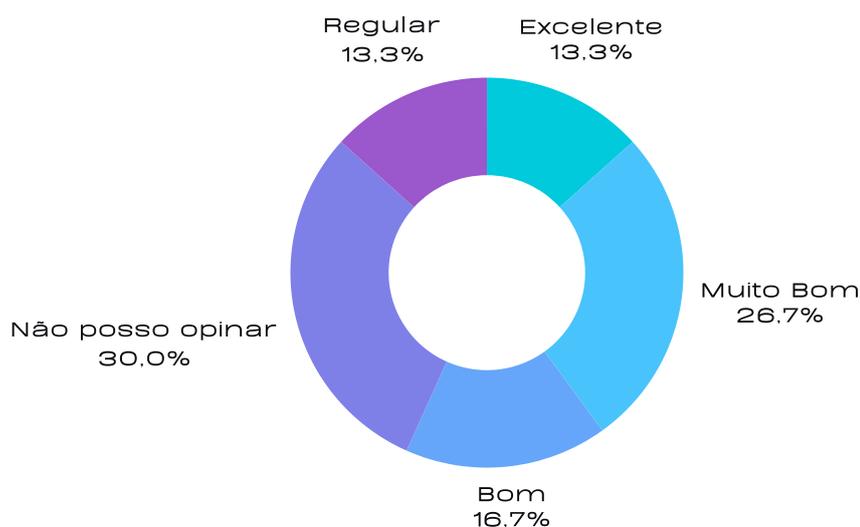


Houve, entretanto, uma quantidade considerável (20%) que não puderem opinar, possivelmente atravessados pelos mesmos motivos citados na análise anterior.

A abordagem de aspectos de deficiência e variância corporal teve uma grande variedade de opiniões, onde (73,4%) das pessoas indicaram a abordagem entre Excelente e Boa, porém houve uma parcela significativa das pessoas (30%) sinalizando que não puderam opinar, mais uma vez corroborando com a necessidade de ações para difundir e aproximar as pessoas do patrimônio cultural digital salvaguardado pelo MUTHA.

Gráfico 25 – Avaliação da diversidade em relação a deficiência e variância corporal nos acervos históricos do MUTHA

OS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS DE DEFICIÊNCIA E VARIÂNCIA CORPORAL?
30 respostas



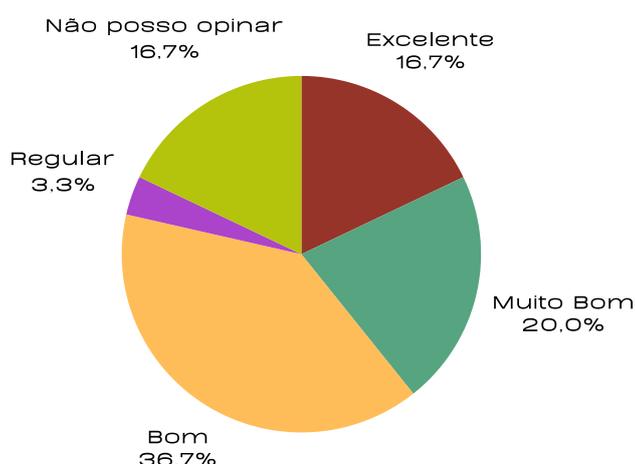
Em relação à faixa etária, a percepção foi majoritariamente positiva, embora haja espaço para a ampliação das pautas e narrativas etárias do acervo em suas coleções, uma vez que os acervos disponíveis para os públicos do museu correspondem atualmente, em sua maioria, a pessoas trans em fase de envelhecimento e que passaram dos 35 anos de idade (Arquivo Vivo).

Acerca dos dados sob a ótica de classe, temos uma avaliação majoritariamente positiva, totalizando 80% das respostas entre “Muito Bom”, “Excelente” e “Bom”. Todavia, 20% dos respondentes não souberam opinar

a respeito dessa temática, colaborando para a compreensão institucional sobre a urgência de mecanismos para comunicar e estabelecer elos entre as pessoas e os acervos sob a tutela do MUTHA.

Gráfico 26 – Avaliação da diversidade de classe nos acervos históricos do MUTHA

OS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS DE CLASSE?
30 respostas



Ademais, sobre as respostas em relação à dimensão de abordagem sociopolítica através dos acervos do MUTHA, obtivemos uma análise predominantemente profícua, com a somatória de 86,7% das respostas classificadas como “Excelente” e “Muito Bom”. Ainda assim, 10% das pessoas respondentes não souberam opinar, indicando não apenas questões ligadas a falta metodologias mais eficazes para a difusão dos seus acervos, mas também a linguagem técnica e acadêmica de conceitos como “sociopoliticamente”, que desaproxima, em certa medida, a sociedade civil dessas discussões. É necessário buscar uma linguagem acessível aos diversos setores da sociedade, considerando que, de acordo com o Censo de Educação Superior de 2022, 75,7% dos jovens brasileiros não ultrapassam a educação básica e 5,6% de brasileiros são analfabetos.

Gráfico 27 – Avaliação da relevância sociopolítica dos acervos históricos do MUTHA

OS TEMAS DOS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA SÃO RELEVANTES SOCIO-POLITICAMENTE? 30 respostas



As fichas catalográficas foram extremamente bem avaliadas pelos públicos e não-públicos respondentes, com (83,3%) considerando as fichas entre “Excelente” e “Bom”. Novamente, a porcentagem referente ao número de pessoas que não puderam opinar (13,3%) indica a necessidade de melhorias nas estratégias de comunicação dos acervos.

Gráfico 28 – Avaliação da ficha catalográfica dos itens dos acervos históricos do MUTHA

COMO VOCÊ AVALIARIA A FICHA CATALOGRÁFICA DOS ITENS CONTIDOS NOS ACERVOS HISTÓRICOS DO MUTHA [ARQUIVO DIGITAL]? 30 respostas



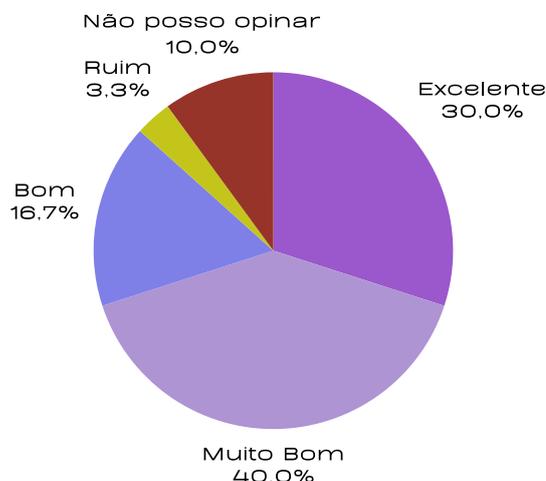
Nas respostas abertas, as pessoas respondentes sugeriram melhorias para o desenvolvimento das fichas de catalogação, tais como a inclusão de pop-up com aviso de classificação indicativa. Contudo, é importante sinalizar que todo o acervo e informações disponibilizadas possuem classificação indicativa livre. Os acervos de outras classificações etárias só podem ser acessados mediante solicitação ao museu. Houve também a sugestão de aumentar a quantidade de metadados, abrir chamadas para contribuições adicionais da sociedade civil e possibilitar a exportação das fichas em formato CSV.

O Arquivo Artístico de Dados (AAD) é um espaço concebido como um gerador de acervos, mas que atualmente funciona como um banco de empregabilidade e divulgação de portfólios para artistas gênero variantes brasileiros. Atualmente, o AAD possui 67 artistas cadastrados, e muitos outros esperando processamento. Nele, é possível observar os trabalhos e conhecer a história dessas pessoas, assim como entrar em contato para solicitar trabalhos culturais diversos. O AAD, diferente do AHMUTHA, ainda não teve acervos incorporados e musealizados, o que não impede que sejam vistos dessa forma pelos próprios integrantes do museu.

Sobre ele e seus futuros acervos a serem musealizados, as seguintes percepções foram elencadas, a maioria (70%) das pessoas respondentes do questionário online avaliou positivamente o Arquivo Artístico de Dados do MUTHA, com 40% classificando-o como “Muito Bom” e 30% como “Excelente”. As respostas indicam que o espaço foi visitado por uma parcela significativa dos públicos. O fato de sua estrutura estar localizada fora do arquivo histórico pode ter contribuído para facilitar a navegação e o acesso ao seu conteúdo.

Entretanto, 16.7% dos públicos consideraram o espaço apenas “Bom” e 10% dos respondentes não tiveram opinião formada sobre o Arquivo Artístico de Dados, indicando uma possível falta de visibilidade, conhecimento ou interesse neste espaço do museu. Ressalta-se que o AAD ocupa uma sala diferente para seus acervos da utilizada pelos acervos históricos, indicando necessidade de uma melhor organização para que cumpra sua função junto aos públicos interessados nos acervos do MUTHA.

CLASSIFIQUE O ESPAÇO DO ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS 30 respostas



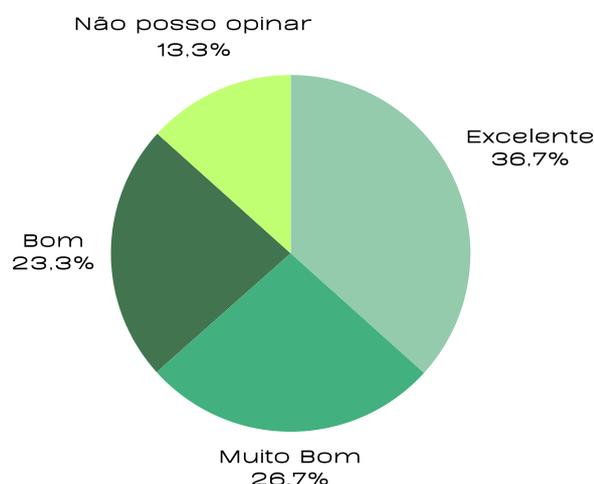
O Acervo Artístico de Dados do MUTHA, apresenta potencialidades e fragilidades conforme a avaliação dos públicos e não-públicos. Entre as potencialidades, destacamos: a diversidade e representatividade, pois a maioria das pessoas respondentes reconhecem que os acervos artísticos abordam temas como múltipla produção de pessoas corpo e gênero variante, diversidade étnico-racial, aspectos de deficiência e variação corporal, diferentes faixas etárias e aspectos de classe social. Os temas abordados são reconhecidos como relevantes nos âmbitos nacional e internacional.

Sobre as múltiplas abordagens presentes no AAD, houve uma alta avaliação dos públicos. 86,7% das pessoas consideram a diversidade de territórios brasileiros entre “Excelente” e “Bom”, indicando que a intencionalidade de se construir um “amplo mapeamento nacional de pessoas artistas corpo e gênero diversas brasileiras e/ou produções artísticas corpo e gênero diversas executadas em território nacional e/ou por pessoas brasileiras, em diversas linguagens criativas” foi atingida.

Gráfico 30 – Avaliação da multiplicidade temática dos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE DE TODO O BRASIL E ALÉM?

30 respostas

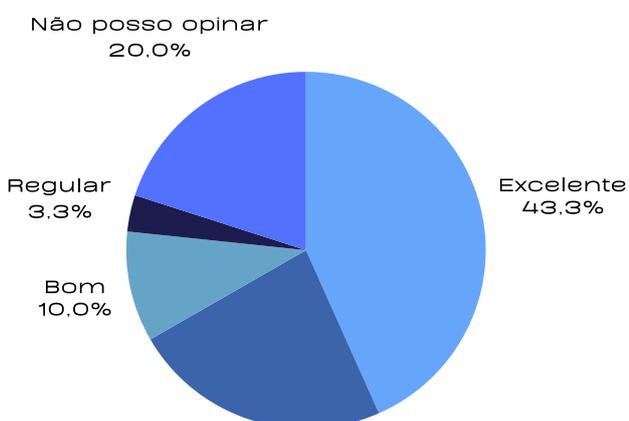


Em relação a diversidade de gêneros presentes no AAD, 86,7% das pessoas avaliaram entre “Excelente” e “Bom”, o que demonstra que existe a presença de uma grande variedade de gêneros entre as pessoas artistas participantes. O fato de 13,3% das pessoas não terem podido opinar, como já havia ocorrido em outros acervos, pode indicar uma fragilidade na difusão de acervos e acesso ao seu conteúdo.

Gráfico 31 – Avaliação da diversidade de gênero nos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE DE TODA A DIVERSIDADE DE GÊNEROS?

30 respostas

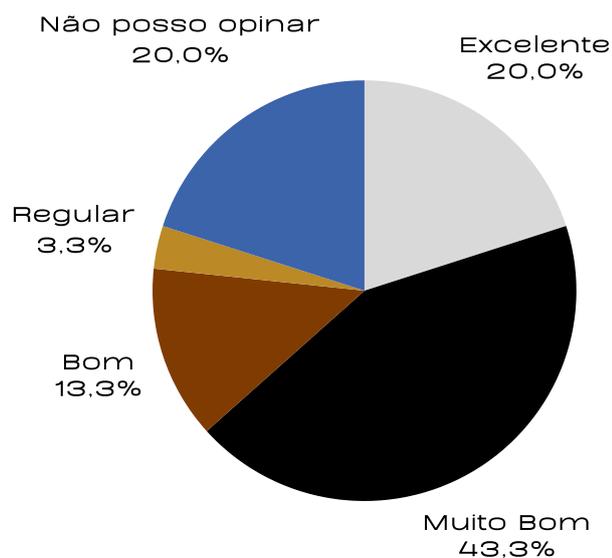


Sobre questões étnico-raciais presentes no Acervo Artístico de Dados, e sua multiplicidade representativa, 76,6% das pessoas participantes avaliaram entre “Excelente” e “Bom”, sendo que 20% das pessoas não puderam opinar. Isso possivelmente indica a mesma fragilidade anteriormente citada sobre difusão e acesso, mas também a importância de que marcadores sociais sejam mais visíveis nas informações do AAD. É necessário reconhecer que os museus, como produtos coloniais e reprodutores do racismo e da discriminação racial que está no cerne de criação do Brasil, invisibilizaram esses marcadores, retirando essas discussões de suas atuações internas e em conjunto com a sociedade.

Gráfico 32 – Avaliação da diversidade étnico-racial nos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTISTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS ÉTNICO-RACIAIS?

30 respostas

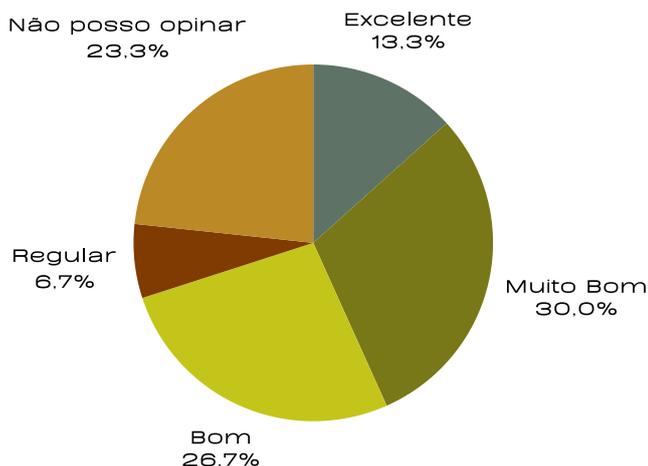


Acerca dos aspectos de deficiência e variância corporal, 76,6% dos públicos consideram o conteúdo do AAD como “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”. Todavia, 20% não conseguiram opinar sobre, inferindo a necessidade de alargamento de artistas com deficiência e variância corporal no cadastramento do AAD e a necessidade de maior difusão desses artistas já cadastrados. Isso também denota a ausência de um debate em esfera pública sobre tais questões que sejam protagonizadas por esses artistas, assim como também a falta de mecanismos de busca desses marcadores na plataforma digital do MUTHA.

Gráfico 33 – Avaliação da diversidade em relação a deficiência e variância corporal nos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS DE DEFICIÊNCIA E VARIÂNCIA CORPORAL?

30 respostas

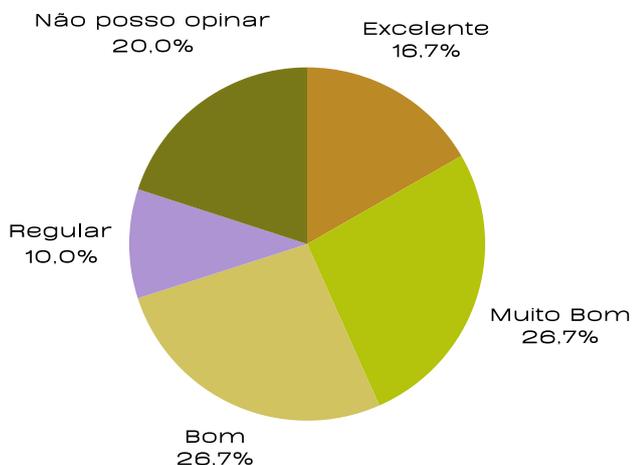


Sobre a diversidade de faixa etária entre as pessoas que compõem o AAD, os respondentes da consulta pública a classificam como “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”, correspondendo a 70% das respostas. 20% não souberam opinar, sinalizando a necessidade de um esforço maior na difusão desses artistas, assim como a necessidade de ampliação do cadastramento de novos artistas no AAD.

Gráfico 34 – Avaliação da diversidade etária nos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS DE FAIXA ETÁRIA?

30 respostas

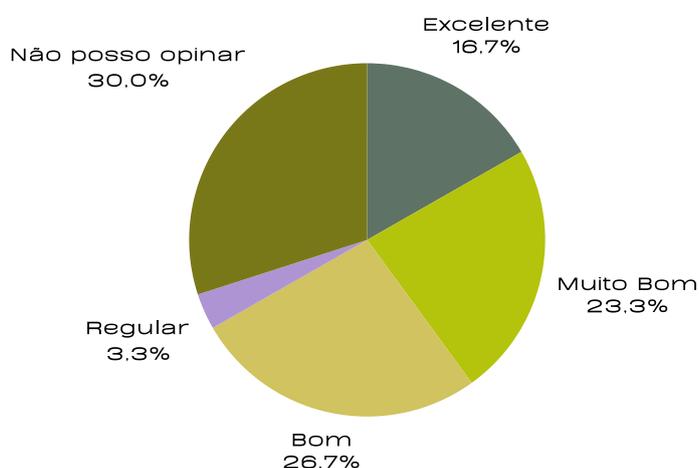


Em relação aos aspectos de classe entre os artistas que compõem o AAD, 66,7% dos respondentes da consulta pública os classificam como “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”. Apesar disso, 20% não souberam opinar, indicando a necessidade de um maior esforço na difusão desses artistas, assim como a necessidade de ampliação do cadastramento de novos artistas no AAD.

Gráfico 35 – Avaliação da diversidade de classe nos acervos artísticos do MUTHA

OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA [ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS E GALERIA] OFERECEM ABORDAGENS MÚLTIPLAS DA PRODUÇÃO CORPO E GÊNERO VARIANTE EM TODOS OS ASPECTOS DE CLASSE?

30 respostas

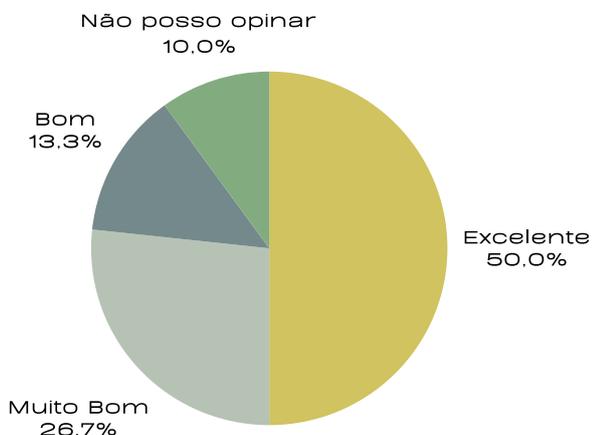


Já sobre a presença e relevância de questões sociopolíticas no AAD, a maioria dos respondentes (90%) avaliou entre “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”, tais dados apontam que o MUTHA está desempenhando um papel importante na promoção do diálogo e reflexão sobre questões contemporâneas da sociedade brasileira, potencializando mudanças sociais e promovendo a equidade de direitos, principalmente dentro do campo museológico, cultural, artístico e patrimonial. Contudo, 10% não souberam opinar, seja pela escolha do museu de utilizar o termo acadêmico e técnico “sociopoliticamente”, seja pela necessidade de fomentar cada vez mais a difusão desses acervos com esse recorte temático.

Gráfico 36 – Avaliação da relevância sociopolítica nos acervos artísticos do MUTHA

OS TEMAS DOS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA SÃO ATUAIS E RELEVANTES SÓCIO POLITICAMENTE?

30 respostas

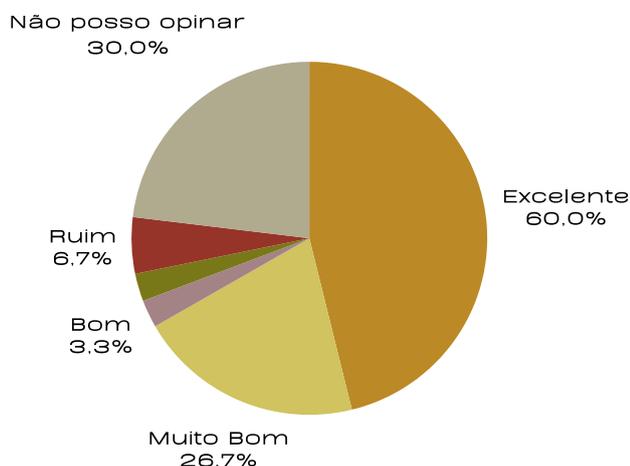


No quesito de avaliação estética das poéticas, tecnologias, criatividade, técnicas e relevância dos acervos artísticos do MUTHA, houve uma alta avaliação entre os termos “Excelente”, “Muito Bom” e “Bom”, correspondendo a 86,7% das respostas. Esse resultado destaca o potencial do museu e de seus acervos como espaço de diálogo, pesquisa e difusão, sendo compreendidos como valiosos e relevantes para a arte contemporânea brasileira.

Gráfico 37 – Avaliação estética das poéticas, tecnologias, criatividade, técnicas e relevância dos acervos artísticos do MUTHA

COMO VOCÊ AVALIARIA ESTETICAMENTE, EM TERMOS DE POÉTICAS, TECNOLOGIAS, TÉCNICAS, CRIATIVIDADE E RELEVÂNCIA, OS ACERVOS ARTÍSTICOS DO MUTHA?

30 respostas



No formulário online, foi solicitado aos públicos e não públicos do MUTHA que compartilhassem seus desejos e fabulações sobre os acervos. O objetivo desse levantamento foi apontar caminhos para estabelecer relações potentes entre os acervos institucionais e a sociedade, baseando-se nas demandas das pessoas que utilizam o museu e integrando essas demandas no planejamento estratégico da instituição.

Entre os **potenciais localizados** pelos públicos e não públicos, está a **valorização das memórias trans**. A instituição foi amplamente elogiada por sua relevância na preservação das memórias das pessoas corpo e gênero variante brasileiras, demonstrando uma forte aceitação social e reconhecimento de sua missão institucional. Além disso, houve um expressivo interesse por parte da sociedade civil em se envolver ativamente com o Museu e contribuir para seu crescimento, sugerindo um grande potencial para aumentar o engajamento das comunidades gênero variantes brasileiras. Quanto à expansão e ao acesso do acervo, foram sugeridas medidas para ampliar tanto os acervos históricos quanto os artísticos, assim como seus conteúdos, visando aumentar a variedade e acessibilidade do material oferecido.

Ao analisarmos a divulgação nas redes sociais, os dados do questionário online evidenciaram o desejo da comunidade por uma comunicação mais eficaz por parte do museu, especialmente através da divulgação de seus acervos. Isso representa uma oportunidade para atrair tanto os públicos quanto os não públicos, fortalecendo o senso de comunidade e pertencimento ao museu. No que diz respeito às exposições e à educação museal, foram apresentadas várias sugestões. Entre elas, destaca-se a vontade de que sejam realizadas exposições semestrais com o acervo institucional. Além disso, foi proposto que haja a oferta de cursos e formações livres que abordem de maneira aprofundada as coleções do museu.

Os apontamentos sobre os marcadores sociais de gênero, classe, raça e faixa etária destacaram a urgência da ampliação da diversidade representada nos acervos. Também foram identificadas dificuldades de localização, erros de descrição e problemas técnicos no acesso ao acervo do MUTHA. Em resposta a essas questões, foi sugerido o uso de ferramentas específicas para facilitar o acesso, evidenciando uma

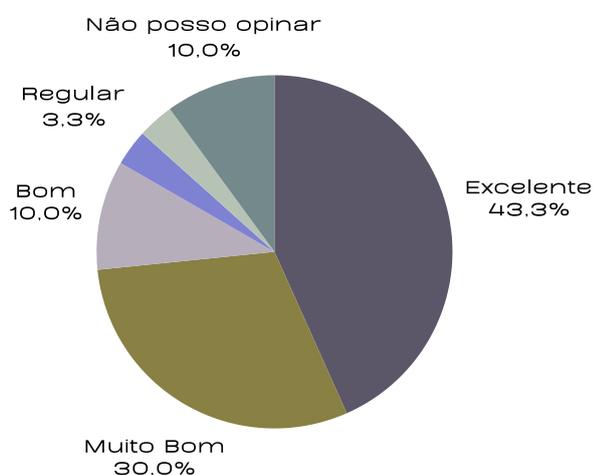
fragilidade na manutenção e atualização do conteúdo do Museu que compromete a relação dos públicos com seu acervo.

A preocupação das pessoas respondentes com a representatividade regional do MUTHA ficou evidente. Foi sugerido pelos públicos e não públicos que sejam realizadas ações de articulação comunitária e ampliação das coleções com pessoas pertencentes a outras regiões do país. Embora exista interesse na participação ativa por parte dos respondentes, a falta de comentários ou sugestões indica uma fragilidade no engajamento geral da sociedade com o Museu. Esse fato recomenda a urgência de desenvolver estratégias para aumentar a participação e o envolvimento dos públicos com as questões institucionais.

A respeito das exposições do museu, 73.3% das pessoas respondentes avaliaram positivamente, com 43.3% classificando como “Excelente” e 30% como “Muito Bom”. Essa satisfação na avaliação sugere que as exposições são bem recebidas pelos usuários e têm potencial para cumprir sua função. Uma parte dos públicos (16.7%) avaliou as exposições como “Regular” ou “Ruim”. Além disso, o fato de 10% dos respondentes não terem opinião sobre as exposições ressalta a possível falta de acessibilidade e informações para poder se apropriar do conteúdo, ou mesmo o desconhecimento sobre as mesmas. Isso indica a necessidade de aprimorar a divulgação e posicionamento das exposições dentro da arquitetura digital que organiza o museu.

Gráfico 38 – Avaliação do espaço de exposições do MUTHA

CLASSIFIQUE O ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES
30 respostas



Sobre as temáticas expográficas que podem vir a ser desenvolvidas pelo museu, o interesse dos públicos e não públicos vai de encontro a temas que representem as vivências e produções artísticas das pessoas trans, travestis e não binárias. Fato presente foi a ênfase no desejo por interseccionalidade das narrativas, manifestando uma abertura para explorar as complexidades das identidades trans, ampliando a produção histórica, artística e ativista da população gênero variante brasileira. Deve ser incluso aqui o desejo por exposições sobre corpos trans, travestis e intersexo, assim como exposições sobre gênero e sexualidade. Com pedidos por exposições que abordem questões étnicas, raciais, de classe e de identidade de gênero, os públicos desejam que o museu explore as interseções entre as identidades trans e outros marcadores sociais.

No que tange às ações dos núcleos Educativo e de Pesquisa, muitas das pessoas respondentes expressaram interesse em conteúdos educativos, como palestras, debates, minicursos e vídeos educativos. Há a demanda por materiais que promovam a compreensão e conscientização sobre questões trans e de gênero, a serem desenvolvidos conjunto a programação das exposições. Existe também interesse em exposições que envolvam pesquisa histórica e arquivos históricos, bem como arte multimídia e performance, o que revela uma busca por variedade de formas de expressões artísticas para além das artes visuais, mesmo considerando as nato digitais.

Ademais, houve indicação para realização de exposições futuras sobre modificações corporais, transfuturismo, infâncias transfemininas gordas, questões não binárias e experiências de pessoas trans em comunidades afroconfluentes e indígenas, denotando que o espaço das galerias do museu pode e deve corresponder às demandas sociais. Também a forma como o museu pode ser um espaço que contribui efetivamente para o cumprimento da função de transformação social.

A inclusão de diversos artistas também foi tema pautado pelas pessoas respondentes em sua maioria, demonstrando o desejo de inclusão de obras de uma ampla gama de artistas trans e não binários, especialmente as pessoas menos reconhecidas ou representadas em instituições culturais e de memória.

A diversidade de interesses e temas pode representar um desafio para as equipes internas do museu. A ampla gama de atividades desejadas pelos respondentes requererá recursos financeiros, humanos e materiais adicionais para sua implementação eficaz, representando um desafio em termos de exequibilidade. Garantir uma representação equitativa de diversas identidades, narrativas e grupos sociais também poderá ser um desafio, especialmente devido às barreiras socioeconômicas condicionadas a determinados grupos ou regiões geográficas. Assim, embora haja interesse em exposições e ações educativas, será necessário um maior esforço para envolver ativamente os grupos sociais na participação e colaboração com o museu, especialmente em áreas menos representadas.

Nesta consulta pública, um dos assuntos essenciais investigados foi a relação dos públicos e não públicos com a tipologia de museus virtuais e nato digitais, vislumbrando uma melhor visualização dos processos necessários para o estabelecimento de parâmetros eficientes no desenvolvimento do planejamento estratégico da instituição. Deste modo, foram investigados diferentes aspectos que formulam e fabulam esta tipologia museológica, a partir da experiência das pessoas com o museu, como o acesso à cultura; fatores atrativos no MUTHA; dificuldades encontradas na visita; apropriação e retorno ao museu; relação do museu com o mercado de arte e a empregabilidade de artistas trans; a vontade de museu; os sonhos, as projeções e a criticidade para o seu funcionamento pleno; além de descobrir o que a sociedade considera como prioridades institucionais para o MUTHA.

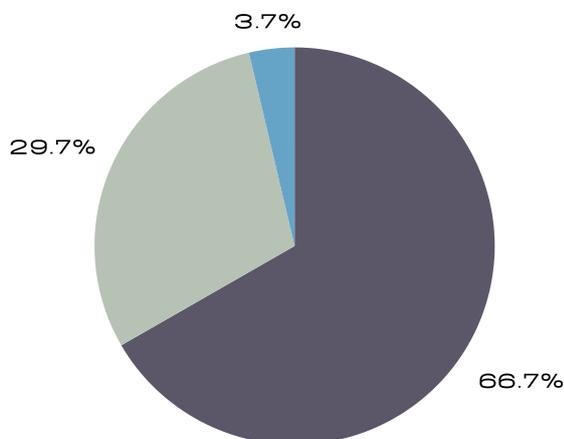
A percepção levantada foi que: os museus virtuais, como o MUTHA, são amplamente reconhecidos e valorizados pelas pessoas consultadas, com 93,3% delas considerando esses museus tão importantes quanto os museus físicos na preservação do patrimônio cultural. Esse alto índice de aceitação e valorização reflete a percepção da relevância dos museus digitais na sociedade contemporânea.

Gráfico 39 – Avaliação da valorização do MUTHA enquanto museu digital

O MUTHA CONTRIBUI PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL! VOCÊ CONSIDERA O MUTHA UM MUSEU DE MESMO VALOR QUE OS NÃO-DIGITAIS?

30 respostas

- Sim, considero que os museus virtuais possuem a mesma importância que os não-digitais
- Não, considero que os museus não-digitais são mais importantes que os virtuais
- Não sei opinar



As pessoas respondentes também reconhecem o papel fundamental do MUTHA na preservação do patrimônio cultural, especialmente no que diz respeito à cultura e história da população corpo e gênero variante. Essas respostas demonstram a eficácia do museu em identificar, valorizar, reconhecer, salvaguardar, pesquisar, comunicar, difundir e preservar essas expressões artísticas e históricas, gerando seu reconhecimento social como uma instituição estratégica e relevante para a sociedade brasileira.

Por outro lado, uma pequena parcela dos respondentes (6,7%) afirmou não possuir uma opinião formada sobre a equivalência de valor entre os museus virtuais e físicos na preservação do patrimônio cultural. Isso sugere uma falta de familiaridade ou reflexão sobre o papel e a importância dos museus virtuais, destacando a necessidade de disseminar informações sobre o assunto e proporcionar uma oportunidade de diálogo entre o museu e a sociedade a partir dessa temática.

Em relação às dificuldades enfrentadas na visita e retorno ao museu, os respondentes apontaram vários obstáculos. A principal dificuldade, mencionada por 30% das pessoas, foi a falta de tempo, seguida pela falta de divulgação ou comunicação adequada, citada por 26,7% dos participantes. Isso sugere que o museu enfrenta desafios para alcançar seu público-alvo e não públicos e informá-los sobre suas atividades. Além disso, 20% dos respondentes destacaram a falta de variedade ou quantidade insuficiente de atividades, indicando a necessidade de

diversificar a oferta de programas e eventos.

Outros desafios incluem questões relacionadas à experiência virtual, mencionadas por 10% dos respondentes que sentem falta da imersão ou interação quando comparam essa experiência com uma visita presencial. Os problemas técnicos, como o mau funcionamento do website, foram relatados por 6,7% dos participantes, ressaltando a importância de garantir a funcionalidade e acessibilidade do ambiente online.

Por fim, 3,3% dos respondentes apontaram questões de acessibilidade, falta de dispositivos de acesso e conexão à internet, destacando a importância de garantir que o museu seja acessível a todos os públicos e promova ações para além do ambiente virtual em diversas regiões do país.

A respeito da empregabilidade de artistas trans e a relação do MUTHA com mercado de arte, as pessoas respondentes fizeram diversos apontamentos de caminhos possíveis, entre elas:

1. a divulgação e promoção de artistas e suas obras por meio de exposições, materiais pedagógicos e mídias sociais;
2. a criação de uma “Lojinha” online, com um site separado para vendas de obras de arte. Isso ajudaria na centralização das transações comerciais, oferecendo uma plataforma conveniente para compradores e artistas;
3. a realização de mediação e parcerias com outras entidades, onde o museu poderá atuar como mediador entre artistas e compradores, bem como poderá estabelecer parcerias com galerias de arte ou outras instituições culturais;
4. a expansão internacional, a ideia de internacionalizar essas relações de mediação e parcerias sugere um grande potencial para alcançar consumidores globais, interessados em arte contemporânea, brasileira e latinoamericana produzida por pessoas trans, possibilitando uma maior visibilidade e reconhecimento internacional para o MUTHA e artistas;
5. a participação ativa de artistas. O interesse expresso por alguns artistas em colaborar e criar projetos com o museu demonstra uma potencial parceria colaborativa que pode fortalecer a promoção e comercialização das obras de arte.

Essas questões e sugestões acima apresentadas trazem desafios a serem repensados e debatidos internamente e também em conjunto com a sociedade civil, sobretudo aquelas que envolvem compra e venda no mercado da arte nacional e internacional.

Sobre vontade de museu, sonhos, projeções e críticas ao MUTHA, tivemos uma participação importante dos públicos e não públicos do museu, onde diferentes tópicos merecem atenção, como pesquisas e soluções a serem pensadas e executadas pela instituição. Entre as percepções e desejos gerais sobre o museu, a noção de apoio comunitário e reconhecimento do MUTHA ficaram evidentes. Muitas respostas expressam forte apoio e admiração pelo museu, reconhecendo sua importância pela inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ no circuito das artes e elogiando seu papel em preservar a história e arte trans. Essas respostas e comentários apontam que o museu está cumprindo sua missão de representar e difundir as experiências das populações corpo e gênero variantes.

Acerca da possibilidade de ampliação e aprimoramento do museu, as pessoas respondentes expressaram o desejo de ver o MUTHA crescer e se expandir, tanto digital quanto fisicamente, incluindo sugestões para aumentar parcerias, buscar financiamento e oferecer mais oportunidades para artistas e colaboradores. Essas sugestões podem informar estratégias para o desenvolvimento futuro do museu, incluindo planos para aumentar a presença ativa no ambiente virtual - com o desenvolvimento de estratégias para ações museológicas diversas, para estabelecer parcerias institucionais e para diversificar as fontes de financiamento.

Sobre democratização do acesso e acessibilidade, houve destaque para a importância da acessibilidade do museu para diferentes grupos, incluindo idosos, crianças, professores e pessoas de diversas identidades de gênero. Esse ponto ressalta a necessidade de desenvolver estratégias inclusivas e acessíveis que considerem os diferentes marcadores sociais como estratégia de gestão a curto, médio e longo prazo.

No tocante a colaborações e parcerias, diversas respostas sugerem oportunidades de colaboração com outras organizações, destacando a importância de desenvolver estratégias e mapeamento de redes de parceiros no plano museológico para fortalecer a gestão do museu, amplificando o alcance de suas ações.

Ademais, entre os desafios e necessidades do MUTHA atribuídas pelas pessoas respondentes, está a urgência de tratar sobre as memórias traumáticas das violações contra os direitos humanos das pessoas corpo e gênero variante brasileira, que ferem a dignidade humana.

Perguntamos também no formulário, sobre a possibilidade do Museu Transgênero de História e Arte vir a se tornar um espaço físico. Seria esta uma vontade da sociedade? Como seria este processo? Qual cidade ou estado seria a indicada para a construção da sede física do MUTHA?

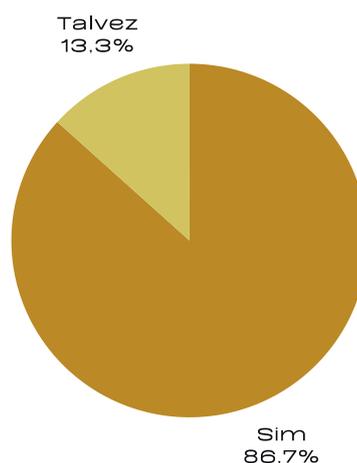
Descobrimos, deste modo, que 86,7% das pessoas respondentes expressam um desejo claro de que o MUTHA tenha um espaço físico.

As respostas variam amplamente em relação aos locais preferidos para uma possível sede do MUTHA, incluindo São Paulo, Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro e Belo Horizonte como as principais cidades citadas. Contudo, alguns respondentes expressam preocupações com a centralização da cultura em grandes centros urbanos, preconizando que o MUTHA poderia contribuir para a descentralização cultural ao considerar outras cidades e regiões.

Gráfico 40 – Avaliação do interesse na criação de um espaço físico para o MUTHA

VOCÊ DESEJA QUE O MUTHA TENHA ESPAÇO NÃO-DIGITAL UM DIA?

30 respostas



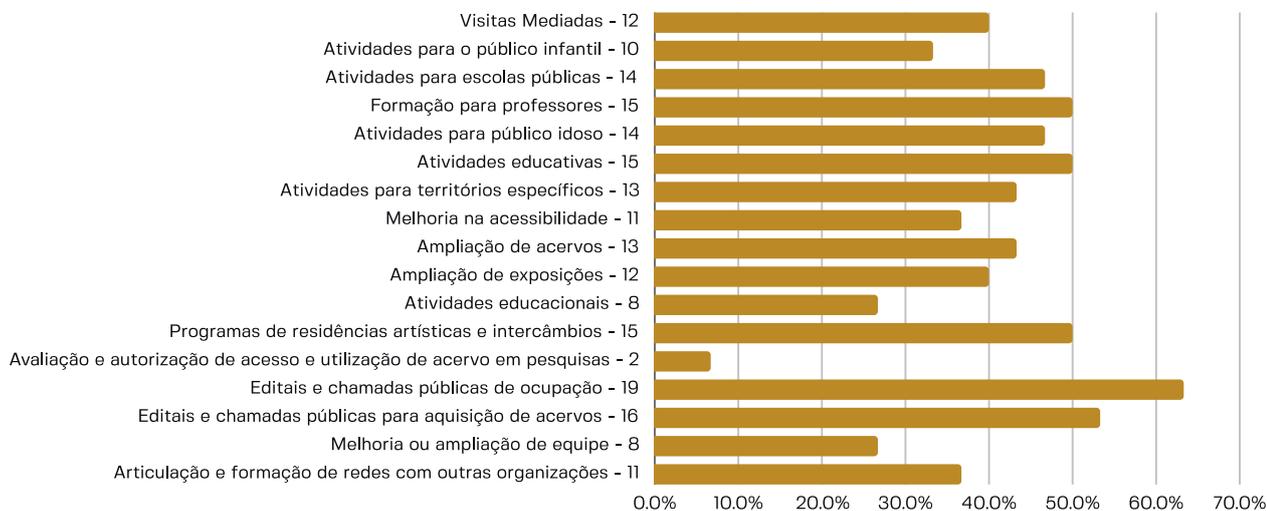
Ademais, sugestões de modelos alternativos, como espaços itinerantes ou módulos de museu, foram citadas como possibilidade de atuação para o museu virtual nesse momento. Ainda sobre isso, é enfatizada a importância de considerar não apenas a localização geográfica, mas também as necessidades práticas e operacionais do museu, incluindo a possibilidade de estabelecer parcerias com outros museus ou instituições culturais existentes como possibilidade de circular em diversos territórios. Foi sinalizada a importância da participação social na decisão sobre a localização do espaço físico, sugerindo que o “porquê” pode ser mais importante do que o “onde”. Isso ressalta a importância de uma escuta ativa institucional para responder às necessidades e expectativas dos grupos sociais a quem o museu serve e representa.

Além disso, o questionário perguntou à sociedade “Quais deveriam então ser as prioridades do museu?”. Para as pessoas respondentes do MUTHA, que puderam escolher mais de uma resposta cada uma, as atividades educacionais e formativas como visitas mediadas (40% das respostas), atividades para o público infanto-juvenil (33,3% das respostas), atividades para as escolas (46,7% das respostas), a criação de editais e chamadas públicas de ocupação (63,3% das respostas), editais e chamadas públicas para aquisição de acervos (53,3% das respostas), programas de residências artísticas e intercâmbios (50% das respostas), às atividades para público idoso (46,7% das respostas), às atividades para territórios específicos (43,3% das respostas), a ampliação de acervos (43,3% das respostas), a ampliação de exposições (40% das respostas), a melhoria na acessibilidade (36,7% das respostas), a articulação e formação de redes com outras organizações (36,7% das respostas), a melhoria ou ampliação de equipe (26,7% de respostas), a avaliação e autorização de acesso e utilização de acervo em pesquisas (6,7% das respostas) somaram a maior parte das respostas. Isso inflama o compromisso em promover formações continuadas a profissionais da educação, artistas e da sociedade como um todo, além de fomentar a produção e disseminação de conhecimento sobre uma possibilidade massiva de assuntos. Também destaca a necessidade de aprimorar a arquitetura digital, as exposições e seus temas, e de expandir o acervo.

Gráfico 41 – Avaliação de prioridades de ações para o MUTHA

QUAIS AS AÇÕES DO MUTHA VOCÊ ACHA QUE DEVEM SER PRIORIZADAS?

30 respostas



Chegando aos cinco anos da constituição do Museu Transgênero de História e Arte, de frente com a constituição do primeiro Plano Museológico, iniciado pela fase de diagnóstico, esse momento se mistura com desejáveis futuros possíveis para o MUTHA como um todo. Tanto do ponto de vista dos públicos e não públicos, como da equipe institucional, existem sonhos e expectativas de que a instituição museológica mantenha sua qualidade e excepcionalidade, aprimorando também seus processos museológicos e acolhendo novas práticas que trabalhem o uso social da memória.

3.2 Matriz FOFA

Sistematizar, organizar, recuperar, gerenciar e sintetizar as diversas informações geradas por um extenso diagnóstico, como é o caso do Diagnóstico Situacional do Museu Transgênero de História e Arte, é um trabalho desafiador. Neste sentido, utilizar ferramentas estratégicas para planejar o futuro institucional de forma estratégica se torna essencial. Desse modo, o MUTHA encontra na Análise SWOT, também conhecida como FOFA, um instrumento que auxilia na sistematização e seleção de priorização das informações internas e externas, positivas e negativas, que considerem os contextos socioeconômicos, políticos, locais e culturais dos quais a instituição está intimamente relacionada, tratados como disparadores para o planejamento estratégico. Através da SWOT, se mapeia as oportunidades e forças, fraquezas e ameaças que trazem mudanças nas formas de ver e pensar o museu, apontando o que pode ser prevenido, aproveitado, resgatado, fortalecido e investido em prol da instituição, reforçando sua função social e mantendo sua atuação na sociedade.

FORÇAS

- Experiência em navegar a burocracia e requisitos de editais de fomento à cultura.
- Conhecimento aprofundado dos ciclos de fomento e produção cultural e suas implicações.
- Inovação conceitual, tecnológica e técnica, com hibridéz e experimentação processual.
- Presença e valorização de diversas identidades de gênero, em suas mais variadas expressões culturais, de raça-etnia, classe, etc.
- Conteúdo artístico e histórico de alta qualidade científica, técnica e criativa, com alta variabilidade de linguagens.
- Comprometimento com a preservação e difusão da memória trans.
- Comprometimento com a empregabilidade e valorização cultural trans.
- Programas que refletem condições históricas, políticas e materiais da comunidade alvo.

- Equipe diversificada e dedicada à promoção da arte e história trans.
- Parcerias e redes com coletivos, organizações LGBTQIAPN+ e instituições de pesquisa.
- Engajamento significativo com a comunidade, principalmente a juventude, através de conteúdo relevante.
- Ampliação do alcance geográfico através da virtualidade.
- Ampliação modular facilitada pelo Wordpress, permitindo crescimento adaptável, com estratégias para mitigar conflitos e colapsos
- Flexibilidade do Wordpress, facilitando a navegação, com atualizações, suporte multimídia e possibilidade de práticas de web design minimalistas.
- Presença digital robusta e diversificada em plataformas sociais.
- Comunicação eficaz e direta via principal rede social

OPORTUNIDADES

- Expansão de fontes de financiamento para além de editais esporádicos, alcançando loja, crowdfunding e outras alternativas.
- Sincronização dos ciclos de execução de fomentos culturais com demandas museais.
- Internacionalização para busca de fundos e promoção global do patrimônio cultural trans.
- Expansão da equipe para melhorar capacidade de captação, execução e inovação, inclusive geograficamente.
- Desenvolvimento de políticas públicas para museus digitais, LGBTQIAPN+, etc.
- Criação de espaços mais-que-digitais e parcerias com espaços mais-que-digitais para para experiências imersivas.
- Investimento em inovação tecnológica, científica e criativa.
- Articulação com espaços culturais e museus de diferentes tipologias, para promoção de ações em parceria dentro e fora do ambiente virtual
- Investimento em inovação tecnológica, científica e criativa.
- Acessibilidade digital como foco.

- Aproveitamento da flexibilidade e multimidialidade do Wordpress para desenvolvimento rápido.
- Promover navegação fluida e acessível por meio de um planejamento da arquitetura do museu eficaz, inclusivo e transparente.
- Adaptação e atualização tecnológica contínua para prevenir obsolescência e melhorar a experiência, usabilidade e acessibilidade do usuário.
- Implementação de medidas de segurança digital avançadas.
- Criação de aplicativos móveis para acesso facilitado.
- Resposta proativa a discursos de ódio através de educação e conscientização.
- Desenvolvimento de mais projetos e conteúdos educativos e multimídia.
- Promoção de mais debates e discussões sobre variância de gênero.
- Parcerias com redes, organizações e coletivos nacionais e internacionais para ampliar apoio comunitário, alcance e impacto.
- Desenvolvimento de novas estratégias e tecnologias de comunicação interativas.
- Reorganização da reserva técnica digital para abarcar mais arquivos simultaneamente.
- Ampliação, diversificação e transformação consciente dos acervos e arquivos digitais.
- Habilidade de transformação da performance, mantendo a relevância ao longo do tempo.
- Aproveitamento eficaz de feedback para promover melhoria contínua.

FRAQUEZAS

- Ausência de uma estratégia de sustentabilidade financeira a longo prazo.
- Dificuldade de formação e manutenção de equipes majoritariamente trans.
- Necessidade de formação de equipes para o mercado de trabalho cultural.
- Equipe reduzida e operante apenas quando contratada em projetos, limitando sua capacidade de execução.
- Necessidade de integralização da equipe jurídica, de acervo e de acessibilidade à direção do museu, para

melhor gestão legal e de acesso.

- Necessidade de mais diversidade étnico-racial e territorial na equipe e nos acervos do museu.
- Conteúdo do museu espalhado fora do website.
- Necessidade de trabalho focado em acessibilidade digital, usabilidade do usuário e navegação fluida no site.
- Necessidade de atualização tecnológica constante.
- Necessidade de repensar a organização arquitetônica para melhorar o acesso à informação.
- Risco de expansão arquitetônica mal planejada, que pode gerar conflitos entre aplicações dentro de um mesmo domínio.
- Limitação do subdomínio AH.MUTHA.COM.BR ao arquivo histórico, reduzindo a integração.
- Páginas institucionais e de contato obsoletas, reduzindo a eficácia da comunicação.
- Organização arquitetônica confusa das galerias e exposições pregressas.
- Estruturação confusa do arquivo digital dentro do arquivo histórico.
- Desafios na gestão, usabilidade e visibilidade do Arquivo Artístico de Dados.
- Utilização efetiva de tecnologia digital para ampliar engajamento.
- Comunicação e difusão precisam de equipe profissional de estratégia, ampliação e inovação no engajamento, além da produção e compartilhamento de conteúdo.
- Comunicação via e-mail e outras redes sociais precisa melhorar.
- Desafios na internacionalização de conteúdos.
- Reserva técnica fragmentada que dificulta a gestão de acervos.
- Desafios na simetriação dos acervos históricos e artísticos.
- Obsolescência de seções dedicadas à educação e atividades pregressas.

AMEAÇAS

- Expansão e manutenção limitada pela dependência de financiamentos externos, sazonais e periódicos para projetos.
- Instabilidade política e orçamentária, afetando os editais de fomento à cultura, aos direitos humanos e aos museus digitais.
- Escassez de políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas que compreendam a integração de todo o público-alvo do MUTHA e sua natureza nato-digital.
- Desafios de formalização jurídica e museal.
- Vulnerabilidade e dificuldade das equipes em cumprir prazos e metas.
- Dependência de trabalho voluntário e dificuldades em gerenciar equipe voluntária.
- Falta de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de projetos de grande escala.
- Riscos associados à dependência de tecnologias específicas, como as de segurança.
- Vulnerabilidade do público-alvo, principalmente em termos de saúde, educação e empregabilidade.
- Barreiras técnicas e econômicas para usuários que não possuem recursos tecnológicos de acesso à internet e/ou menos familiarizados com o digital e/ou em áreas remotas.
- Concorrência por atenção no ambiente digital saturado.
- Desafios na gestão de uma reserva técnica digital fragmentada e da preservação de acervos digitais.

O Museu Transgênero de História e Arte, em termos de *forças*, conta com a longa experiência de Ian Habib e Be Zilberman, que, até o momento atual, foram responsáveis pela captação de recursos para o espaço, participando de reuniões de fomento governamentais a nível municipal, estadual e federal, construindo também redes de monitoramento de editais. Em relação à inovação conceitual, tecnológica e técnica, o museu conta com

a utilização eficaz de tecnologia digital tanto para fins educativos quanto para exposições. Também emprega novas tecnologias na criação artística e na elaboração de processos museais e arquivísticos. Tais práticas são fundamentais nos projetos de expansão e projeção internacional do museu como museu digital inovador. Em relação à variabilidade das equipes contratadas e dos conteúdos do museu, temos uma alta valorização da diversidade étnico-racial, com interesse e participação da população, e programas educacionais variados, criativos e valorizadores da diferença. Em relação ao apoio comunitário, o MUTHA conta com uma rede sólida de pessoas visitantes e colaboradoras, com forte engajamento comunitário.

Em termos de *fraquezas*, o MUTHA reconhece sua falta de estratégia bem definida para angariar doações e apoio financeiro, enfrentando descompassos entre os seus ciclos de financiamento esporádicos e as suas necessidades cotidianas e permanentes. A loja, por exemplo, poderia ser usada para suporte financeiro e promoção, mas não existe - e seu rascunho se encontra em uma página vazia do site. A equipe reduzida cria dificuldades no desenvolvimento de novos projetos quando vários estão sendo realizados simultaneamente, o que atrapalha na frequência de financiamentos. Uma menor diversidade étnico-racial e territorial na equipe mais frequente e no arquivo histórico pode ser percebida, devido a financiamentos desiguais vindos dos estados e devido à necessidade de efetivação de mais políticas étnico-raciais no museu.

Em termos de *ameaças* que podem limitar sua expansão e manutenção, temos que os financiamentos estão ligados à conjuntura econômica do país, que envolve fatores como inflação; catástrofes naturais, climáticas e sanitárias; corrupção; entre outros. Todos eles influenciam na quantidade de editais e na verba disponível em editais, bem como no crescimento dos custos de manutenção do museu (contábeis, jurídicos, tecnológicos, dentre outros). Em relação à formalização, temos que o MUTHA apresenta algumas inovações ainda não abarcadas pela legislação museal, como o fato de ser um “Museu-obra de arte”; de não haver políticas públicas eficazes para museus nato digitais; do alto valor da mão de obra especializada e da gestão das complexidades na legislação de direitos autorais e propriedade intelectual - que envolvem inúmeras análises de risco. Adicionalmente, o museu lida com a vulnerabilidade do público-alvo e enfrenta

riscos tecnológicos, incluindo obsolescência tecnológica frente à rápida modificação digital; riscos de perdas e segurança de dados, principalmente em ataques cibernéticos. Por sua postura de enfrentamento e resistência cultural e temática, o museu lida com crimes como discursos de ódio e censura à livre expressão. Em adição, devido à falta de recursos para a manutenção de uma reserva técnica digital adequada ao tamanho das suas necessidades, o museu lida com reserva fragmentada e ainda desorganizada, o que dificulta a preservação dos acervos.

Entretanto, também existem *oportunidades* significativas que o museu pode aproveitar para fortalecer sua posição e expandir seu impacto, criando estratégias de financiamento fixas, como loja, e não dependentes do governo, como *crowdfunding*. O museu também pode diversificar fontes de financiamento, inclusive em expansão internacional, e destinar custos fixos às maneiras de captação de recursos não esporádicas, de maneira a operar melhor gestão sincrônica. O MUTHA ainda não tem pessoas captadoras e produtoras em todos os estados, e essa seria uma oportunidade de expansão, além da participação na formulação de mais políticas públicas de financiamento e colaboração com espaços parceiros. Um dos principais pontos envolve igualmente o aproveitamento tecnológico, que pode envolver maiores oportunidades de criação, captação de recursos, acessibilidade, entre outras, como também a diversificação dos modos de acesso.

3.3 Matriz GUT

A análise GUT classifica fraquezas e ameaças, considerando os ambientes em que o museu se encontra, segundo Gravidade, Urgência e Tendência. Essa metodologia permite priorizar ações de forma eficaz, traçando um planejamento estratégico conforme os objetivos do museu. Além disso, essa análise promove a melhoria contínua e assegura que as decisões sejam transparentes e fundamentadas, produzindo uma melhor visualização das reais necessidades institucionais. Assim, ela contribui para que o desenvolvimento dos programas e seus projetos transcorra de forma estratégica e responsável. Mais precisamente:

Gravidade (G): Refere-se ao impacto que o problema ou a tarefa pode causar caso não seja resolvido. É uma avaliação da severidade das consequências. Pode ser avaliada em uma escala, por exemplo, de 1 a 5, onde 1 significa pouco grave e 5 significa extremamente grave.

Urgência (U): Refere-se ao tempo disponível para resolver o problema ou completar a tarefa. Avalia o quão rapidamente a ação precisa ser tomada. Também pode ser avaliada em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa que não é urgente e 5 significa que é extremamente urgente.

Tendência (T): Refere-se ao potencial de crescimento do problema ou da necessidade da tarefa ao longo do tempo se não for abordado. Avalia a probabilidade do problema piorar. Pode ser avaliada em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa que a tendência de piorar é baixa e 5 significa que a tendência de piorar é alta.

A combinação dessas três dimensões em um modelo GUT ajuda a priorizar problemas ou tarefas com base na pontuação total obtida. A fórmula para calcular a prioridade é multiplicar as notas de Gravidade, Urgência e Tendência ($G \times U \times T$). As tarefas ou problemas com maior pontuação serão utilizadas para construção de programas e projetos que correspondam com as demandas do Museu Transgênero de História e Arte, o MUTHA.

Quadro 2 – Definição dos fatores e escala de avaliação na análise GUT

IMPORTÂNCIA		
G	GRAVIDADE	Fator impacto estrutural ou financeiro
U	URGÊNCIA	Fator tempo
T	TENDÊNCIA	Fator padrão de desenvolvimento

NOTA	GRAVIDADE	URGÊNCIA	TENDÊNCIA
5	Extremamente grave	Precisa de ação imediata	Irá piorar rapidamente
4	Muito grave	Urgente	Irá piorar em pouco tempo
3	Grave	O mais rápido possível	Irá piorar
2	Pouco grave	Pouco urgente	Irá piorar em longo prazo
1	Sem gravidade	Pode esperar	Não mudará muito

Fonte: KEPNER, Charles H.; TREGOE, Benjamin B. The Rational Manager: A Systematic Approach to Problem Solving and Decision-Making. New York: McGraw-Hill, 1965.

Quadro 3 – Fraquezas e ameaças do MUTHA identificadas na análise SWOT

Fraquezas e Ameaças identificados na análise SWOT	G	U	T	TOTAL
Ausência de uma estratégia de sustentabilidade financeira a longo prazo.	5	5	5	125
Dificuldade de formação e manutenção de equipes majoritariamente trans.	4	3	3	36
Necessidade de formação de equipes para o mercado de trabalho cultural.	5	5	5	125
Equipe reduzida e operante apenas quando contratada em projetos limita a capacidade de execução de projetos	5	5	5	125
Necessidade de integralização da equipe jurídica e de acervo e de acessibilidade à direção do museu, para melhor gestão legal e de acesso.	4	3	3	36
Necessidade de mais diversidade étnico-racial e territorial na equipe e nos acervos do museu.	3	3	3	27
Conteúdo do museu espalhado fora do website.	2	2	3	12

Necessidade de trabalho focado em acessibilidade digital, usabilidade do usuário e navegação fluida no site.	5	5	5	125
Necessidade de atualização tecnológica constante.	3	3	3	27
Necessidade de repensar a organização arquitetônica para melhorar o acesso à informação.	4	4	5	80
Risco de expansão arquitetônica mal planejada, que gere, por exemplo, conflito de aplicações dentro de um mesmo domínio.	5	3	3	45
Limitação do subdomínio AH.MUTHA.COM.BR ao arquivo histórico, reduzindo a integração.	4	4	5	80
Páginas institucionais e de contato obsoletas, reduzindo a eficácia da comunicação.	4	4	4	64
Organização arquitetônica confusa das galerias e exposições progressas.	4	4	4	64
Estruturação confusa do arquivo digital dentro do arquivo histórico.	4	4	4	64
Desafios na gestão, usabilidade e visibilidade do Arquivo Artístico de Dados.	4	4	4	64
Utilização efetiva de tecnologia digital para ampliar engajamento.	2	2	2	8
Comunicação e difusão precisam de equipe profissional de estratégia, ampliação, inovação no engajamento, produção e compartilhamento de conteúdo.	3	3	3	27
Comunicação via e-mail e outras redes sociais precisa melhorar.	3	3	3	27
Desafios na internacionalização de conteúdos.	2	2	2	8
Reserva técnica fragmentada dificulta a gestão de acervos.	4	4	5	80

Desafios na simetriação dos acervos históricos e artísticos.	4	4	5	80
Obsolescência de seções dedicadas à educação e atividades progressas.	4	4	5	80
Expansão e manutenção limitada pela dependência de financiamentos externos, sazonais e periódicos para projetos.	4	4	4	64
Instabilidade política e orçamentária afetando os editais de fomento à cultura, aos direitos humanos e aos museus digitais.	3	3	3	27
Escassez de políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas que compreendam a Integração de todo o público-alvo do MUTHA e sua natureza nato-digital.	3	3	3	27
Desafios de formalização jurídica e museal.	4	4	4	64
Vulnerabilidade e dificuldade das equipes em cumprir prazos e metas.	4	4	3	48
Dependência de trabalho voluntário e dificuldades em gerenciar equipe voluntária.	4	4	4	64
Falta de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de projetos de grande escala.	3	3	2	18
Riscos associados à dependência de tecnologias específicas, como as de segurança.	4	4	5	80
Vulnerabilidade do público-alvo, principalmente em termos de saúde, educação e empregabilidade.	5	5	5	125
Barreiras técnicas e econômicas para usuários que não possuem recursos tecnológicos de acesso à internet e/ou menos familiarizados com o digital e/ou em áreas remotas.	3	3	3	27
Concorrência por atenção no ambiente digital saturado.	3	3	4	36
Desafios na gestão de uma reserva técnica digital fragmentada e da preservação de acervos digitais.	5	5	5	125

Fonte: Elaboração das autorias.

3.4 Equipe e Organograma

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) é composto por equipes de projeto formuladas por sua direção, que é a única posição fixa atualmente. As equipes de projeto são não-fixas, portanto, modificáveis e flexíveis, tendo seus cargos alterados de acordo com as necessidades dos projetos aprovados em editais e a disponibilidade de mão-de-obra. Elas são formadas para atuação na execução desses projetos específicos, através de atuações *freelance*, temporárias, esporádicas e sem vínculo empregatício. Então, a equipe museal é a equipe contratada de cada projeto, e pode ser verificada no website, na página correspondente a cada ação realizada. Temos algumas funções mais frequentes, como pessoa Museóloga, Designer, Webdesigner e Advogada, mas as pessoas que as desenvolvem podem variar.

Atualmente damos preferência na contratação de pessoas trans e mulheres cisgêneras, mantendo a meta de 90% de pessoas trans contratadas em todos os projetos. O museu, até o momento, optou por não trabalhar com pessoas voluntárias, devido à dificuldade de gestão e formulação de documentos regulatórios dessas equipes.

Nosso organograma se encontra abaixo:



3.4.1 Equipe Atual

Os cargos mais frequentes presentes em nossos projetos, que são esporádicos, podem ser apreendidos abaixo:

Quadro 4 – Cargos mais frequentes no MUTHA

CARGO	NÚMERO DE PESSOAS ATUANTES
Direção Geral, Gestão, Pesquisa, Direção de Arte, Direção de Produção, Comunicação e Produção Executiva Nacional e de Belo Horizonte	1
Audiovisual	1
Museologia	1
Estágio em Museologia	1
Consultoria em Museologia	1
Webdesign, T.I e História	1
Assessoria de Imprensa	1
Consultoria em Acessibilidade	1
Consultoria em Advocacia	1
Consultoria em Contabilidade	1
Produção Executiva São Paulo	1
TOTAL	11

Fonte: Elaboração das autorias.

Outras contribuições mais esporádicas são:

Quadro 5 – Cargos mais esporádicos no MUTHA

CARGO	NÚMERO DE PESSOAS ATUANTES
Revisão textual e normatização	1
Editora	2
Tradução	2
Comissão de Acervos	5
Pessoa Entrevistadora	4
Produção Belo Horizonte	3
Pessoa Técnica em Iluminação Belo Horizonte	1
Videomaker	1
Pessoa Transcritora	3
TOTAL	22

Fonte: Elaboração das autorias.

As outras contribuições são pessoas interlocutoras e artistas que já participaram e/ou foram contratadas pelos editais, e somam mais de 300.

Segundo a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus no Brasil, o Plano Museológico precisa conter o desenvolvimento de programas e projetos museais em diversas áreas do museu, para uma melhor gestão museológica. Dentro do Plano, os programas e projetos desempenham papéis cruciais e complementares.

Programas são conjuntos de ações contínuas e estruturadas que visam atender aos objetivos estratégicos do museu. Eles abrangem diferentes áreas de atuação, como preservação, pesquisa, educação, co-

municação. Estão integrados na rotina do museu, proporcionando seu funcionamento e desenvolvimento sustentável. Projetos, por sua vez, são iniciativas específicas e temporárias, com objetivos explícitos, metas definidas e prazos estabelecidos. Eles são concebidos para atender a necessidades pontuais ou para implementar melhorias que contribuam para os programas do museu. Cada projeto é uma ação direcionada que surge da necessidade de aprimorar aspectos do Plano Museológico.

A escolha em apresentar os programas e os projetos juntos se dá pela razão de serem complementares: os programas estabelecem as áreas de atuação contínua e permanente do museu, proporcionando uma base estável para suas atividades, enquanto os projetos são ações específicas e temporárias que ajudam a implementar e aprimorar os programas. Deste modo, para cumprir a missão e os objetivos do museu, para pensar saídas frente as fragilidades e ameaças, e para potencializar as oportunidades e forças já existentes, o Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA adaptou a sua realidade às sugestões e indicações contidas no Estatuto de Museus. Abaixo temos o desenvolvimento de programas e projetos, sendo eles: Institucional; Gestão De Pessoas; Acervos; Educativo e Sociocultural; Pesquisa; Exposição; Comunicação, Acessibilidade; Arquitetura Digital e Segurança De Dados; Sustentabilidade; Financiamento e Fomento; e Articulação Comunitária. Neste Plano Museológico inaugural do museu, vamos trabalhar com a construção de doze programas.

Com o desenvolvimento dos programas e projetos institucionais, o museu objetiva o planejamento de suas ações para os próximos cinco anos, considerando sua relação com a sociedade, suas necessidades e fabulações de futuro.



QUARTA TRANSIÇÃO: PROGRAMAS E PROJETOS

4.1 Programa e Projetos Institucionais

O Programa Institucional do MUTHA segue o Decreto nº 8.124/2013²¹, que regulamenta o Estatuto de Museus e abriga o desenvolvimento da gestão técnica e administrativa do museu, além da formação e manutenção de articulações e cooperações entre a instituição e os diferentes agentes. Nesse programa é realizado, por meio de ações que abarcam todos os programas, o planejamento conceitual. A elaboração, implantação, gerenciamento, execução e revisão são realizadas pelo corpo gestor da instituição museal.

As maneiras de efetivação da gestão ocorrem em acordo com a personalidade jurídica e o grau de autonomia do museu, e são operacionalizadas conforme sua capacidade e normatização. Como o MUTHA não é um museu público, ele não está submetido a regras licitatórias e demais normativas próprias de museus públicos. Hoje, a gestão do museu é feita por Me. Ian Habib, que é a pessoa responsável pelo desenvolvimento e execução do programa de trabalho.

Por se tratar de um museu novo, que está nos seus primeiros cinco anos de vida, o MUTHA tem como foco primeiro *constituir normativas e instrumentos de gestão* para formalização jurídica e museal. Além disso, os principais desafios levantados para o período de validade do plano são: o investimento em *inovação* conceitual, tecnológica e técnica, com hibridez e experimentação processual, por via de novas contratações e pesquisas; a efetuação de *novas parcerias e redes* com coletivos e organizações LGBT-QIAPN+, instituições de pesquisa e espaços mais-que-digitais, formalizando as já existentes; a *integralização de equipes*, aprimorando a acessibilidade e o setor jurídico; a maior *participação* em formulação de *políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas*.

No quadro abaixo podem ser vistos os Projetos para o Programa Institucional:

21 Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm>. Acesso em: 27 maio 2024.

Quadro 6 – Projetos para o programa institucional do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Administrativa	Elaborar o regimento interno (RI), com definição de atribuições e objetivos de cada área do museu.	Documento contendo o RI, dividido em setores.	2025	Diretoria
02	Administrativa	Elencar, em cada setor museal, as atividades em implantação e as futuras, levantando as metas, os recursos humanos e os materiais para sua realização.	Documento contendo a lista de atividades e seus recursos de realização, divididos por setores.	2025 Anual	Diretoria
03	Técnica	Verificar quais documentos jurídicos o museu já tem e quais ainda necessita, bem como verificar a existência de documentação e instrumentos legais de institucionalização. Verificar o atendimento às diretrizes e normas das entidades mantenedoras e reguladoras.	Documento contendo a lista de documentos.	2025	Diretoria/ Museologia/ Jurídico
04	Administrativa	Cadastrar o MUTHA no Conselho Regional de Museologia (COREM), no Cadastro Nacional de Museus e no Comitê Internacional de Museus (ICON)	Notas técnicas.	2029	Diretoria
05	Articulação e Cooperação	Mapeamento das parcerias passadas, atuais e promissoras do MUTHA, levantando pormenores de cada relação, com o intuito de aprimorar suas redes e cumprir suas ações previstas. Criar documento de formalização, retomada ou inicialização de articulação e cooperação institucional, com objetivos e metas de parceria, apresentando sua minuta em reunião com organizações parceiras atuais e futuras.	Documento com mapeamento e relatório fotográfico das reuniões realizadas.	2026-2029	Diretoria
06	Articulação e Cooperação	Criar mecanismos de aferição da imagem do museu e do atendimento.	Formulário.	2025	Diretoria
07	Administrativa	Finalização do registro da ONG do Arquivo Histórico.	Documento de registro.	2025	Presidência da ONG/ Diretoria administrativa

Fonte: Elaboração das autorias.

4.2 Programa e Projetos para Gestão de Pessoas

O Programa de Gestão de Pessoas tem como objetivo estruturar os recursos humanos da instituição, por meio de ações de valorização e capacitação das equipes, assim como aprimorar o bem-estar e o relacionamento de todas as pessoas profissionais contratadas pelo museu. Em adição, o programa realiza diagnósticos e políticas de desenvolvimento profissional, abordando princípios da ética e do desempenho técnico.

O MUTHA hoje tem 11 cargos mais frequentes e 22 cargos esporádicos, totalizando cerca de 33 cargos, distribuídos em todas as suas áreas de ação. Considerando o objetivo do museu, o Programa de Gestão de Pessoas é pensado para contratar o máximo de pessoas trans possível para ocupar os cargos de cada projeto, promovendo também a valorização da diferença, em relação a gênero, raça-etnia, deficiência, território, classe, entre outras. Além da diferença, o MUTHA deseja promover a capacitação de todas as pessoas trabalhadoras do museu, efetuando também ações de formação de pessoas trans para o mercado de trabalho, por via de estágios, cursos e outras ações de incentivo, como formação de parcerias.

Nos seus próximos cinco anos de vida, o MUTHA tem como foco primeiro *ampliar sua equipe*, de maneira a manter profissionais operantes mesmo quando não houver fomento, aumentando sua capacidade de execução, captação e inovação em projetos, integralizando equipe de advocacia e acessibilidade - de maneira a manter tais equipes mais próximas da gestão e menos esporádicas -, e promovendo a variabilidade étnico-racial e territorial. Além disso, os principais desafios levantados para o período são a *conscientização* de equipes sobre prazos e metas, com o combate da vulnerabilidade e com a criação de documentos de normatização. Por fim, o museu tem como desafio a implementação de equipes *voluntárias*.

No quadro abaixo podem ser vistos os Projetos para o Programa de Gestão de Pessoas:

Quadro 7 – Projetos para o programa de gestão de pessoas do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	NOME DO PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Estrutura funcional	Rever a estrutura funcional do museu e a sua visibilização no website.	Novo organograma disposto no website.t	2025	Diretoria/ Webdesign
02	Demandas de pessoal	Busca ativa de pessoas profissionais necessárias, elencadas no item 4.2.1, de acordo com as competências técnicas definidas.	Postagem de difusão de cadastro reserva. Quantitativo e qualitativo de currículos recebidos.	2025 Anual	Diretoria
03	Demandas de pessoal	Criação de normativas e instrumentos jurídicos para formação de equipe voluntária.	Documentos normativos e jurídicos. Relatório fotográfico de reuniões com pessoas voluntárias.	2026-2029	Diretoria/ Equipe jurídica
04	Capacitação e atualização	Criação de no mínimo 01 estágio por projeto e 01 curso de capacitação para equipe por ano.	Documento de contratação de estágio. Relatório fotográfico do curso.	2025 Anual	Diretoria
05	Acompanhamento do desempenho da equipe	Criação de código de ética, boas práticas e políticas institucionais.	Documento contendo o código de ética.	2026	Diretoria/ Advocacia
06	Demandas de pessoal	Criação de programa de voluntariado e formação de equipe voluntária com no mínimo 03 pessoas.	Formulário de chamada para voluntariado. Documento de difusão das pessoas aprovadas para voluntariado.	2026-2029	Diretoria

4.2.1 Quadro desejável de pessoal do MUTHA

A partir do diagnóstico institucional, a necessidade de compor o corpo de profissionais do Museu Transgênero de História e Arte com novos cargos ficou evidente. O quadro ideal de pessoas trabalhadoras se apresenta como possibilidade importante para a construção da identidade institucional e para o cumprimento da função social do museu.

Quadro 8 – Ideal de pessoas trabalhadoras no MUTHA

CARGO	NÚMERO DE PESSOAS ATUANTES	FORMAÇÃO REQUERIDA
Advocacia	1	Advocacia com atuação em Direitos Autorais
Desenvolvimento	1	Tecnologia da Informação, Programação ou Computação ou Experiência vasta no mercado, em projetos de alta complexidade
Coordenação de projetos em Arte-Tecnologia	1	Artista que tenha formação na área de Tecnologia da Informação, Programação ou Computação ou experiência vasta no mercado, em projetos de alta complexidade
Estágio em Museologia	1	Cursando Museologia, de preferência após o 4º semestre
Acessibilidade Digital	1	Experiência vasta no mercado
Pessoa Artista Visual Programadora	1	Livre, com conhecimento em Programação, Artes Digitais, Modelagem 3D, Virtual Reality
Marketing Digital e Social Media	1	Comunicação e/ou experiência vasta no mercado
Captação de Recursos Culturais e OS (SP, BH, FOR, Nacional)	4	Experiência vasta no mercado
Gerência de Loja	1	Experiência vasta no mercado
Designer	1	Experiência vasta no mercado
Produção Executiva (RJ, FOR)	2	Experiência vasta no mercado
Mediação Cultural	1	História da Arte, História, Filosofia, Antropologia, Educação, qualquer outro curso ou livre desde que com experiência vasta nos temas de Estudos de Gênero (Estudos Trans), História e Artes

Fonte: Elaboração das autorias.

4.3 Programa e Projetos para Acervos

O Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA se constitui como espaço museológico virtual e nato-digital, com a missão de ser uma obra artística e um conjunto de tecnologias transformacionais de preservação, pesquisa, comunicação, fruição, ação educativa e produção de acervos e arquivos para a memória, bem como a produção de dados, a valorização e empregabilidade cultural da população corpo e gênero variante brasileira, visando contribuir para o desenvolvimento sociocultural e para a promoção da dignidade, da acessibilidade e do respeito à variabilidade de corpos e gêneros.

A eficácia do cumprimento da função social do museu, por via da execução de sua missão perante a sociedade, se dará de forma ampliada e integral, pautando a importância da preservação do patrimônio cultural digital para a garantia dos direitos fundamentais culturais, promovendo a dignidade humana das pessoas. Assim, diante desse desafio abraçado pelo MUTHA, se faz necessário a construção de um Programa de Acervos que dê conta de gerenciar suas tipologias, universalidades e particularidades.

Os acervos digitais registram e preservam a memória, garantindo o reconhecimento e a valorização de experiências e contribuições culturais ao longo do tempo. O gerenciamento e a participação social nos acervos digitais permitem que a população corpo e gênero variante contribua com sua formação ativamente, ampliando a presença dessa população no museu e a diversidade do patrimônio cultural da comunidade. Os acervos do MUTHA promovem a conscientização e o combate ao preconceito, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática e menos transfóbica.

Assim, o Programa de Acervos do MUTHA abarca políticas, orientações técnicas, projetos e atividades relacionadas às estratégias metodológicas para a gestão de acervos, envolvendo processos de salvaguarda, acesso, educação e comunicação a partir dos referenciais patrimoniais incorporados ao acervo institucional que estejam sob sua tutela.

Como enuncia o art. 2º do Estatuto de Museus²², o patrimônio museológico é um bem público a ser preservado, valorizado e divulgado, sendo de interesse coletivo e relevante para a memória cultural, científica e social do Brasil. Conforme disposto, o patrimônio museológico é um bem público de grande importância. Este patrimônio composto pelos acervos das instituições museológicas deve ser preservado, valorizado e divulgado, reconhecendo-se seu valor coletivo e sua relevância para a memória cultural, científica e social do país.

Dessa forma, os acervos desempenham um papel crucial na conservação e transmissão de diferentes conhecimentos, assegurando que a diversidade e a riqueza da cultura brasileira sejam mantidas e apreciadas pelas gerações presentes e futuras. As instituições nacionais, ao protegerem e promoverem seus acervos, contribuem significativamente para o fortalecimento da identidade e da coesão social, além de fomentar a educação e a pesquisa.

Sob a ótica social, a construção e fortificação de um programa de acervos colabora para que, a partir do Museu Transgênero de História e Arte, seja possível constituir novas metodologias cidadãs e participativas de gestão de acervos, assim como narrar novas histórias, produzidas de, no e a partir de pessoas gênero e corpo variantes, por meio da sistematização das informações contidas nos acervos e coleções e da construção de novos indicadores por meio de mapeamentos culturais – que até então não estão aglutinados e tratados em nenhum órgão ou entidade pública e privadas.

O MUTHA e seus públicos observaram que os acervos digitais do museu apresentam várias potencialidades, entre as quais o acesso remoto e democrático, que amplia o alcance da cultura e do conhecimento, eliminando barreiras geográficas. A facilidade e praticidade proporcionam acesso rápido tornando a experiência mais acessível. Além disso, promovem a democratização da cultura e do conhecimento, permitindo que um público mais amplo desfrute dos recursos culturais. Os acervos digitais também oferecem flexibilidade e podem ser utilizados em diferentes

22 Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 1 jun. 2024.

contextos educacionais e culturais. A preservação da memória cultural e a rastreabilidade dos acervos musealizados facilitam a pesquisa e a reflexão sobre seus conteúdos.

O desenvolvimento do primeiro programa de acervos do museu busca estruturar as ações e a construção de uma gestão efetiva para acervos digitais, ainda que os processos necessários para tal exijam a formação de equipe técnica especializada, fontes contínuas de financiamento, reserva técnica adequada, documentos e diretrizes balizadoras, entre outras questões.

A partir da análise FOFA e GUT, foi possível compreender a relevância da constituição do programa de acervos para construir estratégias de curto, médio e longo prazo para a promoção da salvaguarda dos acervos, respaldada nas orientações e normativas nacionais e internacionais, bem como mitigar a intensidade e tendência de problemas atuais ligadas a esta, com ou sem o apoio de financiamento para a execução e manutenção dessas atividades.

Como aponta a matriz GUT e a análise FOFA, entre os principais desafios relacionados aos acervos a serem encarados para os próximos cinco anos de funcionamento da instituição estão:

- Necessidade de expansão da equipe, que atualmente opera apenas quando contratada em projetos, limitando a capacidade de execução dos mesmos.
- Necessidade de integralização da equipe jurídica e do acervo de advocacia e acessibilidade, para melhor gestão legal e de acesso
- Necessidade de mais diversidade étnico-racial e territorial na equipe mais frequente e no arquivo histórico
- Necessidade de trabalho focado em acessibilidade digital, usabilidade do usuário e navegação fluida no site
- Necessidade de atualização tecnológica constante
- Necessidade de repensar a organização arquitetônica para melhorar o acesso à informação
- Necessidade de expandir a utilização do subdomínio AH.MUTHA.COM.BR além do arquivo histórico, para melhorar a integração.
- Necessidade de reestruturar o arquivo digital em relação ao arquivo histórico, para reduzir a confusão.
- Necessidade de abordar os desafios na gestão, usabilidade e visibilidade do Arquivo Artístico de Dados, para aprimorar a funcionalidade.
- Necessidade de reorganizar a reserva técnica, para facilitar a gestão de acervos, e necessidade de simetrizar os acervos históricos e artísticos.

Como forma de resolver tais desafios e sanar as principais questões estruturais ligadas ao acervo digital do museu, foram pensadas: a criação de um Diagnóstico Institucional aprofundado sobre acervos digitais e suas especificidades (AH MUTHA, Acervo MUTHA, AAD); a elaboração da primeira Política de Acervos do MUTHA; a reorganização e desenvolvimento da reserva técnica da instituição; a criação de uma Política de Propriedade Intelectual para o Ambiente Virtual e para as relações de comunicação interna entre os setores de pesquisa, educação museal e acessibilidade para uma maior difusão de seus acervos; a Construção do Acervo MUTHA; e a continuidade de ações do Acervo AH MUTHA.

Quadro 9 – Projetos do programa para acervos do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Acervo	Construção do Acervo MUTHA.	Musealização de objetos, criação de novas coleções, difusão das coleções por meio do repositório digital Tainacan	2024-2029	Acervo
02	Acervo	Construção do AH MUTHA.	Musealização de objetos, criação de novas coleções, difusão das coleções por meio do repositório digital Tainacan	2024-2029	Acervo
03	Acervo	Diagnóstico Institucional aprofundado sobre acervos digitais e suas especificidades (AH MUTHA, Acervo MUTHA, AAD).	Relatório de Diagnóstico Institucional sobre Acervos Digitais - elaborado, submetido e aprovado	2024-2025	Acervo
04	Acervo	Elaboração da primeira Política de Acervos do MUTHA.	Política de Acervos do Museu Transgênero de História e Arte, elaborado, submetido e aprovado	2024-2025	Acervo
05	Acervo	Readequação de Reserva Técnica Digital.	Reserva Técnica Adequada	2025-2028	Acervo
06	Acervo	Elaboração Política de Propriedade Intelectual para o Ambiente Virtual.	Política de Propriedade Intelectual para o Ambiente Virtual	2027-2029	Acervo
07	Acervo	Criar metodologia partilhada de difusão de acervos: educativo, pesquisa e acessibilidade.	Proposta de metodologia para pesquisa e comunicação de acervos	2025-2026	Acervo

4.4 Programa e Projetos Educativos e Socioculturais

Para falar de educação, é preciso primeiro delimitar nossas concepções sobre pedagogia, política e emancipação social. Concordamos com Freire (1997, 2002) na afirmação de que não existe educação neutra, apartada das reflexões sobre os modos de opressão e dominação dos grupos sociais dentro de um sistema econômico de caráter neoliberal.

Aqui, entendemos a educação como formação de um laço social em que a pessoa educanda é validada como sujeito ativo no processo pedagógico (FREIRE, 2002; HOOKS, 2017). Cada pessoa traz consigo uma trajetória de vida, contexto cultural, vocabulários e subjetividades particulares, que não deixam de existir quando ingressam em espaços pedagógicos. Essas particularidades são potencializadas pelas intersecções de gênero, classe e raça que, notadamente²³, tornam os espaços educacionais brasileiros mais hostis e inacessíveis para pessoas negras, com deficiência, indígenas, trans e gênero variantes, entre outros grupos.

Nesse sentido, o objetivo principal de uma pedagogia engajada é pavimentar caminhos coletivos para a emancipação e transformação social (HOOKS, 2017). Se buscamos um processo pedagógico que se pretenda insurgente, multicultural, acessível e diversificado, não podemos ignorar o debate público sobre racismo estrutural, transfobia, etnocídio, capacitismo, etarismo, xenofobia e os inúmeros pontos em que essas opressões se cruzam.

A educação é um dos compromissos sociais de um museu. Ela não ocorre em espaços isolados, mas constitui o próprio processo de legitimação do museu como um bem cultural coletivo. De acordo com o art. 29 do Estatuto dos Museus, um museu deve “promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às mani-

23 Segundo o levantamento Pnad Contínua: Educação 2023, realizado pelo IBGE, apenas 48,3% da população negra no Brasil conseguiu concluir o ensino médio, enquanto que a média para brancos é de 61,8%. Quanto à população trans, uma pesquisa realizada pelo defensor público João Paulo Carvalho Dias, presidente da Comissão da Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), estima que 82% das pessoas trans e travestis teriam abandonado os estudos ainda na Educação Básica. Ainda segundo o IBGE, no terceiro trimestre de 2022, a taxa de analfabetismo para as pessoas com deficiência foi de 19,5%, enquanto entre as pessoas sem deficiência essa taxa foi de 4,1%.

festações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação” (Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009).

Ou seja, a educação museal consiste na execução de práticas educativas não formais, diversas, abrangentes, que contribuam para a construção e preservação da identidade e memória partilhada de uma comunidade. Diferentemente de outros contextos educacionais, em um museu o processo pedagógico conta com o amparo e referência dos itens que foram musealizados ou que são passíveis de musealização. Isso também implica na própria decisão sobre quais objetos serão preservados ou deixados de fora dos arquivos.

No contexto atual do MUTHA, contudo, os obstáculos materiais encontrados pela população corpo e gênero variante no Brasil também afetam significativamente o próprio processo de construção, institucionalização e manutenção do museu. Ressaltamos, em primeiro lugar, a necessidade de projetos de formação pedagógica de equipes voltadas para o mercado de trabalho cultural, com destaque para práticas museais em arquiteturas nato-digitais.

Se a população trans, corpo e gênero variante é minoria nos espaços de ensino superior – apenas 0,3% dos estudantes de instituições federais se identificam como trans, segundo o último levantamento do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ações Afirmativas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (2018) – isso também implica na dificuldade de formar equipes inteiramente trans ou encontrar profissionais corpo e gênero variantes com formação específica para atuação em museus. Além disso, um museu digital conta com necessidades técnicas próprias, como, por exemplo, desenvolvimento de arquitetura web, medidas para acessibilidade em espaços digitais e plano de comunicação estratégico, voltado para as mídias sociais.

A partir da consulta pública “Qual o MUTHA dos seus sonhos?”, elaborada pelo MUTHA para o desenvolvimento deste Plano Museológico, traçamos um perfil provisório do público atual do museu. No que se refere à escolaridade, verificamos que 26,7% das pessoas participantes do levantamento se declararam analfabetas. E ainda que o grau de escolaridade não determine a familiaridade com o uso de meios digitais, a construção de programas pedagógicos do MUTHA não deve ignorar a necessidade de alfabetização digital deste grupo específico.

Por outro lado, os números também sugerem um esforço deliberado da comunidade para participar nos processos de construção do museu, superando possíveis desafios tecnológicos e de linguagem, independentemente do nível de escolaridade.

Desde a sua criação, o programa de educação do MUTHA esteve restrito à realização de cursos esporádicos, direcionados ao público-alvo do museu, quando viabilizados por editais de fomento cultural. Ainda que não se possa menosprezar o impacto pedagógico de tais iniciativas, é fundamental que tenhamos participação comunitária em todo o processo de pesquisa, de construção, concepção e avaliação das exposições museais, de planejamento dos acervos, do desenvolvimento de planos para acessibilidade arquitetônica e de divulgação das atividades do museu de forma ampla e diversificada. Nesse sentido, os programas de Educação e Comunicação devem atuar conjuntamente para a construção de uma estratégia de difusão acessível e abrangente.

Isso porque buscamos uma museologia engajada, comprometida com o combate às injustiças sociais e epistêmicas, com o fortalecimento de redes entre a sociedade civil, com a melhoria da qualidade de vida das nossas comunidades e com o exercício do direito à memória (CHAGAS, 2014) para pessoas trans, corpo e gênero variantes. A educação, neste caso, é uma das nossas ferramentas mais potentes para a transformação social pela via das ações museais.

Para os próximos 5 anos, o MUTHA busca consolidar a educação como ferramenta estratégica para troca e difusão coletiva de saberes, bem como da construção de redes comunitárias entre o próprio museu e a sociedade civil. Os projetos museológicos do setor Educativo e Socio-cultural podem ser vistos abaixo:

Quadro 10 – Projetos do programa educativo e sociocultural do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Técnica	Criação de um programa de formação continuada da equipe de trabalho em artes, educação, museologia, atendimento de públicos, acessibilidade, diversidade e inclusão.	Prints e/ou gravações dos encontros online.	2025-2029	Diretoria/ Educação
02	Técnica	Promoção de um programa de formação continuada em artes, educação, museologia, acessibilidade, diversidade e inclusão para a sociedade civil, com prioridade para a comunidade LGBTQIAPN+ negra e indígena	Prints e/ou gravações dos encontros online.	2025-2029	Museologia/ Educação
03	Técnica	Adequação arquitetônica da seção de Educação do museu para otimizar o acesso à informação.	Print da seção de Educação do MUTHA	2025	TI/ Educação/ Comunicação / Acessibilidade
04	Técnica	Criação de uma série de vídeos curtos, de aproximadamente 1 minuto, sobre história e memória trans para difusão das pesquisas do MUTHA e ampliação do público do museu nas redes sociais.	Print dos insights e das métricas de compartilhamento do conteúdo em vídeo.	2026	Educação/ Comunicação
05	Técnica	Organização de exposições artísticas sobre história e memória trans, incluindo convite a artistas/ instituições externas ao MUTHA, para ampliação do público via uso de linguagens multimídia.	Atualização da seção de Galerias do MUTHA	2025-2029	Educação/ TI
06	Articulação e Cooperação	Criação de um GT com foco em educação para articulação de parcerias do MUTHA com organizações da sociedade civil, como coletivos, escolas, ONGs, espaços de inovação digital, iniciativa privada e poder público.	Notas técnicas	2025-2029	Diretoria / Educação

4.5 Programa e Projetos de Pesquisa

Quando se fala em “pesquisa”, muito frequentemente a primeira associação que fazemos – se não a única – é com a ideia de pesquisa científica, acadêmica, formal. Muitas vezes as próprias iniciativas dedicadas à pesquisa museológica podem soar desinteressantes aos públicos que buscam consumir conteúdo multimídia ou que encontram, nos museus, apenas um canal para educação e entretenimento.

Na prática, a pesquisa é uma das bases interdisciplinares do museu. É por meio dela que se traçam estratégias para a consolidação e preservação dos acervos, bem como para a disponibilização desses itens ao público. É através da pesquisa que são idealizadas, organizadas e executadas as atividades educativas, exposições artísticas, planos de comunicação e parcerias com a sociedade civil.

Nesse sentido, a atividade de pesquisa pode ser tanto interna quanto externa. “Pesquisa” pode se referir a um levantamento interno para mapear informações sobre a equipe de trabalho do museu, a organização da reserva técnica e as necessidades técnico-administrativas em determinado projeto, por exemplo. Também pode se referir a uma consulta externa para entender quem é o público do museu, quais são os seus interesses e quais temáticas são buscadas nas exposições artísticas. E sim, neste conjunto de ações também reside a pesquisa acadêmica e especializada – não como objetivo final, mas como um dos muitos elementos norteadores dos programas e projetos do MUTHA.

Segundo dados levantados pela consulta pública “Qual o MUTHA dos seus sonhos?”, 46,7% do público participante declarou ter completado o ensino superior, o que indica um alto grau de engajamento com o museu por parte de pessoas com formação universitária, bem como o papel do MUTHA como instituição catalisadora de pesquisas de científicas. Simultaneamente, 26,7% das pessoas participantes do levantamento se declararam analfabetas, o que também indica a diversidade dos públicos do MUTHA em termos de escolaridade.

Se tomamos a educação engajada (HOOKS, 2017) como ferramenta para transformação social, então necessariamente os programas de pes-

quisa devem ser pensados de maneira interdisciplinar, antirracista, acessível e abrangente, de forma que potencializem tanto os públicos inseridos nos ambientes de pesquisa acadêmica, quanto a população de maior vulnerabilidade econômica, política e social.

Pensaremos na pesquisa como um campo intimamente conectado com a educação, preservação e comunicação, pois desejamos promover um intercâmbio sociocultural entre o museu e seus públicos, acolhendo e respeitando a sua diversidade. Aqui, partimos do princípio de que os saberes são múltiplos, ancestrais, formulados e passados adiante em uma encruzilhada de vivências e experiências polivalentes (BONDÍA, 2002).

Os projetos do setor de Pesquisa do MUTHA podem ser consultados no quadro abaixo:

Quadro 11 – Projetos do programa de pesquisa do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Técnica	Atualização dos acervos de pesquisa das pessoas pesquisadoras vinculadas ao MUTHA.	Atualização da seção de acervos de pesquisa do site	2025	Pesquisa / TI
02	Articulação e Cooperação	Criação de rede de pessoas físicas, jurídicas e demais organizações convidadas para difusão de pesquisas via MUTHA.	Atualização da seção de acervos de pesquisa do site	2025-2029	Pesquisa / Comunicação / TI
03	Técnica	Criação de conteúdo multimídia em linguagem acessível para compartilhamento das pesquisas produzidas pelo MUTHA nas redes sociais.	Print dos insights de compartilhamentos nas redes sociais	2026	Pesquisa / Comunicação / Educação
04	Articulação e Cooperação	Criação de GT com foco em pesquisa para articulação de parcerias do MUTHA com universidades, museus e outras instituições de pesquisa.	Notas técnicas	2025-2029	Diretoria / Pesquisa
05	Técnico-administrativo	Organização de simpósio, seminário, fórum ou mesa-redonda aberta ao público, com pessoas convidadas, para compartilhamento das pesquisas do MUTHA e discussão sobre museologia, história e memória trans.	Notas técnicas, clipping	2025-2029	Pesquisa / Educação

4.6 Programa e Projetos para Exposições

O Museu Transgênero de História e Arte compreende a importância das exposições museológicas como potentes espaços de troca de saberes, ação educativa e difusão de conhecimento. As exposições museológicas cumprem nas instituições de memória e cultura um papel fundamental, comunicando memórias e historicidades, levando os públicos e não públicos do museu ao encontro de diferentes narrativas que constroem nossa dimensão de sociedade.

As exposições são importantes instrumentos museológicos que operam a serviço da sociedade e que permitem ao museu comunicar seus acervos, fazendo cumprir sua missão, visão e valores. Segundo o Estatuto de Museus, art. 32 “os museus deverão elaborar e implementar programas de exposições adequados à sua vocação e tipologia, com a finalidade de promover acesso aos bens culturais e estimular a reflexão e o reconhecimento do seu valor simbólico”.

As exposições também são, de modo geral, uma das formas com que os debates oportunizados pelo museu e sua intencionalidade encontram reverberação na sociedade. É muito comum que as pessoas se aproximem de espaços museais por suas exposições e, nesse sentido, se faz fundamental a criação de um programa que leve em conta a importância delas e suas especificidades técnicas. Para além de construir medidas de organização para o uso dos espaços expositivos, é fundamental que o programa pense em políticas institucionais para curadoria, gestão e organização das exposições.

É igualmente necessário pensar a relação direta do Programa de Exposições com os demais Programas do Plano Museológico, especialmente os Programas Educativo e Sociocultural, de Pesquisa e de Acervos. Esses programas são canais essenciais para as ações de educação museal, produção e extroversão de pesquisas e acervos, que podem e devem ser desenvolvidas pela instituição, produzindo resultados à sociedade e contribuindo para construção de narrativas e memória nacional.

O MUTHA, por sua tipologia nato digital, experimenta e propõe outras relações com os acervos digitais do museu. Em seu espaço denominado de *Galeria*, possui hoje uma exposição virtual em realidade aumentada de

longa-duração chamada Transespécie/Transjardinagem, tendo também construído e disponibilizado ao público a exposição Arquivo Vivo. Contudo, é importante destacar que a temporalidade das exposições, como as itinerantes, de curta ou longa duração, comum em museus físicos, difere no ambiente virtual. Nos museus digitais, as ferramentas de tecnologia da informação permitem manipular a ‘presença’ e a localização de uma exposição em seu espaço. Assim, uma exposição digital não precisa ser completamente desmontada, como ocorre nos museus não-digitais.

Tais fatores tornam necessárias a pesquisa e documentação sobre o desenvolvimento de exposições virtuais, noções de temporalidade expositiva, mediação cultural na virtualidade, entre outras questões, indicando a necessidade de se construir parâmetros e normativas, sendo esse um dos grandes desafios institucionais. Além disso, outras questões precisam ser enfrentadas pela instituição, como a formação de um Conselho Curatorial e um Comitê de Articulação Comunitária. Esses órgãos devem trabalhar de forma interdisciplinar com os outros setores do museu, garantindo que os acervos e suas respectivas temáticas sejam efetivamente comunicados.

Os grandes eixos temáticos da instituição são a história e a arte produzida *por, a partir de e para* a população de gênero variante brasileira. Esses temas visam não apenas corresponder aos sonhos e demandas dessa comunidade, mas também valorizar suas produções culturais e servir como ferramentas de transformação e justiça social. Portanto, é essencial que eles conduzam a criação de projetos expositivos que sejam críticos e acessíveis a toda a população. Afinal, comunicar seus acervos e promover debates são partes fundamentais das funções e responsabilidades dos museus.

A análise GUT, desenvolvida para a elaboração deste plano museológico, evidenciou os seguintes desafios:

- Organização arquitetônica confusa das galerias e exposições, que atualmente dificulta o acesso dos públicos as exposições;
- Necessidade de estratégias de comunicação sobre o conteúdo encontrado no museu;

- Escassez de políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas que compreendam a integração de todo o público-alvo do MUTHA e sua natureza nato-digital
- Falta de acessibilidade nos conteúdos do museu, incluindo as exposições em exibição;
- Necessidade de articulação entre o museu e outras instituições de memória digitais e não digitais, para ampliar o alcance de novas exposições;
- Proposição de outros formatos expositivos não alcançados na virtualidade.

Portanto, o desenvolvimento dos projetos deste programa, ao longo dos próximos cinco anos de atuação do museu, visa resolver as urgências identificadas. Para que isso seja alcançado, reconhecemos a necessidade de construir articulações internas e externas e de desenvolver equipes especializadas que atendam às demandas específicas em curadoria, gestão de acervos, expografia, pesquisa e educação museal.

Quadro 12 – Projetos do programa de exposições do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Expografia	Construir equipe multidisciplinar de expografia.	Relatório contendo a organização da equipe de expografia - elaborado, submetido e aprovado.	2025	Diretoria
01	Expografia/ Curadoria	Construção do Conselho Curatorial do MUTHA.	Relatório contendo projeto de criação de Conselho Curatorial com composição, finalidade e atribuições - elaborado, submetido e aprovado.	2025	Diretoria
03	Expografia	Diagnóstico Institucional aprofundado sobre Exposições Digitais e suas especificidades.	Relatório de Diagnóstico Institucional sobre Exposições Digitais - elaborado, submetido e aprovado.	2026	Expografia
04	Expografia/ acessibilidade	Criar metodologia partilhada de acessibilidade para exposições digitais.	Proposta de metodologia para acessibilidade de exposições digitais - elaborado, submetido e aprovado.	2027	Expografia
05	Expografia/ pesquisa/ acervos/ acessibilidade/ educativo/ articulação comunitária	Elaborar Política de Exposições Digitais do MUTHA, contendo normativas de utilização das galerias, linhas curatoriais prioritárias, formato de editais de ocupação, formatos para parcerias externas, entre outros.	Política de Exposições Digitais do MUTHA - elaborado, submetido e aprovado.	2027	Expografia
06	Expografia/ Educativo	Construir junto da equipe educativa, ações educativas e programação cultural para as exposições.	Proposta de metodologia para mediação cultural em exposições digitais - elaborado, submetido e aprovado.	2027/2028	Expografia
07	Expografia/ pesquisa/ acervo/ educativo/ articulação comunitária	Construir nova exposição virtual em comemoração aos 10 anos do MUTHA.	Exposição Virtual em comemoração aos 10 anos do MUTHA.	2028/2029	Expografia

Fonte: Elaboração das autorias.

4.7 Programa e Projetos de Comunicação

A comunicação é, possivelmente, uma das frentes mais estratégicas do MUTHA, não podendo ser pensada à parte dos Programas de Educação e Arquitetura. Por se tratar de um museu nato-digital, a arquitetura museológica do MUTHA já especificamente projetada para facilitar o seu acesso a partir de qualquer lugar do mundo e a difusão de seu conteúdo via redes sociais. A comunicação é, assim, a ponte que conecta as atividades do museu com seu público; é, também, o que faz com que a construção do museu seja de fato coletiva, engajada e participativa.

O Programa de Comunicação é aquele que dá conta das ações de divulgação dos projetos e pesquisas do MUTHA, bem como da consolidação da imagem do museu a nível nacional e internacional. Ele também abrange a comunicação organizacional entre as equipes de trabalho, articulando diferentes setores de maneira estratégica.

Um Programa de Comunicação museológico geralmente combina atividades de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Em decorrência das particularidades arquitetônicas do MUTHA, este programa também levará em consideração as áreas de Tecnologia da Informação (TI) e acessibilidade em ambiente digital. Os projetos para os próximos 5 anos podem ser consultados no quadro a seguir:

Quadro 13 – Projetos do programa de comunicação do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Técnica	Criação de plano de comunicação estratégico para o MUTHA.	Documento	2025-2029	Comunicação
02	Técnica	Criação de mailing com captação de e-mails via site.	Documento e/ou banco de dados com lista de e-mails de leads	2025	Comunicação/TI
03	Técnica	Criação de uma série de vídeos curtos, de aproximadamente 1 minuto, sobre história e memória trans para difusão das pesquisas do MUTHA e ampliação do público do museu nas redes sociais.	Print dos insights e das métricas de compartilhamento do conteúdo em vídeo	2026	Comunicação/Educação
04	Técnico-administrativa	Estruturação dos canais internos de comunicação entre as equipes de trabalho.	Criação de mapa dos canais de comunicação organizacional do MUTHA	2025	Comunicação
05	Articulação e Cooperação	Parceria do MUTHA com organizações da sociedade civil, como coletivos, escolas, universidades, museus, ONGs, espaços de inovação digital, iniciativa privada e poder público, para consolidação da imagem institucional.	Clipping	2025-2029	Diretoria/Comunicação
06	Técnica	Reorganização dos documentos operacionais e de trabalho do MUTHA.	Relatório de tarefas	2025	Comunicação/TI

Fonte: Elaboração das autorias.

4.8 Programa e Projetos de Acessibilidade

A acessibilidade digital é um direito da população regulamentado na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, em 2006²⁴. Já em em 2009, esse documento foi sancionado em caráter de emenda constitucional pelo governo do Brasil, tornando-se um marco regulatório sobre o tema. Anos depois, em 2015, foi publicada a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), n. 13.146²⁵, em que no artigo 63 aparece a obrigatoriedade da acessibilidade nos sítios da Internet.

O Museu Transgênero de História e Arte - MUTHA se constitui como espaço museológico virtual e nato-digital, e, por esse motivo, seu Programa e seus Projetos de Acessibilidade para o seu primeiro plano museal têm como foco seu website (www.mutha.com.br) e todo seu conteúdo. O Programa e os Projetos de Acessibilidade têm como objetivo geral oferecer ao MUTHA subsídios documentais e ferramentas tecnológicas para que possam ser implementadas estratégias e práticas de transformação digital acessível, considerando o dever dos museus de garantir o tratamento adequado às pessoas com deficiências e implementar no espaço políticas e outras regulamentações legais a partir de produções dos direitos humanos, considerando as múltiplas camadas de vulnerabilidades sociais inteseccionadas com questões de saúde, neurodivergência, entre outras.

Sítios web, fotografias, objetos, documentos, vídeos ou quaisquer outros conteúdos ou ambientes digitais são as produções museais mais comuns focalizadas por nossas análises. A acessibilidade dessas produções não beneficiará apenas pessoas com deficiência e pessoas neurodivergentes, mas todas as pessoas, visto que multiplicam ferramentas, meios e processos de percepção. Por esse motivo, pessoas idosas e pessoas que não tiveram acesso aos meios tradicionais de educação e letramento, por exemplo, podem ter mais conforto, facilidade e segurança para usufruir dos espaços e conteúdos museais.

24 Disponível em: <<https://www.gov.br/governodigital/pt-br/acessibilidade-e-usuario/acessibilidade-digital/guiaboaaspraaticasparaacessibilidadedigital.pdf>>. Acesso em: 28 abr. 2024.

25 Idem.

A análise GUT, desenvolvida para a elaboração deste plano museológico, evidenciou os seguintes desafios:

- Necessidade de trabalho focado em acessibilidade digital, usabilidade do usuário e navegação fluida no site;
- Necessidade de atualização tecnológica constante;
- Necessidade de repensar a organização arquitetônica para melhorar o acesso à informação;
- Páginas institucionais e de contato obsoletas, reduzindo a eficácia da comunicação.

Quadro 14 – Projetos do programa de acessibilidade do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Técnico-administrativa	Criação de protocolos de acessibilidade de acordo com conteúdos.	Documentos com protocolos de acessibilidade.	2027	Acessibilidade
02	Técnico-administrativa	Criação de Plano e de Política de Acessibilidade, com participação de especialistas e de pessoas com deficiência (PCD).	Documentos com Plano e Política de acessibilidade, submetidos à consulta pública e com aprovação da diretoria.	2027	Acessibilidade/ Museologia/ Diretoria
03	Técnico	Reforma do website de acordo com protocolos, planos, políticas e demais consultorias realizadas.	Relatório contendo áreas que foram reformadas e prints que demonstrem as reformas.	2028-2029	Acessibilidade/ T.I./ Design
04	Técnico-administrativo	Formar equipe em acessibilidade.	Relatório com aprovação da diretoria.	2025	Diretoria
05	Técnico	Formação educacional de equipes em acessibilidade.	Prints de comprovação da realização de, no mínimo, uma formação anual.	2025-2029	Acessibilidade/ Diretoria

4.9 Programa e Projetos para Arquitetura e Segurança Digital

O MUTHA é um museu nato-digital. Isso quer dizer que, desde o princípio, este é um museu que foi concebido e desenvolvido no meio digital. Seus arquivos, exposições e galerias não estão dispostos em salas físicas, onde se pode tocá-los. Na prática, o MUTHA foi erigido em uma arquitetura que convencionamos chamar de “site”.

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que um museu nato-digital tem materialidade. A ausência de um prédio institucional e de salas de exposições que se possam visitar presencialmente pode passar a falsa impressão de que os acervos digitais seriam “menores” ou “menos legítimos”. Isso acontece por diversas razões.

Se tomarmos como referência a concepção tradicional em que “arquivo” se refere tanto a um prédio, um espaço, um símbolo de uma instituição pública, quanto a uma coleção de documentos analógicos (MBEMBE, 2002), podemos concluir erroneamente que o arquivo de um museu digital não é material.

Aqui, a natureza material do arquivo é conceitualmente confundida com a possibilidade de experimentação tátil dos documentos, isto é, a capacidade de tocar os objetos do museu. Nesse sentido, um museu digital não deixa de ser material, com a diferença crucial de que os seus arquivos estão fisicamente inscritos e armazenados em discos magnéticos ou circuitos eletrônicos, espalhados pelo mundo.

Ainda de acordo com concepções mais tradicionais, o status e o poder do museu derivam precisamente da combinação entre o edifício e seus documentos (MBEMBE, 2002) – o que equivale a dizer que a dimensão arquitetônica do museu tem um papel central no imaginário construído sobre o status material do arquivo. No caso de um museu digital, o deslocamento do arquivo para um espaço arquitetônico em ambiente digital implica também na validação e refinamento das concepções sobre o status material de museus nato-digitais.

Em outras palavras, um museu nato-digital possui demandas arquitetônicas particulares, relacionadas com o seu próprio meio. Para interagir com um museu digital, precisamos de dispositivos (computador, celular,

tablet) que estejam conectados à internet e tenham boa capacidade de processamento de informações, em um ambiente digital livre de censura. Além das condições tecnológicas para navegar no meio digital, também é necessário que a pessoa visitante tenha alguma familiaridade ou instrução quanto ao uso eficiente dessas ferramentas.

Portanto, pensar na construção de uma arquitetura digital que seja amplamente acessível ao público em sua diversidade é também pensar sobre mediação cultural, inovação tecnológica, difusão e acessibilidade. De que forma os acervos do MUTHA estão dispostos para a visitação do público? Qual é o percurso que um visitante faz ao acessar o MUTHA pela primeira vez? O conteúdo do site está adaptado para leitores de tela? O material de pesquisa do MUTHA está organizado em forma de texto, vídeo, foto, áudio ou alguma mídia análoga? Quais tipos de aplicação são necessários para o processamento e leitura deste tipo de mídia?

Na prática, a dependência do acesso à internet restringe o acesso dos acervos, deixando de fora as pessoas que não possuem conexão estável ou dispositivos eletrônicos adequados, o que implica na exclusão da parcela da população que mais necessita de representatividade. Indo mais além, a ausência de ferramentas de mediação museológica e uma arquitetura digital complexa configuram uma barreira na relação entre o público menos familiarizado com tecnologia e o museu.

Há, ainda, outros fatores que exigem consideração. O primeiro consiste no entendimento de que o meio digital não é politicamente neutro, sendo, portanto, passível de regulações, censuras, disputas e silenciamentos. Assim, marcos regulatórios da internet, sejam eles nacionais ou internacionais, e até mesmo diretrizes estaduais específicas podem impactar a existência, permanência e manutenção do MUTHA em ambiente digital. Em um cenário de instabilidade política, o MUTHA também se revela alvo em potencial de ataques cibernéticos, o que também aponta para a urgência de um plano de contingência de riscos à segurança digital.

O MUTHA foi erigido em um contexto de precariedade orçamentária, bem como de escassez de políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas que compreendem a diversidade do público do museu e sua natureza nato digital. Ao entender que a transformação deste cenário talvez extrapole os próximos 5 anos, estruturamos o Programa de Arquitetu-

ra e Segurança Digital com projetos que atendam as demandas mais urgentes, mas que são tecnicamente viáveis dentro das condições materiais do MUTHA na atualidade.

Quadro 15 – Projetos do programa de arquitetura e segurança digital do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Técnica	Redesenho da arquitetura do MUTHA, incluindo planejamento de expansão arquitetônica a médio e longo prazo.	Documento, diagrama	2025	TI / Acessibilidade / Comunicação
02	Técnica	Adequação da arquitetura do site para otimizar acessibilidade.	Prints das páginas do site, relatórios de tarefas	2025-2026	TI / Acessibilidade
03	Técnica	Criação de subdomínio e desenvolvimento de arquitetura web para organizar a reserva técnica do MUTHA.	Relatórios de tarefas	2025-2028	TI
04	Técnica	Descontinuação do subdomínio ah.mutha.com.br.	Relatório de tarefas	2028-2029	TI
05	Técnica	Readequação da arquitetura do Arquivo Artístico de Dados.	Print das páginas, relatório de tarefas	2025-2029	TI
06	Técnica	Readequação das páginas institucionais e de contato.	Print das páginas, relatório de tarefas	2025-2029	TI
07	Técnica	Reestruturação da arquitetura das páginas de Galerias e Exposições, para que se tornem seções dinâmicas e estratégicas do MUTHA.	Print das páginas, relatório de tarefas	2025-2029	TI
08	Técnica	Readequação das seções destinadas à Educação e atividades progressas.	Print das páginas, relatório de tarefas	2025-2029	TI / Educação
09	Técnica	Organização de manual de boas práticas em segurança digital para as equipes de trabalho do MUTHA.	Documento	2025-2029	TI / Comunicação / Educação
10	Técnica	Atualização dos backups de segurança do MUTHA e AHMUTHA.	Relatório de tarefas	2025-2029	TI

4.10 Programa e Projetos para Sustentabilidade, Financiamento e Fomento

O Programa de Financiamento e Fomento do MUTHA engloba o planejamento de estratégias de captação, aplicação e gerenciamento dos recursos econômicos advindos de editais, doações e outros meios. O programa tem como intuito identificar estratégias, produzir técnicas e criar possibilidades de captação de recursos para realizar as ações dos programas museais.

O MUTHA não conta com dotação governamental financeira determinada por legislação específica, então os recursos recebidos são esporádicos e insuficientes para atender aos seus gastos necessários de manutenção. Até hoje, o MUTHA contou, nas áreas culturais, apenas com editais de fundos diretos, esporádicos e governamentais, e, em parceria com instituições feministas. Apesar de ter aprovado projeto possível de captação em edital governamental, o museu não conseguiu captar recursos.

Dessa maneira, o grande foco do atual Plano Museológico é desenvolver e diversificar estratégias de *captação de recursos* com parcerias empresariais, principalmente para sustentabilidade a longo prazo; investir na criação de *orçamento próprio*, expandindo fontes de financiamento para além de editais esporádicos; *amplificar fontes de patrocínio* através da Administração Pública (municipal, estadual ou federal) – como a Lei nº 8.313/1991 (Lei Rouanet) –, por via de editais para ONGs (Incentivo Fiscal na modalidade doação) e pelo patrocínio de empresas privadas (Incentivo Fiscal ou não); acessar o *mercado internacional*, através de parcerias e monitoramento de oportunidades.

No quadro abaixo, podem ser vistos os Projetos para o Programa de Sustentabilidade, Financiamento e Fomento:

Quadro 16 – Projetos do programa de sustentabilidade, financiamento e fomento do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Orçamento próprio	Criar loja virtual.	Página da loja disposta no website.	2025-2029	Diretoria/ Webdesign
02	Orçamento próprio	Criar documento de parceria (licenciamento, dentre outros) e enviar para cada artista que venderá na loja.	Documentos assinados por artistas.	2025-2029	Diretoria/ Advocacia
03	Captação	Contratar e fazer parcerias com pessoas e organizações captadoras de recursos.	E-mails enviados e relatório fotográfico de reuniões.	2025-2029	Diretoria
04	Amplificar fontes de patrocínio	Criar calendário de editais; pesquisar, conhecer e preparar submissões a novos editais.	Calendário; Comprovação de inscrição em editais e lista de pré-requisitos não atendidos pelo museu para a inscrição.	2025-2029	Diretoria
05	Amplificar fontes de patrocínio	Cessão de espaço; venda de anúncios; venda de ingressos.	Cards de difusão e conta no sympla ou similares.	2025-2029	Diretoria
06	Amplificar fontes de patrocínio	Venda de cursos.	Cards de difusão e conta no sympla ou similares.	2025-2029	Diretoria
07	Amplificar fontes de patrocínio	Pesquisar e conhecer novas pessoas produtoras em diferentes localidades.	Comprovação de inscrição em editais e lista de pré-requisitos não atendidos pelo museu para a inscrição.	2025-2029	Diretoria
08	Mercado internacional	Pesquisar, conhecer e preparar submissões a novos editais. Difundir o museu em instituições internacionais.	Comprovação de inscrição em editais e lista de pré-requisitos não atendidos pelo museu para a inscrição.	2025-2029	Diretoria

Fonte: Elaboração das autorias.

4.11 Programa e Projetos de Articulação Comunitária

Durante as rodas de conversa e visitas técnicas institucionais, assim como na consulta pública para a elaboração do Diagnóstico Situacional do MUTHA, reconheceu-se a importância de construir um programa focado em ações de articulação comunitária. Este programa visa abordar questões de acesso, metodologias, difusão, visibilidade, alcance e a escassez de políticas públicas de financiamento para museus e processos museológicos virtuais e nato digitais, resultando na criação do Programa de Articulação Comunitária. No presente momento, o MUTHA realizou parcerias com entidades sociais, culturais, de memória e educacionais para a constituição deste Plano Museológico, como a Cats Coletivo de Artistas Transmasculines, Tranzborde Núcleo de Pesquisa, Brava, Rede de Estudos Trans-Travestis.

Durante a consulta pública, identificou-se como desejo dos públicos e não públicos do museu a promoção de parcerias com organizações sociais que demonstrem interesse em firmar cooperações, pleitear proposições de editais ou chamadas públicas em parceria com a sociedade civil. Também foi indicada a necessidade de se construir canais de comunicação ativos entre o museu e a sociedade, como listas de transmissão por WhatsApp e/ou e-mail, para informar sobre eventos, produções e oportunidades de participação ativa nas ações do museu, tornando mais fácil a comunicação e a circulação de oportunidades.

Além disso, há a opinião de que é necessário estreitar diálogos sobre metodologias museais para que a experiência de construção e gestão do MUTHA possa colaborar com a implementação de outros espaços de memórias dissidentes. Também foi proposto pelas pessoas respondentes que o museu elabore ações voltadas para o público das universidades, especialmente dos cursos de museologia, e para estudantes corpo e gênero variantes.

Foi demonstrada a vontade de que o museu disponibilize vagas para trabalho voluntário e de estágio em áreas pertinentes para o funcionamento do museu, viabilizando assim o espaço do museu como um potenciali-

zador de troca entre coletividades.

A Lei nº 11.904²⁶, conhecida como o Estatuto de Museus, aborda a relação dos museus com a comunidade e a sociedade em diversos pontos. O estatuto reforça a importância dos museus como instituições a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Tendo como princípios a função e atuação educativa e cultural, em que o museu promova o acesso ao conhecimento, à cultura e à ciência, contribuindo para a formação e o aprimoramento cultural da comunidade. Em relação ao acesso e inclusão, os museus devem garantir o acesso público aos seus acervos e atividades, promovendo a inclusão social e a diversidade cultural, eliminando barreiras físicas, sensoriais, intelectuais, sociais e culturais que possam dificultar ou impedir o acesso da sociedade. Assim, em consonância com o Estatuto de Museu nasce o Programa de Articulação Comunitária como política estruturante nas relações entre o museu e a sociedade civil e suas organizações.

Outro ponto que o Estatuto destaca é a interação com a comunidade, incentivando a participação ativa dos cidadãos em suas atividades e o trabalho em colaboração com outras instituições culturais, de memória, educativas e sociais, que são formas de fortalecer sua rede de apoio e promover função social. Além disso, é pautada a importância dos museus para o desenvolvimento social, tal que as instituições museais são reconhecidas como agentes de desenvolvimento social, cultural, ambiental e econômico, e que contribuem para a valorização e o fortalecimento das identidades culturais locais e nacionais. Tudo isso em uma atuação ética e responsável, respeitando e valorizando a diversidade cultural do Brasil.

Os museus, em suas diversas tipologias, devem promover a cidadania e a consciência crítica, estimulando o debate e a reflexão sobre questões sociais, culturais, políticas e econômicas e oferecendo espaços de diálogo e reflexão. Dessa forma contribuem para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e igualitária.

Assim, será através do Programa de Articulação Comunitária do

26 Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm. Acesso em: 1 jun. 2024.

MUTHA que se dará a participação comunitária, a ser feita na gestão e na tomada de decisões dos museus, assegurando que as atividades e exposições reflitam as necessidades e interesses da sociedade e colocando o museu no lugar de promoção de direitos fundamentais à condição da dignidade humana.

Como forma de fazer valer as responsabilidades institucionais, bem como melhorar sua atuação levando em consideração os principais desafios para elaboração de um programa consistente de articulação comunitária, foram pensados projetos que possam reduzir ou mitigar os desafios apresentados pela análise GUT do museu.

A GUT mostrou as seguintes fragilidades:

- Vulnerabilidade do público-alvo, principalmente em termos de saúde, educação e empregabilidade, que influencia diretamente na formação e manutenção de equipes majoritariamente trans para o museu;
- Ausência de formações continuadas para o mercado de trabalho cultural;
- Necessidade de aumento de diversidade étnico-racial e territorial na equipe e no museu;
- Necessidade de estratégias de comunicação do museu com a sociedade civil;
- Melhoria nos canais de atendimento aos públicos;
- Escassez de políticas públicas culturais, LGBTQIAPN+ e feministas que compreendam a integração de todo o público-alvo do MUTHA e sua natureza nato-digital;
- Dependência de trabalho voluntário e dificuldades em gerenciar equipe voluntária;
- Falta de infraestrutura adequada para o desenvolvimento de projetos de grande escala;
- Barreiras técnicas e econômicas para usuários que não possuem recursos tecnológicos de acesso à internet e/ou menos familiarizados com o digital e/ou em áreas remotas;
- Desafios de representatividade fora do eixo sudeste, com atenção especial para regiões como Norte e Centro-Oeste;
- Necessidade de suporte adicional para grupos com menor escolaridade para garantir seu acesso aos conteúdos e programações do museu.

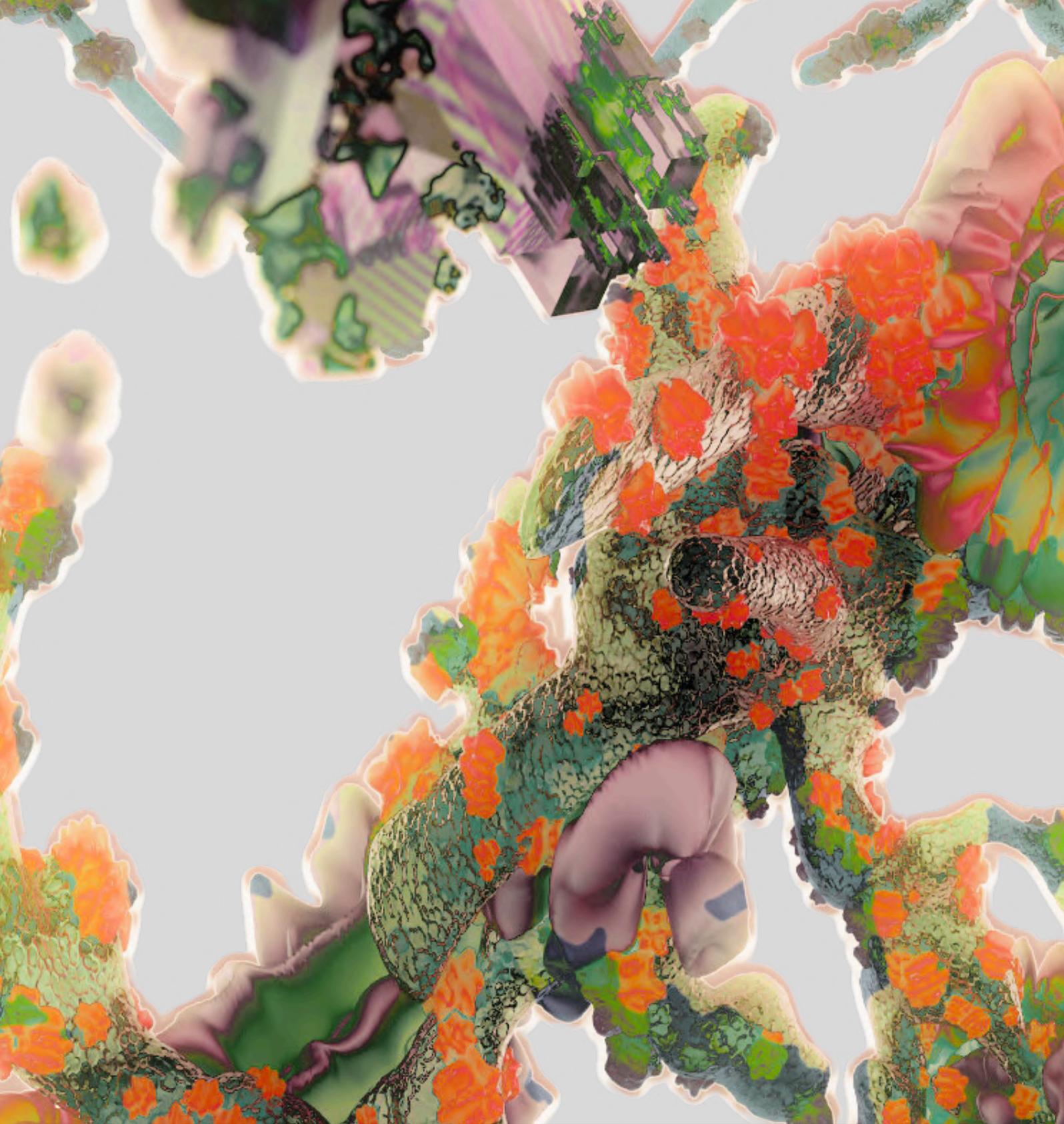
Considerando os itens levantados, foram pensados projetos ao longo dos cinco próximos anos de planejamento estratégico do MUTHA que fortaleçam a promoção do debate público, a empregabilidade e as ações em rede para a promoção da cidadania e dos direitos humanos da população gênero variante brasileira por meio da articulação comunitária, fazendo com o que o museu cumpra sua função, missão, visão, valores e propósitos institucionais.

Quadro 17 – Projetos do programa de articulação comunitária do MUTHA

NÚMERO DO PROJETO	ÁREA	PROJETO	INDICAÇÃO DE RESULTADO	PERÍODO	SETOR RESPONSÁVEL
01	Articulação Comunitária	Construir equipe multidisciplinar de articulação comunitária, com participação da sociedade civil	Relatório contendo a organização da equipe de articulação comunitária - elaborado, submetido e aprovado.	2025	Diretoria
02	Articulação Comunitária	Mapeamento de iniciativas, públicas, privadas e comunitárias sobre, de e para pessoas corpo e gênero variante brasileiras, com representantes de todo território nacional	Relatório contendo mapeamento de iniciativas comunitárias nacionais sobre, de e para pessoas corpo e gênero variantes-elaborado, submetido e aprovado.	2025/ 2026	Equipe de articulação comunitária
03	Articulação Comunitária	Mapeamento de organizações da sociedade civil voltadas para as linguagens artísticas, protagonizado por pessoas corpo e gênero variante brasileiras, com representantes de todo território nacional.	Relatório contendo mapeamento de organizações da sociedade civil voltadas para as linguagens artísticas, protagonizado por pessoas corpo e gênero variante brasileiras- elaborado, submetido e aprovado.	2025/ 2026	Equipe de articulação comunitária
04	Articulação Comunitária	Mapeamento de Redes de Museologia Social, com representantes de todo território nacional.	Relatório contendo mapeamento de Redes de Museologia Social, com - elaborado, submetido e aprovado.	2025/ 2026	Equipe de articulação comunitária
05	Articulação Comunitária	Primeira Reunião com representantes da sociedade civil, redes de memória e museologia social, coletivos de arte, para criação de Comitê de Articulação Comunitária.	Relatório contendo memória da reunião, demandas e necessidades da sociedade sobre o MUTHA, lista de representantes para atuar em projetos futuros do museu e para compor o Comitê de Articulação Comunitária - elaborado, submetido e aprovado.	2027	Equipe de articulação comunitária

06	Articulação Comunitária	Criação do Comitê de Articulação Comunitária.	Realização do Regimento Interno do Comitê e Ata da reunião com a posse dos integrantes do Conselho.	2027	Equipe de articulação comunitária
07	Articulação Comunitária	Construir junto da equipe de articulação comunitária do MUTHA, metodologias de atuação comunitária e ações institucionais.	Proposta de metodologia de atuação comunitária e ações institucionais - elaborado, submetido e aprovado.	2027/ 2028	Equipe de articulação comunitária
08	Articulação Comunitária	Execução de ações institucionais de articulação comunitária, visando a promoção da saúde cultural e empregabilidade da população corpo e gênero variante brasileira, com entidades públicas, privadas e organizações da sociedade civil.	Relatório contendo as ações desenvolvidas, acordos de cooperação técnica estabelecidos, resultados esperados, pessoas atingidas e resultados obtidos - elaborado, submetido e aprovado.	2028/ 2029	Equipe de articulação comunitária
09	Articulação Comunitária	Participação e organização das equipes do MUTHA nas agendas públicas acerca dos debates sobre o patrimônio cultural, campo museológico brasileiro, educação, empregabilidade, campo cultural nacional, saúde da população LGTQIAPN+.	Relatório contendo as ações desenvolvidas, resultados esperados, pessoas atingidas e resultados obtidos - elaborado, submetido e aprovado.	2024/ 2029	Equipe de articulação comunitária
10	Articulação Comunitária	Ingresso do MUTHA em Redes de Museologia Social.	Relatório contendo número de ingressos, as ações desenvolvidas, resultados esperados, pessoas atingidas e resultados obtidos - elaborado, submetido e aprovado.	2024/ 2029	Equipe de articulação comunitária

Fonte: Elaboração das autorias.



QUINTA
TRANSIÇÃO:
REFERÊNCIAS

BOITA, Tony et al. Museologia Comunitária LGBT+: Museu Transgênero de História da Arte e Ponto de Memória Aquenda as Indacas no ensino de Museologia. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 11, n. 21, p. 18-28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41417>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação** [online], n.19, p. 20-28, 2002. ISSN 1413-2478. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto dos Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 15 jan. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o estatuto de museus, e da lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus - Ibram. **Diário Oficial da União**: seção 1., Brasília, DF, p. 1, 18 out. 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.036, de 13 de agosto de 2020. Altera a Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, para estabelecer a forma de repasse pela União dos valores a serem aplicados pelos Poderes Executivos locais em ações emergenciais de apoio ao setor cultural durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e as regras para a restituição ou a suplementação dos valores por meio de outras fontes próprias de recursos pelos Estados, pelos Municípios ou pelo Distrito Federal. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 4, 14 ago. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/l14036.htm. Acesso em: 25 jun. 2024.

DERRIDA, Jaques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia de Moraes Rego. 7. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. 2002. **Pedagogia do Oprimido**. 34. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GEMAA. **Pessoas Trans nas Universidades Federais do Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/pessoas-trans-nas-universidades-federais-do-brasil/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

GENSBURGER, Sarah; LAVABRE, Marie-Claire. Entre "devoir de mémoire" et "abus de mémoire": la sociologie de la mémoire comme tierce position. In: MULLER, Bertrand. **Histoire, mémoire et épistémologie: À propos de Paul Ricoeur**. [S.l.]: Payot, 2005, p. 76-95.

HABIB, Ian Guimarães. Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA): museu como obra de arte. In: **Sociomuseologia: Corpos Geradores, Gênero e Identidade**. Primo et al. (Eds). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2023. p. 11-25.

HABIB, Ian Guimarães. **Corpos Transformacionais**: a transformação corporal nas artes da cena. São Paulo: Hucitec, 2021a.

HABIB, Ian Guimarães. **Corpos transformacionais**: a transformação corporal nas artes da cena. 2021. 345 f. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021b.

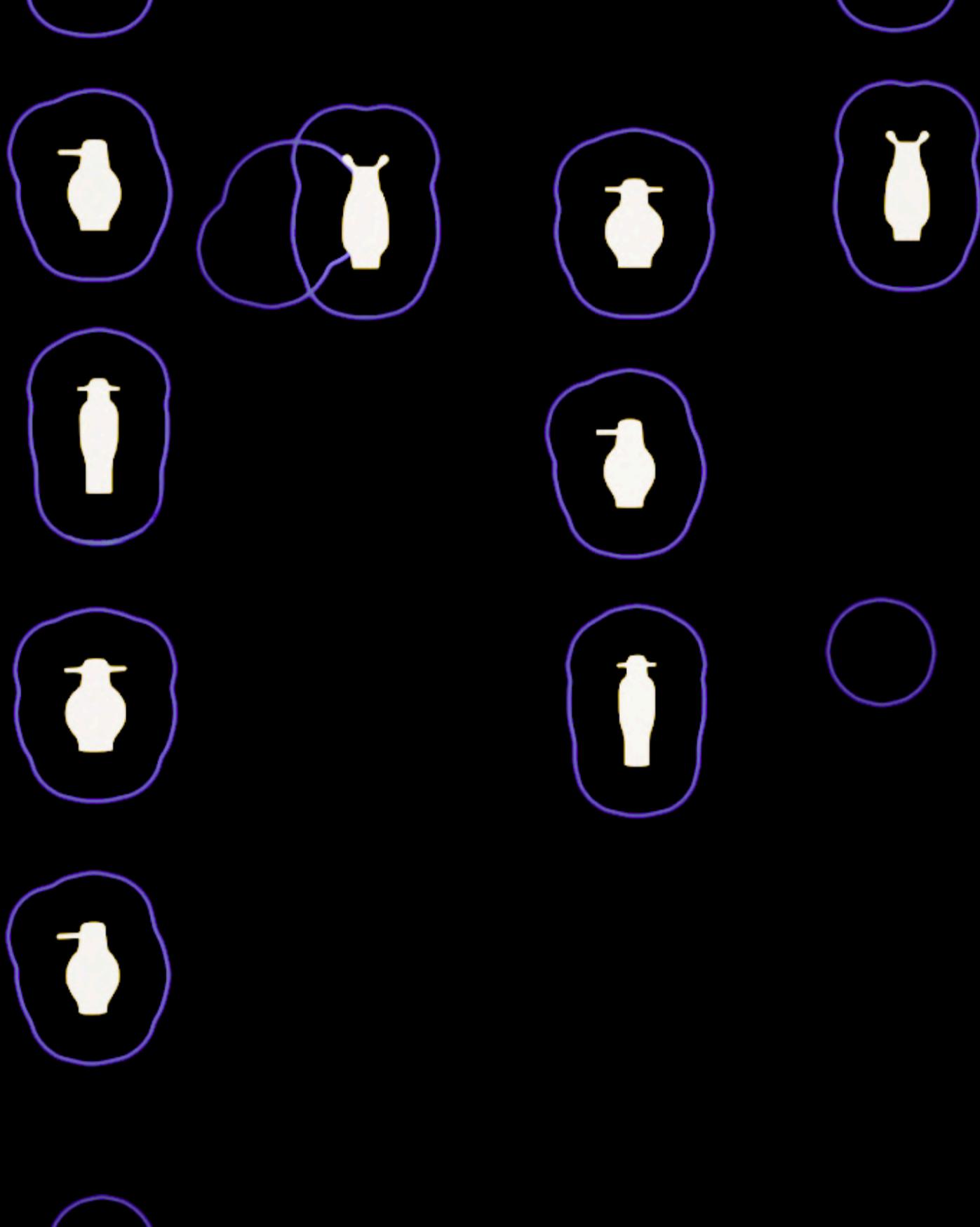
HABIB, Ian Guimarães. **Transespécie/Transjardinagem**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2021c.

HABIB, Ian Guimarães. MUTHA - Museu Transgênero de História e Arte. **Ícone**: Revista Brasileira de História da Arte, v. 5, n. 6, p. 16-17, 2020.

HOOBS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MBEMBE, Achille. **O poder do arquivo e seus limites**. Tradução de Camila Matos. In: MBEMBE, Achille. *The Power of the Archive and its Limits*. In: HAMILTON, Carolyn; HARRIS, Verne; TAYLOR, Jane; PICKOVER, Michele; REID, Graeme; SALEH, Razia (Orgs.). *Refiguring the archive*. London: Kluwer Academic Publishers, 2002. p. 19-26.

REPOLÊS, Sofia Gonçalves. **Recalculando rotas**: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas. 2017. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.



SEXTA

TRANSIÇÃO:

RELATÓRIO E ANEXOS

ANEXO I

LISTA DE DOCUMENTOS DE
REFERÊNCIA PARA ELABORAÇÃO
DO PLANO MUSEOLÓGICO

Legislação Brasileira de Museus

BRASIL. Política Nacional de Museus. Brasília: Minc, 2007. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília, DF, jan. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. Lei n.º 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Brasília, DF, jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11906.htm. Acesso em: 15 fev. 2024.

BRASIL. Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília: Ibram, 2018. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/Caderno-da-PNEM.pdf> Acesso em: 15 fev. 2024.

IBRAM. Subsídios para Elaboração de Planos Museológicos. Brasília: Ibram, 2016. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Subs%C3%ADdios-para-a-elabora%C3%A7%C3%A3o-de-planos-museol%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 15 . 2024.

ANEXO II

RESULTADO GERAL
PESQUISA/CONSULTA ON-LINE
“QUAL MUTHA DOS SEUS
SONHOS?”

Consulta pública: Qual o MUTHA dos seus sonhos?

30 respostas

[Publicar análise](#)

DADOS PESSOAIS



Nome

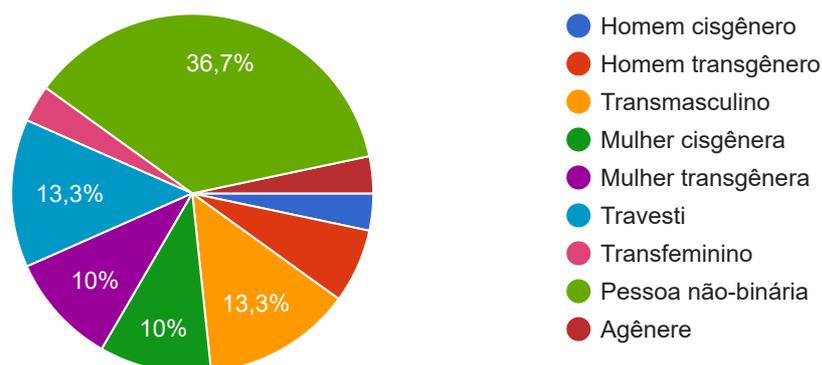
30 respostas



Gênero

[Copiar](#)

30 respostas

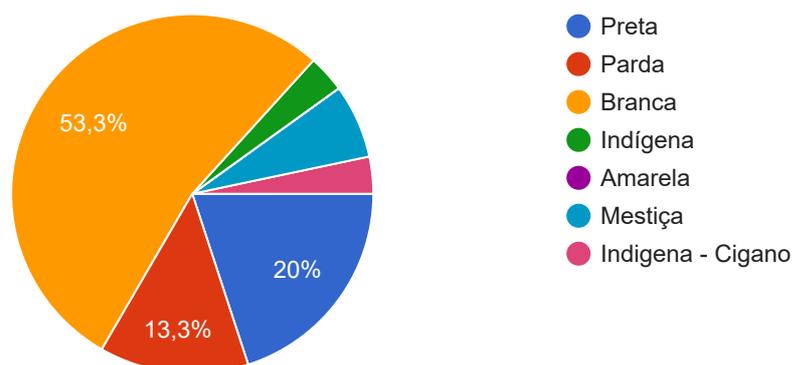


Raça-etnia (IBGE)

[Copiar](#)

Importante: Apesar do parâmetro utilizado aqui ser o IBGE, incentivamos que pessoas não contempladas por ele possam preencher suas identificações étnico-raciais de maneira livre em Outros

30 respostas



Data de nascimento

30 respostas

mar. de 1958	9	
ago. de 1980	26	
jun. de 1981	12	
jul. de 1981	29	
mar. de 1982	2	
nov. de 1983	16	
fev. de 1986	2	
abr. de 1989	1	
ago. de 1990	22	
ago. de 1991	7	
mar. de 1992	24	
mar. de 1994	1	
abr. de 1994	26	
mai. de 1994	3	
jul. de 1994	20	
jun. de 1995	3	
abr. de 1996	24	
out. de 1996	24	
dez. de 1996	13	
jan. de 1997	14	
mai. de 1997	17	
abr. de 1998	20	
jul. de 1998	27	
mar. de 1999	2	
fev. de 2000	7	
abr. de 2000	10	28

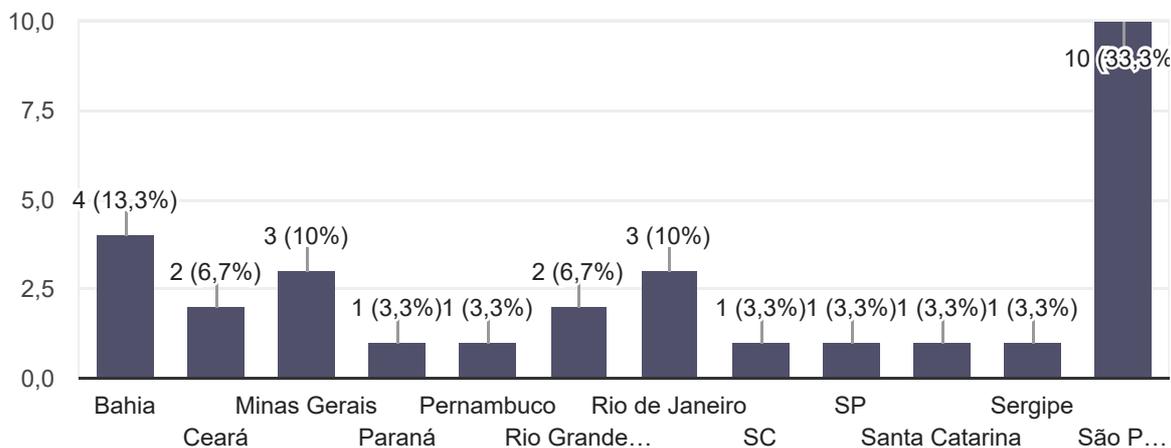


jun. de 2000	15
dez. de 2000	29
mar. de 2001	17

Estado

Copiar

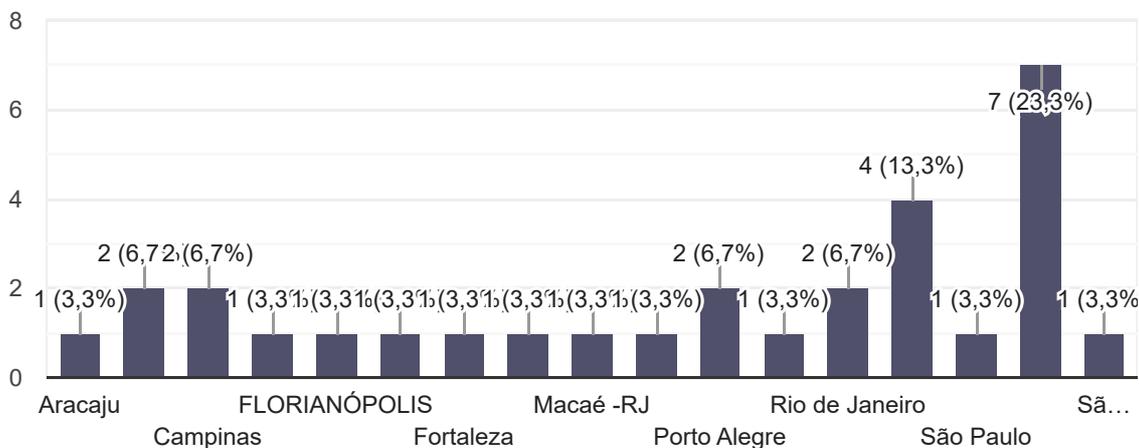
30 respostas



Cidade

Copiar

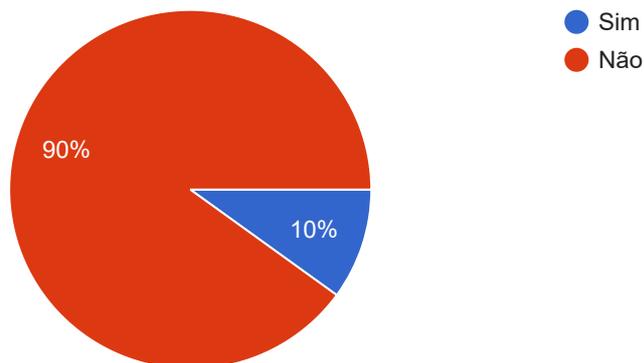
30 respostas



Deficiência

Copiar

30 respostas



Se respondeu SIM em deficiência e quiser elaborar, qual?

4 respostas

Tenho uma deficiência invisível, porém ainda não classificada oficialmente como deficiência.

Autismo nível 1

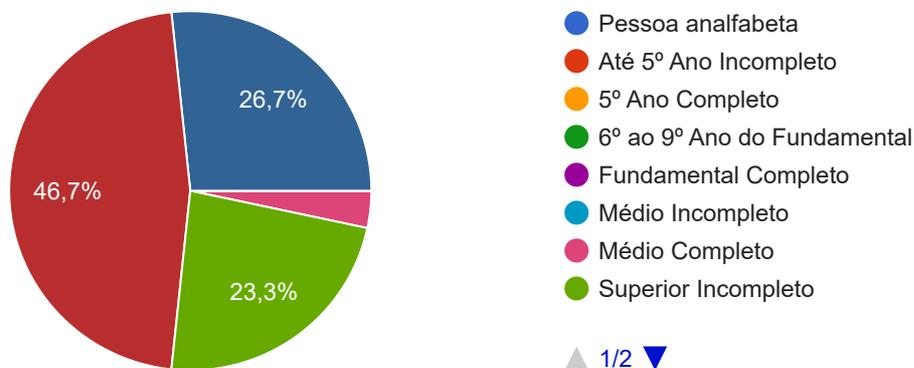
TEA/Apraxia motora

Eu tenho transtorno do espectro autista (TEA), altas habilidades ou superdotação (AHSD) e uma degeneração precoce dos músculos e ossos da coluna.

Escolaridade (Parâmetro IPEA Gov)

 Copiar

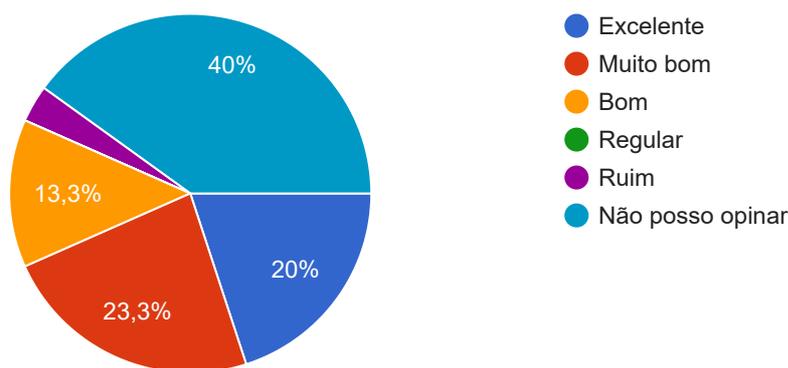
30 respostas



Atendimento (Email e mídias sociais)

 Copiar

30 respostas



Caso queira, justifique a sua resposta sobre o Atendimento (Email e mídias sociais)

2 respostas

Ainda não vi

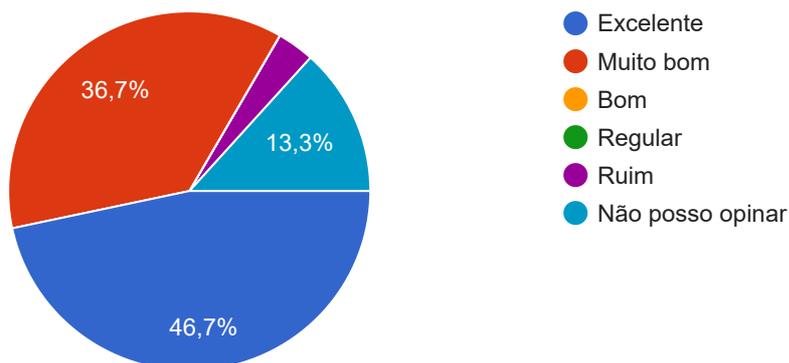
Quando precisei, tive respostas rápidas e gentis.



Constituição da equipe (Quem integra a equipe do museu)

 Copiar

30 respostas



Caso queira, justifique a sua resposta sobre a constituição da equipe

3 respostas

Ainda não frequentei o museu

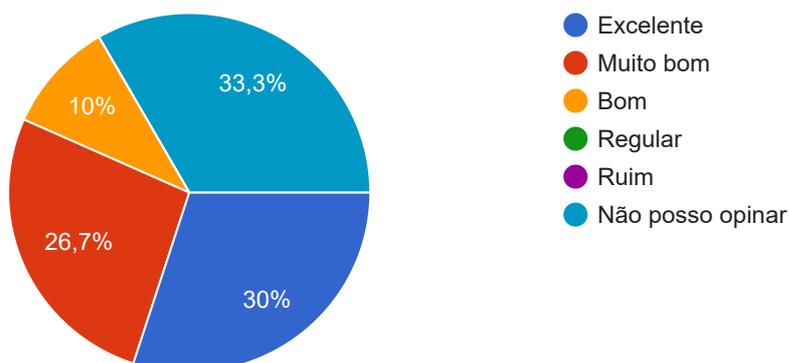
gostaria de ver mais diversidade etnica na equipe

Muito me agrada o compromisso em buscar uma equipe majoritariamente trans e quando não trans, ao menos LGBTQ+ e/ou feminina.

Como está organizada a equipe? (Organograma institucional)

 Copiar

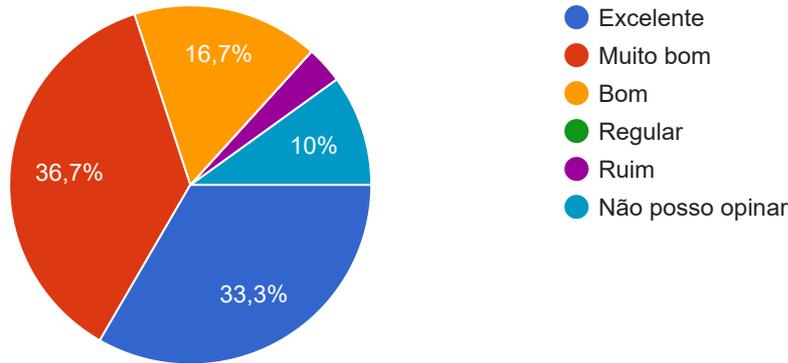
30 respostas



Comunicação e divulgação (Cards, vídeos, mídias sociais, facilidade de compreensão das informações, frequência de postagem)

 Copiar

30 respostas



Caso queira, justifique a sua resposta sobre a comunicação e divulgação do MUTHA

5 respostas

Falta incluir acessibilidade digital.

Ainda não conheço o mutha

sinto falta de uma estratégia de comunicação mais robusta e interessante

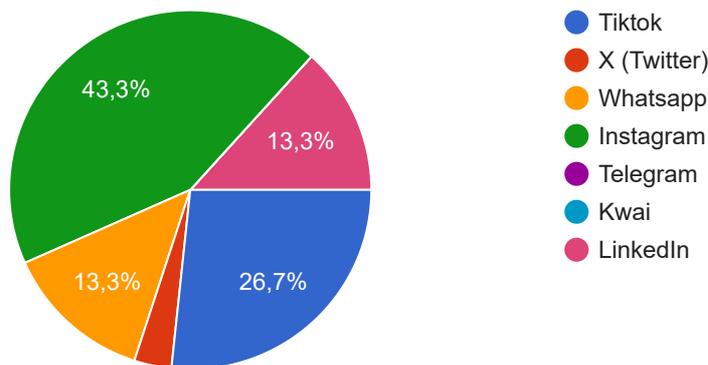
Nesse caso, eu acho possível investir mais em vídeos, contando sobre os itens anteriores por ex, como o museu se organiza, quem está envolvido, o que o museu possui em seu acerto, desejos, conversas, prospecções.

Os post são muito bem trabalhados Fico feliz com o comprometimento da equipe para com isso.

Em qual outra mídia social você acha que o MUTHA deveria atuar ou melhorar sua atuação?

 Copiar

30 respostas



Deixe comentários, críticas, sugestões, opiniões, sonhos, fabulações e desejos sobre SERVIÇOS (comunicação, atendimento, constituição da equipe, etc)

30 respostas

É muito importante um museu trans.

Nada a declarar

Sonho em um dia o Mutha ser repositório de nossas vivencias de forma transcetrada e sem as politicas de hierarquizacao de saber q rodeiam os outros museus

A comunicação deve ser pensada para o maior número de pessoas. Em todos os setores sociais, existem diversidades de gênero, intelectuais, físicas, entre outras. O museu deve nascer em conjunto com um plano de acessibilidade e permitir a criação de diferentes níveis de acesso. Falta um gerenciamento para isso nas redes sociais e no site do museu. Caso tenham interesse, me ponho à disposição.

Parabéns pela iniciativa da consulta!

Desejo longa vida e sucesso ao museu!

Sugeri que o MUTHA use o TikTok como forma de ampliar o alcance e mostrar para um público novo e antenado nas redes a história das transgeneridades.

O MUTHA é um projeto fundamental para a comunidade trans especialmente para a população transmasculina que sofre com o apagamento histórico e CISTêmico de suas identidades e expressões artísticas. Registrar nossas vivências hoje e resgatar do passado nossa transcestralidade invisibilizada é um trabalho urgente e vital que o MUTHA tem realizado com excelência.

Não possuo sugestões, comecei a acompanhar o MUTHA a pouquíssimo tempo

Como sugestão, seria interessante um locus no site sobre a história do movimento trans (sobretudo o transmasculino) e travesti, trazendo além de entrevistas, também livros e referências jornalísticas, artigos. Etc.

Não posso nenhuma crítica. Apenas, parabéns!!!

O MUTHA é uma iniciativa muito importante e necessária. Feliz e contemplade enquanto pessoa não-binária em poder acompanhar.

Mais exposições, especialmente que abordem criticamente a história da constituição das identidades/corporeidades trans e da cisgeneridade, oferecendo novas perspectivas sobre essa história que possam ser utilizadas na construção de um imaginário social menos nocivo às pessoas trans e, ao mesmo tempo, menos limitante para as próprias pessoas trans.

Seria incrível se o MUTHA propusesse residências artísticas presenciais ou online.

Seria ótimo, no futuro, ter um espaço físico fixo <3



Ainda não conheci o museu, pretendo conhecer, quero ver exposições e coisas sobre transmasculinidade.

n/a

Acho legal e MUITO importante focar em articular laços com estudantes trans de museologia (meu caso) que ainda tem e são ensinados perspectivas bem ortodoxas dentro da área

Eu gostaria de saber mais sobre a equipe e quais os desejos do Mutha. Ter espaços de troca entre coletividades, ver mais chamadas para artistas fornecerem suas obras p compor com o museu.

O Mutha tem uma importância muito grande, vê-lo crescer me deixa feliz. Talvez tenha sonhos de haver colaborações com coletivos que faço parte como a Núclea Tranzborde e o Tiração.

Desejo parceria do Mutha com coletivos artísticos que se dedicam a comunidade LGBTQIAPN

Estamos com uma PL aqui na Assembléia Estadual do Rio de Janeiro para implementar um museu voltado para a memória das pessoas trans negras. Gostaria muito de estreitar o contato com a equipe do MUTHA e com a equipe do BRAVA.

Elaborar ações voltadas para o público das universidades dos cursos de museologia, que sejam cursos ou palestras virtuais; Abrir espaço para trabalho voluntário e de estágio de áreas pertinentes para a propagação e estabilização do museu, como o jornalismo e a museologia.

Gostei bastante da estética em construção no instagram

A partir de minhas experiência com políticas de patrimônio e divulgação, acredito que essa rede tem tido um alcance diverso.

Como artista visual não-binario, acho difícil achar oportunidades de emprego e editais na área. Gostaria saber se vocês possuem alguma forma de apoio que eu possa acessar. Obrigada desde já!

Acho que o Museu poderia explorar várias mídias sociais de forma interativa e educativa. Cada mídia tem um tipo de público diferente, isso pode aumentar o alcance do museu.

Eu acho o trabalho de vocês incrível. Não sei mt sobre processos internos de articulação, mas acho a comunicação de vocês muito boa de uma forma geral ;)

Que os trabalhas sempre sejam repensados para melhor atender o público

Acredito que uma lista de transmissão por whatsapp e/ou e-mail, tanto sobre eventos/produções quanto sobre oportunidades de participação ativa, facilitaria a comunicação e a circulação de oportunidades.

Acho muito foda essa criação de acervo e a disponibilização online, acho que isso permite um acesso muito abrangente e mais foda ainda ser gratuito e acessível! Eu não consegui ver onde



procurar no site, então talvez seria o caso de colocar mais visível a opção de busca, porque seria mais fácil poder buscar temáticas no acervo diretamente.

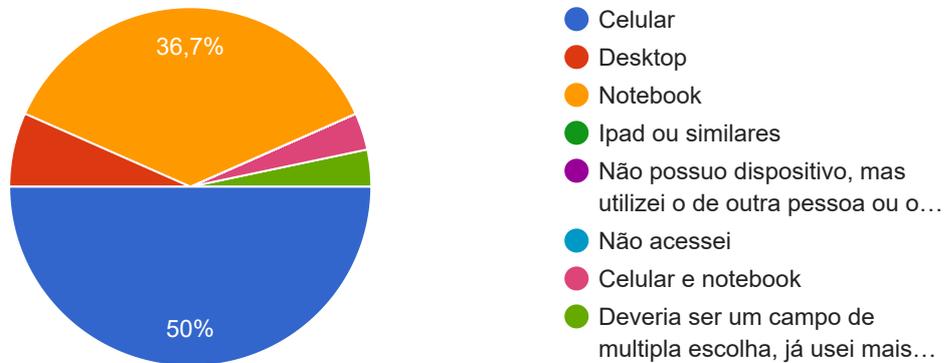
Sinto que a constituição de um Museu volta para a divulgação da arte produzida por pessoas trans deve considerar o pluriverso que é fundamento desta comunidade. A administração neoliberal das existências/identidades impostas pelo mercado, principalmente pelo show business sempre atuou (e atua) na padronização e "higienização" das performatividades no que se refere a experiência trans. Construir uma ética que consiga compor um acervo a partir de narrativas múltiplas e plurais que aguace as sensibilidades e provoque reflexões que ampliem a percepção sobre a existência de corpos trans deve ser o fundamento de um projeto dessa natureza.

PERCEPÇÕES SOBRE ARQUITETURA DO MUSEU (WEBSITE)

Qual dispositivo você utilizou para acessar o museu?

 Copiar

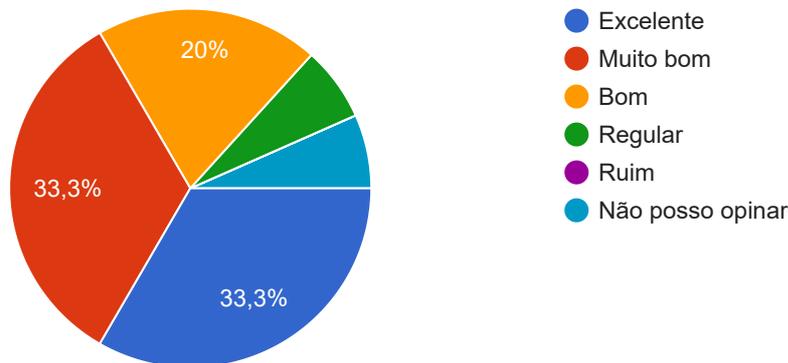
30 respostas



Como você classifica a organização de informações e facilidade de navegação no site?

 Copiar

30 respostas



Caso queira, deixe uma sugestão sobre a organização das informações e a navegação no MUTHA

7 respostas

As imagens e página não tem plugins para acessibilidade. O vídeo tem libras e legendas automáticas, mas sugiro uma versão com descrição das imagens.

a interface do site é muito poluída e pouco convidativa

Muito bem organizado, além disso o design facilita a navegação.

Organiza-lo de forma a ser menos complexo para pessoas que não conseguem ter muito estímulo. O espaçamento maior, poderia já ajudar.

No celular o site fica com a navegabilidade não tão boa.

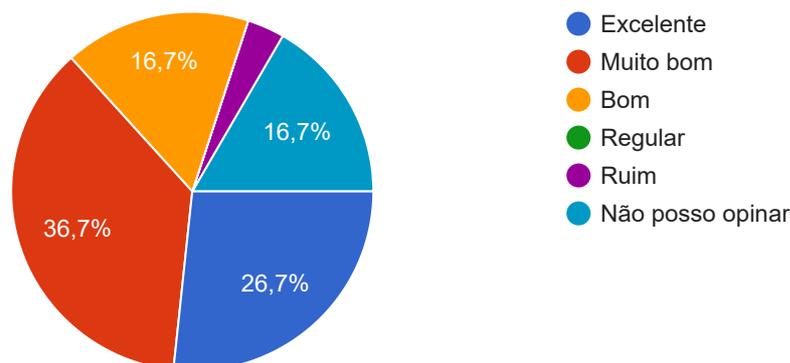
acredito que ter as informações de acesso rápido na parte inferior do site seria mais efetivo se tivessem todas na parte superior também. links de fácil acesso visual pra quem nunca viu o site e não conhece nada. Por ex, os links pra chamada permanente e as infos pra doação

Ficou faltando a ferramenta de busca.

O que você acha sobre a quantidade e qualidade de explicações presentes no museu (website) sobre como navegá-lo?(Mapa do site, Interrogações com guias de acesso, Popups)

 Copiar

30 respostas



Caso queira, justifique a sua resposta sobre as instruções de acesso ao MUTHA

1 resposta

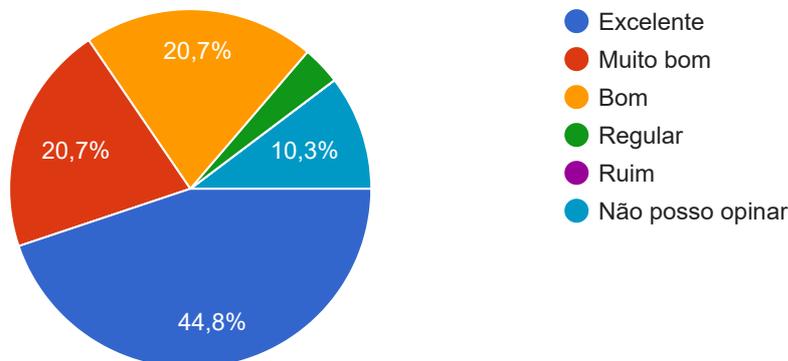
não achei explicações sobre como navegar o site



Como você classifica os elementos gráficos de acesso à informação, tais como cores e tamanhos da fonte, espaçamento das palavras e letras, botões e seu funcionamento?



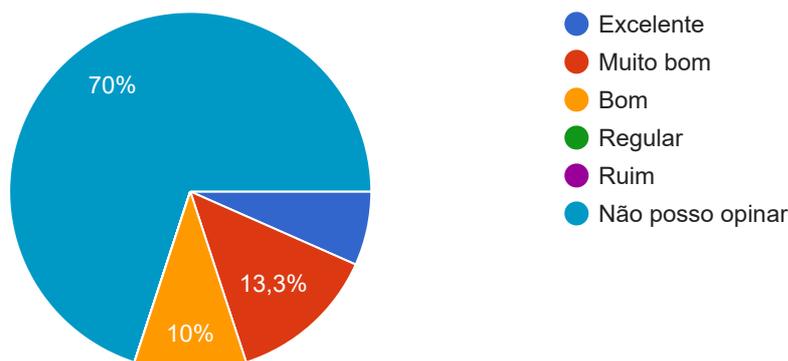
29 respostas



Como você avalia a segurança de dados no MUTHA?



30 respostas



Caso queira, deixe uma sugestão sobre a segurança de dados no MUTHA

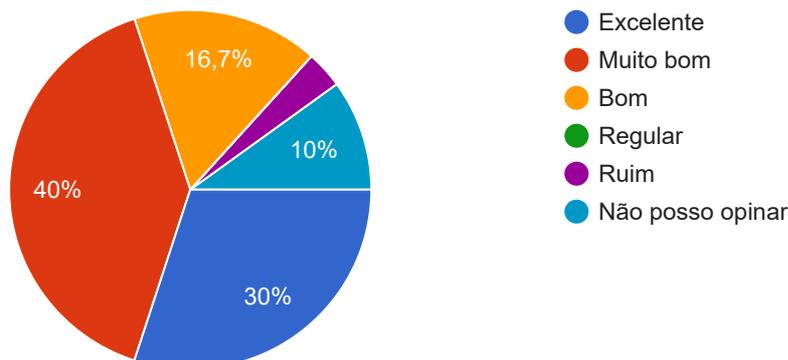
1 resposta

não sei quais iniciativas voltadas para segurança de dados o museu possui

Classifique o espaço do ARQUIVO ARTÍSTICO DE DADOS



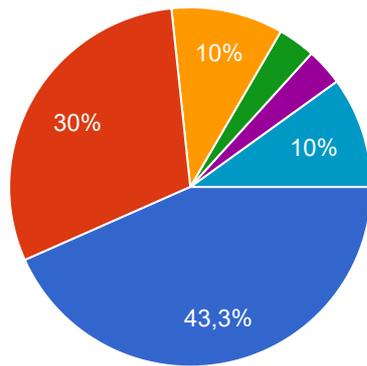
30 respostas



Classifique o espaço de EXPOSIÇÕES

 Copiar

30 respostas

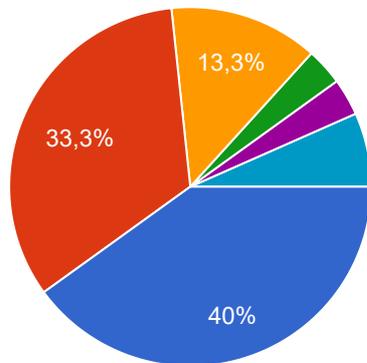


- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar

Classifique o espaço do ARQUIVO HISTÓRICO

 Copiar

30 respostas

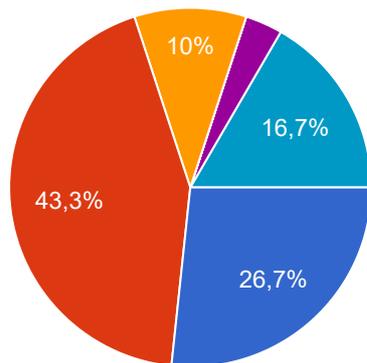


- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar

Classifique o espaço do ARQUIVO DIGITAL

 Copiar

30 respostas



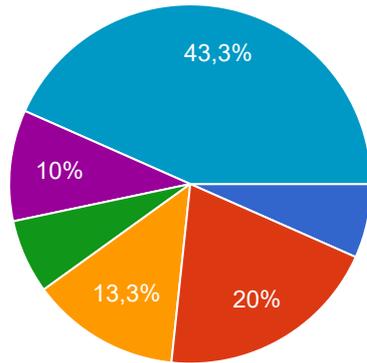
- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar



Classifique o espaço da LOJA

 Copiar

30 respostas

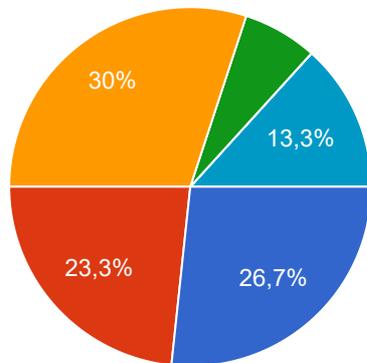


- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar

Classifique o espaço de CONTATO

 Copiar

30 respostas

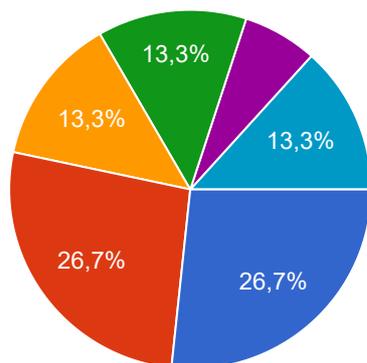


- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar

Classifique o rodapé do site

 Copiar

30 respostas



- Excelente
- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Não posso opinar



Deixe comentários, críticas, sugestões, opiniões, sonhos, fabulações e desejos sobre ARQUITETURA DO MUSEU (WEBSITE)

30 respostas

Poderia ter uma lojinha física ou intolerante.

O website do museu é incrível, bastante claro no direcionamento de cada seção; mas a nomeação de cada não me parece clara, com "arquivo artístico de dados", "arquivo digital" e "arquivo histórico" gerando confusão sobre qual acervo encontro em cada setor. Uma nomeação mais clara (ou esclarecimento da vocação de cada) contribuiria para uma movimentação mais fluida pelo site.

Acredito que uma forma de inserir transgeneridades q nao sejam produtoras de conteúdo artístico seja algo importante. Acho q poderia ter um repositório sobre casos notórios de violência tb...

Vocês têm um excelente museu, fundamental para todos! Seguem algumas sugestões: trabalhar a acessibilidade, incluindo plugins e texto alternativo nas imagens; incluir imagens das pessoas que compõem o organograma, pois isso mostra a humanidade dos profissionais envolvidos; e, por fim, indicar um alerta de classificação na entrada de alguns links, pois há uma sugestão e deve ser usada com cautela para proteção do próprio museu.

Estão de parabéns!

Não encontrei a Loja no site. No mais - compreendendo que é um trabalho que será ampliado - achei o site todo excelente (fácil de navegar, bonito, com boa leitura)

Que o MUTHA continue vivo e em evolução constante para que as novas gerações possam se espelhar e se empoderar

Na seção "Arquivo Artístico" fiquei pensando se não haveria como ter um menu de escolha de formato de visualização (quantidade de itens por página e afins)

Talvez fosse interessante tornar o site um pouco mais colorido nas partes brancas que são bem extensas. E modificar as fontes da parte inferior onde tem os contatos.

Eu amei o layout do site, acho que é dinâmico

Não entendo muito dessa parte.

O museu é muito interessante visualmente, os site não é de difícil navegação e tem uma identidade visual chamativa

Ao clicar em "Arquivo Histórico", a barra de navegação do website é alterada completamente em relação ao endereço anterior (mutha.com.br). Entendo que se trata de um outro website, mas poderia existir uma padronização. A parte de "Arquivos" é a mais confusa de todo o site. Além disso, só é possível acessar as "Exposições" através do rodapé, então talvez uma



sugestão seria incluir na barra de navegação, em "Galeria", um item para as exposições. Fica pouco claro para mim a diferença entre o arquivo e a galeria.

NA

Acho que está ótimo.

o site é muito poluído e as explicações não são muito objetivas, é difícil entender o que é cada página

amamos

De modo geral eu amo a estética proposta e acho o site de fácil acesso e entendimento, de rápida navegação e que dá prazer para estar ali. Talvez se eu fosse falar sobre seria sobre mais exposições coletivas neste lugar virtual. E também refletindo sobre a questão da acessibilidade.

Como disse acima, o design do site facilita a navegação, tanto pelas cores quanto fontes. Apenas não achei o espaço LOJA. :/

Gosto muito da arquitetura do museu. Seria bom ter um espaço para obras colaborativas com o público

Está incrível.

O site é muito bem organizado. Não encontrei a aba LOJA, aparentemente existente de acordo com esse formulário.

Ser tudo de cinza incomodou um pouco a minha visão de maneira geral, mas foi um incômodo pessoal mesmo

Disposição acessível dos elementos sensíveis para pessoas neurodivergentes.

Muito bom

Gosto do site

Eu não achei a área "Loja". É a mesma área da exposição? Isso precisa ficar mais nítido, se for o caso... Coloquei a loja como ruim pq não achei nada diretamente sobre loja ou venda das obras, a não ser as infos na exposição.

Além disso, penso que um formulário pra envio de email rápido na página de contatos seria interessante pra facilitar a comunicação do usuário com vcs

Fiquei totalmente perdida na área do arquivo histórico, não entendi nada como navegar :(Além disso, não achei a área "arquivo digital"... é a mesma área do "arquivo artístico" ou "arquivo vivo"? isso ficou confuso aqui pra mim... seria legal ter termos melhor definidos pra cada um dos arquivos, e talvez até deixar todos os "arquivos" numa mesma janela de link

Tá incrível



Eu tive dificuldades de encontrar a loja do website, ela foi descontinuada ou está em reforma? Talvez apenas eu quem não tenha a encontrado mesmo.

O catálogo não parece ter uma ordem, ou pelo menos eu não entendi, e acho que seria legal poder organizar de maneira seja alfabética ou por temática, não sei, idealmente poder filtrar e organizar de diferentes formas, o que só é possível entrando em alguma obra e clicando em um dos marcadores

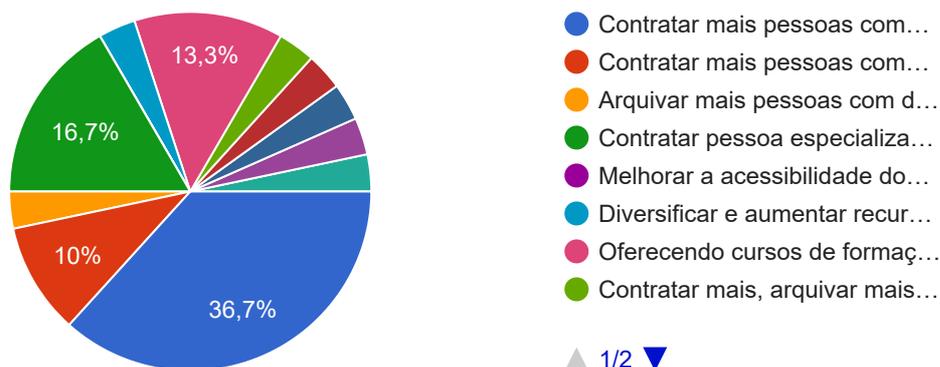
Ainda não tive acesso ao Museu

PERCEPÇÕES SOBRE ACESSIBILIDADE

Como o MUTHA pode ser um espaço mais acessível para pessoas com deficiência, considerando as ações de acessibilidade em seus parâmetros arquitetônicos (website), atitudinais, comunicacionais, metodológicos, instrumentais, programáticos e educacionais?

 Copiar

30 respostas



▲ 1/2 ▼



Como você acha que O MUTHA poderia ser um espaço ainda mais inclusivo e acessível para pessoas de diferentes faixas etárias, identidades de gênero e grupos sub-representados?

14 respostas

Abrindo chamadas de seleção.

Todas as opções da questão acima parecem relevantes. A opção de um website mais acessível que possa ser ligado ou desligado conforme necessidade é interessante, não sacrificando a estética desejada mas possibilitando uma acessibilidade mais ampla dos conteúdos quando necessário.

Acredito que já enviei sugestões anteriormente.

O protagonismo das PCDs, de pessoas negras, mulheres e todos os tipos de grupos considerados minoritários ou que vivem em situação de vulnerabilidade, é fundamental para pensar em dinâmicas e ações que comuniquem para seus grupos de interesse. Esses indivíduos podem estar incluídos de diferentes maneiras, desde os profissionais que atuam diretamente na construção e manutenção do museu até os fornecedores de informações e as práticas de atividade, bem como na produção intelectual e científica. É fundamental que se vejam representados no acervo, por vezes sendo o objetivo principal, mas também devem fazer parte de todos os pares que dialogam de alguma maneira com a instituição.

Acho que o melhor começo é sempre contar com essas pessoas na equipe, seja para ações continuadas ou mais pontuais.

Vídeos formativos sobre diversos assuntos relacionados às ações do MUTHA apresentados por pessoas com deficiência. Vídeos que poderiam ser upados no YouTube. Gravados pelas próprias pessoas com deficiência em estilo home office. Principalmente aquelas que têm mais dificuldade de locomoção.

com pessoas desses grupos na equipe fixa, pensando o cotidiano do museu

Bem, acredito que quanto mais presença na equipe, nas ações, na busca por artistas, com todas as diversidades, mais se constrói uma comunidade plural. Abrindo espaço para a escuta e comunicação de cada ser com sua diversidade coloca em movimento as questões que atravessam a pluralidade.

Aumentando o número de pessoas na equipe. Eu mesma ainda não consegui mandar minhas obras para o acervo.

Talvez a inclusão de pessoas de tais pessoas nas programações. Pouco tem se falado das "transições tardias". Vejo como meu tio se sente mal, nesse sentido. Não tenho uma resposta, mas ouvir os movimentos sociais tem me parecido a melhor saída. E no caso de tais "transições tardias", contribuir para tirá-las desses "nao-lugares" que são produzidos.

Abrindo ou divulgando mais oportunidades



Explorando várias redes sociais afim de trazer mais público para o site, com conteúdo direcionado para cada recorte específico

Ao entrar no site, pode ter um pop-up pra pessoa selecionar sua idade, por ex, e aí podem direcionar pessoas menores de idade pra alguma formatação específica direcionada conforme idade, pra mostrar apenas obras com classificação de idade apropriadas para crianças por ex....

Sim.

Ainda não tive acesso ao Museu para ter algum parâmetro para avaliar.



Comentários, críticas, sugestões, opiniões, sonhos, fabulações e desejos sobre ACESSIBILIDADE

30 respostas

Desejo espaços equitativos.

Nada a declarar

Nao tenho no momento

A acessibilidade deve estar presente em todos os itens do museu, desde a raiz m. Não cometam o equívoco de tê-la em um capítulo à parte.

Acho importante conversar com um grupo diverso de PCDs para que eles possam fazer tais sugestões de maneira mais acertada e assertiva.

O acesso às informações deve contemplar todos - esse é o caminho

Audiodescrição seria uma coisa importante como uma possibilidade para o futuro

Seria interessante alguém da equipe especializado na área para pensar numa melhor organização do site e de outras plataformas que desse maior acessibilidade a pessoas com deficiência

Nenhuma sugestão

O meu desejo/sonho de acessibilidade é sobre expandir o acesso de pessoas de baixa renda à arte.

É importante juntar conhecimento de causa e conhecimento técnico para que as ideias de acessibilidade, a funcionalidade e a identidade visual do site funcionem.

Inserir audiodescrição e descrição das imagens seria já um ótimo passo para melhorar a acessibilidade do site.

Seria interessante ter um assistente virtual de LIBRAS no site.

Gostei de tudo

n/a

tudoo

Como na resposta anterior é preciso ter mais pessoas com deficiência presentes, artistas, educadoras, ativistas. Romper barreiras sociais e abrir as portas e a escuta para essa transformação. Ela só é feita com presença.



Acredito que a maioria das opções na penúltima pergunta acima pode acrescentar na acessibilidade.

É importante que a comunidade PCD tenha acesso a informação das atividades do Mutha

O trabalho que a equipe se propõe a fazer não é fácil. Esse formulário é um exemplo de estratégias para melhorar o acesso ao público. O MUSEU está indo por um caminho lindo!

Não consigo oferecer uma opinião sobre o assunto, visto meu pouco conhecimento sobre a área.

Ter representação de grupos sub-representados na equipe já é um grande passo!

Com o notebook fica mais fácil, mas pelo celular, acho muito complicado o acesso. Sobretudo em como os elementos de estímulos parecem se multiplicar na minha frente.

Não me sinto segura de opinar pois não tenho deficiência

.

acredito que as informações na parte inferior do site poderiam ser redistribuídas. Como já tem alguns links na parte superior que são idênticos ao da parte inferior, essa parte inferior pode deixar de existir... pra diminuir os textos em baixo.

As opções dos links inferiores podem ser links com imagens e texto reduzido... Fico pensando que pessoas dislexas podem ter dificuldade pra ler textos longos com tipografias pequenas.. então é importante reduzir esse texto e transformar em imagem quando possível

Sempre bom pensar as diversas formas de acessibilidade

Acessibilidade não é minha área de especialidade, mas acredito que práticas como audiodescrição, versões dos conteúdos em texto, áudio e libras, vídeos legendados, para um mesmo conteúdo aumente a acessibilidade do website, assim como a utilização de recursos HTML como alt text.

aumentar recursos de tecnologia assistida

Confio que quem melhor pode versar sobre acessibilidade são as pessoas PCD's. Por isso, a importância de tê-las na equipe ocupando cargos em equidade de voz nas decisões com outros setores relevantes da organização institucional.

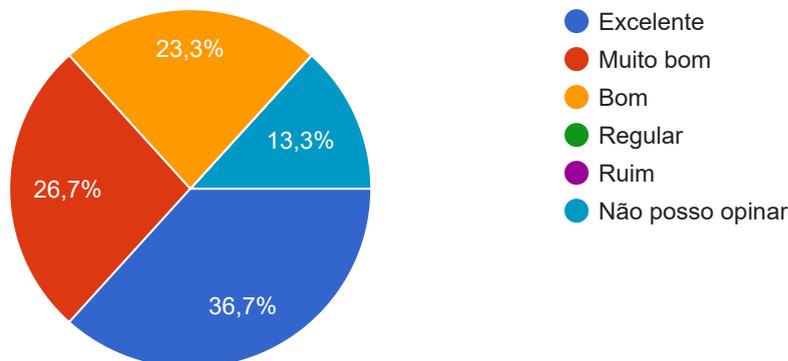
PERCEPÇÕES SOBRE O CONTEÚDO DOS ACERVOS E ARQUIVOS



Os acervos artisticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante de todo o Brasil e além?



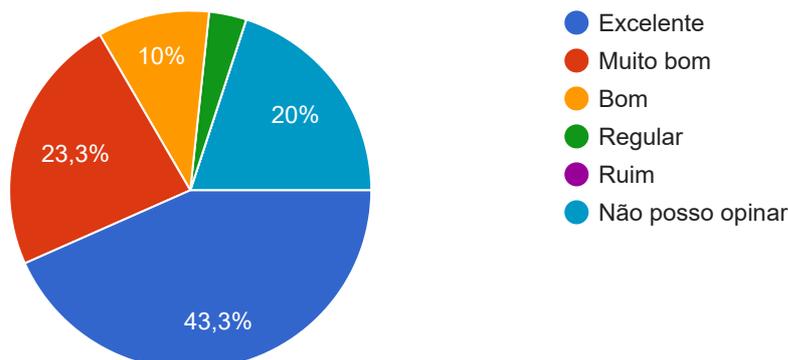
30 respostas



Os acervos artisticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante de toda a diversidade de gêneros?



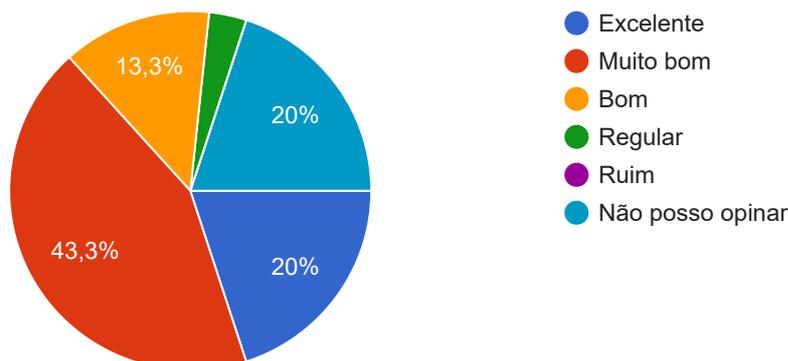
30 respostas



Os acervos artisticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos étnico-raciais?



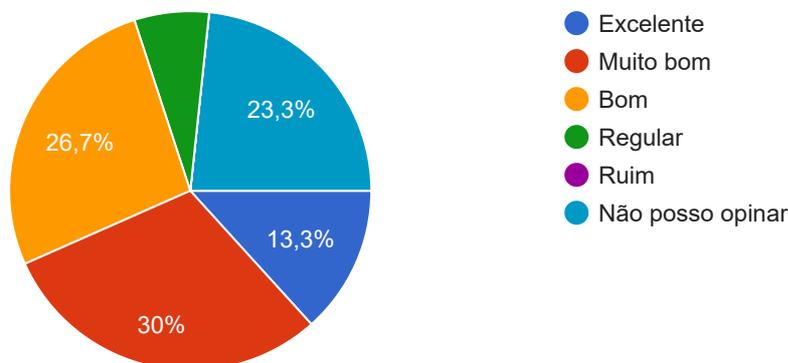
30 respostas



Os acervos artísticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de deficiência e variância corporal?



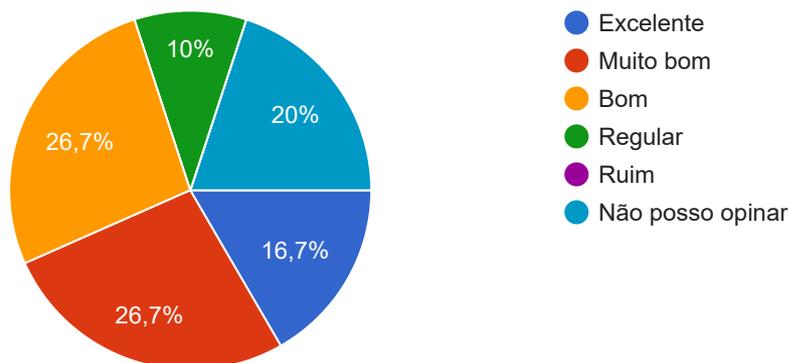
30 respostas



Os acervos artísticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de faixa etária?



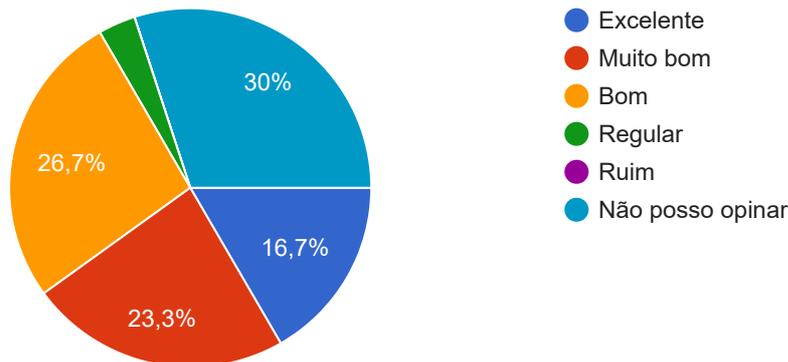
30 respostas



Os acervos artísticos do MUTHA (Arquivo Artístico de Dados e Galeria) oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de classe?



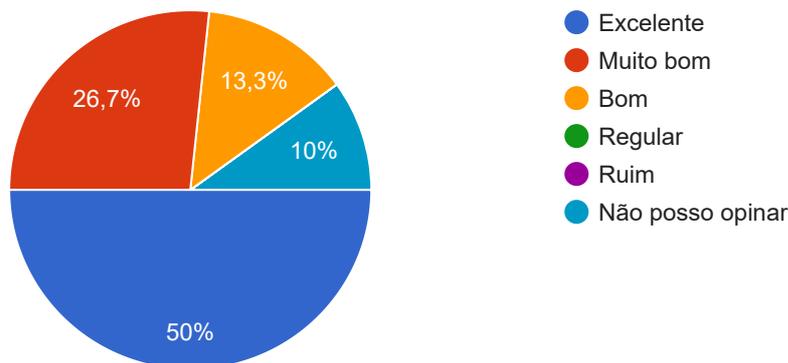
30 respostas



Os temas dos acervos artísticos do MUTHA são atuais e relevantes sócio-politicamente?

 Copiar

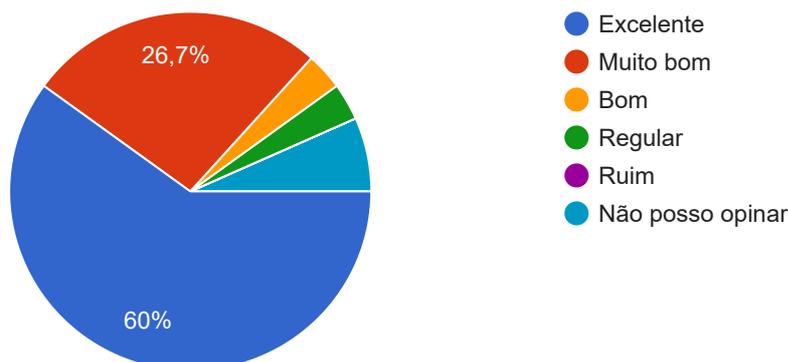
30 respostas



Como você avaliaria esteticamente, em termos de poéticas, tecnologias, técnicas, criatividade e relevância, os acervos artísticos do MUTHA?

 Copiar

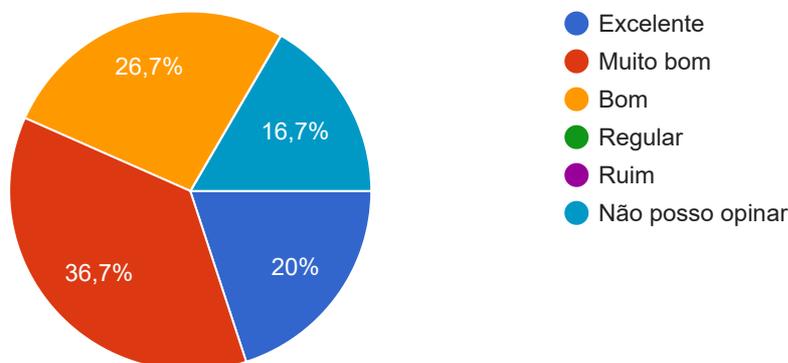
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante de todo o Brasil e além?

 Copiar

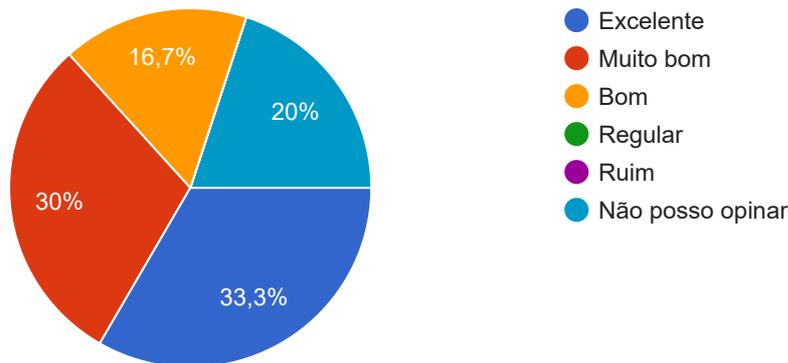
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante de toda a diversidade de gêneros?



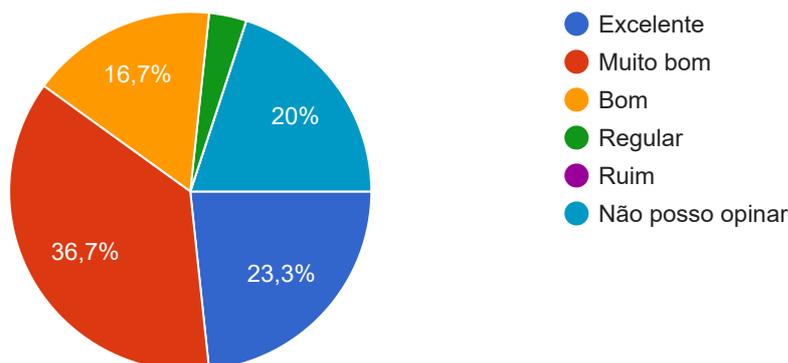
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos étnico-raciais?



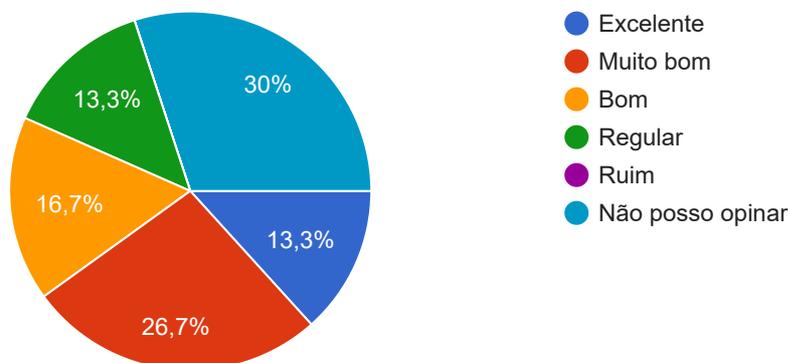
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de deficiência e variância corporal?



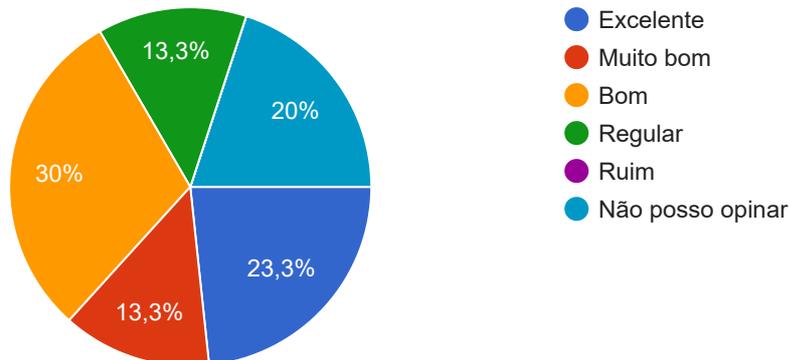
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de faixa etária?



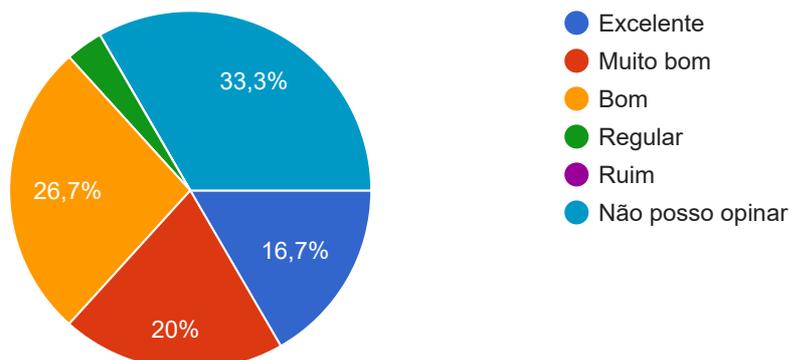
30 respostas



Os acervos históricos do MUTHA oferecem abordagens múltiplas da produção corpo e gênero variante em todos os aspectos de classe?



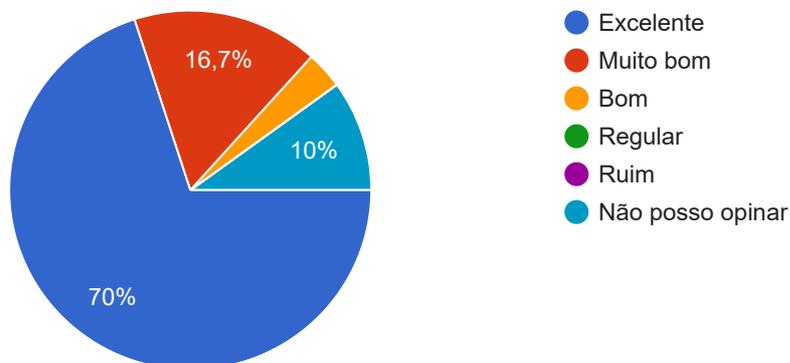
30 respostas



Os temas dos acervos históricos do MUTHA são relevantes socio-politicamente?



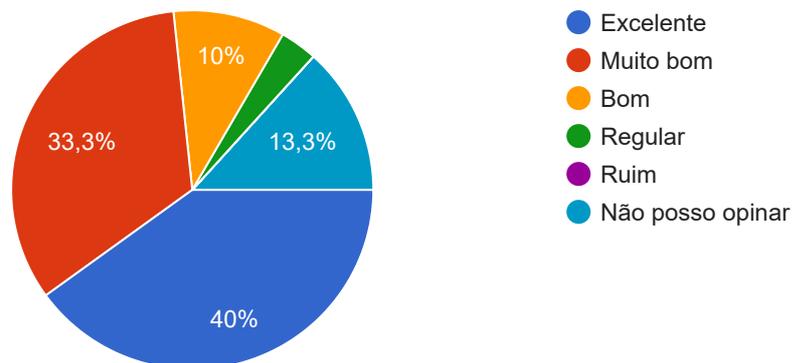
30 respostas



Como você avaliaria a ficha catalográfica dos itens contidos nos acervos históricos do MUTHA (Arquivo Digital)?



30 respostas



Como o MUTHA pode implementar melhorias em suas fichas catalográficas?

8 respostas

Com características.

Pop up com aviso de classificação indicativa ao acessar. PROTEJAM SE! <3

Seria interessante utilizar o ATOM para acesso ao acervo.

Em alguns artistas eu sinto falta de saber mais sobre o/a artista em questão. Talvez mais elementos que nos dê mais proximidade com a pessoa e seu trabalho.

Maior quantidade de metadados. Uma descrição da obra, não apenas a nomeação da tipologia que a obra se enquadra.

Com chamadas abertas

Talvez permitindo a exportação das fichas catalográficas em formato csv, com link de acesso ao documento original.

Não tenho parâmetros para opinar



Como o MUTHA pode ampliar a inserção de seu Acervo Artístico e Histórico no mercado de arte, desenvolvendo suas possibilidades e habilidades de intermediação de vendas de obras?

7 respostas

Espaço físico.

Creio que o Museu não deva realizar esse trabalho, visto que margeia a produção de lucro que pode danificar a própria classificação da instituição enquanto museu. Com suas exposições, materiais pedagógicos, comunicações e mídias produzidas nas redes sociais o Museu pode divulgar os artistas compreendidos na sua programação e, desta forma, facilitar um diálogo entre o mercado da arte e estes artistas, mas não deve intermediar estas discussões tão diretamente.

Fazendo um site "lojinha" a parte.(caso já tenha, desconsidere por gentileza - não encontrei no site)

Como artista, para mim é difícil opinar sobre isso pq é algo que estou buscando desde sempre. Como artista, posso dizer que seria interessante ter alguém ou lugar, no caso o museu, disponível para fazer as mediações com pessoas e espaço interessadas em obter obras trans. Como realizar essa mostra? Como Chegar? São ações com esse intuito? É possível internacionalizar esse movimento?

Me chama pra gente criar e pensar projetos! Pra expor também kkk

Não tenho tanto conhecimento sobre isso também, mas eu tentaria colaborações com galerias de arte pra promover exposições locais para divulgar o Museu e as obras... Quem sabe dessas colaborações se inicie grandes vendas...

Parcerias para a realização de exposições virtuais e presenciais com disponibilidade de venda e aquisição das obras, assim como uma loja virtual onde as obras possam ser procuradas por tamanho, formato, mídia, ano, técnica, tema, autoria e características diversas da pessoa autora com as quais ela se sentir confortável em compartilhar nos sistemas de busca.



Comentários, críticas, sugestões, opiniões, sonhos, fabulações e desejos sobre O CONTEÚDO DOS ACERVOS E ARQUIVOS ARTÍSTICOS

30 respostas

Ótimo preservar memórias trans.

O conteúdo do Museu é incrível e muito necessário. Um desejo que tenho é uma maior divulgação do acervo nas redes sociais, aliado a uma expansão do conteúdo exposto no website.

Nao tenho no momento

Tudo lindo!

Sempre haverá a necessidade de ampliar a diversidade dos criadores a partir dos marcadores de gêneros, classe, raça, faixa etária, etc, mas sei que é um trabalho longo e contínuo. Acho que o MUTHA deu um primeiro passo muito bom

Vida longa ao MUTHA

Acredito que a ampliação de chamadas para composição desses acervos

Não tenho muito a comentar sobre esse tópico.

Nenhuma sugestão

Aqui em sua maioria marquei como "não sei opinar" por não conhecer todos os artistas e obras catalogados.

Nenhum comentário, o conteúdo está impecável.

Seria interessante utilizar o ATOM para acesso ao acervo.

Não sei ainda não vi

n/a

tudoo

Seria bem massa ter mais desses conteúdos na rede do instagram e saber que ele esta em movimento, ou seja, sempre chegando gente.

O conteúdo do site é muito bom, com informações legíveis, as imagens também estão em ótima qualidade.



Abriu chamamentos de colaboração entre artistas de América Latina e Caribe

Está incrível!

Acho o conteúdo e o arquivamento do site incrível. A área da documentação museológica das obras ainda pode ser expandida, no entanto.

Achei a estética e o design no geral excelente!

Eu sonho é em fazer parte do MUTHA e poder aprender com vocês. O MUTHA foi a realização de um sonho digital que possibilitou identificações muito importantes para mim. Sonho vida longa ao MUTHA, fábulo um espaço físico em cada estado do país para que as contradições do “digital” e “analógico” não pese mais para algumas pessoas.

Importante

Procurei se havia documentação de artistas trans da minha cidade por ex (corumbá-MS)... encontrei Fabi Ferro no acervo, mas a descrição da cidade está errada... me perguntei se essa pessoa é mesmo pantaneira corumbaense, porque no texto diz que Corumbá é fronteira com Bolívia e Paraguai, mas não é. Corumbá é uma cidade localizada no centro do pantanal sul-matogrossense e faz divisa apenas com a Bolívia. Nesse sentido, não acho que o Museu está oferecendo abordagem multipla de todo Brasil, afinal não me sinto representada por essa pessoa por exemplo e minha cidade não está sendo representada de fato.

Quanto a representação de toda diversidade de gênero também não posso opinar porque não conheci todes artistas que fazem parte do arquivo. O mesmo vale pra faixa etária, raça e classe.

O trabalho tá incrível

Sonho em termos novas exposições semestrais, onde haja tanto o recrutamento de artistas já cadastrades como chamadas para ingressantes, num processo de retroalimentação. Essas exposições posteriormente poderiam se constituir em livros catálogos das práticas realizadas no, com e pelo museu. Outro ponto, seria oportunizar cursos de como acessar e utilizar os acervos em pesquisas acadêmicas, científicas e pedagógicas seguindo padrões éticos que preservem a integridade das pessoas e do seus conteúdos musealizados.

Espero que cresça mais e mais, pq tá lindo de se ver!

Tentei pesquisar pela primeira vez ´pelo acervo no website e estou com dificuldades de acessar.

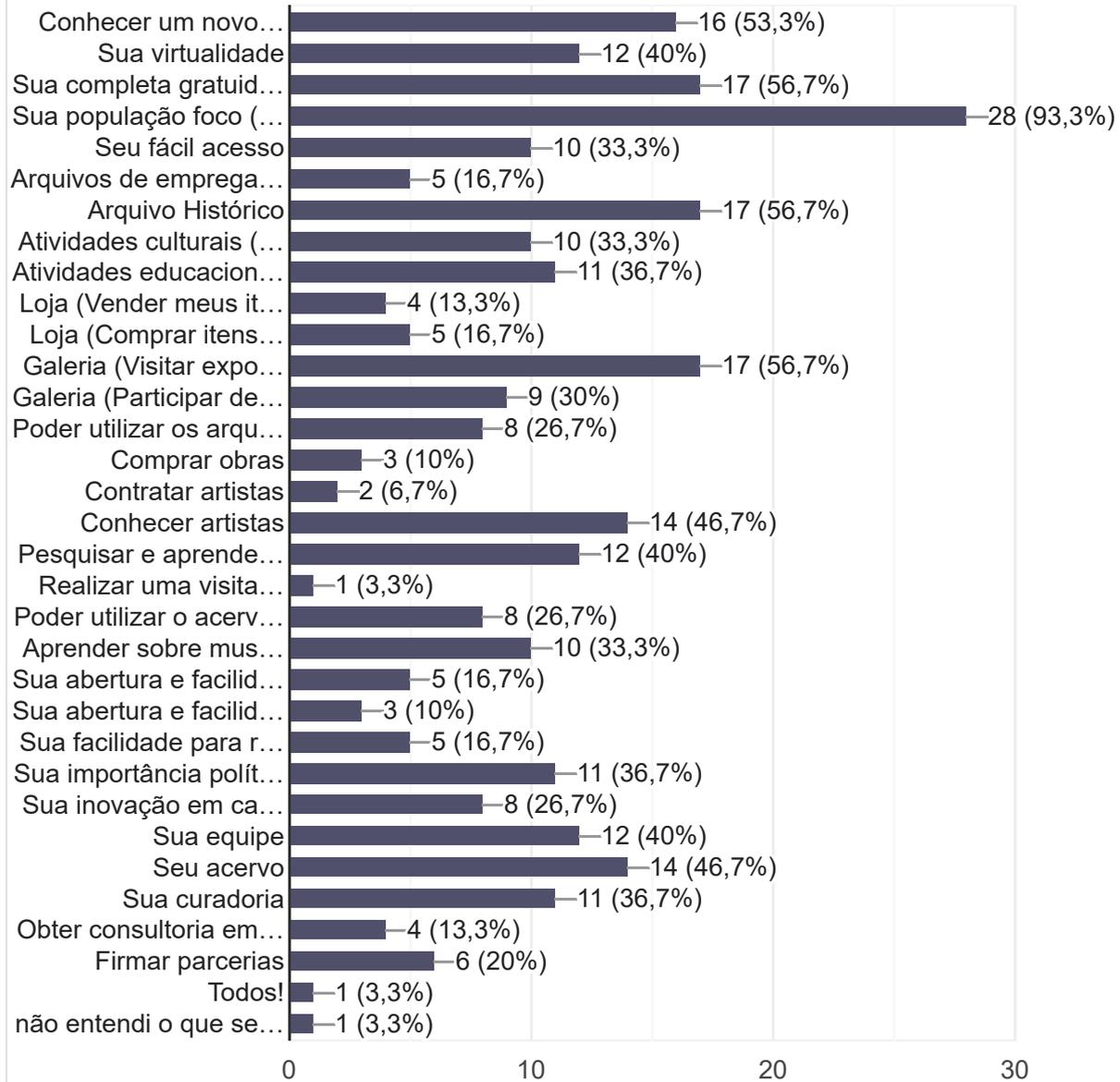
PERGUNTAS GERAIS



O que mais te atrai no MUTHA?



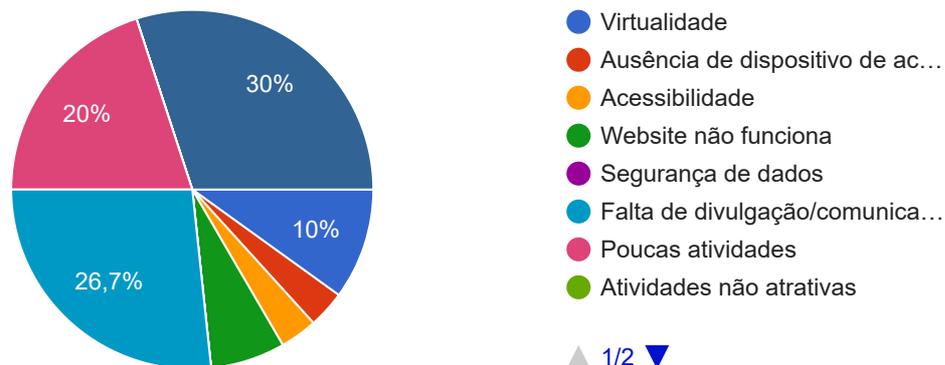
30 respostas



Qual a maior dificuldade que você encontra para visitar/retornar ao MUTHA?



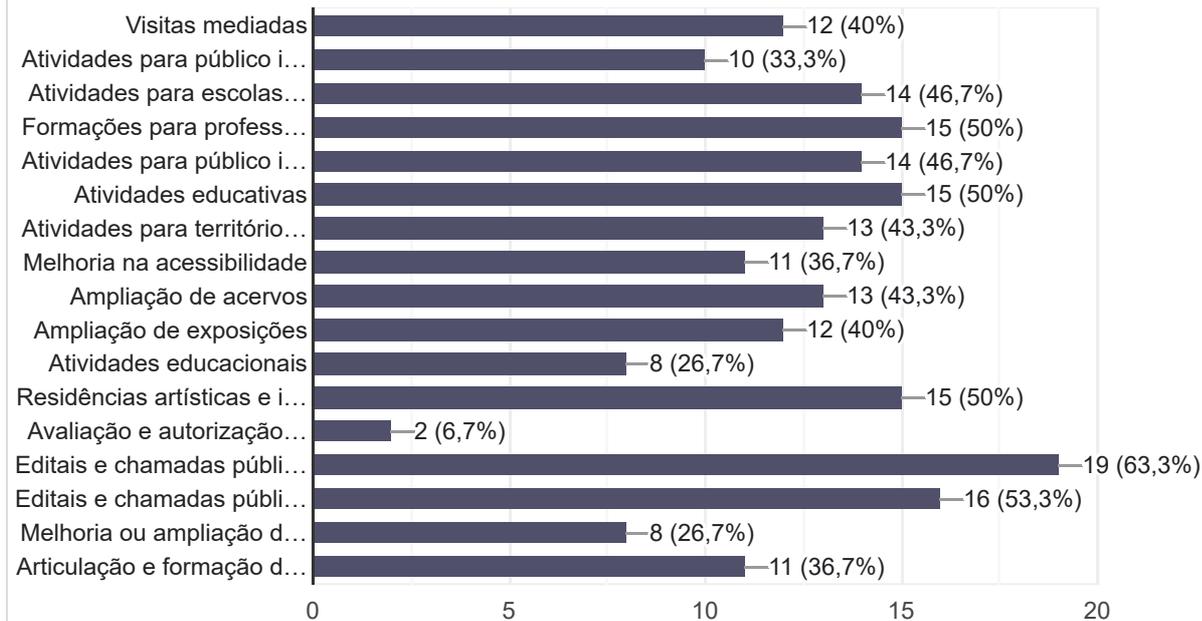
30 respostas



Quais as ações do MUTHA você acha que devem ser PRIORIZADAS?



30 respostas



Quais tipos de exposições e conteúdos você gostaria de ver no MUTHA?

30 respostas

Presencial

Conteúdos sobre a própria museologia; críticas institucionais; revisão das ideologias de patrimônio, arte, cultura e arquitetura de museus

Sobre modificação corporal

Sobre pcd

Não sei responder

Artistas transmasculines

Exposições que explorassem as regionalidades do país e das pessoas trans

Conteúdo audiovisuais sobre temas diversos apresentados por pessoas trans, travestis e não binárias. Minicursos sobre museus, museologia, curadoria de museus. Ou videos curtos falando sobre o assunto.

Gênero e Sexualidade sobre pessoa travestis e transexuais

De pessoas não-binárias. De arte menstrual. Exposições que envolvem escrita.

Acredito que uma continuidade do que já existe, novas formas de divulgação (palestras, visitas virtuais guiadas, se possível, discussões de obras com seus artistas)

Gostaria de ver mais video artes e videos ensaios.

Exposições sobre pessoas trans indígenas e seus modos de vida.

Sobre transmasculinidades

gostaria de ver mais conteúdo educativo nas redes sociais

transfuturismo

Exposições que realizem o cruzo da questão trans com questões étnicas. Exposições fotográficas e de vídeo arte e outras tecnologias.

Gosto das explicações de arquivos histórico e com novos artistas

Arte, Cultura, Historia, Contra- colonialismo, diásporas, gênero, raça e classe.



Vídeo performances

Exposições de vestígios de performances de artistas LGBTQIAPN+

Exposições sobre corpos trans, travestis e intersexo já me deixa satisfeite, com suas devidas interseccionalidades

Sobre infâncias transfemininas gordas.

Foco na pesquisa/debates sobre não binariedade

Conteúdo sobre criação e processo artístico

Gostaria de ver mais documentações de "teatro" e outras artes não apenas visuais no site... aumentar essa diversidade de obras em multiplas linguagens.

Existe um experimento cênico que atuo como performer junto à coletiva Tranzborde de SP, que se chama Cyklo Famynto, em que falamos sobre a fome no Brasil através de uma performance sensorial idealizada para pessoas com baixa visão e cegas. Nesse experimento, us participantes são convidades a usarem vendas ao longo da "cena" e assim us performers atuam em relação aus participantes, utilizando diversos elementos para sensibilizar sensorialidades outras... utilizando aromas, texturas de roupas, sonoridades feitas com a voz, palavras e outras interações em contato com as pessoas na cena.

Que abordam o campo da memória social

Dois tipos de exposições me interessam ver no MUTHA, exposições que visibilizem a produção artística corpo e gênero variante no Brasil, principalmente com artistas não estabelecides ou censurades pelo sistema. O segundo tipo de exposição seria mais transcultural e focaria nos arquivos históricos, trazendo para nós vivências e produções que anteriormente não pudemos acessar devido justamente à censura sistemática. Recortes territoriais simbólicos e materiais também me interessam, como marcadores raciais, étnicos, geográficos, socioeconômicos, etários e identitários. Em termos de conteúdos, mais publicações e exposição das mesmas, como artigos, ensaios, livros e documentários.

Todos os tipos de arte possíveis em plataformas digitais, memória e acervo histórico e conteúdos educativos, palestras, conversas, podcasts criados por pessoas trans, nb, inter etc

Conteúdos relacionados a pluralidade de existências trans em comunidades afroconfluentes e indígenas.



Para você, qual é a importância dos acervos digitais na preservação do patrimônio cultural?

30 respostas

Muito importante

Apesar de reduzir o patrimônio a sua dimensão estética e formal, o acervo digital contribui para uma divulgação mais ampla destes objetos, perpetuando-os de forma mais indestrutível do que em sua materialidade própria

Muita importância

Muito importante, democratiza geograficamente o acesso

É imprescindível para a criação de uma história das transgeridades que seja bem documentada e organizada, ficando para a posteridade, algo que nunca tivemos.

Fundamental

Populariza o acesso e transforma em algo mais "palpável" para diferentes públicos

Contribuição fundamental pra recuperar e preservar a memória das culturas, sobretudo em se tratando das artes e memórias trans tão historicamente apagadas.

Acho que são importantes pela facilidade no acesso

Registro, memória e resistir ao apagamento.

Manter uma memória e registrar movimentos, momentos, atitudes, etc

Diante da constante digitalização da arte, os acervos digitais são fundamentais tanto na disseminação das obras de arte quanto na preservação da memória digital. Cada vez mais artistas estão produzindo obras em meios digitais que se perdem no mar de produções online. Ter um espaço virtual como o MUTHA que coloque em diálogo artistas de diferentes regiões do Brasil é fundamental na preservação do patrimônio cultural porque amplia as possibilidades de produzir e experienciar a arte.

É muito importante.

Muito importante, pois faz parte da história e tudo que é histórico deve ser conservado é um registro.

são a forma mais simples e rápida de acessar materiais

traz o patrimônio pra outra dimensão e conseqüentemente amplia demais o acesso é babado



Toda a importância, pois nossa comunidade passa sempre por apagamentos muito profundos em suas histórias e atuação na sociedade.

Manter a memória, difundindo a memória a trans e seu fácil acesso

É muito importante, rompe fronteiras, e assegura os trabalhos de forma atemporal

Ponta de linha na tecnologia. A produção de acervos digitais ratifica a importância da memória e história da população corpo e gênero dissidentes.

Extrema importância. O mundo hoje é digital. Possuir um acervo digital é a melhor forma de comunicação com a população jovem que existe.

Importa na relação de perdurar com o conhecimento, apesar de depender de diversos fatores externos

Trabalhei com um documentário, na recente queima do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG recentemente, e uma das coisas que mais apareceriam nas entrevistas era um remorço de não ter montado antes um acervo digital. Após a escavação da queima, as peças sobreviventes foram catalogadas.

A conservação da memória em mediums variados

Muito importante, a memória LGBTQIAPN+ e principalmente trans foi pouco registrada

Eu acho importante. Porém, é importante também lembrar da obsolescência programada, uma vez que lidamos com arquivos digitais, é importante saber como arquivar digitalmente também para que não hajam perdas significativas conforme as tecnologias se desenvolvem. Atualizar as obras conforme a linguagem tecnológica usada e garantir que haja aplicativos para rodar esses arquivos...

Acervos digitais são importantes porque podemos agrupar um número maior de dados sem precisar de um local físico enorme pra isso, mas assim como acervos in loco, também existe a problemática de como arquivar corretamente... Então pra mim, pessoalmente, é quase a mesma coisa, nesse sentido de arquivos.

Crucial tendo em vista que obras de pessoa trans e travestis quase não são preservadas pensando sua importância social.

Acervos digitais cumprem essa dupla função de preservação e acessibilidade, né? Sendo um museu virtual e mesmo que fosse um museu físico tal como o Museu da Diversidade Sexual, isso traria limitações geográficas de acesso, então a questão de ser virtual promove um certo tipo de acessibilidade, às vezes em detrimento de outros tipos, igualmente válidos. Não sei se é cedo ou tarde para falarmos da preservação de acervos digitais ou da preservação de acervos (físicos) em mídias digitais, mas o fato é que iniciativas tais com o Museu da Pessoa, estão aí há algum tempo já fazendo esse trabalho de preservação e acessibilidade. É importante porque nos traz as referências que antes sobreviviam apenas vagamente e carregadas de vieses da transmissão oral, vieses não necessariamente da prática oral, mas principalmente da intencionalidade com a qual as coisas são sussurradas a portas trancadas. O que é decidido preservar é o que foi decidido valorizar, então independente de se essa



preservação se dá em acervos físicos ou digitais, há uma grande carga política, social e histórica em quais vivências, produções e histórias são vistas e valoradas enquanto "patrimônio cultural da humanidade para a posteridade".

Memória histórica e artística é extremamente importante, ainda mais de populações que não tendem a ter essa memória preservada, pensando nas estatísticas brasileiras, é uma **NECESSIDADE**.

Considerando o desarranjo que a colonialidade do poder empreendeu sobre as memórias de povos e corpos dissidentes do padrão físico e do comportamento binário do colonizador, percebe-se a importância de toda ação que opere no reencantamento dessas narrativas.



Para você, de que maneira os acervos digitais do MUTHA contribuem para a democratização do acesso à cultura?

30 respostas

Compartilhando a comunidade trans.

O patrimônio do Museu pode ser acessado em diversos contextos (quando há acesso a internet), facilitando a criação de discussões e diálogos em contextos mais amplos do que o possibilitado em museus físicos.

Principalmente por seu foco em pessoas trans

Da maneira que outras pessoas possam se ver e se identificar com as narrativas propostas. Também possam conhecer o que para muitas ainda é o diferente ou o desconhecido, contribuindo para a diminuição do preconceito.

Através da visibilidade e representatividade

Permite o acesso da população cisgênera aos arquivos de vivências trans contribuindo para o desmonte da transfobia estrutural

Tratando de pessoas trans por uma outra perspectiva, outro espaço e outra forma de pensar nossas posições no mundo, no patrimônio e na vida

Com o acesso livre e gratuito de seus conteúdos e sempre em diálogo com a sociedade civil e grupos parceiros.

A partir da publicização on-line, acredito que dinamiza o acesso regionalmente

Registro e memória de nossas vidas. Isso é fazer história.

Torna acessível tanto para interessados quanto para artistas um espaço para divulgação de arte

O MUTHA contribui em grande parte para o acesso a cultura uma vez que permite que o usuário o visite dentro de casa, além de permitir que artistas divulguem suas artes de forma a não depender de grandes instituições culturais.

Contribui por meio da difusão e do acesso.

Ainda não conheci o mutha, mas com certeza é muito importante para nossa cultura, hoje em dia estamos cada vez mais distantes da cultura, da história e da realidade. O conservadorismo e demais problemas de governos anteriores vem acabando com a cultura do país.

você não precisa estar fisicamente no local do acervo para usufruir dele



dão a oportunidade de conhecer os artistas a qualquer pessoa com aparelho eletrônico com acesso a internet

Ser um espaço digital, permite que qualquer pessoa com internet pode acessar e navegar por seus detalhes, isso contribui para democratização, mas se houver mais ações, se conseguir chegar em educadoras, etc, iniciamos um movimento mais amplo para o mesmo.

A facilidade de acesso.

De todas as formas possíveis

O acervo digital é dependente do acesso à internet. E o acesso à internet ainda não é democrático. A promoção da democracia é um dever do Estado. Logo, ao pensar em democratização do acesso à cultura não podemos pensar somente nas pessoas em suas salas com saúde, tempo e dinheiro para acessar internet.

Acho a pergunta frágil. Ou, demasiadamente burguesa.

É um discussão ampla. Apesar de necessário, um acervo digital ainda não é 100% acessível. A aquisição de aparelhos conectados ao wi-fi e a conexão da rede em si ainda é um custo inacessível para grande parte dos brasileiros. Porém, para as pessoas que possuem acesso, um acervo digital se faz necessário para pesquisa universitária, abrangendo um número maior de estudantes, em comparação a um acervo não digitalizado e apenas acessível em uma instituição física, por exemplo.

É gratuito e de fácil acesso

Venho do interior, mais especificamente da região rural da Macaúba. Logo, para mim e a partir de minhas marcações de experiência, a digitalização nao é sinônimo de democratização.

Permitem acesso de pessoas que talvez não o teriam presencialmente

Pela facilidade de divulgação e acesso artístico e cultural

Por ser um acervo online, conseguimos acessar de diferentes localidades, o que facilita de alguma forma a democratização do acesso. Porém, como pessoas pobres, sem celulares ou computadores fazem o acesso? Não tem acesso.

Essa é uma problemática real quanto a classe econômica das pessoas. Como ampliar esse acesso? Infelizmente também não tenho as respostas ainda...

De forma imensurável

A virtualidade é uma grande ferramenta de acessibilidade em potencial para fins democratizantes, ainda o MUTHA possui um aspecto democrático maior quando permite a submissão contínua de material para seus acervos históricos e artísticos. Mais exposições, publicações e formações precisam entrar em cena para a ampliação desses processos democráticos.

a gratuidade e a facilidade de acesso



Ainda não tenho experiência com o acervo para opinar.



Para você e levando em consideração sua presença em museus, quais são as principais vantagens dos acervos digitais em comparação aos acervos físicos tradicionais?

30 respostas

Pode ver de qualquer lugar.

As manipulações que podem ser realizadas com o objeto, muitas vezes sacralizado e isolado fisicamente. O acervo digital possibilita uma torção maior de seus significados, visto que pode ser transportado para diferentes cenários, movido, ampliado, distorcido e acessado em diferentes contextos.

Acesso remoto estando em qualquer local com dispositivo e internet

Democratização geográfica do acesso às informações e aos artistas.

Acessibilidade

Seu fácil acesso

A minha resposta sempre será direcionada a popularização do acesso dos materiais e das outras possibilidades que o material começa a ter

Acessibilidade para pessoas que não têm condições financeiras de acessar devido a distância ou por motivo de deficiência.

A questão do acesso na redes sociais

Pesquisa

Acredito que a possibilidade de utilização em outros espaços, como aulas, exposições didáticas, etc

A maior vantagem é a facilidade de acesso às obras e a possibilidade de retornar a eles a qualquer momento.

Não sei se há exatamente vantagens. Acho que devem ter um papel complementar.

Acho mais prático em várias questões, é algo mais acessível para quem não pode ir fisicamente.

são possíveis de acessar de qualquer lugar que tenha um dispositivo com internet

a segurança e a manutenção sem dúvida, muito mais prático do que manter espaços físicos e principalmente manter esses espaços



Poder acessar de qualquer lugar tendo internet.

Democratização de acesso a cultura

Democratização do acesso

A segurança e a durabilidade.

Acesso para o maior número de pessoas e pela facilidade na obtenção de dados e informações para pesquisas.

A facilidade de acesso

o acesso digital não é universal ainda. Logo, entendo que se endereça a grupos específicos e não tampando os olhos para o que marquei, acredito que as vantagens são muitas - resguardo, acesso ainda que nichado, facilidade de apresentação do museu.

A praticidade

Facilidade de acesso

A principal vantagem é poder ir a uma exposição sem sair de casa... e ter um acesso gratuito e irrestrito a ela

O tempo para apreciar as obras

Num visita presencial você nunca consegue absorver tudo, por mais que leia tudo e fotografe ao máximo (quando permitido ou conseguido), horas ou meses depois você pode ter um estalo de algo relevante que viu e que gostaria de recuperar, seja para sua pesquisa, reflexão e trocas fraternas, mas ora a exposição já acabou, ora ela é paga e/ou cara, ou longe e você não tem mais aquele material na íntegra para recuperar e articular com suas ideias correntes. Então eu diria que os acervos digitais permitem essa fácil, instantânea e ágil rastreabilidade dos conteúdos musealizados, permitindo que sejam acessados sob demanda.

a possibilidade de se visitar o acervo de qualquer lugar

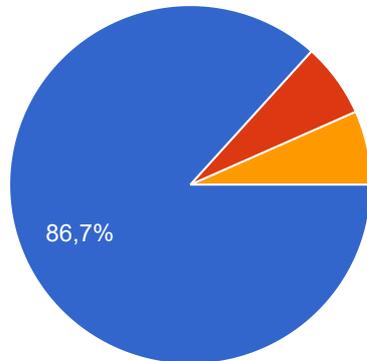
Pode visitar da onde a gente tiver, e esse encontro virtual com o acervo pode inspirar uma visita presencial tb, caso o acervo esteja disponível em algum espaço físico.



O MUTHA é hoje um museu digital, ou, seja, você o visita através de um website e mídias sociais. Para você, os acervos digitais podem alcançar o mesmo nível de legitimidade e autenticidade que os acervos não-digitais?



30 respostas

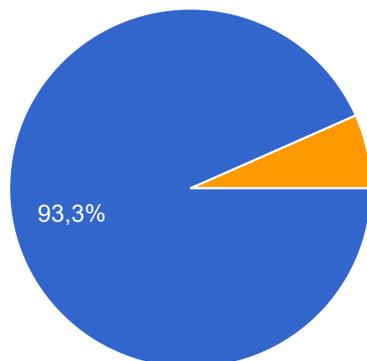


- Sim, acervos digitais e não-digitais possuem a mesma legitimidade
- Não, acervos não-digitais possuem maior legitimidade
- Não sei opinar

O MUTHA contribui para a preservação do patrimônio cultural! Você considera o MUTHA um museu de mesmo valor que os não-digitais?



30 respostas

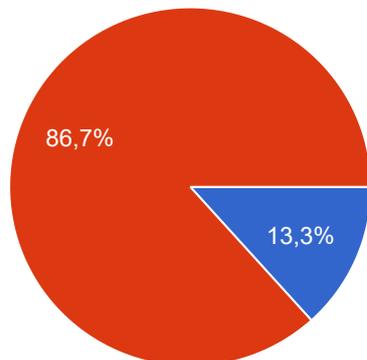


- Sim, considero que museus virtuais possuem a mesma importância que os não-digitais
- Não, considero que os museus não-digitais são mais importantes que os virtuais
- Não sei opinar

Você acredita que os acervos digitais como os do MUTHA podem substituir completamente os acervos não-digitais no futuro?



30 respostas



- Sim, acredito que no futuro os acervos digitais substituirão os acervos não-digitais.
- Não, acredito que os dois tipos de acervo continuarão existindo.
- Não sei opinar



Como a criação do MUTHA e outros museus virtuais impacta o acesso à cultura por pessoas que não têm acesso a museus físicos?

30 respostas

Acessibiliza

O patrimônio tem maior alcance através da internet, e, dessa forma, possibilita o acesso a esta cultura e narrativas por um público maior.

Na possibilidade mesmo q mediada por tecnologia. De acessar esses acervos.

Total! Porém esbarramos no acesso a internet e etc.

Acredito que amplie esse acesso.

Impacta de forma extremamente positiva

Transforma em algo palpável, possível de ser tido como seu e acredito que trata das vivências das pessoas de outra forma também, porque transforma o cotidiano contemporâneo (em muitas das propostas dos acervos virtuais) em objeto de uma criatividade que pode ser entendida como pertencente a um espaço de museu

Na medida em que permite que essas pessoas acessem a conteúdos artísticos audio e visuais, conheçam também a cena artística, conheça as pessoas que constroem estas cenas que acontecem por todo o Brasil.

Não consigo responder

Positivamente se houver acesso ao dispositivo e à internet

Democratiza um espaço raro em cidades menores e possibilita outras narrativas/exposições

O MUTHA e outros museus virtuais facilita o acesso à arte por meio da sua intangibilidade. Por outro lado, a experiência do espaço do museu, que é também um espaço de formação, é comprometida.

Sim, é um importante passo nesse sentido. Mas ambos os espaços são igualmente necessários.

Impacta muito, pois traz essa possibilidade pra quem não tem acesso ao físico.

abre-se mais uma possibilidade de acesso

é completamente futurista pensar no acesso ao patrimônio virtual amo muito

A possibilidade de transicionar a percepção de que não deixa de ser museu se não for físico



Muito mais acessível por poder acessar.

Inclusão social

Não ter acesso aos museus físicos para mim é uma questão. Porque não tem acesso? A distribuição de riqueza (valores materiais e imateriais) pelo Estado não está chegando às periferias? À população LGBTQIAPN+? Às pessoas com deficiência?

Não acho que uma coisa tem direta interferência na outra, ou seja, penso que talvez o acesso a acervos digitais pode fomentar a ida a museus e centros de memória físicos e vice versa. Mas penso que o centro da questão é educacional, é de políticas públicas. O Estado precisa GARANTIR acessos a museus (digitais e não digitais) assim como a manutenção e construção de novos museus.

É uma plataforma de maior alcance do que um museu físico, sem dúvidas.

A oportunidade de acessar um museu fora de um espaço físico específico pode ser melhor aproveitada

De forma positiva. Mas ainda existem muitas muitas pessoas que não tem qualquer acesso a museus digitais e muito menos físicos. E isso não pode ser perdido de vista.

É uma maneira de democratizar o acesso

.

De alguma forma amplia o acesso pelo Brasil todo e até do mundo. Mas eu também faria a seguinte pergunta "como a criação de um museu virtual impacta o acesso à cultura por pessoas que não tem acesso à tecnologia? Como pessoas pobres acessam o acervo?" Essa é uma problemática de classe que atravessa projetos virtuais e tecnológicos... Mesmo que tenhamos um amplo acesso hoje em dia, como pessoas idosas acessam o site? Ou, pessoas ribeirinhas... como isso pode ser repensado pra além do mundo virtual também?

Direta

Permite que uma pessoa trans ribeirinha ou marginalizada que só tem acesso à internet na escola/prefeitura/biblioteca, no wifi do vizinho ou com pacote de créditos super limitado consiga ver que há vários mundos artísticos e históricos produzidos por pessoas corpo e gênero variantes neste seu mesmo país, isso é inestimável. Há países que a maioria das cidades possui pelo menos um museu e uma galeria, tal como na Nova Zelândia. Esta não é a realidade brasileira e permite através da internet de que haja virtualmente ao menos um museu e ao menos uma galeria em todas as cidades brasileiras através do ciberespaço é poderosíssimo para o fortalecimento cultural, identitário e intermunicipal.

acessibilidade para pessoas com difícil locomoção ou falta de recursos tanto físicos quanto financeiros para visitar

No Brasil, ainda não está consolidada uma cultura de visita aos museus tanto no âmbito físico quanto virtual. Sou arte-educadora da rede pública e percebo uma total precarização do

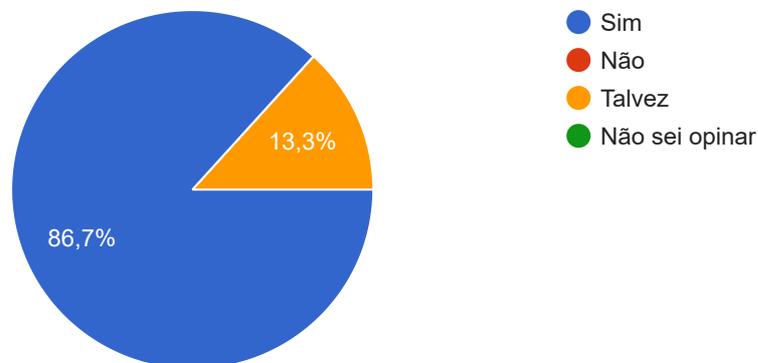


acesso tanto de estudantes quanto de docentes a essa cultura de visitação a museus. Geralmente, as iniciativas se dão de forma isolada e precarizada. Por isso, a importância de se articular ações com comunidades escolares.

Você deseja que o MUTHA tenha espaço não-digital um dia?

 Copiar

30 respostas



Se sim na anterior, em qual cidade/estado?

30 respostas

Sergipe

Todos

São Paulo-SP

SP/SP

Não há resposta pra isso. Sou de SP, mas acho que a cultura precisa ser descentralizada

Em todos os estados

Não consigo opinar

Fortaleza, CE.

Pernambuco

Curitiba e São Paulo

Não saberia dizer, mas talvez estabelecer redes de contato com museus já existentes e ter obras/exposições do Mutha em outros lugares

São Paulo - SP

Salvador, BA E/OU São Paulo, SP

São Paulo

idealmente em mais de um local

sao paulo provavelmente mas é babado de pensar em alternativas físicas também de acesso a ambientes digitais como postos de apoio que permitem navegar nos sites pra podermos dialogar com quem não tem seus próprios eletrônicos ou acesso livre a eles

Ah é difícil opinar sobre, mas o que fizer mais sentido para as pessoas do museu.

Talvez sim, num lugar fora do circuito sp-rj

Itinerante

No mesmo estado onde se encontra a equipe do museu digital.



Salvador, Bahia.

Minas Gerais

Belo Horizonte mô

Rio de Janeiro

Em vários, podia ter um módulo de museu itinerante. Ou Salvador-BA

São Paulo SP (infelizmente kkk por questão de visibilidade e público visitante)

Fortaleza

São Paulo - SP, só porque é onde estou morando! hahahaha Mas o mais importante talvez não seja o onde, mas o porquê, por exemplo seria interessante o MUTHA ter uma sede (mesmo que itinerante!) inclusive para fazer os processos de musealização e digitalização de arquivos, já pensou passar 6 meses num projeto desses e depois partir para outra cidade e ir vagabundeando pelo país adentro?

idealmente em diferentes cidades, mas eu visito mais o Rio, BH e SP

Bahia



Deixe comentários, críticas, elogios, sugestões, opiniões, sonhos, fabulações e desejos GERAIS sobre o MUTHA

30 respostas

Juntos e unidos.

Sou fã do Museu, e estudo a instituição como um rompimento com a museologia e a arquitetura de museus tradicionais. O trabalho que o museu realiza com seu acervo é essencial para a inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ em todo o mundo, e acredito que terá vida longa. Parabéns para os funcionários do Museu!

Nao tenho no momento

Fiquei com a impressão que no item com os questionamentos “ Quais as ações do MUTHA você acha que devem ser PRIORIZADAS?” Quando falam em acessibilidade, vocês não compreendem a amplitude do tema. Por exemplo incluir pessoas idosas, crianças, professores etc faz parte do mesmo tema. Posso estar equivocada e vocês descreverem item a item pois as pessoas ainda não tem a compreensão. Acho tudo o que sugeriram fundamental!

Acho o trabalho do MUTHA maravilhoso, um marco histórico e espero que cresça exponencialmente.

A comunidade trans precisa que projetos como o MUTHA sejam apoiados e incentivados por políticas públicas.

Adorei o Museu, poder prestar mais atenção em alguns aspecto para responder o formulário me fez entender mais como me sinto com o espaço. Acredito que aí está o potencial, o convite a reflexão que o Museu faz, para as pessoas trans como também para as pessoas cis.

Vocês fazem um trabalho incrível e essencial não apenas pra expansão de trabalhos artístico de pessoas trans, travestis, não binárias, mas também pelo resgate e memória da nossa história e vivências.

Nenhum

Quero participar mais e quem sabe um dia expor.

Meu sonho é ver o MUTHA em um espaço físico.

NA

Muito legal a ideia do museu digital.

n/a



AI MEU DEUS COMO É BOM SER TRAAAANS

Como representante da Tranzborde, seria interessante firmar mais parcerias, tentar proposições de editais ou chamadas em parceria. Ter o Mutha como um fortalecedor de ações nossas.

Muito boa a construção do formulário, tenho sonhos futuros de colaborações com a Tranzborde e com TirAção (projeto de artes visuais de pessoas trans para a periferia)

Proposta maravilhosa

Sobre o MUTHA, VIDA LONGA!

Sobre o formulário, está demasiadamente voltado para uma iniciativa privada com poucas aberturas para ações estatais. As ações em parceria com propostas estatais é o que garante, de fato, a democratização dos direitos, dos acessos, da saúde e das vidas, da cultura e da arte.

Agradeço demais pela existência do MUTHA. Um museu que arquiva arte feita por corpos dissidentes é um sonho tornado realidade.

Desejo que continue crescendo e colaborando pro pertencimento de diversas outras pessoas como eu

Pergunta já respondida.

Gostaria de trabalhar com vocês de alguma maneira

Meu sonho é fazer parte da equipe ou ter minhas obras expostas no Museu também <3 Venho ampliando meus conhecimentos em performance aqui em SP e espero um dia acessar de alguma forma esse ambiente expositivo como artista expositora :)

Um sonho que se torna realidade

Já que é para falarmos de sonhos e desejos, vamos falar de sonhos e desejos.

1) Eu desejo a partir de 2024 poder colaborar mais ativa e internamente com o MUTHA, em atividades voluntárias e em atividades remuneradas, para a autonomia e fortalecimento financeiro das nossas comunidades.

2) Eu estou desde 2011 produzindo o livro-projeto Quem Filipes sou eu? Uma autofotobiografia, a qual busca mapear e catalogar as minhas transformações estéticas e corporais ao longo dos anos, onde vida ficcionalizada e ficção vivida se (con)fundem. Eu gostaria de publicar, disponibilizar, publicizar e/ou comercializar esse livro a partir do MUTHA.

3) Ano passado eu co-organizei e publiquei pela Editora Toma Aí Um Poema (TAUP) o livro "poETes: altas habilidades com poesia", uma obra que reúne 10 autorias neurodivergentes. Eu acredito que posso ajudar a conectar ambas iniciativas (TAUP e MUTHA) a fim de que o MUTHA tenha uma parceria que auxilie a realização de publicações impressas e digitais em formato de livro.



4) Eu também estou com uma exposição virtual em metaverso chamada HiperObjeto sobre objetos tecnológicos parada, por falta de espaço e oportunidades de vinculação e promoção.

5) Quero entrar para o arquivo artístico, vou realizar o cadastro o mais em breve possível.

6) Quero entrar para o arquivo histórico. Nos últimos 3 anos eu sofri duas censuras maiores no mundo acadêmico, uma pela FE/USP e outra pela FAU/USP, censuras que me prejudicaram profissional e intelectualmente, à parte de todo o sofrimento psíquico enfrentado. Esses dois casos tanto me aproximaram quanto me afastaram do MUTHA, me aproximaram porque vi/vejo no MUTHA uma forma de musealizar essas violências lgbtransfóbicas e racistas que sofri (documentei amplamente o ocorrido como pude) e portanto realizar a crítica social cabível, e ao mesmo tempo, esses casos me afastam do MUTHA, porque são pontos de dor e vulnerabilidade que eu tenho.

7) Eu sonho em poder melhor conectar um dia as comunidades indígenas, trans e neurodivergentes.

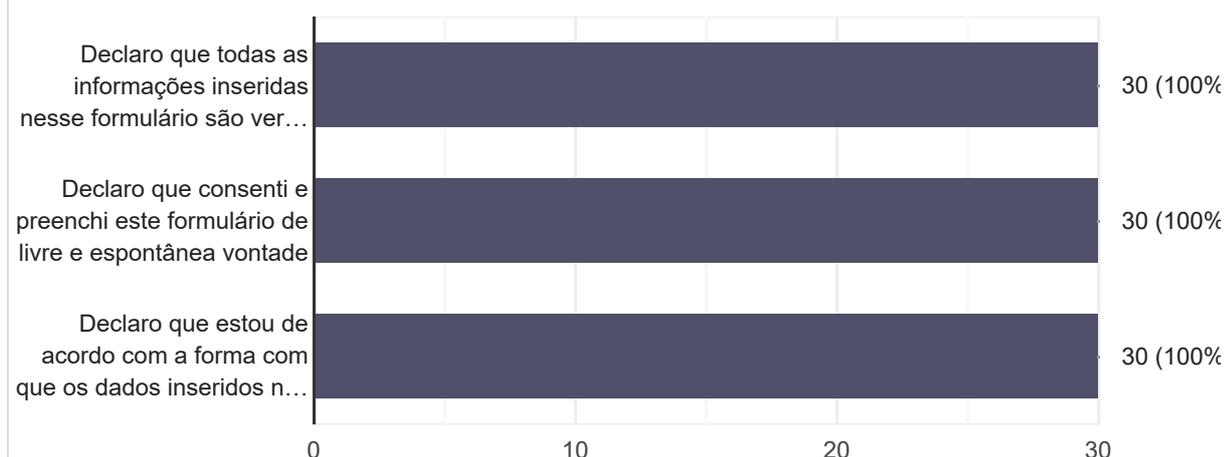
Acho que já estão fazendo um trabalho incrível, espero que a equipe receba pelo trabalho que tem feito, que editais e doações e todo tipo de recursos continue vindo e fluindo e que também artistas e contribuições possam receber um retorno financeiro - pq infelizmente vivemos nesse sistema capitalista e como pessoas genero desviantes nem sempre temos as mesmas oportunidades e acessos a capital financeiro pq cultural a gente tem muito e somos foda!

Axé para o MUTHA! AXÉ!

Declaração de consentimento

 Copiar

30 respostas



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



ANEXO III

RELATÓRIO DA CONSULTORIA EM
ACESSIBILIDADE:
FUNCIONALIDADE E USABILIDADE
DO SITE PARA PESSOAS COM
DEFICIÊNCIAS E PESSOAS
NEURODIVERGENTES

RELATÓRIO DA CONSULTORIA EM ACESSIBILIDADE: FUNCIONALIDADE E USABILIDADE DO SITE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS E NEURODIVERGENTES.

Introdução

Este relatório visa avaliar a funcionalidade e usabilidade do site MUTHA, com foco específico na acessibilidade para pessoas com deficiências e neurodivergências. A análise aborda a presença e a ausência de legendas de Libras, a inclusão de símbolos de acessibilidade e outras medidas que podem tornar o site mais acessível.

- **CONSULTORIA E FUNCIONALIDADE E USABILIDADE PARA PESSOAS NEURODIVERGENTES E NEURODIVERSAS**

Considerando a amplitude das neurodivergências, este relatório se baseará fundamentalmente na aplicabilidade e funcionalidade para pessoas: Autistas Nível 1 de suporte com e/ou sem comorbidades, T21 (Trissomia do cromossomo 21), Dislexos, Deficientes intelectuais nível leve, Pessoas dentro da condição do TDAH de todos os níveis.

Tomando como parâmetro os sites <https://ah.mutha.com.br/> e o <https://ah.mutha.com.br/sobre/>, pois os outros seguem o mesmo padrão.

Autistas nível 1 de suporte comorbidades Transtorno do Processamento Visual ou Déficit na Percepção Visual e TDAH: Prioridade média, abertura do site disfuncional (globo girando, bolinhas se movimentando, estrela do mar girando) este movimento para uma pessoa com TEA e comorbidades citadas acima, associada a algumas disfunções executivas que a pessoa autista apresenta, como dificuldade de planejar, organizar, raciocínio lógico e processar o que está sendo visto, resulta numa sobrecarga visual, desregulação e possível aversão a página. Há muitos estímulos e distratores.

Como corrigir: manter a imagem estática, se o movimento precisar existir que seja em um ou dois itens do fundo do mar.

TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade) associado ao TAG (Transtorno generalizado de ansiedade): Considerando a condição de inquietude,

(71) 99376-5866

(71) 98880-0828

Instagram: @dêumsinal

contato@deumsinal.com.br

Rua Coronel Almerindo Rehem, nº 82,

Edifício Bahia Executive, sala 404- Caminho das Árvores, Salvador/BA

CNPJ: 39.981.745/0001-14

dispersão, aceleração do pensamento e conseqüentemente desordem de atividades, o problema é de **prioridade média**.

Como corrigir: manter a imagem estática, se o movimento precisar existir que seja em um ou dois itens do fundo do mar.

T21 (Trissomia do cromossomo 21) e Deficiência Intelectual leve: causa genética mais corriqueira presente na Síndrome de Down, grande parte das pessoas possui DI. O atraso no desenvolvimento neuropsicomotor traz prejuízos significativos na aprendizagem e corrobora para inaplicabilidade e disfuncionalidade no consumo de sites com esta quantidade de estímulos ou programas que exijam organização de pensamentos lógicos, pois confundirão o processamento visual e as funções executivas. **Prioridade alta**.

Como corrigir: Reduzir a quantidade de estímulos pequenos, tirar todo o movimento.

Dislexos: O prejuízo da dislexia se dá na decodificação, soletração e compreensão da escrita e leitura. Em se tratando das informações que o site apresenta, há um problema de **prioridade média** na compreensão das informações.

Como corrigir: Concatenar as informações, salientando o que mais importa, representar com imagens alguns textos ou associá-los.

Deficientes intelectuais nível leve: uma das principais características é a aprendizagem de forma mais lenta, além da dificuldade na construção de frases e compreensão das mesmas. Nesse sentido, há um problema de **prioridade alta**, pois a leitura é muito empobrecida da pessoa com DI, pois não houve uma elaboração de repertório vocabular e mesmo que a pessoa tenha sido apresentada a estes vocábulos, há uma restrição neurológica na aquisição e no domínio destas palavras.

Como corrigir: Adaptação, associação de frases a figuras que as represente, reduzir os textos por blocos onde uma figura consiga explicar.

- **CONSULTORIA E FUNCIONALIDADE E USABILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS**

Ao navegar no site MUTHA (Museu Transgênero de História e Arte) utilizando o leitor de tela NVDA na plataforma Windows e Voiceover na plataforma IOS foram identificadas as seguintes questões de acessibilidade (usabilidade e funcionalidade).

Página inicial: Suponho que haja uma logo ou identidade visual do site, que precisa/merece ser descrita. Afora isso, só identifiquei textos, os quais não encontrei problemas para a leitura. Leitura tranquila e fluida. Se tem fotos ou imagens, o leitor de telas não identificou. Considero como problema, somente a dúvida na existência de imagens, o que pode ser resolvido colocando etiquetas de “textos” ou “imagem”. Caso tenha imagens, merecem ser descritas.

Menu: O menu também está tranquilo. A navegação é fluida com o leitor de tela, sem problemas quanto a acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

Item J: Quanto aos arquivos e acervo, identifiquei vídeos, que tem a “auto audiodescrição” em alguns deles, mas não conta com o recurso da Audiodescrição na introdução, algumas legendas das falas e finalização. Importante acessibilizar o início e final do vídeo, ou será apenas uma “mera” música para quem não enxerga.

Tem também a foto (interface) do canal(Memorial Minas Gerais Vale), que merece ser descrita. Caso tenham outras imagens, o leitor de telas não encontrou etiquetas de identificação. Considero problema apenas a dúvida sobre a existência.

Item K: As imagens são etiquetadas pelo leitor como imagem, mas não são descritas. Julgo importante e interessante conhecer a identidade visual de cada pessoa, através da descrição textual nos itens “Coleções”, “Transjardinagem” e “atividades formativas”. Todos nós gostamos de “ver” e sermos “vistos” e identificados pelas diversas características que compomos. Não é diferente para as pessoas com deficiência visual.

Item L: Quanto ao jornal, a descrição da imagem está um tanto genérica.

sugiro que seja feita uma descrição mais detalhada da foto.

Plugin: Me dediquei a alguns formulários do Google e não encontrei problemas. O acesso e preenchimento estão acessíveis. O acesso ao drive também está bastante tranquilo. Acesso e leio documento sem dificuldade alguma.

Para os itens M, N, O a navegação pelos textos é bastante tranquila. A possível falta de acessibilidade reside na dúvida se há ou não imagens, o que pode ser resolvido etiquetando como “texto” e “imagem”.

- **CONSULTORIA E FUNCIONALIDADE E USUABILIDADE PARA PESSOAS SURDAS QUE COMUNICAM EM LIBRAS E PARA SURDAS QUE NÃO SE COMUNICAM COM LIBRAS**

Página Principal

Janela de Libras: Presente.

Legenda de Libras: Presente.

Análise: A presença da janela e legenda de Libras na página principal é um passo importante para a acessibilidade de surdos. No entanto, é necessário expandir essa funcionalidade para outras partes do site.

Outras Abas (Arquivo Artístico de Dados, Arquivo Histórico, Exposição e Como Citar o Mutha)

Janela de Libras: Ausente.

Legenda de Libras: Ausente.

Análise: A ausência de janela e legendas de Libras nas outras abas compromete a acessibilidade do conteúdo para usuários surdos. É imprescindível garantir que todas as seções sejam igualmente acessíveis.

Recomendação de Melhorias

Implementação da janela e legendas de Libras

Passos para Implementação:

Contratação de Intérpretes de Libras:

Descrição: Contratar intérpretes profissionais para traduzir o conteúdo do site para Libras.

Ação: Integrar vídeos com legendas de Libras em todas as páginas relevantes, especialmente nas abas de Arquivo Artístico de Dados, Arquivo Histórico, Exposição e Como Citar o Mutha.

Utilização de Símbolos de Acessibilidade:

Descrição: Utilizar o símbolo azul de acessibilidade para indicar a presença de conteúdos acessíveis.

Ação: Posicionar o símbolo de acessibilidade no canto superior direito de cada página, ao lado do menu principal, para fácil identificação.

Plugins de Acessibilidade:

Não é recomendado de Plugin no caso de sites dessa natureza, integrar Libras com profissionais realizando a tradução na estrutura do site. A janela de tradução deve estar localizada no canto inferior direito da página para fácil visualização sem obstruir o conteúdo principal.

Localização dos Elementos de Acessibilidade

Vídeos de Libras:

Localização: Incluir uma janela de Libras no canto inferior direito de cada vídeo ou conteúdo relevante.

Símbolos de Acessibilidade:

Localização: Posicionar no canto superior direito da página.

Processo Sistemático de Avaliação de Acessibilidade

Documentação dos Achados

Identificação de Problemas:

Problema: Falta de vídeo e legendas de Libras em abas específicas.

Localização: Abas de Arquivo Artístico de Dados, Arquivo Histórico, Exposição e Como Citar o Mutha.

Impacto: Alto impacto na usabilidade para usuários surdos.

Prioridade de Problemas:

Alta: Adição de legendas de Libras.

Média: Inclusão de símbolos de acessibilidade.

Baixa: Ajustes menores em design para melhor usabilidade.

Recomendações Práticas:

Correção dos Problemas: Implementar legendas de Libras como prioritárias.

Ferramentas e Recursos: Utilizar plugins de acessibilidade e contratar intérpretes de Libras.

Conclusão

O presente relatório destaca a importância de tornar o site MUTHA mais acessível para pessoas deficientes e com neurodivergências. A implementação das recomendações apresentadas contribuirá para uma navegação mais inclusiva e eficaz, promovendo a igualdade de acesso à informação e aos recursos oferecidos pelo site.

Ressaltamos que nossa empresa tem no seu quadro de prestadores de serviços profissionais para cada especificação discutida no relatório.

ANEXO IV

DOCUMENTOS DO MUTHA

DIRETRIZES PARA O ARQUIVO
HISTÓRICO [AHMUTHA] DO MUSEU
TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E
ARTE [MUTHA]

**DIRETRIZES PARA O ARQUIVO HISTÓRICO (AHMUTHA)
DO MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE (MUTHA)**



Março de 2022



SUMÁRIO

- 1. Apresentação**
- 2. Apresentação do MUTHA**
- 3. Apresentação do Arquivo Histórico**
- 4. Política de Aquisição e Descarte**
- 5. Referências Bibliográficas**



**COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO DAS DIRETRIZES DO
ARQUIVO HISTÓRICO DO MUSEU TRANSGÊNERO DE HISTÓRIA E ARTE
(AHMUTHA)
2022**

Caio C. Maia

Cosmos Benedito

Ian Guimarães Habib

Juno Nedel Mendes de Aguiar

Lino Gabriel Nascimento dos Santos



1. APRESENTAÇÃO

Este documento apresenta as diretrizes iniciais desenvolvidas para a elaboração do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA). As diretrizes constroem um primeiro esboço de definição do conteúdo e da natureza do AHMUTHA, sugerindo os critérios iniciais de orientação para as atividades de curadoria, tratamento, aquisição, documentação, organização, manutenção e descarte do patrimônio cultural a ser constituído, salvaguardado, pesquisado e difundido. Ao publicizar e coletivizar responsabilidades de gestão, este documento guiará, por enquanto, a equipe do AHMUTHA e todas as pessoas doadoras e usuárias, na incorporação de acervos que possam contribuir com reflexões sobre variâncias de corpos e gêneros no/do Brasil.

As diretrizes para a construção do Arquivo Histórico (AHMUTHA) foram elaboradas coletivamente por uma comissão, nomeada pela Associação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AAHMUTHA). A comissão inclui pessoas antropólogas, museólogas, ativistas, artistas, historiadoras, escritoras, pesquisadoras e professoras vinculadas a Universidades e Instituições Federais, bem como profissionais técnicas de diversas áreas de atuação. Portanto, este documento toma a interdisciplinaridade como um de seus eixos norteadores, no entendimento e reconhecimento do potencial crítico da multiplicidade de nossos lugares de fala e saber¹.

Estas diretrizes têm caráter emergencial, visto que antecedem a construção da Política de Acervos do Museu Transgênero de História e Arte. Por esse motivo, sua vigência será de 01 (um) ano, a contar de sua aplicação. Partes deste documento serão utilizadas para elaboração futura da Política de Acervos do MUTHA, que apenas será executada após a constituição do primeiro Plano Museológico do MUTHA e elaboração de seu primeiro Programa de Acervos. Como o museu ainda não possui diretrizes gerais sobre o tratamento de seus acervos arquivísticos museais, este documento apresentará os processos de documentação museológica, como registro, catalogação e difusão do AH, por meio de repositório digital (*tainacan*), pensadas de forma a serem aproveitadas nos programas e políticas museais futuras, evitando que o processo documental sobre o bem a ser musealizado precise ser refeito a curto prazos.

¹ (RIBEIRO, 2017).

Este documento não busca apenas estabelecer diretrizes iniciais para os procedimentos de gestão de acervos do AHMUTHA, mas também introduzir as discussões sobre gênero e sexualidade que fundamentarão a futura Política de Acervos do museu, uma vez que o AHMUTHA tem como escopo de trabalho a população corpo e gênero diversa do/no Brasil, considerando inúmeras perspectivas de gênero, classe, raça-etnia, deficiência, saúde, dentre outras, em variados contextos históricos, sociais, culturais e políticos. Entendemos que “transgeneridade” é um termo polissêmico e historicamente contingente², podendo tanto se articular no sentido de lugar social³, de identidade de gênero⁴, de categoria epistêmica⁵, quanto em uma série de outras chaves interpretativas. Isso posto, *não queremos definir*, com estas diretrizes, o que é transgeneridade, pois isso reforçaria o mecanismo cisnormativo – e historicamente situado desde uma branquitude ocidental, colonial⁶, classista e capacitista – de hierarquizar pessoas “transgêneras de verdade”, homogeneizando outras experiências e cosmovisões.

É muito comum, dentro do campo da historiografia trans, que pessoas brancas historiadoras se apropriem das experiências de povos originários, descontextualizem elas e as usem como prova de um suposto passado transgênero universal e conjunto, igual em toda parte do mundo. Mas isso é bem problemático, por diversas razões.

Em primeiro lugar, a tentativa de criar um passado transgênero conjunto parte de um mecanismo colonial de tentar agrupar diferentes culturas e experiências dentro de uma mesma nomenclatura, criando uma escala global para o “progresso”. A rigor, esta escala global de “progresso” estabelece os modelos de liberdade europeus e estadunidenses como um padrão a ser atingido por todas as minorias corpo e gênero diversas em qualquer lugar do mundo. Por consequência, todas as formas de existir que não se enquadram nesses critérios e nomenclaturas são vistas como atrasadas, primitivas e ultrapassadas⁷.

Compreendemos que tirar povos originários do tempo presente e associá-los exclusivamente com o passado é um conhecido mecanismo racista, colonial e etnocida, pois nega a estes grupos a coexistência

² (AGUIAR, 2020). (STRYKER, 2008).

³ (LANZ, 2015).

⁴ (JESUS, 2014, 2012).

⁵ (RADI, 2019).

⁶ (AGUIAR; GUIMARÃES, 2021), (BENTO, 2002), (CARNEIRO, 2005), (CARDOSO, 2010), (CARDOSO; MÜLLER, 2018), (FRANKENBERG, 2004), (MOMBAÇA, 2017), (SCHUCMAN, 2014).

⁷ (HALBERSTAM, 2011).



no “aqui” e “agora” e estabelece, por consequência, uma divisão entre modelos de sociedade vinculados ao atraso e modelos de sociedade vinculados ao progresso – sendo que a noção de “progresso” e “liberdade”, em geral, está atrelada à supremacia branca, à cis-heteronormatividade e ao capitalismo⁸.

Entendendo que o racismo é decorrente da própria estrutura social e dos modos como se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e familiares de nossa sociedade – em outras palavras, o racismo é estrutural⁹ – torna-se imperativo combatê-lo por meio de práticas antirracistas efetivas¹⁰. Tomando emprestadas as contribuições do jurista Silvio Luiz de Almeida sobre racismo estrutural¹¹, o AHMUTHA se compromete a:

- a) Promover a igualdade e a diversidade em suas coleções e/ou fundos e em suas relações com os públicos do MUTHA;
- b) Assegurar a presença de pessoas trans e corpo diversas pretas e indígenas, em posições de destaque dentro das coleções e/ou fundos do AHMUTHA;
- c) Manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas do AHMUTHA;
- d) Promover o acolhimento e a composição de conflitos raciais e de gênero nas coleções e/ou fundos do AHMUTHA;
- e) Não utilizar no AHMUTHA conceitos e metodologias que endossem ou coadunem com o racismo estrutural.

Em relação à promoção de acessibilidade, o AHMUTHA se compromete a criar as condições para amplificação, utilização e participação em seus espaços de produção de conhecimento, incluindo sistemas e tecnologias de uso público, por pessoas nos vários campos da vida social, sobretudo pessoas com deficiências e pessoas neurodiversas, garantindo autonomia e segurança ao transpor eventuais entraves e barreiras de acesso.

No que diz respeito a aspectos territoriais e de classe social, o AHMUTHA se compromete a zelar pela valorização de acervos arquivísticos museais advindos de todas as regiões do Brasil, considerando também critérios econômicos e desigualdades no acesso de renda, posição social e

⁸ (AGUIAR, 2020), (AGUIAR; GUIMARÃES, 2021), (FABIAN, 2013), (STRYKER; AIZURA, 2013).

⁹ (ALMEIDA, 2019).

¹⁰ *ibid.*

¹¹ *ibid.*



escolaridade. No tocante à saúde, o AHMUTHA se compromete a zelar pela proteção das coleções e/ou fundos da população corpo e gênero diversa no/do Brasil, no que diz respeito a aspectos de saúde coletiva, mental, dentre outras.

Por fim, o AHMUTHA se compromete a estabelecer suas diretrizes levando em conta os aspectos legais das normativas museológicas e arquivísticas, dos direitos humanos, da proteção de dados, dos direitos autorais, dentre outros.

2. APRESENTAÇÃO DO MUTHA

2.1 FUNDAÇÃO

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA), iniciativa de âmbito nacional e virtual, é um conjunto de tecnologias de produção de arquivos e uma obra de arte de autoria do pesquisador, artista e escritor Ian Habib. O MUTHA é um museu transformacional e performativo, ou seja, continuamente em transformação e pensado como ação. É o único museu do Brasil que visa (re)escrever a História e visibilizar a Arte de pessoas corpo e gênero diversas, que foram apagadas pelo passado colonial e não apresentam ainda local de reinscrição na sociedade.

O MUTHA foi idealizado em 2019 pela pesquisa *Corpos Transformacionais*, de Ian Habib, publicada como livro em 2021 pela Ed. Hucitec. Atualmente o MUTHA é produzido e gerido pelo autor, que assina a concepção dos projetos que aqui seguirão, na seção Histórico. A execução das ações é feita por equipes inter/transdisciplinares.

2.2 HISTÓRICO

O Museu Transgênero de História e Arte (MUTHA) foi inaugurado no Sarau MUTHA, em novembro de 2020, proposta financiada pelo Memorial Minas Vale (2020). O Sarau fundou o MUTHA como espaço cultural virtual e nacional de criação e manutenção de arquivo histórico e artístico trans, através de apresentação de ensaios literários e acadêmicos, palestras-performances, poesia, contos e



trechos selecionados de obras históricas que buscaram resgatar a memória de pessoas corpo e gênero diversas.

A segunda ação de inauguração deu-se através de uma mesa de pesquisa no evento DESMONTE III (@desmonteseminario), com a seguinte composição: Prof. Ian Habib, Dr. Lino Arruda (EUA), Uarê (morizines/SP), Dre. Elton Panamby (RJ), Luan Okun (PORTUGAL), Dr. Daniel Coleman (EUA).

Nossa terceira ação foi contratada pelo SESC SP ETA (Tecnologias e Artes), em Maio de 2021, uma conferência sobre a importância do MUTHA. A quarta ação do MUTHA foi contratada pelo SESC BAHIA e apresentada em Agosto de 2021, igualmente uma conferência sobre a importância social do MUTHA. A quinta ação do MUTHA foi financiada pelo Trajetórias Shirley Griô RS, e contemplou as produções de mídias sociais e design gráfico do MUTHA até agosto de 2021.

A sexta ação do museu foi o projeto financiado pela SECULT - BA, via FUNCEB (Fundação Cultural da Bahia), com recursos da Lei Aldir Blanc, e inaugurou – em 01 de Junho de 2021, mês do orgulho LGBTQ+ – seu website (www.mutha.com.br), através da abertura do Arquivo Artístico de Dados (AAD) e de um rascunho do Arquivo Histórico e da Loja Virtual. A loja visa gerar renda para toda a comunidade trans que do MUTHA participa, através de contratos de venda de produtos culturais para toda a população.

O Arquivo Artístico de Dados (AAD) é uma tecnologia de formação de arquivos que visa produzir dados para empregabilidade cultural, efetuando o mais amplo e contínuo mapeamento de pessoas artistas corpo e gênero diversas brasileiras e/ou produções artísticas corpo e gênero diversas executadas em território nacional e/ou por pessoas brasileiras, em diversas linguagens criativas, sendo elas: artes plásticas, audiovisual, dança, performance, fotografia, artes cênicas, artes circenses, artesanato, literatura, moda, música, beleza e áreas tecnológicas como iluminação, cenografia, sonografia, etc. O banco de dados do Arquivo Artístico de Dados funciona por meio de um mecanismo de busca por região, campo do conhecimento e outras variáveis, e por meio de anúncios de oportunidades na indústria cultural.

Como incentivo à inscrição de artistas no AAD, o MUTHA criou a Galeria Virtual, para exposições virtuais, provisórias e permanentes de artistas transgêneros de todo o país, e selecionou artistas do banco AAD para nela exporem, compondo nossa *Primeira Exposição*:



Transespécie/Transjardinagem. A exposição visibiliza trabalhos artísticos de mais de 69 pessoas trans. São 48 pessoas corpo e gênero diversas convidadas de todo o país. Em adição, o projeto curatorial contemplou 15 artistas no processo de seleção do AAD. Finalizando, mais 6 artistas compõem uma seção denominada Conexões Globais, destinada a pessoas de outros países vivendo no Brasil e pessoas do Brasil vivendo em outros países.

Essa é a maior exposição de artes trans feita no Brasil até hoje: ela engloba todas as 5 regiões brasileiras e também conexões com mais 7 países em 4 continentes (França, Portugal, Espanha, Estados Unidos, São Tomé e Príncipe, Venezuela, Argentina); abarca zonas litorâneas, urbanas e rurais; valoriza a produção de vivências negras, amazônicas, indígenas, imigrantes, emigrantes, com deficiência e em diversas faixas etárias e classes sociais; leva em consideração todos os aspectos de precarização que permeiam os modos de criação dessas existências; abrange todas as identidades de gênero não-cisgêneras; alcança todas as linguagens artísticas: artes cênicas, dança, audiovisual, artes visuais, beleza, moda, literatura, artesanato, *body art*, dentre outras. Já o AAD teve quase 300 inscrições e ainda está sendo construído. Por fim, o trabalho foi registrado em um EBOOK de quase 200 páginas, que foi publicado pela Editora O Sexo da Palavra, e se encontra no website, com acesso liberado e gratuito para download.

A sétima ação do museu foi o projeto *Arquivo Vivo para o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte*, financiado pelo Palma da Mão SECULT - BA, via FUNCEB (Fundação Cultural da Bahia), com recursos remanescentes da Lei Aldir Blanc. Foram coletadas memórias de 8 mulheres trans e travestis da/na Bahia, e produzidos materiais multimídia - entrevistas audiovisuais, transcrição de entrevistas e fotografias - para comporem uma exposição e posteriormente integrarem o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA).

A oitava ação do museu foi o projeto Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte, concebido por Ian Habib em 2021, financiado pelo PROAC 2021 e produzido pela empresa Purpurina Produções (SP).

A nona ação do museu foi o prêmio Mulheres em Movimento 2021 do Fundo Elas, que financiou a abertura da Associação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte



(AAHMUTHA). A AAHMUTHA será, a partir do momento de sua constituição, a associação responsável pela gestão do Arquivo Histórico do MUTHA.

2.3 OBJETIVOS

O MUTHA, como obra de arte, objetiva fissurar os limites entre museu e obra de arte, tratando o museu em seu caráter performativo e transformacional, e investigando transformações corporais e alterações em estados da matéria, de forma a produzir novos corpos e mundos (HABIB, 2021). Como museu, o MUTHA é composto por inúmeros acervos, como obras artísticas e conjuntos de tecnologias de formação de arquivos, o MUTHA objetiva (HABIB, 2021):

- Criar incentivos, ferramentas e alternativas à produção de dados sobre violências cotidianas à vivências transgêneras no Brasil, pretendendo sugerir caminhos artísticos, educativos, políticos e sociais alternativos;
- Investir em (re)escritas históricas de processos que foram apagados desde o período colonial, suprimidos pela ditadura brasileira em outras configurações e perduram como tentativas de extermínio até os tempos atuais;
- Produzir e presentificar memórias, coletando: experiências corpo e gênero diversas e/ou vivências de comunidades e grupos onde pessoas corpo e gênero diversas vivem/viveram ou estão/estiveram, como memórias sobre artistas, ativistas e outras pessoas membras de seu grupo social, vivas, falecidas ou assassinadas; aspectos da história dos movimentos político-sociais, ações coletivas e modos de vida comunitários corpo e gênero diversos; debates em perspectivas anti-coloniais, étnico-raciais e transfeministas.
- Produzir eventos e suportes para debates sobre diversidade de gênero e suas interseccionalidades, como processos étnico-raciais, deficiência, classe, sexualidade, e outros;
- Disputar omissões, invisibilidades e destruições de arquivo;



- Investir na criação de um arquivo brasileiro sobre História e Arte transgênera;
- Valorizar memórias e produções artísticas dessas existências, que não são ainda reconhecidas e visibilizados em espaços de produção cultural;
- Discutir transontocosmoepistemologias nas artes;
- Fomentar novos modos de vida em paisagens em ruína;
- Celebrar a imaginação;
- Destruir, por vezes, o que for preciso;
- Criar paisagens radicais para outros futuros.

3. APRESENTAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO

O Arquivo Histórico (AHMUTHA) comporá o conjunto de acervos arquivísticos museais do MUTHA, junto ao acervo artístico, ao Arquivo Artístico de Dados (AAD), ao site e às suas tecnologias de produção de dados. O AHMUTHA foi inicialmente concebido por Ian Habib em 2021, durante a sexta, a sétima, a oitava e a nona ações do museu. A sexta concebeu o espaço, a sétima produziu materiais que serão a ele incorporados, a oitava o criou e a nona constituirá, em 2022, uma associação para efetuar sua gestão. O AHMUTHA é um acervo de tipologia arquivística e museal, formulado com interesses e metodologias híbridas, composto por itens musealizados e conjuntos de tecnologias de formação de arquivos museais e de produção de dados, funcionando como um espaço comunitário e autônomo, onde é gerido parte do patrimônio simbólico, social, político e cultural tangível e intangível da população corpo e gênero diversa do/no Brasil.

A partir de 2022, Habib decidiu coletivizar o Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA). Para tal, foi apoiado pelo prêmio Mulheres em Movimento 2021 do Fundo Elas, que financiou a abertura da Associação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AAHMUTHA), uma instituição sem fins lucrativos. A AAHMUTHA será, a partir do momento de sua constituição, ainda em 2022, a instituição responsável pela gestão do Arquivo Histórico do MUTHA, e estará submetida à gestão de acervos arquivísticos e museais do MUTHA, por meio de seu programa de acervos, de seu plano museológico e da sua política de acervos.



3.1 JUSTIFICATIVA

Um acervo arquivístico histórico pressupõe uma edificação em torno da memória, mas diferente aqui, pois não gira em torno da normatividade e dos marcadores sociais padrões: a heterossexualidade, a cisgeneridade e a colonialidade branca do norte global. Entender esses marcadores universais como armas de conquista é entender também que as vidas passíveis de serem arquivadas e musealizadas são reguladas por hegemonias biopolíticas. Essas vidas em que o arquivo e itens musealizados instauram um status de verdade passam por um pensamento colonialista.

Como pensar um acervo arquivístico de memórias de pessoas corpo e gênero diversas? Por que salvar, criar e produzir dados sobre nossa população, de nós para nós? Quantas histórias, subjetividades, corporeidades, lugares de nós estão ou estiveram em dispersão pelo Brasil ciscolonial? Nas lacunas do tempo abre-se a possibilidade de produzirmos e recuperarmos as memórias soterradas pelo apagamento institucional-social e memorial brasileiro e colonial-global.

Enquanto um espaço institucional e estatal, o arquivo e os patrimônios culturais são originados pela força do Estado para reforçar modos de viver que compactuam com a construção de uma normatividade social e cultural, por meio da qual a biopolítica colonial determina o que merece viver, ser lembrado, ser espalhado, ser referenciado. Por sua vez, a construção de acervos, enquanto um lugar e ferramenta de poder, de status e de mediações, delibera quais vidas e memórias serão preservadas e dignas de contar uma história.

Os arquivos institucionais museais que abrigam vestígios de nossas existências corroboram, em seu núcleo, com a espoliação da história da autoria do arquivo ou acervo. O silenciamento proposital, com objetivo de apagamento, revela-se também através do abandono e perda de tais vestígios, compondo parte da dívida histórica das instituições com a população corpo e gênero diversa brasileira.

O Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte nasce da urgência em pessoas corpo e gêneros diversas em falarem por si, para si e em diálogo direto com sua comunidade dissidente plural. Este acervo arquivístico é um contraponto: contar nossas histórias com objetos que se movem conosco, ter documentos oficiais que guiam nossas histórias em um espaço institucional e que nós



possamos falar sobre os mecanismos regulatórios. Citando Achille Mbembe em “O poder do arquivo e seus limites”:

A própria existência do arquivo constitui uma constante ameaça para o Estado. A razão é simples. Mais do que em sua capacidade de recordar, o poder do Estado localiza-se em sua capacidade de consumir tempo, ou seja, de abolir o arquivo e anestesiá-lo o passado. O ato que cria o estado é um ato de “cronofagia”. É um ato radical porque consumir o passado possibilita que ele se libere de todas as dívidas. A violência constitutiva do Estado repousa, no fim das contas, na possibilidade, que nunca pode ser ignorada, de recusar-se em reconhecer (ou liquidar) uma ou outra dívida. (MBEMBE, 2002, p. 5, tradução nossa)

Este Arquivo Histórico, com seus arquivos museais e bens culturais musealizados, tem sua construção edificada no oposto do cis-tema branco. Buscamos pessoas vivas para contarem suas histórias; procuramos no tempo vestígios de materialidades de vidas dissidentes, apagadas dos arquivos, dos museus, dos patrimônios, das memórias. Buscamos corpos sempre silenciados, que tiveram sua história e subjetividade negadas enquanto pessoas produtoras de sentidos, de materialidades, de universos cognitivos, dos modos de viver. A esta população foi negado também o direito a construção de narrativas museológicas em primeira pessoa, que não fossem objetificantes ou alegóricas. Investigamos a deserção do sistema sexo-gênero, a nossa deserção da biopolítica de controle dos corpos estruturalmente criados e manipulados para um pensamento biopolítico binarista e colonial.

Poder contar sua própria história, salvaguardar, comunicar e pesquisar através de seus acervos - construções basilares por meio das quais o museu promove suas ações -, e ser um espaço que possa abrigar e recriar vidas, a partir de seus próprios vestígios, é objetivo desta comunidade, que durante toda sua existência foi tida como objeto e cobaia da medicina, da universidade, do direito, da política e dos museus.

3.2 ESTRUTURA

O Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte, por ocasião de sua criação em 2021, e até o momento em que for decidida sua modificação de estrutura, é integrado pelo Programa de



Produção, Preservação e Difusão Histórica (PPPDH), pelo Programa em Educação (PED) e pelo Acervo Digital (AD).

3.2.1 Programa de Produção, Preservação e Difusão Histórica (PPPDH)

O PPPDH tem como objetivo coletar os Acervos do AHMUTHA, geridos pela AAHMUTHA e compostos de acervos museais arquivísticos, incorporados através de tecnologias de produção de dados sobre a população focal, doações de itens, dentre outras maneiras. Após a coleta, o PPPDH submeterá os itens à Comissão de Acervos do AHMUTHA e à Assessoria Jurídica do AAHMUTHA. Em caso de consonância com a missão da AHMUTHA e de aprovação pela Assessoria Jurídica, o PPPDH passará os objetos pelo processo de musealização: promoverá sua organização por meio de digitalização, registro, ficha catalográfica, disponibilização, conservação preventiva e restauro. O PPPDH tem a função de coleta de itens diversos, como: fotografias, documentos, objetos digitalizados, panfletos, clippings, newsletters, correspondências, periódicos, impressos, história oral, jornais, folhetos, objetos físicos, material sobre patrimônio imaterial, programas, anúncio, artigos, pôsters, discursos, dentre outros. Após aquisição e musealização, o PPPDH destinará os materiais às coleções que eles integrarão no Acervo Digital. Todo o material coletado pelo PPPDH, e que vir a integrar o AHMUTHA comporá também o Acervo do MUTHA. O PPPDH também cria ferramentas de difusão de cada item obtido – textos informativos, como parágrafos descritivos, ensaios e artigos científicos, vídeos, áudios, dentre outros. Para facilitar a coleta, é exposta uma ficha de doação pública em nosso website, que poderá ser preenchida por cada pessoa doadora de maneira autônoma. A princípio, o AHMUTHA **recebe apenas registros digitalizados**, não contando, por ora, com política de aquisição de objetos físicos.

3.2.2 Programa em Educação (PED)

O PE tem como foco o desenvolvimento de programas educacionais em História e Arte, e foi criado para promover às pessoas trans capacitação profissional no mercado das Artes e Humanidades e incentivar o empreendedorismo na indústria cultural, além de tornar as produções corpo e gênero



diversas mais acessíveis para todas as pessoas que desejam aprender mais sobre elas, fortalecendo seu reconhecimento social. Além disso, o PE organiza as atividades de Divulgação Científica do AHMUTHA - como visitas guiadas ao museu (MUTHA), onde se encontra o AHMUTHA - e programas de ensino sobre Artes e História, com foco em diversidades de corpos e gêneros. O PE oferece suporte para pessoas pesquisadoras, instituições públicas e privadas, estudantes e para o público em geral. No site há espaço para veicular o conteúdo programático dos cursos e disponibilizar ficha de inscrição.

3.2.3 Acervo Digital (AD)

O AD é o Acervo Digital que engloba todo o material musealizado e tratado pelo PPPDH e é composto por 4 acervos – *Acervos de Pesquisa*, *Acervos Transcestrais*, *Arquivo Vivo* e *Acervos MUTHANTES*. *Acervos de Pesquisa*, dedicados a cada pessoa pesquisadora convidada pelo AHMUTHA ou pelo MUTHA, em ordem alfabética – cada pessoa pesquisadora terá uma coleção e/ou fundo com seu nome composto pelos materiais que coletar. *Acervos Transcestrais* são dedicados a importantes personalidades, pessoas trans falecidas ou assassinadas, com suas biografias de vida, também em ordem alfabética. *Arquivo Vivo* é uma tecnologia de manipulação de dados com curadoria compartilhada, criada para que pessoas trans vivas possam se autoarquivar e automusealizar, enviando seus próprios materiais. A própria pessoa doadora torna-se, assim, uma curadora, musealizando e enviando o seu objeto através de uma tecnologia online disponibilizada no site do Museu. *Acervos MUTHANTES*, com outras produções experimentais do próprio museu, que incluem intangíveis (performances, manifestações populares, outras) e obras de arte. Esses 4 acervos podem ser acessados pelo repositório digital *Tainacan*, um plugin de código aberto para WordPress que ficará dentro do website do MUTHA. A escolha do *Tainacan* é justificada pelo seu mecanismo de busca comum, em que diversos metadados sobre o objeto musealizado como data, região, idade, raça-etnia, campo do conhecimento, dentre outras, podem ser encontrados.





Figura 1: Projeto em Tecnologia da Informação para AHMUTHA. Fonte: HABIB, 2021.

3.3 MUSEOLOGIA TRANS NO AHMUTHA

O AHMUTHA apesar de ter em seu nome a palavra “arquivo”, tratará todo o seu acervo de maneira híbrida. Isso significa que todos os itens do seu acervo serão musealizados e posteriormente arquivados. Dessa forma, é imprescindível que o AHMUTHA pense em Museologia Trans, não apenas como uma categoria conceitual, mas também como uma proposta metodológica de aplicação da Museologia como ferramenta de redistribuição cultural, política e financeira para minorias sociais em posição de injustiça epistêmica¹² – nomeadamente pessoas trans, corpo-diversas, pretas, indígenas, periféricas, imigrantes, com deficiência, empobrecidas, entre outros marcadores sociais.

Aqui, injustiça epistêmica se refere a um processo persistente e abrangente de marginalização hermenêutica, ou seja, de precarização das ferramentas que permitiriam produzir sentidos e interpretar de maneira mais justa partes importantes da existência, história e memória de grupos sociais subalternizados¹³.

¹² (FRICKER, 2006).

¹³ *ibid.*



Na condição de proposta metodológica, a Museologia Trans toma como base as contribuições da Museologia LGBT¹⁴, adaptando seus sete elementos básicos:

- 1) Deve ser produzida por pessoas trans, corpo-diversas e gênero-dissidentes com conhecimentos específicos de nossas comunidades, comprometidas com história e políticas de memória, e alinhadas com o coletivo "nós". Entendemos também que este "nós" deve ser protagonizado por pessoas pretas, indígenas, periféricas e empobrecidas, dentro de um compromisso ético e político com a luta antirracista e anticapitalista;
- 2) Opõe-se à expropriação de nosso acervo por pessoas que não pertencem às nossas comunidades, sobretudo quando forem pesquisadores acadêmicos brancos e cisgêneros, representantes de igrejas, milícias e demais organizações exóticas ao nosso coletivo. Em resumo, este acervo é primariamente voltado para o acesso, uso e investigação de pessoas diretamente pertencentes às nossas comunidades;
- 3) Está atrelada a um processo mais abrangente de redistribuição de recursos culturais, políticos e financeiros para as minorias sociais¹⁵ que idealizam, constroem e gerenciam estes acervos. Entendemos que a produção de saberes sobre nossas comunidades deve gerar retornos construtivos e materialmente aferíveis para estes coletivos. Isso porque nos posicionamos explicitamente contra a relação extrativista e utilitária de produção de saberes que tem se constituído historicamente a partir da branquitude cisnormativa colonial;
- 4) Deve ser uma Museologia popular, de acordo com a realidade cotidiana de nossas comunidades. Consequentemente, valoriza a interdisciplinaridade, a multiplicidade de cosmovisões e a diversidade de linguagens na sua construção e gestão arquivística;
- 5) É necessariamente uma Museologia interseccional, antirracista e comprometida com os recortes de raça, gênero e classe, entre outros marcadores da diferença. Nesse sentido, atua em conjunto

¹⁴ (BAPTISTA; BOITA, 2014, 2017, 2018), (BAPTISTA; BOITA; MORAES WICHES, 2020).

¹⁵ Vale lembrar, aqui, que minorias sociais não são necessariamente minorias numéricas. Consideramos, neste texto, que minorias sociais são grupos em situação de precariedade social, afetados por violências estruturais. A última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD - 2019), por exemplo, demonstra que 56,2% das pessoas do Brasil se declaram como pretas e pardas, configurando assim a maioria numérica da população brasileira. No entanto, neste texto, pessoas pretas e pardas são consideradas minorias sociais, por terem suas vidas diretamente precarizadas pelo racismo estrutural e pelo etnocídio.



com outras instituições e coletivos em prol da emancipação e democratização do campo dos museus, patrimônios e memórias, bem como na garantia de direitos civis para populações subalternizadas;

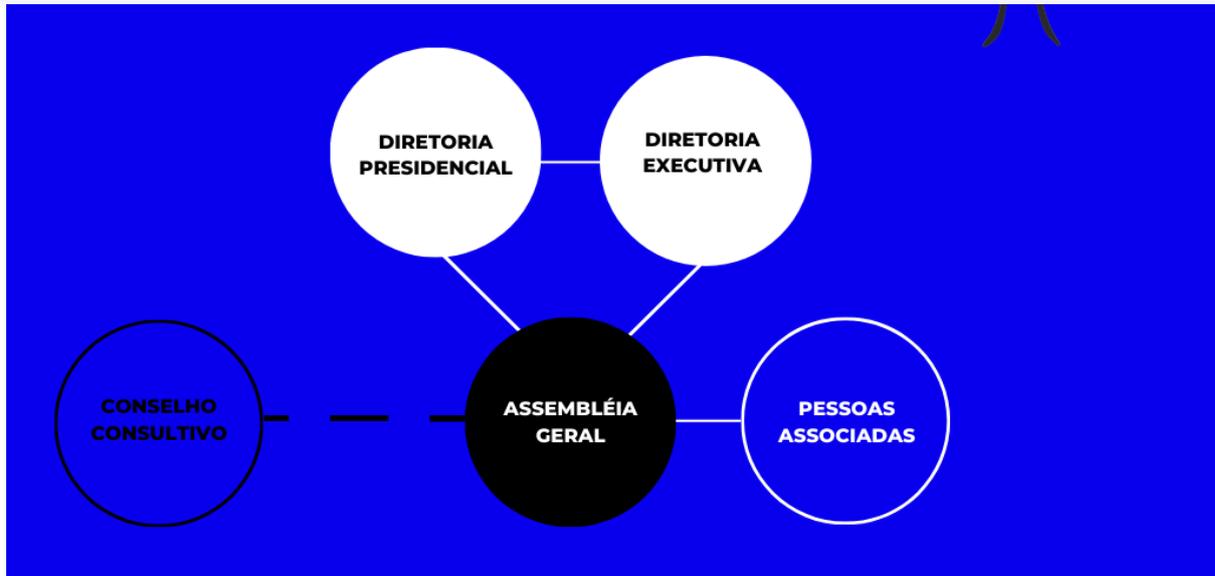
- 6) Não compactua com uma Museologia racista, colonial, elitista, protagonizada estritamente por pessoas brancas, cisgêneras e heterossexuais, alinhadas aos modelos civilizatórios euro-estadunidenses. Tem como aliadas, assim, as iniciativas museológicas construídas coletivamente, a partir de um saber popular e multicultural, de diversos âmbitos e linguagens;
- 7) Valoriza a pluralidade de performances, vocabulários, formas de expressão, formas de identificação pessoal e coletiva, corporalidades dissidentes e abordagens transformacionais, negando toda e qualquer definição estanque e limitadora de nossas experiências e modos de vida.

3.4 NATUREZA ADMINISTRATIVA

O Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AHMUTHA) foi administrado, produzido e gerido por Ian Habib até 2022. A partir de outubro de 2022, a Associação do Arquivo Histórico do Museu Transgênero de História e Arte (AAHMUTHA) será responsável pela gestão do AHMUTHA no que compete à produção, preservação, pesquisa e difusão dos mesmos através da Diretoria Presidencial, Diretoria Executiva e Assembléia Geral. Cabe à AAHMUTHA, através da composição de seu organograma institucional, a responsabilidade do gerenciamento do acervo do AHMUTHA no que tange à produção de regulações e procedimentos técnicos para difusão, pesquisa e salvaguarda dos seus bens.

3.5 ORGANOGRAMA DA AAHMUTHA





4. DIRETRIZES PARA AQUISIÇÃO E DESCARTE

As diretrizes para aquisição e descarte do AHMUTHA guiarão provisoriamente os processos de recebimento de itens, que serão musealizados e passarão a integrar o acervo arquivístico museal, até que o MUTHA tenha seu primeiro Plano Museológico, seus Programas e sua Política de Acervos.

4.1 DIRETRIZES PARA AQUISIÇÃO

- A incorporação de itens ao AHMUTHA seguirá alinhamento com os princípios interseccionais, antirracistas e anticisheteronormativos da AAHMUTHA;
- O AHMUTHA atualmente não recebe ou se responsabiliza pela salvaguarda ou manutenção de objetos físicos, apenas digitalizados;
- Itens doados diretamente através da ferramenta de doação disponível no site <www.mutha.com.br> deverão ser acompanhados de descrição/memorial descritivo, o mais detalhado possível, a ser preenchido pela pessoa doadora.
- Pessoas doadoras deverão comprovar serem as detentoras dos direitos autorais dos itens doados, serem capazes de assegurar a possibilidade de exposição pública dos itens, ou indicar de que formas tais itens estejam disponíveis em domínio público e/ou passíveis de citação/reprodução parcial ou na íntegra;



- Na impossibilidade de reprodução de material, presente em outros arquivos ou acervos, que registre, retrate e/ou de outra forma represente pessoas gênero diversas do/no Brasil, o AHMUTHA pode incorporar ao seu AD uma descrição catalográfica da peça e um hiperlink para o material na base de sua fonte detentora e/ou responsável por sua salvaguarda e manutenção.
- Os itens musealizados pelo AHMUTHA seguirão as linhas de acervo arquivísticas museais do AHMUTHA (*Acervos de Pesquisa, Acervos Transcestrais, Arquivo Vivo e Acervos MUTHANTES*).

4.2 PROCESSOS DE AQUISIÇÃO

As formas de aquisição de materiais pela AAHMUTHA são:

Doação é o processo pelo qual uma pessoa, física ou jurídica, cede uma digitalização de um item (ou, temporariamente, empresta o material físico para ser digitalizado) para a manutenção, salvaguarda e/ou disponibilização pública do AHMUTHA. Tal instrumento é formalizado através da assinatura do **Termo de Doação e do Termo de Cessão de Direitos** por parte da pessoa doadora.

Compreendem-se também como **doações** os materiais produzidos pelas pessoas pesquisadoras, integrantes do AAHMUTHA, em seus *Acervos de Pesquisa*, assim como os registros cedidos para quaisquer uns dos acervos do AHMUTHA.

Compra é o processo pelo qual a AAHMUTHA, mediante planejamento da Comissão de Acervo através de recursos específicos para tal, remunera a pessoa detentora de um item para que este passe a incorporar os Acervos do AHMUTHA. Tal instrumento é formalizado através da assinatura de um **Termo de Cessão de Direitos** por parte da pessoa física ou jurídica detentora do item, e do **Recibo** correspondente ao valor pago por ele.

(Co)elaboração remunerada é o processo de (co)criação de material com vistas à incorporação ao AHMUTHA, mediante planejamento da Comissão de Acervo através de recursos específicos para



tal. Um exemplo é a disponibilização de cachê para remunerar a participação de uma pessoa corpo ou gênero diversa em entrevista de história oral ou história de vida. Tal instrumento é formalizado através da assinatura de um **Termo de Cessão de Direitos** por parte da pessoa que participou da (co)elaboração, e do **Recibo** correspondente ao valor pago pela disponibilização de seu tempo e afetos mobilizados para a elaboração da respectiva produção.

4.3 PROCESSOS DE DESCARTE

O **descarte** de materiais incorporados ao AHMUTHA somente poderá ocorrer através de deliberação coletiva da Comissão de Acervo da AAHMUTHA, observando a legislação brasileira pertinente a instituições museológicas e arquivísticas.

A qualquer momento, a Comissão de Acervo poderá deliberar, coletivamente, pela **eliminação/destruição/transferência** de itens digitais pertencentes ao AHMUTHA que vierem a ser considerados **inservíveis** (cuja qualidade inviabilize a consulta), **danosos** (que prejudiquem a imagem pública de pessoa ou coletividade), em sua parte ou no todo, ou que deixem de ter consonância com as **missões** do AHMUTHA.

4.4 POLÍTICAS DE RESTRIÇÃO DE ACESSO

Em consonância com os princípios interseccionais de segurança e autopreservação das pessoas corpo e gênero diversas, o acesso e consulta a determinados itens incorporados ao AHMUTHA pode ser limitado, parcialmente ou no todo, apenas a pessoas pertencentes às comunidades e coletividades com que o item se relaciona. Além de medida de proteção contra a apropriação extrativista das memórias constantes do AHMUTHA pela cisgeneridade e pela branquitude, esta decisão se justifica pelo risco real de perseguição, no cenário conservador em que vivemos, contra os sujeitos e comunidades cujas vidas, afetos, práticas e memórias estão registrados no acervo.



Tais restrições podem ser deliberadas pela Comissão de Acervo e/ou por pelas pessoas pesquisadoras responsáveis pela aquisição do item, ou estipuladas pela pessoa doadora ou cessionária (no momento da doação/cessão ou posteriormente).

Itens com limitação de acesso podem incluir:

- Restrições estabelecidas por legislações vigentes, como as do ECA e relativas à Classificação Indicativa, no que diz respeito à violência, sexo e ilícitos como drogas;
- Restrições de identificação e pertencimento a minorias étnico-raciais;
- Qualquer manifestação homo/les/bi/transfóbica, capacitista ou racista, ainda que autodirigida/internalizada pela pessoa produtora do item;
- Descrição, narração e/ou representação gráfica de violência de qualquer tipo, seja ela exercida por terceiros ou autoinfligida;
- Itens e/ou tópicos que possam ameaçar a privacidade e/ou segurança de pessoas terceiras que possam querer permanecer anônimas ou que possam indicar locais exatos onde pessoas se encontram;
- Restrições de nomes civis e nomes civis antes da retificação, com utilização de nomes sociais sempre que solicitados e/ou fornecidos;
- Itens e/ou tópicos que possam abrir brechas para perseguição de pessoas e/ou coletividades retratadas ou descritas, no debate público e/ou em esferas civis e/ou criminais;
- Outros itens e/ou tópicos que possam vir a ser considerados sensíveis, ou de alguma ou qualquer forma problemáticos, a partir de deliberação da Comissão de Acervo ou qualquer de seus integrantes, ou a partir de indicação externa, comunitária ou judicial, a ser deliberada.

A Comissão de Acervo também pode decidir pela disponibilização pública de determinados itens com a supressão parcial de passagens específicas que se enquadrem nos exemplos listados acima. Tal supressão será indicada graficamente e/ou de maneira sonora, a depender do suporte do arquivo digital, de maneira a explicitar a intervenção consciente da Comissão de Acervo sobre o item. A consulta ao item na íntegra será, quando possível e permitido legalmente, disponibilizada a partir de níveis de acesso restrito, mediante identificação da pessoa pesquisadora, comprovação de seu pertencimento à coletividade ou comunidade que avaliza seu acesso, dentre outras.

4.5 COMISSÃO DO ACERVO



A AAHMUTHA estabelecerá uma Comissão de Acervos anual, que se reunirá periodicamente, conforme demandas previamente estipuladas, para acompanhamento coletivo dos processos de aquisição, digitalização, processamento e incorporação ao AHMUTHA dos itens adquiridos ou em tratativas de aquisição. A Comissão de Acervo do AHMUTHA será nomeada e gerenciada pela AAHMUTHA e será composta majoritariamente por pessoas trans e corpo e/ou gênero diversas, considerando toda a sua diversidade - pessoas pretas, indígenas e com deficiência -, como forma de manter o compromisso de que as Diretrizes do AHMUTHA, bem como seus acervos, mantenham-se alinhados com os princípios do MUTHA. A Comissão de Acervo pode ser modificada de um em um ano, a critério da AAHMUTHA ou mediante solicitação das pessoas que a integrem. Pessoas cisgêneras, a convite da AAHMUTHA ou cuja solicitação de associação tiver sido aprovada pela AAHMUTHA, podem participar da Comissão de Acervo em caráter consultivo, mas não deliberativo.

Cabe à Comissão de Acervo:

- Estabelecer, avaliar e deliberar os termos das Diretrizes para Aquisição e Descarte do AHMUTHA, bem como dos Termos de Doação e outros documentos correspondentes, junto da AAHMUTHA;
- Estabelecer, avaliar e deliberar o planejamento financeiro para Compras e (Co)Elaboração Remunerada, bem como os Termos de Cessão correspondentes, junto da AAHMUTHA;
- Estabelecer, avaliar e deliberar os termos da Política de Restrição de Acesso ao AHMUTHA, junto da AAHMUTHA;
- Analisar e deliberar a incorporação de itens ao acervo do AHMUTHA, observando sua adequação e alinhamento aos objetivos e princípios do MUTHA;
- Analisar e deliberar o estabelecimento de intervenções e restrições de acesso a determinados itens, parcialmente ou no todo, conforme delineado na Política de Restrição de Acesso, junto da AAHMUTHA;
- Analisar e deliberar possíveis cessões, doações, transferências ou empréstimos de itens do AHMUTHA a outras instituições, junto da AAHMUTHA;
- Analisar e deliberar o descarte de itens incorporados ao AHMUTHA, junto da AAHMUTHA;
- Revisar este documento, até que o Plano Museológico e a Política de Acervos do MUTHA sejam constituídos, junto da AAHMUTHA.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; MORAES WICHES, Camila. O que é Museologia LGBT?. **Revista Memórias LGBT + Feminismo**, [s. l.], ano 7, ed. 12, p. 4 - 9, 2o Semestre 2020.
- BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. **Museologia e Comunidades LGBT**: mapeamento de ações de superação de fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de SocioMuseologia*, v.54, n.10, 2017.
- _____. **Por uma primavera LGBT nos Museus**: entre muros, vergonhas nacionais e sonhos de um novo país. *Museologia e Interdisciplinaridade*. v.7, n.13, 2018.
- _____. **Protagonismo LGBT e Museologia Social**. In: BITTENCOURT, Renata. *Modos de negra, modos de branca: a imagem da mulher negra na pintura do século XIX*. Dissertação (Mestrado). Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BENTO, Maria Aparecida. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: **Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras)** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp, 2005. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica**: a supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* (Vol. 8 no. 1 ene-jun 2010).
- CARDOSO, Lourenço; MÜLLER, Tânia M. P. **Branquitude**: Estudos sobre a Identidade Branca no Brasil. Editora Appris, 2018.
- FABIAN, Johannes. **O Tempo e o Outro**: Como a Antropologia Estabelece Seu Objeto. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013. p.71-84.
- FRANKENBERG, Ruth. A miragem de uma branquitude não marcada. In: V. Ware (Org.), **Branquidade, identidade branca e multiculturalismo**. V. Ribeiro, Trad., pp. 307-338. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FRICKER, Miranda. **Powerlessness and Social Interpretation**. *Episteme: A Journal of Social Epistemology*, v. 3, n. 1-2, p. 96 – 108, 2006.



HABIB, Ian Guimarães. **Corpos Transformacionais: A transformação corporal nas artes da cena.** São Paulo: Ed. Hucitec, 2021.

HALBERSTAM, Jack. Masculinidades femininas globais. In: AREND, Silvia Maria Fávero; PEDRO, Joana Maria; RIAL, Carmen Sílvia de Moraes (Orgs.). **Fronteiras de gênero.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p.227 - 228.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Interloquções teóricas do pensamento transfeminista. In: _____.
Transfeminismo: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
 _____. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** Brasília: Autor, 2012.
 p.7, 8.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

MBEMBE, Achille. **O poder do arquivo e seus limites.** Tradução: CAMILA MATOS, 2019. In:
<https://memoriayficcao.files.wordpress.com/2019/08/mbembe-achille.-o-poderdo-arquivo-e-seus-limites-1.pdf>

mombaça, jota. **rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Fundação Bienal (32a. Bienal de São Paulo – Incerteza Viva) e OIP – oficina imaginação política, 2017.

AGUIAR, J. N. M., GUIMARÃES, V. Habitando as margens: Patologização das identidades trans e a colonialidade do poder no Brasil. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, 7(3), 200–228. 2021. Recuperado de: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/46899>.

RADI, Blas. On trans epistemology: Critiques, Contributions, and Challenges. **TSQ: Transgender Studies Quarterly**. Volume 6, Number 1. Fevereiro de 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o 'encardido', o 'branco' e o 'branquíssimo': raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulista.** 122f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

STRYKER, Susan; AIZURA, Aren (eds.). **Transgender Studies Reader 2.** New York: Routledge, 2013.



